ONDE CANTAM OS GRILOS

ROMANCE

MARIA ISAAC

cultura


ONDE CANTAM OS GRILOS
ROMANCE
MARIA ISAAC
cultura

MARIA ISAAC

ONDE CANTAM OS GRILOS

cultura

FICHA TÉCNICA

cultura editora © 2017

uma marca

infinito particular
Aceleradora de Conteúdos

info@culturaeditora.pt | www.culturaeditora.pt

—

© Maria Isaac e Cultura Editora

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título: *Onde Cantam os Grilos*
Autora: Maria Isaac
Revisão: Paula Caetano
Paginação: Maria João Gomes
Capa e ilustração: Vera Braga
Imagem interior: © Shutterstock

1.ª edição em papel: outubro de 2017
Impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, Lda.

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, fotográfico, gravação ou outros, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, sem prévia autorização por escrito do Editor.

Para a minha família.
Os que inspiraram a minha infância e este livro.
E aqueles que chegam agora e tornam tudo ainda melhor.

PRÓLOGO

No final, esta história poderá parecer uma tragédia. Mas não é essa a minha intenção.

Vou tentar escrevê-la novamente, a história dos Vaz e da Herdade do Lago, desta vez como uma história de amor. Desvendará o coração de duas pessoas, a vida de muitas outras, só que em vez de um herói e de um vilão, ter-me-á apenas a mim.

Bem, talvez também não dê uma grande história de amor. Sim, chamemos-lhe uma tragédia. Porque não? Todos somos protagonistas de uma. Todos nós morremos no final.

Mas tenho de vos contar este pedaço da história — se não for para me redimir, que seja pelo menos como uma última tentativa para sossegar uma consciência que se sente em falta.

Tenho um cenário verdadeiramente idílico, nesta herdade, mesmo num dia chuvoso e lúgubre como o de hoje. Um lugar no Portugal esquecido, verde, frio e húmido, berço de tantas infâncias, onde o meu corpo de adulto já não combina. Há muito tempo que não tenho lugar aqui.

Continuo a tentar. Reescrevo com mais paciência. Recordo todos os rostos do passado e desejo que, desta vez, as palavras lhes façam justiça.

Confesso que não sei como me apresentar, nem a esta *História dos Vaz e da Herdade do Lago*. O que posso dizer-vos é a verdade, mesmo nos momentos em que seria melhor mentir. E se, ao longo das páginas que se seguem, começarem a gostar um bocadinho menos de mim, peço-vos que se lembrem desta promessa… e de que esta história não é sobre mim, é sobre todos eles.

A Herdade do Lago é aquele quadro gigantesco na parede de um museu, pelo qual não conseguimos passar sem reparar. O quadro de que toda a gente gosta, mas no qual ninguém se demora e é abandonado sempre cedo demais. Porque esta herdade entra na memória como a inspiração, como uma corrente de ar pela brecha

de uma janela mal fechada — cada um sente-a, imagina-a e inventa-a.

Não consigo contar-vos as origens da Herdade do Lago. Existem demasiadas versões, sem a certeza de que alguma delas seja a verdadeira.

Da pouca consensualidade entre as lendas, dizia-se que a herdade era deslumbrante, gigante, adorada por cada um dos seus donos e que todos eles tinham o apelido «Vaz», que sempre assim fora e sempre assim seria.

Ah! E uma maldição. Há sempre uma maldição com hálito de destino trágico — sem nenhuma moral no final da história.

Quanto a este passado, o passado da herdade e das muitas gerações dos Vaz, não vou alongar-me; dele existem versões suficientes. Vou começar quase pelo fim, quando lá cheguei.

PARTE I

1

Quando os dias são passados na rotina de uma paisagem familiar e silenciosa, um momento de alvoroço fica guardado nas lembranças de uma vida. E quando se é uma criança de pouco mais de dez anos, se anda descalço grande parte do ano para não estragar os sapatos bons, que ganham pó debaixo de uma cama de colchão de palha, esse dia de alvoroço pode muito bem ser o dia escolhido para iniciar a história da sua vida.

A partida do Fernando foi a primeira grande interrupção no ciclo dos meus dias. Eu era ignorante, pobre, otimista e deslumbrado pelo que a imaginação me fazia acreditar. Tudo o que uma criança precisa para ser feliz. A mudança era uma novidade e um catalisador que, durante aquele ano, eu estava condenado a utilizar repetidamente da forma errada. Mas estou a adiantar-me, peço desculpa, é a ansiedade de quem tem muita coisa para contar.

A Herdade do Lago era o meu mundo, sem exagero da expressão — *o meu mundo*. A família Vaz, os cinco seres supremos que me governavam, a origem e o foco dos meus expoentes.

De onde vim? Ninguém sabia dizer. Como cheguei à herdade? A resposta dependia sempre da pessoa a quem o perguntava. Certo dia, alguém ouviu um choro e lá estava eu! Dentro de uma cesta de verga, embrulhado num cobertor encardido (que, mesmo assim, não conseguia ser mais negro do que eu, como o Fureca, o fuinha, gostava de me dizer) e nem sequer um papel com um nome que pudessem dar-me.

Desde esse dia — que uns dizem ter sido de primavera e outros de outono —, nunca mais ultrapassei os limites da Herdade do Lago por vontade própria, até que finalmente o fiz e só regressei mais de vinte anos depois. Hoje. Digamos que sou mais um dos mistérios da Herdade do Lago, com o privilégio de ser protagonista de algumas das suas lendas. Somos uma terra de poetas, escritores e exploradores, não seria de esperar outra coisa.

A D. Idalina, a cozinheira da casa, polícia e juiz, voz de autoridade em toda a herdade, foi quem me encontrou — quanto a isso parecia não haver dúvida — e, ao ver-me ali, no degrau da soleira da entrada, levou as mãos à cabeça e gritou pela criada que estava a lavar a loiça, dizendo que alguém se esquecera ali de uma formiga, pois nunca vira coisa mais pequena e escurinha.

Dizem que, ao ouvir aquelas palavras, comecei a rir e quanto mais gente aparecia e se juntava em redor do cesto, mais eu ria, e o nome ficou: Formiga.

Mas a D. Leonor, católica, a senhora da Herdade do Lago, exigiu que eu fosse batizado logo que possível e quando o padre lhe pediu um nome para o registo no livro da igreja, ela respondeu-lhe «Baltazar», em honra do Rei Mago, e fez questão de lhe juntar o seu nome como minha madrinha.

Os anos viriam a comprovar que foi a D. Idalina quem fez a escolha mais acertada. A alma dela reconheceu a minha e batizou-me de maneira justa: não havia buraco no qual eu não conseguisse enfiar-me, sabia ser discreto e irritante como qualquer inseto que se preze e quando decidia esconder-me, não havia quem me encontrasse. Assim era eu: uma formiga.

A partida do Fernando foi um golpe desferido sem aviso e no meu egocentrismo infantil, estava convicto de que ninguém sofreria mais com a ausência dele. Vi-o até como uma punição do Sr. Vaz especificamente para mim, por alguma coisa que eu certamente fizera, mas de que já não me lembrava; ou então, o resultado do acumular de todas as vezes em que ele tentou dar-me um puxão de orelhas, um pontapé no rabo, e lhe fugi antes que tivesse oportunidade para o fazer. O Sr. Vaz, o dono da herdade, era como um deus cuja ira eu temia e por cuja aprovação ansiava. Os seus passos pesados eram o som que ecoava pelo solo e me retinia na alma. Era o homem mais alto e mais forte que já vira, mas eu conseguia ser *rápido e escorregadio como uma enguia de Aveiro,* dizia ele (eu pensava que Aveiro era outro país, e até hoje não sei quais as características que o Sr. Vaz admirava nas enguias de

Aveiro para me comparar especificamente com as dessa proveniência).

A notícia da partida do Fernando apanhou toda a gente desprevenida e, obviamente, nada tinha a ver comigo. Ele era a minha pessoa favorita, com tudo o que qualquer criança poderia desejar de um amigo e tudo o que eu desejava ser. Naquele dia, ele tinha 17 anos, a força da idade, um espírito admirável e a combinação rara das virtudes de um bom rebelde. O pesadelo de qualquer pai.

O espaço macio que existia no coração do Fernando era a Clara, a irmã mais nova. Os dois eram… *tão diferentes e tão iguais*, é a expressão certa — partilhavam o mesmo coração idealista, mas os seus espíritos, esses eram como o Sol e a Lua, a paz e a guerra, o diplomata e o rebelde, a silva e a rosa, o café e o leite…

Por razão desconhecida ou mero capricho do destino, ele tomara a irmã à sua responsabilidade e esforçava-se por compensar a negligência crónica da mãe de ambos.

Nessa tarde de início de outono, ainda cheguei a tempo de encontrar os dois irmãos sentados no banco de madeira junto à estufa das flores.

Corri, logo que dei por falta dos dois na casa, e agachado atrás do tronco do carvalho gigante que lhes fazia sombra, pus-me a acompanhar a conversa com a atenção que sempre mereciam.

Eu conhecia os sítios prediletos de cada um dos Vaz, aqueles que escolhiam para ter as suas conversas importantes, e em cada um desses lugares existia um cantinho para mim, bem discreto. Talvez nem os próprios se apercebessem da própria preferência, os hábitos são como comida presa entre os dentes: toda a gente a vê antes de nós.

Eles estavam de costas voltadas. A Clara parecia chorar, ou tentar não o fazer, inclinada para a frente, cotovelos pousados nos joelhos, cabelo castanho-claro a escondê-la; normalmente, usava-o apanhado num rabo de cavalo alto na cabeça.

— Continuo sem perceber porque não te recusas a ir. — A voz cansada dela esforçava-se num protesto que não era novo e há

muito que estava perdido. — Se há alguma coisa pela qual vale a pena impores-te à vontade do pai, é esta!

— É inútil, ele só vai ficar com mais vontade de me despachar para Lisboa… — A voz dele, leve e límpida.

— Saberias se tivesses pelo menos tentado.

Silêncio.

— Eu quero ir.

A cabeça dela levantou-se e as costas endireitaram-se. Aquela era uma novidade para ela e para mim.

— Queres ir?! — Expressou a incredulidade por nós os dois.

Como poderia ele querer ir-se embora? Como é que alguém poderia querer ir-se embora da herdade?

— Sim, vai ser bom sair, estar noutro sítio… diferente.

— Podes sair sempre que quiseres. Quem te ouvir falar, até parece que estás numa prisão… Podes ir para o Porto com a mãe e a Ana sempre que elas forem, por algumas semanas. Não precisa de ser por… meses! Tu vais morar para Lisboa, Fernando.

Lisboa era um sítio longe, uma cidade, a maior de todas, cheia de gente estranha, com cheiros estranhos, e um rio ainda maior do que o lago. Foi assim que o Fureca me explicou, eu não entendi muito bem e, por isso, desconfiava. O Porto também era uma cidade, sabia-o eu, mas ao contrário da ideia abstrata que tinha de Lisboa, o Porto era, para mim, um sítio amaldiçoado e razão de discórdia na família. Sempre que era mencionado, o Sr. Vaz soltava uma rajada de palavrões — eram como um arroto de boca aberta, ele precisava de o fazer para se sentir melhor. A D. Leonor recriminava-o e dizia que um bárbaro como ele nunca compreenderia conceitos de civilidade e civilização. *Bode velho do monte*, chamava-lhe quando ele não estava a ouvir. Gostava muito dela, mas não concordava.

— Estou a tentar encarar isto como uma coisa boa — explicou o Fernando, com calma. — E talvez o seja. Até para ti. — Ela rodou para ficar de frente para o irmão. Não estava a chorar, a Clara acabava sempre por se provar mais forte do que esperávamos. — Precisas de aprender a viver sem mim. Aprender a desenrascares-te sozinha. — As sobrancelhas dela contraíram-se e ele riu. — Não

fiques chateada comigo. Vou-me embora daqui a uns minutos e, depois, não vais ter tempo para me pedires desculpa.

Ela suspirou, sem vontade suficiente para uma discussão.

— Às vezes, odeio-te.

Ele riu-se de novo, mais à vontade, e puxou-a para si num abraço.

— Prometo que vou escrever-te e contar-te tudo.

— Espero bem que sim, porque tenho um pressentimento de que isto por aqui vai ficar um bocado aborrecido.

— Não vai nada. Já falei com o Formiga e deixei-o de prontidão. Ele vai fazer-te companhia sempre que puder.

Ao ouvir o meu nome, o meu coraçãozinho disparou como a cauda de um cão e um calor agradável subiu-me ao pescoço. Era sempre excitante fazer parte da conversa, e às vezes acontecia.

A Clara concordou com ele com um aceno de cabeça e murmurou alguma coisa que não consegui perceber. Desejei que fosse sobre mim, que as palavras dela me incluíssem e me pusessem entre aquele abraço de despedida.

O lago soprou uma lufada fresca ao outono e, acima de nós, as folhas começaram a deixar os ramos das árvores. Na chuva de amarelos e castanhos, uma folha ficou presa no cabelo da Clara, quase invisível no emaranhado dos caracóis despenteados. Eles abraçaram-se, ela encostou o rosto junto ao peito do irmão, fechou os olhos, e ele tirou-lhe a folha do cabelo, guardando-a no bolso.

A convivência entre os membros da família era tensa, visível a todos e compreendida de forma instintiva. Cada um dos Vaz como placas tectónicas debaixo dos nossos pés, num equilíbrio de forças sempre precário. *Nós*, os trabalhadores, os espíritos coloridos que dançavam ao comando deles, os que cuidavam da Herdade do Lago com as mãos, habituados a permanecer vulneráveis aos humores da natureza que em dias maus tornava o nosso trabalho em sacrifícios.

Éramos muitos, mas os que me rodeavam pouco me interessavam — esses eram demasiado próximos, demasiado familiares para despertarem a curiosidade dos meus dez anos. A

minha atenção estava sempre nos Vaz, e tudo o que eu não conseguia ver, ouvir, descobrir ou compreender, completava-o com demasiada imaginação.

Quando finalmente chegou a hora da partida, lá estávamos todos, família e empregados, na frente da casa para acenar ao Fernando.

A frente da casa resumia-se a um extenso tapete de relva verde, cuidadosamente dividido por um trilho de pedras sobre terra batida e um triângulo de flores em ambos os lados; alguns metros ao fundo, havia um portão de ferro ladeado por duas estátuas, duas crianças, uma com uma pandeireta, outra com uma flauta — escolha de um dos antepassados dos Vaz com ouvido sensível para a música, contava-se.

A D. Idalina esforçava-se por manter a compostura, mas o brilho nos olhos mostrava a emoção e um grande apego ao Fernando. Talvez fosse mútuo, por isso o abraço entre os dois foi o mais demorado de todos.

— Vamos, Fernando, despache-se — disse a D. Leonor, já com um pé no primeiro degrau das escadas para voltar a casa. Não beijou o filho, não o abraçou, nem sequer lhe tocou. Havia quem arriscasse dizer que nunca o fizera.

A Rosarinha, a ajudante da D. Idalina na cozinha, figura frágil e espírito débil, chorava por todos nós, lenço amarrotado entre os deditos, ranhoca no nariz.

O Sr. Vaz bufou bem alto em resposta às palavras da mulher e abriu a porta do carro, atirando com o seu corpo pesado para cima do assento do condutor. O carro baloiçou, tão insatisfeito quanto o dono.

O Sr. Vaz tinha asco à condução. A seu ver, o lugar de honra de um homem da terra era montado no lombo de um garanhão, um Lusitano de preferência, mas alguém tinha de levar o Fernando à estação do comboio e mais ninguém sabia conduzir senão ele — quer dizer, o Fernando sabia, mas depois de permitir ao filho tomar o comando do volante numa ocasião das festas de Nossa Senhora da Conceição, e mesmo no torpor da sua embriaguez, jurou não repetir tal imprudência; o patriarca da família planeava morrer em

paz, deitado na sua cama — e foi assim que aconteceu, vinte e três anos mais tarde.

Lembro-me de que os olhos secos da Clara me surpreenderam pela segunda vez nesse dia, composta como se o irmão estivesse para regressar no dia seguinte e não apenas no Natal, quase três meses depois.

A Rosarinha, sempre auspiciosa, era da opinião de que o Fernando nunca mais iria voltar. *Tu bate nessa boca, mosca morta!,* respondera-lhe a Maria da Assunção. E dessa vez, a D. Idalina não defendeu a Rosarinha da lavadeira.

O Fernando deu um último abraço às duas irmãs. Os três herdeiros da propriedade eram irmãos, mas diferentes como três estranhos de três países em três continentes. A Ana era a mais velha, uma versão silenciosa de algo ou alguém que nunca cheguei a conhecer; era tão raro ouvi-la que chegava a esquecer-me do som da sua voz. Mas recordo-me de que, nesse dia, disse alguma coisa na despedida, sussurrada: *Já não era sem tempo* — ou — *Leva-me contigo*. Não estou certo de qual, mas também não tem importância, porque o momento mais notável aconteceu quando o Fernando me estendeu a mão — foi o meu primeiro aperto de mão *a sério*, igual aos que via os outros fazerem. O Fernando apertou-me a mão, forte, firme, como devia ser feito. Mais uma lição do melhor dos professores, com um dos seus sorrisos cheios de alma que eu tanto admirava.

— Sabes o que tens a fazer — disse-me, os seus olhos cinzentos bem postos em mim. Todos os olhos postos em mim. O meu peito inchou para fora e como não tinha nada para dizer que me parecesse estar à altura do momento, abanei a cabeça como um asno.

— *'Bora* que se faz tarde — rugiu o Sr. Vaz, pondo o motor a trabalhar e abafando o chorinho da Rosarinha.

Acenámos as mãos no ar, um coro descoordenado de *boa viagem*, *vai com Deus*, *Deus te acompanhe*, *toda a sorte*. E lá entrou ele no carro.

— Até parece que vai para guerra! — riu-se o Sr. Vaz, num *ah, ah, ah* de boca bem aberta.

Mais alguns acenos, o Fernando sorriu-nos de volta e ficámos a vê-los desaparecer pelo caminho de pedra e terra batida, com um solavanco ao cruzarem o portão principal e depois o cruzamento da estrada umas boas centenas de metros lá mais à frente. E depois, não restou nada senão pó.

2

A minha memória mais antiga, aquela que ainda hoje tenho como a primeira, é a de acordar debaixo de uma grande árvore farfalhuda, numa tarde, de sombras quentes, dos meus olhos sem força nem vontade de se abrirem, da luminosidade avermelhada que via através das pálpebras. Moleza. A preguiça pesada de um corpo que não quer acordar, um braço lento a subir para limpar a testa suada, as palhas secas coladas nas minhas palmas pegajosas. O silêncio. O zumbido de uma abelha. O arrulho de um pombo. E, depois, o assobio estridente e demasiado humano, que afugentou a ronha, o silêncio e a abelha… O assobio da D. Idalina.

O chamamento era uma pulsação súbita, aquela que mantinha o ritmo cardíaco da herdade. Sim, a Herdade do Lago, como qualquer corpo quente e com vida, tinha um coração e ele não estava no lago — esqueçam as lendas —, o coração da herdade seguia a tradição da casa portuguesa, aconchegado na cozinha.

Da minha primeira memória é tudo o que tenho, não sei o que aconteceu a seguir, mas é provável que tenha feito o que sempre fazia nessas alturas: corria, calcanhares a baterem no rabo a cada passada longa em direção à cozinha. Era costume haver alguma coisa boa para eu comer à chegada, pelo menos nos primeiros anos; depois começou a ser mais trabalho do que prazer e o entusiasmo nunca mais foi igual.

— Arre! Sempre o mesmo caracol! — protestava a D. Idalina. Qualquer que fosse a minha velocidade, nunca era a certa; com o passar dos anos, fui finalmente entendendo que não era um protesto, era um cumprimento. Os olhos dela eram como duas azeitonas acabadas de tirar da água e, quando ria, fechava muito os olhos e formavam-se-lhe covinhas nas bochechas — tenho cá para mim que ficava sem ver nadinha, mas muito castiça, como se não fosse tão velha e rezingona.

A cozinha ficava nas traseiras da casa, a poente, e da sua única e pequena janela via-se a hortinha que servia a casa e que era o

meu orgulho, pois era eu quem tratava dela. Tinha hortaliça e ervas aromáticas que serviam as necessidades da casa. A cozinha cheirava permanentemente a comida, pois a D. Idalina cozinhava refeições não só para a família, mas também os almoços para os empregados das terras. Todos os dias, o Sr. Hipólito, o velhote lento, carregava marmitas para a sua carroça e ia levá-las aos campos que estavam a ser trabalhados. A comida era quase sempre feita no lume, em grandes panelas de ferro de três pernas, e o fumo negro secava as carreiras de enchidos sempre pendurados em paus compridos que atravessavam a boca da chaminé de um lado ao outro. Às vezes, eu via o Fureca, o artolas, a roubar uma chouriça ou uma morcela, quando ninguém estava a olhar, mas como me dava sempre umas rodelas, calava-me. Havia loiça pelas paredes todas, nem toda era verdadeira: havia um prato esverdeado em forma de couve e outro com um caranguejo de loiça que estavam cobertos de pó negro e nunca eram usados, e nem eu nem ninguém parecia saber para que serviam. No centro da cozinha, estendia-se uma mesa de madeira comprida. Era enorme, apesar de nunca ter muito espaço livre nem parecer ser suficientemente grande, a madeira era escura e polida pelo uso, tinha umas mossas valentes, golpes de facas, faltavam-lhe lascas nas testeiras pelos encontrões e as quinas já nem existiam. A Rosarinha estava sempre sentada a trabalhar numa das testeiras, a cortar, a descascar ou a escolher alguma coisa. Se estivesse tempo frio, ocupava a testeira junto ao lume; se estivesse calor, ficava na oposta, junto à porta da rua. A Rosarinha dava uma ajuda nos trabalhos que os olhos

da D. Idalina se viam aflitos para fazer. Era jovem e enfezadita, tinha vozinha de pieira e olhinhos esbugalhados como os pombos que tanto adorava — a D. Idalina tinha de a despachar para fora da cozinha sempre que se matavam os bichos e, mesmo assim, a coitada ficava inconsolável. Era uma alma sensível, fazia o que lhe era pedido como um animal manso e todos a usavam como exemplo quando me pregavam sermões. Eu não tinha por hábito falar muito com ela, os seus olhos chorosos faziam-me sentir coisas estranhas, falta de apoio no estômago e uma pressão na parte de

trás da cabeça. Eu ainda não sabia distinguir nervosismo de compaixão.

A D. Idalina estava sempre algures ao redor da mesa, a cantarolar as músicas a par com o rádio, e era a única altura em que ela falava baixinho; de resto, até quando estávamos lá ao fundo, junto ao lago, conseguíamos ouvi-la.

Algumas horas depois da partida do Fernando, as emoções já se tinham acalmado e tentávamos todos fingir que nada mudara. A Rosarinha estava no seu posto, na testeira da mesa, a escolher os feijões grandes para se venderem no mercado essa semana, e a D. Idalina desligara o rádio para poder vocalizar um murmurinho ao som da melodia do piano que vinha da sala.

— Sempre o mesmo caracol! — disse, levantando de súbito a voz, quando me viu entrar na cozinha. — Pega, vai levar aos currais. — Apontou-me o balde da lavagem e eu engelhei o nariz. — O Zé disse que tem uma porca para parir e que precisa que fiques com ela, não vá a bicha precisar de ajuda.

— Ooooh… — O meu protesto não era pela porca, eu até estimava a companhia dela. O Zé Boi, que tomava conta dos animais, é que me fazia os pelos dos braços eriçarem-se. — Preciso de sachar o… — ainda comecei, mas ela não me deixou acabar a mentira.

— O quintal pode esperar, os leitões é que não esperam para nascer. Faz o que te digo e guarda o diabo que sabes. Chispa daqui, cachopo!

A música que vinha do piano da sala parou, aproximei-me da cesta da fruta e fingi escolher uma peça para tentar engonhar. A D. Leonor dava lições de piano às filhas, aos fins de semana, e como me estava a parecer que a daquele dia terminara, ainda havia a possibilidade remota de a Clara ir até à cozinha e me salvar. Peguei num pêssego e comecei a balançá-lo de uma mão para a outra, como se precisasse de me certificar de que tinha o peso necessário. A D. Idalina estava a temperar uma carne e olhou-me de esguelha. A Clara apareceu no momento certo, mas não parecia muito feliz.

— Hoje foi uma riqueza, Clarinha — elogiou a D. Idalina, que pelos vistos também reparara nos ombros caídos dela.

— Verdade! — concordou a Rosarinha, com demasiado entusiasmo. — A madrinha fartou-se de cantar aqui. Uma alegria.

— Então, têm de agradecer à Ana. Eu hoje nem sequer toquei numa tecla. A minha mãe acha que eu não consigo tocar melhor, porque ainda não aprendi a ouvir.

A D. Idalina e a Rosarinha olharam uma para a outra, para ver quem conseguia desenrascar primeiro uma resposta animadora. A Clara não gostava de tocar piano e, pelo que parecia, não tinha grande jeito. Talvez os dois factos estivessem relacionados, eu não percebia nada de música; só sabia o que toda a gente sabia: que soava melhor quando a Ana tocava, era ela que tinha ouvido para a música. E, como se invocada pela irmã, a Ana também apareceu na cozinha, acontecimento raro, devo esclarecer, e pôs toda a gente a olhar para ela. Alta, pele de leite, cabelos negros e lisos, a futura herdeira da Herdade do Lago olhou em redor com a expressão habitual que nada dizia. Não precisava de sair do seu silêncio para nos fazer prestar atenção, quando nos olhava transformava-nos no centro do mundo. Mas, naquele instante, pareceu nem notar que havia gente presente e, provavelmente não encontrando o que procurava, rodou nos calcanhares e voltou pelo caminho de onde tinha vindo.

— Formiga, já te disse para ires levar isto. O Zé *'tá* à tua espera! O homem tem mais o que fazer! — disse a D. Idalina, pondo com voz firme um ponto final às minhas esperanças.

A Clara deu-me um sorriso pouco entusiasmado, eu retribuí com um semelhante, passei-lhe o pêssego que tinha nas mãos, peguei no balde e lá fui.

O meu estatuto na herdade era ambíguo. Não era um empregado, mas também não pertencia à família. Ajudava em algumas tarefas, chamado por toda a gente, mas ninguém mandava em mim; normalmente era a D. Idalina quem tinha a última palavra sobre este tipo de assuntos. A D. Leonor não gostava; inicialmente até protestara e discutira com o Sr. Vaz e a D. Idalina ao ver-me a trabalhar. E, quando tive idade suficiente, quis que eu fosse para a escola, mas mais ninguém partilhava da sua opinião e eu tinha medo de sair da herdade, temendo que, por alguma razão, não me

deixassem voltar a entrar — a lógica que só o meu *eu* de seis anos poderia explicar-vos. E assim, a ideia da escola para mim nunca passou disso mesmo: uma ideia. No entanto, a D. Leonor não era pessoa para ceder a sua vontade à de ninguém — como terão oportunidade de perceber ao longo desta história. A senhora da herdade era a personificação do mistério feminino, com o medo que a beleza consegue infligir nos homens e a ânsia que nos faz querer agradar a alguém que nunca se permite a tal.

Então, sempre que algum professor ia à herdade para dar explicações à Clara, ela fazia questão de que eu estivesse presente, isto até que a própria Clara decidiu tomar a minha educação como uma das suas missões de vida. Mas lá chegaremos.

A D. Idalina sempre me disse que eu não devia ser um carrego para ninguém, que se Deus me pusera no mundo e me deixara à porta da herdade, sozinho, então, esse era o meu destino: olhar por mim mesmo e aprender a desenrascar-me. Eu percebia a lógica e era obrigado a concordar com ela. Por isso, cumpria as minhas tarefas com boa vontade… quase sempre.

Além da estufa das flores, a poente, existiam mais estruturas no terreno das traseiras, entre a casa e a margem do lago ao fundo. Havia uns barracões de madeira onde dormiam alguns empregados (eu, a D. Idalina, a Rosarinha, o Zé e o Fureca) e, mais afastados ainda, os currais, a cavalariça, os celeiros e uns cobertos onde estavam guardadas algumas alfaias. Os currais e a cavalariça eram o território do Zé Boi. O nome dele era só Zé, toda a gente o tratava por Zé Boi, mas só pelas costas. Era um sujeito sossegado, falava só quando era preciso e poupava nas palavras como se tivesse de pagar por elas à unidade. Alguns olhavam-no com desconfiança, outros diziam que era o diabo em pessoa, outros ainda, exatamente o oposto; acho que tudo dependia da relação que cada um tinha com o silêncio. O homem levantava-se ao primeiro cantar do galo e ia para a cama aquando das galinhas, nunca usava os dias de folga — o Sr. Vaz fazia questão de dar um por semana a toda a gente — e não se lhe conheciam amigos nem inimigos. A alcunha de «Boi», ganhou-a depois de um acontecimento bastante estranho, que se tornou parte da história recente da herdade. Um par de anos antes,

um boi bravo fugira dos currais e desatara a correr largadinho em direção à casa — dizem que foi a única vez em que o homem mostrou alguma emoção: pôs-se, também ele, a correr atrás do boi, aos gritos, rosto vermelho e braços a abanar como se o mundo estivesse para acabar, e quase que estava mesmo, pois o maldito do boi parecia ter uma cisma na cabeça, um alvo escolhido, cornos apontados, e lá galopou como se possuído pelo diabo, direitinho à casa. Quem estava por perto, nas centenas de metros que separam os currais da casa, correu na direção oposta, os seus gritos a juntarem-se aos do Zé Boi, e todos assistiram horrorizados quando, de repente, a besta virou para a estufa, onde a Clara estava a desenhar as suas flores, tão concentrada que não se apercebeu da comoção, nem do boi a aproximar-se, a não ser quando se ouviram os gritos da D. Leonor vindos da janela da salinha da renda. O susto e o medo devem ter paralisado a mais jovem dos Vaz, na altura com uns 14 anos de idade, porque nem à primeira marrada do boi contra o vidro da estufa, nem mesmo à segunda, ela conseguiu mexer um dedo que fosse para se salvar. Estava à vista de todos que aquele vidro não tinha mais resistência para oferecer face ao tamanho do animal e que à terceira seria de vez, mas ela não se moveu nem emitiu um guincho, ali entre as suas flores, com um bloco de desenho numa mão e um lápis na outra. Quando já todos rezavam e aguardavam a tragédia inevitável de uma última investida do boi contra o vidro, eis que surgiu a Ana Vaz, da porta da cozinha, já de espingarda caçadeira na mão. Deu três passos, assentou-a no ombro, fez pontaria e, sem pestanejar, disparou contra o animal um tiro certeiro, em cheio na cabeça, e lá caiu ele por terra. Dizem que levou uns cinco minutos até alguém se mexer depois disto, há quem diga que foram uns dez, à vontade. Pelo que me lembro, o tempo não me pareceu coisa de relevância no momento; só sei que a Ana virou costas com a caçadeira pousada no ombro e voltou a entrar em casa. O Zé seguiu para ganhar o seu nome. Fincou as mãos nos cornos do boi e arrastou-o de volta para os currais, uma faixa de sangue a pintar o caminho. O bicho devia pesar uns duzentos quilos, *dizem*, e que nenhum homem devia ser capaz de mover tal animal, menos ainda aquela distância toda, mas o Zé fê-lo e antes

do pôr do sol desse mesmo dia, já tinha retalhado o boi às peças. Dizem que, no final, as roupas pingavam sangue. E foi assim que ganhou a sua alcunha e se tornou «Zé Boi».

Tal como sempre acontecia com todos os episódios caricatos, inexplicáveis ou quando a vida de uma das crianças dos Vaz corria perigo, nasceram de seguida mais alguns detalhes sobre a maldição da família, da herdade, do lago… Com o incidente do boi, quem acreditava na versão da lenda que pronunciava que o herdeiro da Herdade do Lago seria sempre um homem, sentia-se reafirmado pelo risco de vida que a Clara correra, mas mais ainda quem acreditava que era o filho primogénito, ou seja, a Ana, quem seria a herdeira do império dos Vaz. A verdade era que, fosse qual fosse a lenda, ninguém acreditava na Clara como o filho que sobreviveria aos irmãos e que continuaria o legado da família. Para todos os olhares, ela era o anjo infeliz que nascera já destinada aos céus. Era crença popular que o seu espírito doce e a sua imagem angélica só davam credibilidade às superstições lúgubres de que, mais uma vez, apenas sobreviveria um descendente daquela geração dos Vaz, um herdeiro, tal como acontecera até então. Mas eu sempre me recusei a acreditar nelas, até ao último instante.

Quando entrei nos currais, o Zé tirou-me o balde das mãos.

— ‘*Tou* com os cavalos. Não quero o cão aqui que me assusta a porca — grunhiu.

Dei um salto para me desviar do caminho dele e não ser abalroado. Depois de pousar o balde junto aos outros, ele pôs-me os olhos em cima

num segundo mudo que valeu mais do que um grito e lá foi para as cavalariças.

— Eu trato da *Medusa* — disse-lhe à pressa. A *Medusa* era a égua do Fernando, mas se o homem me ouviu, ignorou-o.

De seguida, já a respirar melhor, fui até ao pequeno curral onde a porca estava isolada, puxei um fardo de palha e deitei-me. Pus-me a olhar para o teto alto, as vigas de madeira, as teias das aranhas, as aranhas, as moscas mortas nas teias de aranha — grandes, espessas e encardidas. A porca estava bem, eu ouvia-a a ressonar.

Pensei no Fernando, onde estaria, no que estaria a fazer, em Lisboa, em como seria Lisboa, o que fariam as pessoas em Lisboa. Com certeza que lá também haveria porcas, as pessoas tinham de comer, estivessem onde estivessem, o que significava que algures em Lisboa também havia alguém como eu, a tomar conta de uma porca. A minha conclusão fez-me sentir mais próximo do Fernando. Os nossos mundos ainda teriam coisas semelhantes, com toda a certeza que sim. Ele partira poucas horas antes e eu já sentia a diferença na minha vida: não ter nada pelo que esperar, sem histórias das idas dele à vila, dos seus amigos que eu nunca vira, mas que conhecia bem, nem jogos de cartas, nem corridas, nem jogos de força, nem novos sustos para pregar… Até podia continuar a fazer muitas coisas sozinho, mas não seria a mesma coisa.

Ouvi o meu estômago a roncar e arrependi-me de ter dado o pêssego à Clara. Será que as pessoas em Lisboa também gostavam de pêssegos? Será que existiam pêssegos em Lisboa? Poderiam ter outro nome que não *pêssego*, talvez existissem outros frutos. O meu estômago roncou novamente — aquilo não estava a ajudar-me. Fiz uma nota mental para não me esquecer de esclarecer aquela dúvida e abandonei as divagações sobre comida.

3

Acordei pouco antes do nascer do Sol. Uma vez mais, os dias voltavam a encolher. Naquele ano, a mudança pareceu mais súbita, mas eu ainda era criança, ainda capaz de ignorar estes pormenores e a influência que eles têm no nosso estado de espírito. Para mim, as estações eram como os assobios da D. Idalina: serviam para marcar o ritmo da herdade, para nos lembrar de alguma coisa que não deveria ser esquecida, que era hora de fazer ou semear ou tratar ou colher; à passagem do tempo, a essa ninguém lhe dava valor nem importância ali.

Eu costumava ser o último a levantar-me, privilégios de criança que estavam prestes a desaparecer. Ouvira o Sr. Vaz a falar sobre a possibilidade de eu começar a ajudar o Zé. O gado era cada vez mais numeroso, iria multiplicar-se na primavera e o meu jeito para os animais chamou a atenção do Sr. Vaz. A possibilidade de passar a trabalhar nos currais preocupava-me por duas razões: primeiro, porque iria afastar-me da casa e da família, privando-me do que mais gostava de fazer: ouvir as conversas deles; em segundo lugar, porque trabalhar nos currais implicava não só tratar dos animais (o que eu faria com todo o gosto), mas também os abates, e esta era a parte que me preocupava. Acreditem em mim quando vos digo que o grito estridente de um porco quando lhe espetam a faca no pescoço é um som aterrador. Se nunca o ouviram, duvido que consigam imaginá-lo; é real, não há pesadelo que se lhe compare, entra-nos pelos ouvidos, trespassa-nos a pele e cola-se na alma. E não acaba de um momento para o outro, prolonga-se como garras metálicas a limparem uma ardósia com esmero. Por isso, não gostava de comer carne de porco, mas sabia-me bem, e quando o rojão chegava ao prato… *o bicho já ‘tá morto e ‘tá, portanto…* E com o pensamento, a minha boca abria-se para a primeira trincadela.

Mas, naquelas primeiras semanas de outono, ainda nada estava decidido quanto ao meu futuro e só tinha de continuar com as minhas tarefazinhas de sempre: tratar do quintal, carregar água,

apanhar caruma, ajudar a D. Idalina e a Rosarinha numas niquices e não estorvar o caminho a ninguém. Ah, e cuidar da *Medusa*, um trabalho novo nesses meses que se seguiriam. E porque a bicha era mimada pelo dono, fiquei de continuar a mimá-la, escová-la e levar-lhe umas maçãs e cenouras.

Nesse dia, levantei-me no instante em que abri os olhos, esfreguei os braços e vesti a mesma roupa que usara no dia anterior. A caminho da cozinha, o *Lobo* veio ao meu encontro; era o cão da herdade por aqueles tempos, um dos muitos que apareciam e desapareciam. O Sr. Vaz não gostava de ver os cães presos e, por isso, vagueavam à vontade e tinham vida própria. O *Lobo* estava a tornar-se no meu favorito, pois era grande, forte e esperto. A julgar pela velocidade com que abanava a cauda, a simpatia parecia mútua.

Passei pelo celeiro para levar uns pedaços de lenha seca, porque a lareira da sala era mais pequena do que a da cozinha e não se dava com cepos grandes. A temperatura descera, para um ponto que não voltaria a subir senão em março — sorri ao aperceber-me pela primeira vez de tal coisa. Começava a conseguir espremer conhecimento da repetição dos anos.

Entrei pela cozinha. A Rosarinha fez-me um sorriso, e a D. Idalina, de costas, nem deu por mim a passar. Uma voz radiofónica aconchegante falava de notícias de um país que eu desconhecia e que pouco me interessava. Acendi a lareira da sala e coloquei na mesa a loiça do pequeno-almoço dos Vaz — um lugar a menos.

De volta à cozinha, sentei-me no banco corrido da mesa comprida e comecei a comer o pão com manteiga e a beber o leite com mel

que a Rosarinha preparara e deixara à minha espera. O homem do rádio calara-se e a D. Idalina cantarolava baixinho a acompanhar a música. Só não o fazia quando era fado e se era cantado pela Amália Rodrigues, arregalava os olhos e obrigava toda a gente a calar-se.

— Vai chover — queixou-se a Rosarinha, apertando o ombro; aquele que ela dizia que dera um mau jeito, mas eu ouvira a D.

Idalina contar à Maria da Assunção que tinha sido o pai que lhe arriara no corpo, outra vez, por causa da pinga.

— As minhas artroses já me avisaram, filha — disse a D. Idalina. Os ossos das duas andavam sempre a prever o estado do tempo.

— Formiga, quando acabares de comer, vai acordar a Maria da Assunção e diz-lhe para ir apanhar os lençóis que estão no arame, antes que chova.

Disse-vos que era o último a levantar-me da cama, e era, mas tinha uma concorrente. A Maria da Assunção, sempre que podia, quebrava as regras da casa e não saltava da cama a horas. Era a favorita da D. Leonor e isso explicava tudo. A Maria da Assunção era a «criada de dentro»: tratava da limpeza e das roupas*. Uma boa lavadeira, mas com a mania das grandezas*, pelas palavras da D. Idalina. A Rosarinha parecia ter demasiado medo dela para dar uma opinião, era raro levantar sequer os olhos quando a outra estava presente.

— Porra lá a cachopa! Se a deixarem, dorme mais do que a cama! É como esta criatura para comer! — disse, voltando-se para mim e projetando a voz de súbito. — Quem vir há de dizer que não tem dentes de tanto que embrulha uma côdea de pão na boca. Despacha-te.

Dei um último gole no leite e levei o resto do pão para comer no caminho. A Maria da Assunção era a única empregada que dormia na casa, por ordem da D. Leonor, que dizia querer alguém por perto no caso de ser preciso alguma coisa durante a noite. Ficava num quarto pequenino, na outra ponta da casa, e era necessário passar pela salinha da renda para chegar à sua porta.

A salinha da renda tinha uma parede com janelas grandes e era assim chamada porque, tendo a melhor luz da casa, era lá que a D. Leonor passava mais tempo a fazer as suas rendas e costuras.

A Clara também gostava de estar por lá quando o tempo se tornava demasiado quente. O espaço era pequenino e tinha uns aparadores com portas de vidro e madeira muito trabalhada, exibindo loiças brancas com desenhos de senhoras com olhos em bico e vestidas com robes, que pareciam tristes e acabadas de acordar. Tudo naquela salinha fora trazido pela D. Leonor quando se

casou com o Sr. Vaz. Ela gostava muito do espaço e de ficar sentada em silêncio nas cadeiras acolchoadas com desenhos de flores.

Entrei sem bater à porta, sabendo que ela ia ralhar comigo, mas às vezes apanhava-a mal coberta e com as roupas desalinhadas, e essa visão… nem preciso de vos dizer. Dava-me a certeza de que havia coisas para descobrir, coisas que eu *queria* descobrir e que valiam o raspanete, até um puxão de orelhas. Infelizmente, as manhãs frias não eram favoráveis a tais descobertas e as minhas aspirações caíram por terra.

— Tens de ir apanhar a roupa — disse-lhe.

Ela ergueu a cabeça, cabelo desgrenhado e a marca da almofada colada na cara a deformar-lhe a pele. Ali não parecia, mas era bonita.

— Ah…? — grunhiu, de boca aberta e olhos fechados.

— Vai chover — acrescentei desnecessariamente. Ela não estava a ouvir-me. Voltou a cair na almofada. Eu sabia que não iria levantar-se, mas isso já não era um problema meu. Fechei a porta e regressei à cozinha.

No caminho, quando passei na sala, o Sr. Vaz já lá estava com a D. Leonor.

— Quando se trata dela — protestava a D. Leonor, o tom exaltado a fazer-me abrandar o passo para ouvir a conversa —, acabamos sempre por fazer aquilo que, na *sua* opinião, é o melhor para a *sua* querida filha. A minha opinião não tem qualquer valor para si. — A D. Leonor tinha uma maneira de falar diferente, tratava toda a gente por *você*, incluindo o marido e os filhos; era uma senhora com outros modos. Estavam a falar da Clara, o *querida filha* não deixava dúvidas. — Acontece que, desta vez, isto está a ir longe demais, o seu atrevimento… é uma provocação, António, é um desrespeito, uma afronta! Como é que pode sequer… pensar em fazer tal coisa, e, ainda mais, dizer-mo na cara? — A D. Leonor esbracejava como alguém que precisa de gritar e não sabe como se faz.

— É o melhor para *ela* — disse o Sr. Vaz, arregalando os olhos para enfatizar ainda mais o *ela*. — Para tu de empolar as coisas.

Isto não tem nada a ver contigo, nem comigo, nem com mais ninguém. Leonor, isso nem me passou pela cabeça… — Interrompeu-se quando percebeu que ela já não estava a prestar atenção e seguiu-lhe o olhar até… mim.

— Bom dia… — balbuciei, seguindo de imediato caminho. Tentei demorar-me na esquina do corredor que levava até à cozinha, para perceber do que tratava a discussão. Até mesmo no universo de hostilidade do casal, aquela troca de palavras parecia destacar-se e eu não tinha qualquer dúvida de que algo iria acontecer. Mas a Rosarinha passou por mim com o tabuleiro da comida e tive de correr até à cozinha para pegar nalguma coisa necessária e encontrar um pretexto para regressar à sala.

— Então? — perguntou a D. Idalina. — Ela levantou-se? — Encolhi os ombros e peguei na loiça branca e dourada na qual a D. Leonor tomava chá. — Oh, sorte a minha! É só disto! Onde estão as mulheres de trabalho?! Que a mim só me aparecem destas! Só catraias cabeças de vento…! São boas é para ir buscar a morte!

Continuou a lamentar-se e a praguejar — o habitual —, sempre sem referir o detalhe de que fora ela quem trouxera a Maria da Assunção para a casa, assim como grande parte dos empregados que vinham e iam com o rodar das estações. Por isso, todos lhe chamavam «madrinha». Apesar da sua imagem autoritária e tenebrosa de mulher com pulso de ferro, o coração dela acabava por falar mais alto na hora da escolha e contratava os mais necessitados, quem mais precisava de pão para a boca, e depois acabava a arrancar os próprios cabelos quando o resultado era aquele.

— Mas, madrinha… — choramingou a Rosarinha, ao regressar à cozinha e ser recebida com uma chapada de insultos, logo ela, que não merecia aquilo e que fazia sempre o seu melhor para agradar a toda a gente.

— Oh, cala-te lá tu também! Vai mas é apanhar a roupa da outra que o Formiga leva o resto das coisas para dentro.

— Mas, madrinha… — choramingou de novo.

— Oh, meu santo…

Não fiquei para ouvir o resto, porque conseguira a autorização de que precisava para um vai e vem livre, com direito a ficar de plantão junto à mesa da família e tudo. A sorte, às vezes, dava-me daquelas coisas. O Sr. Vaz e a D. Leonor tinham avançado para outra discussão, alguma coisa relacionada com advogados e umas vinhas no norte. Sempre o malfadado Porto. A D. Leonor, dona de opiniões muito próprias e sem reservas em as expressar, afrontava frequentemente o Sr. Vaz, mas nos últimos tempos, parecia-me a mim, espetador frequente e bastante atento, que as querelas entre os dois se tornavam mais amargas e que eles já não conseguiam conversar, somente discutir.

— Aquelas terras são minhas — lembrava-o ela. — Foram compradas pelo meu avô quando chegou a Portugal e deixadas a mim pelos meus pais. Desde que nos casámos que tenta vendê-las por meia dúzia de tostões!

— Passaram quase vinte anos…

— …e ainda não percebeu que não quero vendê-las! Inacreditável.

— Leonor, aquilo está tudo velho. Uma casa que nem é uma casa, é um barraco com paredes a cair e o telhado a verter água…

Sentaram-se à mesa e foi quando reparei que a Ana já lá estava a molhar o pão no leite, concentrada à espera que parasse de pingar para o levar à boca.

— A vinha está saudável e bem tratada. O meu irmão tem gente a cuidar dela. É a vinha que importa, não a casa.

— Mas quais são os teus planos para aquelas terras? Eu não…

— O meu plano é que elas fiquem para o Fernando.

— O Fernando?! — O Sr. Vaz deu uma valente gargalhada e um murro na mesa que fez a loiça saltar e os olhos da D. Leonor esbugalharem-se. Ela tinha uns olhos cinzentos lindíssimos, *herança da sua família inglesa*, disse-me a Maria da Assunção, e passara-os aos filhos como joias de família. Até hoje, passadas décadas e depois de uma boa quantidade de quilómetros percorridos, nunca me cruzei com olhos mais deslumbrantes.

Na outra ponta da mesa, a Ana parecia nem notar o que se passava, a sua atenção ainda no pão e nos pingos de leite.

— Sim, o Fernando — confirmou, com orgulho.

— O Fernando só quer saber de cavalos, de se divertir com os amigos e arranjar problemas para me consumir! Ele vai vender aquilo num abrir e fechar de olhos e pelo pior preço possível. Conheces assim tão mal o teu filho, Leonor?

— O Fernando adora o Douro. De todas as vezes que lá vamos, vejo-lhe o brilho nos olhos… brilho que não existe quando estamos aqui. — O Sr. Vaz bufou. — Sim, conheço o meu filho e se ele passa os dias a andar por aí a cavalo com estranhos, é para evitar estar consigo debaixo deste teto. Quero dar-lhe um refúgio para onde ir.

— Oh, claro, porque vocês os dois são *tão* chegados. Nunca vi uma mãe a expressar mais o seu amor…

— A forma como expresso ou não expresso os meus sentimentos não é parte desta conversa nem chamado para a mesa e… e se vamos falar de maneiras…

— Pronto, voltamos à mesma lengalenga. — Ele abanava a cabeça, enquanto esmigalhava pedaços de broa para uma taça com vinho e borrifava a toalha em volta com migalhas.

— Sim, voltamos, porque você com essas suas… — Ela abriu as mãos sobre a mesa, palmas para cima, indicando o comportamento e falta de modos do marido à mesa como a explicação para aquilo que tinha dificuldade em descrever melhor.

O Sr. Vaz usava a confusão da sua força bruta e modos rudes como uma nuvem de poeira ao seu redor, o olhar dele era diferente quando julgava que ninguém estava a vê-lo. Mas, pensando bem, talvez seja assim com todos nós.

— Bom dia! — disse a Clara, as palavras arrastadas como os seus movimentos, lançando um sopro de silêncio à discussão que decorria na mesa. Fez-me um sorriso, um só para mim, e à passagem deixou-me uma carícia no ombro.

— As horas, Maria Clara — advertiu a mãe. — Agora não tem o seu irmão para se desculparem um com o outro pelos atrasos. É uma falta de respeito para consigo própria estar sempre a chegar atrasada à escola. Revela falta de caráter.

O Sr. Vaz começou a encher a boca com sopas de vinho, uma colher a seguir à outra sem engolir, para se manter calado. A Clara

suspirou sem olhar a mãe, deu duas voltas com a colher nas papas de aveia, levou uma à boca e voltou a levantar-se.

— Até logo — murmurou, pegando na mala com os livros que deixara sobre o aparador e saindo para ir para a escola na boleia do Sr. Hipólito.

Depois de a porta da frente bater, o Sr. Vaz levantou-se e a cadeira disparou para trás com o movimento.

— António, temos de conversar sobre…

— Depois, Leonor.

— Não vou admitir que traga aquela pessoa para esta casa!

Aquela pessoa. De que falavam eles agora?

— Depois, Leonor! — E também ele saiu.

A D. Leonor respirou fundo, passou os dedos finos pelo cabelo que não poderia ficar mais perfeito e levou a chávena aos lábios cor-de-rosa. Tentava parecer calma e encontrar alguma compostura na subida e descida da chávena e no aroma do chá — limão com uma colher de mel —, mas havia uma tempestade a explodir dentro de si a escurecer-lhe o cinzento dos olhos. Alguma coisa séria, importante, se passava, ou iria passar-se; ela não era mulher de se deixar atormentar por assuntos menores. O meu olhar continuou preso aos cabelos dela, lisos e castanho-claros. Fascinava-me a forma como o penteava, como conseguia mantê-lo preso, amparado, enrolado e composto, sem que fosse possível ver um gancho sequer. Como se faria tal coisa?

— Baltazar… — disse ela, ao levantar-se da mesa e arrancando-me do hipnotismo do seu cabelo. — Diga à D. Idalina que estou à espera dela na salinha da renda.

— Sim… sim, senhora. — murmurei.

A D. Leonor e a Ana eram as únicas que me tratavam pelo meu nome de batismo. Sou obrigado a admitir que gostava. Quando ela passou por mim ao sair da sala, dei um passo em frente, pisando o caminho

que ela acabara de pisar e enchendo os pulmões de ar com o seu perfume. Era doce, aconchegante, limpo, fazia lembrar pão de ló quente, pão com marmelada, uma banana madura, as mãos depois de comer uma laranja, o calor debaixo dos lençóis, a terra quando

não chove há vários meses. Abri os olhos e a Ana estava a olhar para mim, apressei-me a disfarçar com o único sorriso idiota que tinha, mas, como de costume, ela não disse nada. Peguei em algumas peças de loiça para rentabilizar a viagem e fui dar o recado à D. Idalina. Sem surpresa, não ficou entusiasmada com a ideia de uma conversa com a D. Leonor, menos ainda, uma a sós.

— Mas eu já devia estar à espera desta — murmurou, entre dentes. — Sabia que ia sobrar para mim.

As duas não se davam muito bem. *Os santos delas não se cruzavam*, como explicou a própria. Dizia-se que a primeira coisa que a D. Leonor tentou fazer quando chegou à herdade foi mandar embora a D. Idalina, mas o Sr. Vaz não teve coração para o fazer e, com toda a certeza, deve ter dado à mulher alguma coisa grande para a compensar. A D. Leonor, até quando perdia, saía a ganhar. As duas faziam por se manter longe uma da outra. Aquela conversa, dizia-me o meu instinto, estava relacionada com a conversa inicial, na sala do pequeno-almoço, e que me escapara. E o meu instinto estava certo.

4

Ditou a sorte que também aquela conversa iria escapar-me. Logo que passei o recado, a D. Idalina despachou-me outra vez para os currais. A porca ainda estava para parir e isso roubou-me a oportunidade de ouvir com os meus próprios ouvidos a conversa entre as duas.

— Mas posso ajudar a levantar o resto da loiça da mesa — arrisquei ainda, mas ela nem quis saber. A Rosarinha foi tratar da loiça, a D. Idalina foi conversar com a D. Leonor e lá fui eu ter com a porca.

Os currais não eram um mau lugar para se estar em dias frios: o calor era aconchegante e os fardos de palha seca estavam sempre à disposição para uma sesta. A companhia também não era má, embora a porca me parecesse tão entediada como eu e sem grande disposição para a tarefa árdua que era esperada dela. Ninguém podia recriminá-la. Mas o que eu queria mesmo era descobrir o que se passava, estar na casa a ouvir a conversa. Nem valia a pena pensar em perguntar fosse o que fosse à D. Idalina, pois ela não mo diria. Comecei a trincar um fio de palha, a ruminar no assunto e foi então que me lembrei. Só havia uma pessoa em toda a herdade que partilhava do meu entusiasmo e curiosidade no que dizia respeito aos Vaz e, grande sorte a minha, gostava igualmente de falar sobre o assunto, trocar ideias, e essa pessoa estava naquele preciso momento no quarto ao lado da salinha da renda. A Maria da Assunção. Tudo o que precisava de fazer era esperar e procurá-la mais tarde! Ela teria tanto gosto em contar-me o que ouvisse, como eu em ouvi-la.

Com a solução encontrada, o meu espírito ficou mais animado, mas também mais irrequieto. Se pelo menos a porca se decidisse a parir. Pus-me a saltar de um fardo de palha para o outro para tentar entreter-me. Esperei, esperei, esperei mais um bocadinho. Ouvi a porca a mexer-se, depois a mijar. Espreitei-a, mas a bicha

continuava com o mesmo ar sonolento, sem mostrar sinais de que as próximas horas fossem diferentes.

Veio-me a ideia. O Zé Boi levara as ovelhas para o pasto na clareira, junto ao sopé da serra; por isso, se eu saísse, ninguém daria pela minha falta. No momento em que a ideia me veio à cabeça, os meus pés já me levavam dali para fora.

Contornei a casa para entrar pela porta principal. Não poderia ir pelas traseiras porque me obrigava a passar pela cozinha. Cuidadoso e invisível, como uma formiga, fiz um compasso de espera no patamar. Não se ouvia nada e lá me esgueirei escada acima até ao primeiro andar, onde àquela hora a Maria da Assunção deveria estar a arrumar os quartos. A dificuldade seria descobrir qual dos quartos. Se alguém me visse ali, e esse alguém seria a D. Leonor ou a Ana que, naquela altura, já não ia à escola, teria de me esforçar muito para me safar com uma boa desculpa. A desculpa *perfeita* que não tivera tempo para inventar.

Colado à parede — por instinto, pois não me dava esconderijo nenhum —, olhei para as minhas duas opções: seguir para a direita ou seguir para a esquerda. Havia apenas um corredor que atravessava o primeiro piso da casa e ambos os lados terminavam numa janela.

As paredes tinham portas todas iguais, três quartos à minha direita, três à minha esquerda, seis no total, quatro com vista para o lago e dois para a frente da casa. A D. Leonor e o Sr. Vaz tinham quartos separados, à direita. Depois do nascimento da Clara, a D. Leonor mudou-se. Entre os empregados dizia-se em voz baixa e em jeito de piada que a D. Leonor não temia nada exceto a pujança da fertilidade do marido, isto porque os três filhos nasceram com menos de um ano de intervalo entre si: a Ana tinha 18 anos, o Fernando, 17 e a Clara, 16. E à minha esquerda ficavam os quartos dos irmãos. A Ana e o Fernando, com privilégios de vista para o lago; já o quarto da Clara, voltado para o jardim da frente, era o maior de todos. Eu não ia muitas vezes ao primeiro andar, não por me ser interdito, mas apenas porque raramente era necessário. Optei pela esquerda: o medo de um frente a frente com a D. Leonor era o mais aterrador. Arrastei-me pela parede e os olhos dos

retratos seguiram-me. Eram pinturas de gerações passadas, dos vários herdeiros da herdade, cada um com uma expressão mais ameaçadora do que o outro, e o curioso era que as mulheres estavam sempre a sorrir. A minha escolha foi uma boa escolha, porque ao aproximar-me da porta do quarto da Clara, ouvi o murmurinho da Maria da Assunção. Ela passava muitas horas sozinha e por isso falava com os seus botões. Entrei no quarto de rompante e ela deu um saltinho com o susto.

— Ó moço, tu tens de aprender a bater à porta. — Eu ri. Gostava de assustar as pessoas, um gosto que me fora passado pelo Fernando. Ensinou-me vários truques e fomos cúmplices em várias façanhas.

— Ouviste a D. Leonor e a D. Idalina? — perguntei-lhe de imediato, a curiosidade estava a dar cabo de mim.

Os olhinhos pequeninos dela brilharam e o queixo, já naturalmente empinado, ergueu-se com orgulho. Ela ouvira!

— Claro — disse por fim, voltando a espancar as almofadas para as deixar fofas. As mãos dela eram pequeninas e faltava-lhe metade do dedo anelar na direita, mas eram fortes. — Claro que ouvi aquelas duas aos berros uma com a outra, quem é que não ouviu?

— Eu vi o Sr. Vaz a discutir com a D. Leonor, esta manhã… — apressei-me a contribuir e vomitei os detalhes todos, talvez até exagerando alguns.

— O Sr. Vaz quer trazer uma das sobrinhas da D. Idalina cá para casa… para fazer companhia à Clarinha.

Senti-me injustiçado. Eu estava na herdade, era amigo dela, poderia fazer-lhe companhia.

— Outra pessoa…?

— Mas o problema é que ele quer trazer a filha da Piedade. A D. Leonor está possessa, a mulher está prestes a deitar fogo pelas ventas. Com todo o respeito — esclareceu, com um risinho. — E não é para menos — continuou com uma expressão mais séria. — Se fosse comigo, fazia igualzinho. A D. Leonor deu-lhe uma descasca de língua que, no final da conversa, a D. Idalina já nem abria o bico. Aquilo era uma atrás da outra… mas com elegância! A D. Idalina ouviu, ouviu, ouviu… —

A Maria da Assunção fez uma pausa dramática, deixou os lençóis e endireitou-se. — Já viste? Ela que nunca se fica, nem com a patroa, o que na minha opinião é uma falta de respeito, porque aquela senhora é uma classe de uma santa nesta terra. Cá no meu entender, calou-se porque sabe que não *'tá* certo… *num 'tá*. — Abanou a cabeça e voltou ao trabalho. — Pobre da patroa, fazerem-lhe uma coisa destas… O Sr. Vaz… eu *num* percebo…

Continuava a falar, mas eu ficara um pouco atrás na conversa e ainda me esforçava para a apanhar. A Piedade era uma das irmãs da D. Idalina. Eu conhecia algumas delas, porque às vezes iam ajudar na herdade, trabalhar a dias, e o irmão, o Sr. Pinto, que ajudava o Sr. Vaz a dar conta do que se passava nas colheitas. Eram uma família muito grande, penso que uns treze, todas mulheres, à exceção do Sr. Pinto. A Piedade, vira-a apenas uma vez, poucos anos antes, quando foi ajudar nas limpezas da primavera. Lembrava-me bem porque a família estava toda fora, no Porto. A mãe da D. Leonor falecera, e eu andava entediado até aos ossos. A D. Idalina passou a semana a mandar-me fazer isto e aquilo. No entanto, era tudo o que eu sabia sobre essa irmã, a Piedade, nem do rosto dela me lembrava muito bem.

— O que tem a Piedade? — fui obrigado a perguntar.

As sobrancelhas da Maria da Assunção dispararam-lhe na testa.

— Então? Ela andou enrolada por aí nos campos com o Sr. Vaz, quando eram novos.

Foi a vez de as minhas sobrancelhas dispararem para o teto.

— Sim — confirmou ela, deliciada. — Antes de o Sr. Vaz conhecer a D. Leonor, era apaixonadinho pela Piedade. Daquelas paixões assolapadas, de caixão à cova — disse ela, passando a mão pela colcha de renda da cama acabada de fazer, e depois pelo próprio cabelo. Estava a apreciar o meu choque. — Quem mo contou foi a minha tia.

Diz que se fartou de ver os dois, sempre juntos, para cima e para baixo… Ah, pois… Mas tu és muito novo para perceber essas coisas. — Riu-se. — Pelo que parecia, os dois estavam apaixonados e ele até queria casar com ela e tudo. É claro que o pai dele, o falecido, o antigo Sr. Vaz, tinha outra opinião sobre o

namorico. Despachou-o para o Porto, assim, do dia para a noite, para que arejasse as ideias. E fez ele senão bem. — A Maria da Assunção pegou em roupas da Clara e fez-me um gesto com a mão para que a seguisse. Ao sairmos, fechou a porta atrás de nós e parou a olhar para a porta em frente.

— Já sinto falta daquele diabrete — suspirou. Era o quarto do Fernando.

— E foi nessa altura que o Sr. Vaz conheceu a D. Leonor? E já não casou com a Piedade? — perguntei, enquanto percorríamos o corredor.

Ela anuiu.

— Graças a Deus. Esta herdade merece uma mulher em condições. Sem querer dar ofensa a ninguém — murmurou. Depois bateu à porta do quarto da Ana. Esperámos e ela veio abrir, ao ver-nos deixou o quarto e desceu as escadas, um livro na mão. Nós entrámos.

— Gosto muito desta menina, mas ela cada vez está pior… Parece-me uma alma penada, mas de carne e osso.

— E agora, o Sr. Vaz quer trazer a filha da Piedade cá para casa — puxei de novo o assunto.

A Maria da Assunção olhou-se ao espelho do toucador. O quarto da Ana e o da Clara eram muito semelhantes. As mobílias eram iguais: cama, toucador, cómoda e guarda-fatos em madeira escura e trabalhada. As principais diferenças eram as cores dos tapetes e das cortinas, que no quarto da Clara eram rosa-velho, e ali eram verdes. Ah, e os desenhos de flores que abundavam nas paredes de um, enquanto os livros ocupavam o outro.

— Sim — confirmou ela. — Não sei de onde veio tal ideia… Desconfio que tem dedo da D. Idalina. É por causa desta história antiga que as duas são azedas uma com a outra. Sabes que há más-línguas que dizem que o Sr. Vaz nunca deixou de ter um fraquinho pela Piedade… o que… — Arrancou um pano do bolso do avental e começou a limpar o pó da cómoda com energia. — Só mesmo um cego poderia pensar tal coisa.

Eu era obrigado a concordar, o pouco que me recordava da irmã da D. Idalina era o suficiente para saber do abismo entre as duas

mulheres. Não havia sequer possibilidade de comparação entre elas.

A história de amor, da juventude do Sr. Vaz com a Piedade, agradou-me. Era uma peça grande e importante para o meu *puzzle* de histórias. O que ficou a preocupar-me foi a possibilidade de vir alguém novo para a herdade, para ocupar um lugar que eu via como meu por direito. Não conhecia a filha da Piedade, mas já a odiava um bocadinho.

Continuámos a conversar enquanto ela terminava de ajeitar os quartos e me contava o resto dos pormenores que sabia. Pareceu-me tudo demasiado impossível naquela união entre dois mundos que, no meu entender, nunca se misturavam. Segurei-me às dúvidas legítimas das histórias passadas de boca em boca. Mas, no final, se a D. Leonor julgava ter razões para se preocupar, eu acreditava no julgamento dela.

Trouxe uma trouxa de roupa suja quando desci e, no caminho, já pensava num possível plano para lidar com o meu problema pessoal com aquela *possível* intrusa. Eu estava em vantagem, conhecia a Clara e já éramos amigos; não tão amigos quanto eu e o Fernando éramos, mas pelo menos tão amigos quanto poderiam ser um rapaz de dez anos e uma rapariga de dezasseis.

Devia oferecer-lhe flores. Sim, para inaugurar o meu plano, não era um mau ponto de partida. Lembrava-me claramente de o Fernando me dizer que todas as mulheres gostavam de receber flores, sem exceção. Ainda estava eu a pensar nas flores e a escolher quais iria dar à Clara, quando a minha orelha foi puxada com tamanha força que temi ficar sem ela.

— Onde é que te meteste? — A voz da D. Idalina estava mais alta do que nunca. Deixei cair a trouxa de roupa e pus-me em bicos de pés para aliviar a tensão na orelha.

— A ajudar a Assunção.

— Na calhandrice com a Maria da Assunção! — gritou. — O que te mandei eu fazer, cachopo?! Hã?! — Por esta altura, a minha orelha fervia tanto que não podia dar-me ao luxo de uma resposta. Cantava *ai, ai, ai* e fingia um choro o melhor que podia. Acreditem

que até choraria de verdade, as lágrimas é que eram um ato escasso em mim, mas a dor justificava-as.

— Vai já para os currais! Vai ter com o Zé e vê o resultado do que fizeste! E ficas lá com ele! Fazes o que te mandar! E só sais de lá quando te disserem! — Soltou-me a orelha e deu-me um cachaço que me projetou para a frente. — E não reclama!

— Oh, madrinha — choramingou a Rosarinha em minha defesa —, ele não fez por mal. — Ela alcançou-me, passou-me uma mão pela orelha e deu-me um beijo na cabeça.

— Cala-te tu também! E faz o teu trabalho!

A Rosarinha estremeceu de tal forma que passou os tremores para mim. Depois, encolheu o pescoço como uma tartaruga e fez o que lhe foi dito.

— O Zé não te avisou sobre o cão assustar a porca?! — perguntou-me a D. Idalina, de mãos espetadas nas ancas.

O meu coração colou-se às costas. Esquecera-me de fechar a porta? Não. Sim. Talvez.

— Deixaste a pobre da bicha sozinha e ainda por cima não fechaste o curral?! — Ela olhou para o teto à procura do céu, não o encontrou e voltou a olhar para mim. Eu não tinha o que dizer. — Vá! Vá! Desaparece-me da vista!

Deixei a cozinha a correr, mas desacelerei o passo logo que cheguei ao pátio. As nuvens do início da manhã abriram e o Sol brilhava forte, suavizando o frio. Ao fundo, a superfície do lago brilhava, a água como um manto de estrelas caídas ainda cintilantes. Não havia pressa para chegar aos currais. O mal estava feito, o que tinha de acontecer, acontecera, e o resultado, a julgar pela ira da D. Idalina, também não era nada que eu estivesse com pressa de encontrar. A única vez que a vira assim, tão furiosa comigo e de certa forma desiludida, tinha sido anos antes, quando ceguei uma cadela numa brincadeira estúpida. Eu era tão pequeno que não me restava qualquer lembrança do que acontecera naquele dia. Os leitões tinham morrido. De certeza.

Fiz as poucas centenas de metros até aos currais, a arrastar as botas que usava no frio, um pontapé aqui e ali num pau ou numa pedra.

À chegada, o Zé não me dirigiu a palavra, não precisou, os olhos dele cuspiram-me na cara quando me viram. Pegou-me pelo cachaço e levou-me até aos currais do fundo, onde estavam três leitões mortos no chão, uma nojice de sangue e placenta em volta. Ele apontou para aquilo com um gesto que dizia «trata deles», «limpa a porcaria que fizeste». Não sei quanto tempo fiquei ali sozinho, de pé a olhar. Era preciso tirá-los daquela imundície. Era preciso enterrá-los. Procurei um balde com água, um trapo e um cesto. Lavei-os, um de cada vez, numa necessidade apenas de sentimento e sem razão nem lógica. Depois, o cesto pareceu-me o errado e passei um bom bocado à procura de outro que me parecesse perfeito para os colocar lá dentro. Não consigo especificar-vos o que tinha em mente, o que era tão indispensável, apenas que aquele empenho em escolher um cesto me aliviou de sentir. Acabei por encontrar um que me agradou e guardei nele os leitões. Um, depois outro, e depois mais outro.

Levei-os até à fileira de árvores que inicia a serra, onde a relva se tornava selvagem e a natureza nos fazia sentir mais à vontade. O caminho deve ter-me levado uns quinze minutos e não me recordo sequer de um passo dado. Lembro-me de estar de joelhos, de cavar um pequeno buraco com uma pá pequenina, de pousar a mão na pele aveludada, cor-de-rosa e fria dos leitões, de passar a ponta dos dedos pelas orelhas pequeninas e quase transparentes, pelas pestanas brancas. Os três pareciam iguais, mas quanto mais olhava para eles, mais diferenças descobria. A natureza tem uma forma encantadora de fazer as coisas. Tantas tentativas, todas diferentes, experimentações sem ambição nem perfeição. Não existem dois leitões iguais, tal como não existem duas pessoas iguais. Pousei o cesto dentro do buraco, benzi-me e cobri-os com terra. Talvez existisse um céu para os porcos, uma herdade nas nuvens, onde também eles tivessem direito a asas como os anjos. Talvez.

5

Nos dias que se seguiram, o Zé não me quis nos currais, o que pareceu deixar a D. Idalina ainda mais furiosa. A minha irresponsabilidade tornou-se do conhecimento geral. O Sr. Vaz, ao saber da versão contada pelo Zé Boi — que eu deixei a porta do curral aberta e o cão assustou a porca, que por sua vez espezinhou três dos seis leitões —, deu-me um valente cachaço, suspirou e pareceu não pensar mais no assunto. Uma pena que a D. Idalina não esquecesse o sucedido com a mesma prontidão. Manteve-me debaixo de olho, com um mau humor especialmente negro por aqueles dias. Talvez nem fosse tudo da minha responsabilidade, mas foi onde decidiu concentrá-lo. Quanto a mim, estava miserável: ainda com remorsos pela morte dos leitões, sem possibilidade de pôr o meu plano em prática para conquistar a preferência da Clara, e o meu cão desaparecera — um mistério que, no meu entender, não havia dúvida quanto ao responsável. O Zé Boi dera-lhe sumiço. Agora, havia mais um plano no qual eu precisava de trabalhar: a vingança.

A cozinha estava silenciosa, o rádio desligado e a D. Idalina a bufar. Pôs-me a debulhar ervilhas com a Rosarinha, junto à lareira. Quando não estava a olhar para nós, a Rosarinha tirava um punhado de ervilhas da sua taça e passava para a minha, atenuando a diferença entre as duas e encobrindo a minha preguiça. Sorria-me, cúmplice, de cada vez que o fazia. Eu desviava o olhar e não devolvia o sorriso. Todos desejamos bondade, sermos capazes de atos de bondade, que os outros sejam bondosos para connosco, mas quando temos esse privilégio, olhamo-lo com desconfiança. Uma vez mais, a Rosarinha fazia-me sentir estranho. Porque estava ela a ajudar-me? Não fizera nada para o merecer; pelo contrário, era precisamente essa a razão de estar ali. Se não acreditamos ser merecedores de bondade, é difícil aceitá-la. Pode ser assustador. O que sentir? O que pensar? Como agir? Manter a distância é o mais simples. Foi o que fiz com a Rosarinha.

Ao final da tarde, a Clara voltou da escola e, quando entrou na cozinha, os ombros dela estavam direitos pela primeira vez desde a partida do Fernando há mais de uma semana.

— Carta do Fernando! — anunciou, com dois saltinhos de pés juntos, abanando o envelope que trazia na mão.

— Oh, que sorriso! — regozijou-se a D. Idalina, a admirar a alegria.

— Tão bom! — disse a Rosarinha, como se a carta também fosse para si, enquanto punha mais um punhado de ervilhas na minha taça.

— O que diz? — perguntei, e levei logo uma chicotada com o pano da cozinha.

— Não tens nada com isso! — A D. Idalina não deixava passar uma por aqueles dias. Esfreguei o lado do cachaço que ficara a arder. — Este cachopo está cada vez mais alcoviteiro.

A Clara riu-se.

— Não faz mal, ele pode saber. Até vim aqui para isso, para vos ler a carta. — A Clara sentou-se no banco de madeira corrido que ladeava a mesa, puxou-me por um braço para junto dela e começou a ler com um sorriso, os seus lábios vermelhos a moldarem a voz doce num tom de compostura eloquente.

Ouvimos todos com atenção.

— Ai que saudades que já sinto daquele diabrete, e ainda agora daqui saiu.

— A casa ‘*tá* mais vazia… — lamentou a Rosarinha, já com olhos a brilhar. — Uma pessoa até deixa de se importar tanto com os sustos que ele estava sempre a pregar-nos.

A Clara riu-se, enquanto parecia estar a ler novamente a carta em silêncio.

A D. Idalina riu-se também.

— É uma peste, aquele.

Para mim, a carta foi uma deceção. Não parecia nada do Fernando; era aborrecida e sem graça.

— A tua mãe já saiu com a Ana? — perguntou a D. Idalina à Clara.

— Não… Elas vão sair?

— Disse que ia à igreja ter com o Manuel. Parece que está cá de visita alguém importante da diocese e ele convidou-a para jantar na casa paroquial.

A Clara abanou a cabeça, dizendo novamente que nada sabia sobre o assunto.

O Manuel era o Padre Manuel, mas eram poucas as pessoas que o tratavam por «padre». Chegara à aldeia havia pouco tempo para substituir o antigo sacerdote que lá estivera mais de quarenta anos, e tanto o hábito do povo com o antigo padre, como a juventude do novo, estavam a emperrar a transição. Fora a D. Leonor quem arranjara as coisas para ter o Padre Manuel a tomar conta da paróquia. As famílias de ambos tinham uma relação de longa data e os dois eram muito amigos.

— Clara, em Lisboa há pêssegos?

Ela deu uma gargalhada que a fez babar-se e me fez sentir um idiota. Hoje percebo, na altura nem tanto.

— Sim, Formiga, há.

— Ai, Santo Deus — murmurou a D. Idalina, abanando a cabeça. — Nova fui, velha sou, e nunca tal tolaria por mim passou! — gracejou com um dos seus ditos.

— Só estava a perguntar — defendi-me.

— Se quiseres, podes escrever-lhe e perguntar-lhe tudo o que te vier à cabeça — sugeriu a Clara, com entusiasmo. — Escreves a tua carta, eu junto-a à minha e vão no mesmo envelope, queres?

A ideia até me pareceu boa, mas eu não gostava lá muito de escrever, era difícil.

— Não sei escrever cartas — disse eu, tentando esquivar-me.

— Eu ensino-te! — ofereceu-se, com ânimo. Era um hábito dela, estar sempre a querer ajudar as pessoas. Às vezes, era um bocado irritante, especialmente quando queria ajudar-me a mim. Foi ela quem me ensinou a ler e a escrever. O pior verão da minha vida.

— Vamos! — exclamou, levantando-se. — Vamos lá escrever ao Fernando.

Ainda pensei duas vezes numa solução para me safar daquela, mas já que estava de castigo e como também queria agradar-lhe

para ver se impedia a vinda da filha da Piedade para a herdade, lá a segui até à sala.

Sentámo-nos na mesinha pequenina para duas pessoas, que ficava entre o piano e uma janela com vista para o jardim da frente e para o caminho que levava até ao portão da entrada e a copa das árvores na estrada que continuava depois dele. Essa estrada dava acesso a uma outra, bem maior, ou assim me tinham dito, porque nunca cheguei ao final da primeira estrada de terra batida para o ver com os meus próprios olhos.

A Clara pôs-me um papel à frente e deu-me um lápis para a mão.

— O melhor é fazeres primeiro a lápis, para podermos apagar e corrigir à vontade, e depois passamos a caneta. O que achas? — Assenti. — Vais ver que é muito fácil. — Era o que ela dizia sempre e nunca o era. — Imagina que estás a falar com ele.

— É só isso?

— Sim.

Peguei no lápis, olhei para o papel e de súbito já não me pareceu tão simples.

— Podes começar com «Olá, Fernando» — tentou ela ajudar.

— Mas eu nunca digo «Olá, Fernando».

Ela riu-se.

— Sim, considera isto uma exceção. É o cumprimento habitual com que se começam as cartas para os amigos.

O tormento das aulas de escrita começava a emergir na minha memória e, de repente, até já me era difícil pensar. Escrevi o que ela me disse e depois lá continuei sob orientação gramatical. Lembro-me de lhe fazer perguntas sobre a viagem de comboio, um tema pelo qual eu tinha um certo fascínio porque, nos dias em que o vento soprava de feição, por norma antes de chover, ouvia-se na herdade o apito do comboio a passar na linha que ficava no limite da herdade. Perguntei-lhe também como era a casa onde morava, a cidade e se tinha amigos novos. Fazê-lo serviu para que percebesse por que razão a carta do Fernando me parecera tão estranha — era provável que a minha fosse soar-lhe precisamente da mesma maneira; a mim soava-me.

Ainda a carta não estava terminada e alguém tocou o sino da porta. A D. Idalina apareceu de imediato e quase correu para a abrir. Achei-lhe graça, porque era baixinha e roliça e, quando andava apressada, toda ela gingava.

Eu e a Clara ficámos curiosos. Com a atenção posta na folha de papel à nossa frente, não reparáramos, através da janela, em quem chegara, e, de onde estávamos, não tínhamos vista para o patamar da entrada. Ouvi uns murmúrios apressados que me aguçaram a curiosidade. Troquei um olhar com a Clara e estávamos os dois prestes a levantar-nos para ir espreitar, quando se ouviu o *tac-tac-tac* de saltos no soalho.

— Quem será a esta hora da noite? — vinha a D. Leonor a pensar alto. E vendo a D. Idalina já na porta, parou a meio da sala: — Abra a porta corretamente! — ordenou, impaciente, por ser obrigada a lembrar o óbvio.

A voz imperial cortou o diálogo de murmúrios e deixou a casa em silêncio. À falta de um sinal de vida, a D. Leonor avançou mais alguns passos. Eu e a Clara levantámo-nos e fomos até junto dela, para podermos olhar a porta. Encontrámos a D. Idalina e uma outra mulher, paralisadas, o olhar empancado uma na outra, e a porta ainda entreaberta. Parecíamos todos desorientados, os olhos a saltarem de uns para os outros, à exceção da D. Leonor que continuava segura na sua pose e à espera de uma explicação. Finalmente, a D. Idalina pareceu perceber que não tinha alternativa senão falar.

— D. Leonor, peço desculpa, é só uma das minhas irmãs — disse, com um tom de voz que queria ser natural, mas que me fez desconfiar. Observei melhor o rosto da mulher. Seria aquela a Piedade? Isso poderia explicar o nervosismo. Lembrava-me dela com o cabelo mais comprido e o rosto mais magro, mas já lá iam anos desde que a vira. Podia ser ela.

— Bem sabe que não gosto que os empregados recebam visitas, sejam elas de familiares ou não — repreendeu a D. Leonor, ao analisar de alto a baixo a pequena figura da mulher. Perdeu rapidamente o interesse e fitou de novo a D. Idalina. — E caso

tenham a insolência de o fazer, pelo menos que não venham pela porta principal.

— Não vim falar com a minha irmã. Vim falar com o seu marido — intrometeu-se a visita.

Os olhos da D. Idalina esbugalharam-se. Era óbvio que não estava a contar com a interferência e não a achava uma boa ideia.

— E qual é o assunto? — perguntou a D. Leonor, intrigada.

— Preferia falar com o próprio.

Vi a sobrancelha da D. Leonor tremer.

— Infelizmente para si, não será possível, porque ele não se encontra em casa, nem chegará em breve. Diga-me o seu nome que eu mesma o informarei de que aqui esteve para tratar de um assunto… urgente com certeza, vista a ousadia e a hora da noite.

— Piedade. O meu nome é Piedade. E com certeza que o assunto é importante.

O olhar inquisidor da D. Leonor desapareceu. A mudança de expressão foi tão genuína que não passou despercebida a ninguém. A mão da Clara apertou a minha e, por instinto, a minha procurou a da D. Leonor. Só quando a mão dela me apertou de volta é que me apercebi de que o fizera.

Um silêncio líquido verteu de nós e ensopou o chão e as paredes.

A realidade ficou pesada e lenta, ou talvez não, talvez tenha sido apenas o instante de um pestanejar como qualquer outro que a minha memória emocional esticou.

A D. Leonor sabia quem era a Piedade, não havia dúvida de que sim, mas tal como eu, só naquele instante teve uma cara para associar ao nome.

— Boa noite — disse a voz do Sr. Vaz, vinda de muito longe. Mas a apenas um par de metros atrás de nós.

A atenção da Piedade saltou como um sapo apressado, colando-se a ele sem reservas.

— Piedade…

A D. Leonor fechou os olhos. Como se se recusasse a existir e a participar no momento, a estar naquela sala entre o marido e aquela estranha.

— O que a traz por aqui? — A confusão do Sr. Vaz misturava-se com o nervosismo de vê-la ali, à sua porta, e pedia socorro à D. Idalina, mas ela de nada lhe valeu.

— Sr. Vaz, peço desculpa por vir incomodá-lo a sua casa, mas precisava de lhe falar. — Era a declaração de um discurso bem ensaiado, pronunciado rapidamente e na perfeição.

A D. Leonor voltou as costas a meio da frase e afastou-se sem me largar a mão, arrastando-me com ela. A Clara ficou para trás. Pensei que a D. Leonor estava tão nervosa que se esquecera de que estava a segurar-me a mim, e não a um lenço, daqueles suaves e macios que tinham um *L* bordado e que ela gostava de trazer sempre consigo. Mas quando chegámos ao corredor, virou para a capela e logo que entrámos, voltou-se para mim e baixou-se, pegando-me no rosto com ambas as mãos e olhando-me nos olhos.

— Preciso que os ouça, Baltazar.

Eu sentia o coração a pulsar-me na garganta, o perfume dela a entrar-me pelas narinas e a impregnar-se-me no cérebro. Tudo o que via à minha frente eram os olhos cinzentos, grandes, intensos, cintilantes, vivos, ávidos. Devo ter-lhe parecido tão abismado como me sentia, porque ela esfregou os polegares no meu rosto em carícias circulares que pretendiam despertar-me e repetiu:

— Preciso que ouça a conversa dos dois e me conte.

— Sim, senhora — gaguejei.

Ela sorriu-me e a minha alma elevou-se.

— Lindo menino. Vá…!

Depois, as mãos dela soltaram-me e precisei de respirar fundo para despertar o meu corpo e mexer-me. O que me pedia não era difícil. Na verdade, o sítio da casa que todos julgavam ter mais privacidade era o mais fácil de espiar. O escritório do Sr. Vaz tinha uma lareira,

a única divisão da casa, além da sala e da cozinha, que tinha uma, mas essa fora adicionada depois da construção da casa e por isso teve de levar uma grelha de ar para o exterior, grelha essa que estava colocada bem alto na parede. Mas havia um castanheiro próximo dessa parede, bem alto e com ramos suficientemente fortes e longos para alguém com vontade de trepar às árvores conseguir

chegar próximo da grelha e ouvir. Bastava que ninguém me visse subir. Os ramos encobriam-me e permitiam-me ficar à escuta durante o tempo que fosse necessário.

Foi assim que soube da partida do Fernando antes de toda a gente, numa conversa do Sr. Vaz ao telefone. Foi assim que soube que o Padre Manuel era amigo da D. Leonor e que ela pedira ajuda a algumas pessoas para que ele ficasse na nossa paróquia, que a Ana se recusara a ir para a universidade nesse ano, apesar das tentativas da D. Leonor para a fazer mudar de ideias, e também que os Vaz tinham tanto dinheiro que eu nem sequer conseguia pronunciar o número.

Deixei a capela, saí a correr pela porta principal sem ouvir o que a Clara me disse quando atravessei a sala, contornei a casa para evitar a cozinha — a minha missão era um segredo com a D. Leonor e não havia lugar para mais ninguém. Ao trepar à árvore, já sentia o orgulho e a adrenalina do momento em que iria poder contar tudo o que estava prestes a ouvir. Os cortes e as *esfarrapadelas* de uma subida noturna e descuidada pelo castanheiro não mereciam atenção. A voz dela foi a primeira que ouvi; não era fácil de entender, invulgarmente rouca para voz de mulher.

— Não viria se não fosse realmente importante! — dizia, defensiva. — A Idalina falou-me que está a pensar em arranjar uma companhia para a sua filha mais nova.

— Sim… é verdade — confirmou o Sr. Vaz, com palavras lentas e voz um pouco mais baixa do que o habitual. Como quando dizia uma coisa enquanto pensava sobre outra. — Sente-se por favor.

— Gostaria de lhe perguntar se poderia considerar a minha filha, a Matilde, para ser essa companhia.

Uma vez mais, ela falava com uma corrente de palavras ensaiadas. Já não gostava daquela mulher.

O Sr. Vaz ficou em silêncio durante muito tempo. Gostava de os poder ver, mas ali, só tinha ouvidos. Não conseguia distinguir sequer o ramo onde estava empoleirado, a noite estava sem lua nem estrelas. Imaginava-o a olhá-la, talvez estivesse a falar-lhe com os olhos, ou a ponderar a proposta, ou a beijá-la! Senti o coração a acelerar e a aquecer-me as mãos geladas.

— Para início de conversa e visto que estamos sozinhos, não faz sentido estarmos com formalismos — disse ele, resoluto. — Essa hipótese foi falada… A Idalina já mo sugeriu, mas… não sei se será boa ideia.

— Porquê?

— Porquê?! — riu-se. — Creio que sabes porquê, não?

— Sei, sim. Só peço que consideres o quanto isso pode ser importante para a minha família. Com certeza já deves ter ouvido *coisas*… e sabes que não tem sido fácil e… o que se passou há muitos anos, o tempo já apagou.

— Apagou… — concordou ele. A voz triste que ouvi, nunca poderia reconhecê-la como sendo do Sr. Vaz.

— Nós precisamos muito e ela ainda mais.

— Vê-la a andar aqui por casa… — Ele fez uma pausa que não percebi, mas que lhe devolveu força à voz. — Pensei em tudo o que a Idalina me disse, até falei com a Leonor sobre essa possibilidade. Ela odiou a ideia! E… talvez não seja realmente uma boa escolha… Tentei convencer-me de que poderia ser, mas…

— Mas…?

— Ela não deixa de ser o resultado de uma traição — desabafou. — Por muitos anos que tenham já passado, o tempo não *apagou*, Piedade, não apagou!

— António, por amor de Deus. Há quase vinte anos jurei-te que nunca te traí e não acreditaste em mim. Hoje, estamos os dois já com cabelos brancos, o Francisco desapareceu, e digo-te novamente, aqui, hoje, cara a cara, que nunca te traí e continuas a não acreditar em mim. Não sei como é possível seres tão teimoso! Eu é que devia estar ofendida! Confiei no que dizias sentir por mim, entreguei-me a ti de corpo e alma e, na primeira oportunidade, fugiste! Sumiste para onde sabias que não poderia encontrar-te. — Ela interrompeu-se. O tom da voz subira e provavelmente receava ser ouvida.

— Não te atrevas a criticar os meus sentimentos, Piedade. Os teus foram tão fracos quanto os meus. Casaste com o Francisco! Que coincidência, não é?! O mesmo Francisco com o qual juraste que não me encornaste.

— Então, é essa a tua prova da minha traição, António Vaz?! — Entraram numa discussão e, pelo tom elevado das vozes, pareciam esquecidos do mundo. Era o lavar da roupa suja de vinte anos e tresandava! — Digo-te que isso não vale nada! O Francisco era o meu melhor amigo… o *nosso* melhor amigo, António. Ele e a Idalina foram os únicos com quem dividi a tristeza que tomou conta de mim quando *fugiste* e depois quando pensei que estava grávida do teu filho. O Francisco aceitou casar comigo para me proteger. Imaginas o que o povo iria dizer quando se soubesse da minha gravidez?! O meu pai! O Francisco esteve sempre ao meu lado!

Fez-se silêncio. E prolongou-se tanto que cheguei a pensar que tinham saído do escritório.

— Pensaste que…

— Sim. Pensei. Já depois de estarmos casados é que me apercebi de que não estava grávida e desesperei com medo do que podias pensar de mim. Pedi à Idalina para te contar o que se passara logo que voltasses do Porto, mas quando isso aconteceu, tu já trazias debaixo do braço a tua *duquesa* grávida e de aliança no dedo.

— A Idalina nunca me disse uma palavra sobre essa história — garantiu, menos seguro, talvez a ponderar se deveria acreditar.

Empoleirado no meu ramo, arqueei as sobrancelhas e acenei com a cabeça em apreciação. Aquilo era uma história do catano. A Maria da Assunção ia precisar das duas mãos para segurar o queixo, quando eu lhe contasse.

— Isso agora também não interessa! — disse ela. — Mesmo que to tivesse dito… de que iria adiantar?

A conversa ficou mais ou menos por ali. Ela voltou a pedir ao Sr. Vaz que desse uma oportunidade à filha — e em todas as vezes, fiz uma careta à ideia, já se tornara como um espasmo nervoso por aquela altura — e, no final, julgo que o Sr. Vaz estava mais recetivo à ideia do que inicialmente.

Procurei de imediato a D. Leonor, que continuava na capela onde a deixara. A pobrezinha devia estar consumida para saber o que aqueles dois trafulhas traidores andavam a conversar nas suas

costas. Eu tratei de me benzer ao entrar e, sem grandes demoras, comecei a desbobinar o que ouvira, tal qual murmurinho de reza e, sempre que possível, palavra por palavra, tal como saíra da boca dos dois.

Acredito que fiz um bom trabalho, pois a D. Leonor nunca me interrompeu, não me pediu para repetir nada, nem sequer um esclarecimento. No final, ficámos em silêncio. A mão dela pegou na minha por um breve instante, talvez para me agradecer, talvez para procurar conforto, não sei, nunca o saberei. Ao ver uma lágrima a descer-lhe pelo rosto é que considerei pela primeira vez o quanto aquela conversa poderia feri-la. Até ali, tudo o que pensara fora em ajudá-la, em lhe dar o que ela queria.

Levantou-se e fiz o mesmo, seguindo-a para fora da capela, sempre pisando onde ela pisava e inspirando narinas cheias daquele perfume limpo que, tal como eu, rastejava atrás dela. Desenhou-me o sinal da cruz na testa com o polegar e subiu as escadas para o andar superior.

Imagino que nessa noite não tenha descido para jantar, fechando-se no quarto, a ouvir a minha voz uma e outra vez, a repetir-lhe a conversa à qual ela conseguia juntar muitos outros detalhes, que me eram desconhecidos. Imagino-o, porque ninguém a viu durante todo o dia seguinte.

Da minha interpretação simplória da conversa, a filha da Piedade estava mais próxima do que nunca, praticamente com um pé posto na herdade, e eu odiava-a, a ela e à mãe, por solidariedade para com a D. Leonor.

Tornava-se óbvio que não poderia desperdiçar tempo com planos. Era preciso estar atento às possibilidades e utilizá-las a meu favor. Nessa noite, quando ia a caminho do quarto para me deitar, passei à porta do quarto do Zé Boi. *Passar* talvez não seja a palavra correta: o quarto dele era a última porta e, por isso, tive de fazer um pequeno desvio intencional. Ele deixava sempre as botas do lado de fora da porta — nem ele aguentava com o cheiro daquilo ao final de um dia de trabalho — e aproximei-me delas, abri a braguilha e mijei-lhes para cima. Mais uma estupidez de miúdo irresponsável que não tinha inspiração para mais.

A minha vingança estava arrumada.

6

Dias depois, acabei por conseguir oferecer o ramo de flores à Clara e ela nem olhou para elas. Estava atrasada para a escola, saiu a correr com uma côdea de pão numa mão e uma maçã na outra — e eu que até tive o cuidado de não colher flores da estufa, para garantir que não feria suscetibilidades ao arrancar alguma favorita.

Depois do falhanço, percebi que dali para a frente deveria passar a tirar um bocadinho de tempo para pensar nos pormenores, especialmente no meu sentido de oportunidade.

A D. Leonor decidira deixar o seu quarto e juntar-se novamente ao resto do mundo. Parecia-me normal, mas decidi tirar partido das flores e deixá-las para ela de qualquer das formas. Pela manhã, a D. Leonor e o Sr. Vaz pareciam estar a experimentar a forma de comunicação predileta da filha mais velha: o silêncio. Ainda me sentia tímido ao olhar para o Sr. Vaz. A ordem da D. Leonor naquela noite, que eu cumprira com tanto agrado, mostrou ter um reverso da medalha. Foi a primeira vez que denunciei um conluio. Até ali, ouvira apenas em benefício da curiosidade pessoal, quando muito, e isso permitia-me uma partilha estratégica de informação com a Maria da Assunção, uma troca de curiosidades pelo prazer do cochicho. O que eu fizera naquela noite, sentia-o como diferente, mas seria errado? Parte de mim talvez sentisse que sim e era essa parte que tornava difícil olhar o Sr. Vaz nos olhos.

No entanto, não conseguia racionalizá-lo e manteve-se apenas uma sensação incómoda. A argumentação que fiz foi a de que cumprira uma ordem, não enganara, não mentira, agira bem. Dispensei a consciência e sosseguei-me assim.

Prossegui o dia com as minhas tarefazitas. Levantar a loiça do pequeno-almoço, espicaçar as lareiras, dar uma olhadela no meu quintal, carregar uns baldes de água para a rega e para a cozinha.

A beleza e a grandiosidade da casa eram antiquadas, mesmo para o seu tempo. O Sr. Vaz não apreciava mudanças e tinha asco a

obras de modernização e manutenção da casa. A herdade não tinha um sistema de canalização que fosse digno de ser chamado de tal; existiam meia dúzia de canos mal vedados que levavam água do lago para a rega de algumas terras, e a casa não tinha nem um. A instalação elétrica era tão antiga e aldrabada que era raro passar uma semana sem que — sem qualquer aviso — ficasse tudo às escuras, por isso as velas eram uma presença em todos os cantos da casa, enfiadas em castiçais impregnados de cera derretida e, nas áreas de passagem, ainda se mantinham os seus suportes metálicos nas paredes. Estas maladias da eletricidade só deixavam o Sr. Vaz ainda mais enfurecido com o que gostava de chamar *invenções da modernice* e alimentavam a desconfiança que nutria por elas. Na minha opinião, ele tinha um tal amor à casa que a ideia de abrir rasgos nas paredes, para passar fios e tubos, era como considerar esventrar o próprio corpo. E por isso, todas as manhãs, eu fazia no mínimo três viagens entre a cozinha e o poço que ficava junto à estufa das flores, um balde em cada mão, equilibrado e a tentar evitar que os salpicos me respingassem os pés. Depois de o depósito da cozinha estar cheio, mais uma viagem extra para reabastecer o da casa de banho. Para os banhos da família, o Zé ou o Fureca ajudavam-me. O meu quintal ficava sempre para o fim, quando me sobrava tempo.

Durante o vaivém esforçado para limitar as perdas de água ao mínimo, pensei na carta que escrevera ao Fernando, no que mais poderia ter perguntado. Escrever uma carta não era como uma conversa, era como falar sozinho, e nisso eu até tinha prática e gosto, mas saber que alguém iria lê-lo, tirava-lhe a graça. A Clara disse que estava boa, e eu acreditava no julgamento dela.

Durante a última viagem apareceu o Fureca, como de costume, depois de o trabalho estar feito. O fuinha! Nunca vi preguiçoso com mais sorte do que aquele. A D. Idalina não me deixava reclamar, mas, acreditem, o velho era um mandrião de primeira. Ele estava na herdade havia muitos anos, quase tantos quanto a D. Idalina, e um dia, cerca de quatro ou cinco anos antes, ao trazer uma vaca do pasto para o curral, ela dera-lhe um encontrão, atirando-o ao chão e de seguida desatou a espezinhá-lo (provavelmente, a pinga a mais

ajudou ao desequilíbrio do Fureca). Diz quem viu e foi acudir-lhe, que o ocorrido não foi assim *tão* grave quanto ele o contava, mas que foi sério. Eu sei, é confuso. Mais confusos ficariam vocês se conhecessem a bicha como eu conhecia; era vaca mansa, ele deve ter-lhe feito alguma e, nesse dia, ela não se ficou. Seja como for, mesmo antes do acidente, já ninguém sabia muito bem o que o Fureca fazia (porque já nesse tempo não fazia nada, digo eu). Depois do acidente, ele passou a mancar, arrastando a perna direita a reboque da esquerda (já se arrastava antes, só se passou a notar mais) e a vaca deve ter acertado no sítio certo, porque volta e meia ele deixava de dizer coisa com coisa. Muitas vezes punha-se a falar sobre «o valor da vida», em descobrir «o que é realmente importante», «apreciar cada dia como se fosse o último», eu não lhe ligava, só parolices. Mas ele fazia a Rosarinha e a D. Idalina rirem-se, e isso a mim basta-me.

— Ó Formiga, vai uma ajudinha? — perguntou, ao ver-me sair da casa com os baldes vazios. Respondi-lhe que não, que já acabara e ele fez uma expressão de desalento de quem não chegou a tempo de comer uma fatia do bolo. — Verão de São Martinho, hã? — disse, olhando o céu azul e o Sol generoso que disfarçava o frio. — O magusto já *'tá* aí!

— Nota-se — disse eu, apontando para o meu nariz. Ele cheirava a pinga que tresandava e ainda nem era meio-dia.

— Homessa! Mesmo?! — Deu um impulso mais enérgico para se pôr a caminhar ao meu lado, o pé que arrastava pelo chão deu dois saltinhos. — Pá! *Atão,* é melhor esperar um bocado antes de ir ver a *Dalina.* —

Ele também achava que estava apaixonado pela D. Idalina (para além das crenças na vida, e de todas as *coisas importantes*, é claro). — Ela *num* gosta, começa logo a mandar vir com um *home.* — Abriu a boca e começou a abanar-se com as mãos para afastar o cheiro. — A carne é fraca… a carne é fraca. Mas *num* podemos perder destes *requintes*.

Quando estava com a pinga, gostava de usar palavras que mais ninguém usava e enrolava a língua com maior vagareza, para ter a

certeza de que conseguíamos percebê-lo. *Nós*, as bestas ignorantes que trabalhávamos e penávamos.

— Sabes que a minha mãe, se fosse viva, hoje fazia anos. É dia de honrar.

Para além de tudo o que vos contei sobre o Fureca, ele também era um grande mentiroso, tão grande quanto mau. Inventava coisas que não lembravam ao diabo. Era capaz de nos dizer que comera carne, quando ainda tinha um prato cheio de espinhas à frente. *Temos de lhe dar um desconto, filho. A bezerra deixou-o com uma faltinha*, dizia-me a D. Idalina. *Sê um bom cristão, meu Formiguinha*. E quando ela me tratava assim, não havia nada que eu não fizesse por aquela boa senhora de bigode e barbichas no queixo.

Mas naquela manhã, a companhia do Fureca até veio a calhar, porque me evitou ter de ir sozinho aos currais. Deixei os baldes vazios e peguei no da lavagem que já deixara a meio caminho. Ainda não me cruzara com o Zé desde a minha pequena vingança e andava a preparar-me para o confronto. Com certeza que ele sabia que lhe mijara nas botas — quem mais poderia ser?! — e só me restava esperar pela reação dele.

Preparara-me. Imaginara várias conversas, várias versões do confronto que iria deixar toda a herdade a falar durante semanas, porque o meu discurso iria ser inesquecível! Estava um pouco nervoso, assustado até; se me permitisse a sinceridade: a roçar o pânico. Mas acreditava que a razão estava do meu lado. Sim, cometera um erro, mas o cão era um inocente que não fizera por mal e, portanto, fora cometida uma injustiça e eu ia dar-lhe voz. O Fureca estava longe de ser a testemunha ideal para o meu ato de heroísmo. Talvez ele nem entrasse na minha lista, uma vez que iria esquecer-se de metade das coisas, distorcer outras e, no fim, provavelmente ninguém acreditaria numa palavra. Mas a presença dele garantia que eu sairia vivo do curral.

— Os ratos! — gritou o Fureca, fazendo-me estremecer. — Ouviste-os ontem? — Acenei com a cabeça que não, sem ideia do que vinha ele a tagarelar. Os batimentos do meu coração estavam a fazer mais barulho do que era suposto e afetavam-me a audição. — Não? Os filhos da puta estão de volta, eu sei!

Vi um movimento e logo que cruzámos a porta do curral (umas tábuas de madeira mal alinhadas e bem pregadas), encontrámos o Zé Boi.

— Ó Zé! E tu? Ouviste aqueles cabrões filhos da puta dos ratos? Dá-lhes uma aragem fresca nas ervas e lá voltam eles. *Num* deixam um gajo pregar olho, hã?! Que filhos da puta!

O Zé não lhe deu mais importância do que o costume (uns grunhidos) e a mim um olhar que me pareceu um pouco mais demorado do que naqueles dias negros em que estava maldisposto.

O meu instinto traiu-me e fez-me baixar o olhar que caiu para os pés dele. Aquelas botas eram as únicas que o Zé tinha; não havia alternativa senão usá-las todos os dias e com as noites frias daquele outono, o mais certo era que não tivessem secado, o mais certo era que tivesse sido obrigado a trabalhar com elas no dia seguinte ainda molhadas de mijo.

As minhas fantasias de confronto não passaram disso mesmo. Ele não me disse uma palavra sobre o assunto e a coisa ficou por ali. Eu sabia o que ele fizera e ele sabia o que eu fizera, e pronto, assunto encerrado. Ou assim pensei na altura.

Os adultos têm uma virtude da qual as crianças nada sabem: paciência.

Apesar de me sentir vingado — o vencedor de um confronto que nunca chegara a existir senão na minha cabeça —, isso não me trouxe o cão de volta.

Ao final dessa mesma tarde, tivemos uma visita surpresa. Digo «*tivemos*» porque, à exceção da D. Leonor, ninguém esperava a chegada do Sr. Luís, o seu irmão mais novo, que cruzou os jardins da frente da casa no seu automóvel preto reluzente e se apresentou à porta com um sorriso afável e uma elegância enérgica. Havia ainda um irmão mais velho que eu nunca conheci; ouvi dizer que visitou a herdade uma vez, pouco depois do casamento da D. Leonor, e não deve ter ficado bem impressionado, pois nunca mais repetiu o feito. O Sr. Luís, pelo contrário, era visita habitual da casa, amigo próximo do Sr. Vaz — o *melhor* amigo, arrisco dizer. Ele emanava a mesma elegância da irmã, mas sorria com mais

facilidade. O charme era a sua maneira de ser, quando falava e usava palavras que eu não conhecia, explicava-me o significado sempre que se apercebia disso, ou tentava-o — bem diferente do pedante do Fureca.

Eu gostava de o ver pela herdade. Toda a gente parecia ter um bocadinho mais de paciência uns com os outros quando ele estava por perto, e nem a D. Idalina falava tão alto. A Maria da Assunção passava os dias a suspirar por ele, deitava-se na cama dele antes de a fazer e esfregava a cara na almofada. Eu achava-lhe graça e ríamo-nos os dois.

— Luís! Que surpresa! — festejou o Sr. Vaz, quando foi recebê-lo à sala. — O que te trás por estas terras tão a norte?

O Sr. Luís sorriu só com metade da boca e o seu bigodinho elegante e claro entortou-se. Pareceu confuso, esqueceu-se de o disfarçar e pegou-o a toda a gente.

— Eu julgava que me tinham chamado… Percebi alguma coisa mal?

— Não, meu irmão, não percebeu. — A D. Leonor materializou-se entre os dois e beijou o irmão nas faces. Eu gostava sempre da forma como ela o fazia, pousando as palmas das mãos sobre o peito dele. Seria para lhe sentir o coração a bater? — Obrigada por nos vires buscar assim tão em cima da hora.

As duas sobrancelhas do Sr. Vaz juntaram-se no meio da testa.

— Buscar?! — Ele partilhava tanto da minha surpresa como da minha indignação. *Onde é que ela ia?* Mas no breve silêncio, pareceu compreender alguma coisa que se recusou logo a acreditar.

— Leonor…? O que se está a passar? — perguntou o Sr. Luís, como se fosse ele o irmão mais velho que pedia explicações.

— O António sabe perfeitamente do que se trata, do que falámos pelo telefone. Só que — ela voltou-se para o marido —, como sempre, não me levou a sério.

Depois, foi um rebuliço! A raposa entrara no galinheiro. Toda a gente a falar ao mesmo tempo, a Clara e a Ana também apareceram, mais confusão, perguntas sem respostas, ninguém percebia nada, e até os olhos silenciosos da Ana pareciam preocupados.

Aqui, devo dizer-vos que nessa manhã — enquanto estava a distraído pelas parvoíces do Fureca —, perdi uma conversa importante entre o Sr. Vaz e a D. Leonor, mas da qual a Maria da Assunção tomou conta do recado e me passou o essencial. E o essencial era que aquela Piedade tinha sido convincente! O Sr. Vaz decidiu pôr a filha dela a trabalhar na casa. Na conversa, a D. Leonor perguntou-lhe sobre o que conversara ele com a mãe da rapariga e questionou-o sobre o que a tornava numa boa escolha para conviver com a Clara. Perante isto, o Sr. Vaz respondeu com uma carrada de mentiras à primeira pergunta, depois com emoção sem conteúdo à segunda, e no final, já se salivava todo de raiva por estar a ser questionado. Disse-me a Maria da Assunção que a D. Leonor lhe voltou as costas e disse que depois do que ouvira só lhe restava ir-se embora e ele gritou «*Vai!*». Tão alto que a casa toda o ouviu.

A D. Leonor, ir-se embora? Seria possível?

A ordem começou a voltar à sala quando a D. Leonor cedeu aos pedidos repetidos do Sr. Vaz para falarem com calma sobre o assunto e os dois foram para a capela. Ao saírem, ele disse-me para pedir à Maria da Assunção para preparar o quarto para o cunhado, porque ninguém ia a lado nenhum, pelo menos não naquela noite.

A Clara parecia a mais perdida entre nós, os perdidos, e tinha motivo para tal. Todos tentavam protegê-la e ninguém lhe contava nada. Deixei o Sr. Luís a acalmar a sobrinha e fui a correr cumprir a ordem, para depois poder… é isso mesmo, como já o imaginam.

A notícia da chegada do Sr. Luís antecipara-se a mim. Na cozinha, toda a gente sabia da presença dele, mas não do motivo de tanta algazarra na sala. A Maria da Assunção, que estava a coser uns botões, queria saber mais a respeito, mas a D. Idalina despachou-a com um «*Mete o nariz no que te diz respeito*». Ela sorriu-me, atirou com tudo o que tinha nas mãos para dentro de uma cesta de costura e foi tratar do quarto para o Sr. Luís. E eu aproveitei o movimento dela para me esgueirar para fora da cozinha, antes que a D. Idalina se lembrasse de me mandar fazer alguma coisa.

O Sr. Vaz e a D. Leonor tinham as suas conversas mais interessantes na capela da casa — naquela altura, pensava que a escolhiam porque lá podiam sussurrar mais à vontade, mas hoje acredito que foi uma escolha estratégica do Sr. Vaz, uma vez que a capela era um espaço que a D. Leonor respeitava, onde se mantinha mais calma por mais tempo e tratava o marido com palavras mais cristãs. Os sussurros não eram incómodos para mim; era um dos meus dons naturais encontrar sempre a acústica necessária.

Num esfregar de olho, cheguei ao ponto de observação no corredor, junto à entrada da capela. O Sr. Vaz parecia estar a perder a discussão, como sempre.

— Não, não, não… não podes levá-la. Que febre te apanhou? Queres deixar-me sozinho nesta herdade?!

Silêncio.

— Falámos que a Ana iria começar a acompanhar os assuntos da herdade… que era hora disso.

— Você disse-o, António. Ninguém concordou com a ideia.

— A herdade vai ser dela, ela tem 18 anos. É agora que…

— Que o quê, António?! — Escapou-lhe emoção, mas abafou-a logo em seguida. — Ela é uma mulher, uma senhora. Deve comportar-se como tal, aprender o seu papel no futuro, e não andar para cima e para baixo atrás de si, montada num cavalo e a cuspir para o chão.

— A herdade vai ser dela e eu não vou estar aqui para sempre. Quem é que…?

— Isso será da responsabilidade do marido dela e, para encontrar um marido, ela precisa de sair daqui.

— Estás doida! Pensas que vou pôr a *minha* herdade nas mãos de um estranho qualquer?! — Esperou resposta, mas ela não veio. — Não tens o direito, nem podes decidir estas coisas sozinha. Ires viver para o Porto?! Levares a minha filha contigo?!

— A *minha* herdade, a *minha* mulher, a *minha* filha… há alguma coisa que não seja propriedade sua? Consegue imaginar que alguma dessas coisas possam não *querer* ser suas?

— Ana, tu queres ir-te embora? — perguntou ele à filha. Eu não fazia ideia de que ela estava com eles e, como não houve resposta, espreitei para confirmar. A Ana estava encostada à parede de azulejos azuis, junto ao altar, de braços cruzados, olhos numa imagem de barro de Nossa Senhora de Fátima e dos Pastorinhos.

— Vai prender-nos nesta casa? É?! — A D. Leonor colocou-se entre ele e uma Ana que continuou em silêncio, a olhar para alguma das muitas flores que decoravam o altar. — Desta vez, vai precisar de usar correntes mais fortes do que as que usou nos últimos vinte anos.

— Estás a levar o assunto a um extremo irracional. Não percebo o que te deu!

— Pare de fingir que aquilo que está a fazer-nos não tem importância. Quer impor-nos a convivência com a filha daquela mulher! Ousou recebê-la nesta casa, debaixo do nosso teto, na minha cara…

— Passaram quase vinte anos!!!

— Não levante a voz! Hoje, não acredito numa palavra que saia dessa sua boca. Só ver para crer. E é simples, é uma escolha: elas ou nós.

— Não me venhas com ultimatos!

Silêncio, silêncio, silêncio.

— Ana, vá acabar de fazer as suas malas — pediu a D. Leonor, numa voz tão baixa que quase não a percebi. — Como pode ver… o seu pai é um homem que sabe bem o que quer, apesar de lhe faltar coragem para o dizer.

A Ana não se mexeu.

— Leonor, pensa bem — falou ele por fim.

Ela voltou-lhe as costas e começou a caminhar para a saída, ombros para trás e queixo para a frente. A Ana na sua sombra.

— Leonor, isto não tem volta! — gritou, o eco a perder-se no pequeno teto abobadado da capela. Mas nem o volume, nem o desespero na voz pareceram comover nenhuma das duas.

Julgo que posso partilhar agora algo que só descobri muito mais tarde sobre aquela conversa. Nenhum dos dois foi verdadeiro no que disse, nem nas suas intenções; se o tivessem sido, teriam

descoberto ali mesmo que ambos queriam o mesmo: serem a primeira escolha um do outro — assumirem que o amor que há muito tinham dado como morto, na verdade não o estava. A teimosia levou a melhor do Sr. Vaz, o medo levou a melhor da D. Leonor, e o orgulho levou a melhor dos dois. Nunca mais conseguiram recuperar daquele grito e daquele voltar de costas.

O futuro reservava-lhes apenas muitas horas a sós, a contemplar um casamento em fotografias do passado.



Nessa noite, a mesa de jantar foi coberta por uma toalha de silêncio e foram raras as migalhas de palavras que caíram nela. Durante o pequeno-almoço da manhã seguinte, a diferença foi pouca.

O Sr. Vaz saiu logo pela manhã a cavalo na companhia do Sr. Luís, imaginei eu, numa última tentativa de conseguir apelar à amizade dos dois e obter do cunhado a ajuda de que tanto precisava para convencer a D. Leonor a mudar de ideias. Mas apesar da grande amizade, no final pareceu-me que os laços de sangue falaram mais alto. A D. Leonor iria partir com a Ana na manhã do dia seguinte, sem data de regresso.

Enquanto deixavam os cavalos na cavalariça, ouvi o Sr. Luís a prometer que iria convencer a irmã a passar o Natal na herdade. E enquanto acamava dióspiros verdes em caixas com palha de azevém para ficarem a amadurecer, com uma vagareza que me convinha, também descobri um pouco mais sobre a história com a Piedade.

— Explica-me melhor isso da morte do homem — pediu o Sr. Luís. — Estava a trabalhar para ti?

Há muito tempo que não morria ninguém nas terras, por isso tinha de ser um acontecimento antigo. Não era comum, mas por vezes aconteciam acidentes na herdade. Quedas do cimo de carroças, esmagamentos.

— Foi mesmo como te disse. Já viste o azar?! Fiz o que julguei correto, atirei para trás das costas o que aconteceu com a Piedade.

O Francisco era um dos meus melhores amigos… pelo menos, era-o antes de se casar com ela, porque depois nunca mais falámos. Eu disse ao Pinto para o manter a trabalhar nas terras, para continuar a pagar-lhe com justiça e tratá-lo como aos outros. E ele foi morrer a trabalhar para mim! Sei lá! Tenho um peso na consciência. Sinto-me no dever de as ajudar. E a filha deles parece que não conseguiu aceitar bem a morte do pai. A miúda está mal desde então, um bocado revoltada e sempre a arranjar problemas. Mas isto não é por ser a Piedade. Sinto-me sempre na obrigação de continuar a amparar as famílias quando estas tragédias acontecem. Pode não ser culpa de ninguém, mas as consequências são duras para todos.

— A minha irmã sabe disto? Falaste com ela para explicares?

— Achas?! Tudo o que se relacione com a Piedade, ela fica logo fora de si! Não há como falar com ela!

— Acredito. Sabe como ser teimosa.

Deixaram as cavalariças e continuei com eles no caminho de regresso a casa. Uns metros de distância de discrição. Depois de uma dúzia de passos, o Sr. Vaz voltou ao assunto.

— E quando te contar como foi… — desabafou, abanando a cabeça como se se recusasse a acreditar.

— Conta lá! — pediu o cunhado, com entusiasmo, pressentindo a vinda de uma boa história. Eu também queria ouvi-la.

— Então não é que… — começou o Sr. Vaz, abanando a cabeça e um pouco indignado — … sem mais nem menos, abate-se uma tempestade, com chuva que apagava até o fogo do inferno, trovoada, relâmpagos, era como o fim do mundo! Mas muitas das pessoas que estavam a trabalhar decidiram continuar como se nada fosse. E não é que um raio lhe caiu em cima?! Morreu na hora!

— É preciso ter azar! — disse o Sr. Luís, alisando o bigode e escondendo o sorriso com a mão. — Digo-te que não devia ser boa pessoa… para os céus o levarem com tamanho dramatismo.

— Não digas isso — pediu o Sr. Vaz, que tentava não se deixar contagiar pelo riso zombeteiro do cunhado. — Em tempos, fomos grandes amigos. — Mas a tentativa não foi suficiente e os dois acabaram por se render às gargalhadas de boca aberta.

Eu também ri, mais por os ver a rir do que por compreender fosse o que fosse do episódio do marido da Piedade.

— E tu, Formiga? — O Sr. Luís voltou-se para mim e fez-me um gesto para que me aproximasse deles. — Como estás a dar-te sem o Fernando?

Encolhi os ombros, escondi o olhar no anel de pedra vermelha no dedo anelar dele e depois lembrei-me de que tinha alguma coisa que podia dizer.

— Escrevi-lhe uma carta.

— Muito bem. Tenho a certeza de que vai ficar contente quando a receber.

Entraram na casa pela porta da cozinha, deixaram umas palavras de cumprimento à D. Idalina e à Rosarinha, e continuaram para a sala, comigo ainda a reboque.

— E como andam as coisas contigo no escritório novo? — perguntou o Sr. Vaz, já na sala.

Fui até à lareira para ver do fogo e me mostrar ocupado.

— Ai, ai… — suspirou o Sr. Luís, espreguiçando-se na poltrona ao lado da do cunhado. — Aquela vida de advogado não é para mim. Muito pouca emoção! Para além de uma ou outra cliente mais *corada*, não se passa nada! Só processos, sessões no tribunal, códigos e mais códigos…

— Já nem o teu grupinho de *camaradas* te entusiasma? — questionou António Vaz, com escárnio. — Perdeu a graça, foi?

— Vá lá, este fim de semana não. Não vais obrigar-me a defender preferências políticas — suplicou Luís Silva. — Conta-me mas é como queres que eu faça as coisas no Porto. A Leonor quer arranjar a casa da vinha…

Os dois puseram-se a falar de obras e dinheiro. Nenhum dos temas me interessava e pouco me ficou na memória. O Sr. Vaz quase sempre respondia às questões do cunhado com um «Faz como ela quiser».

A certa altura, o Sr. Luís sugeriu que convidassem o Padre Manuel para os visitar — sem dúvida para tentar trazer algum ânimo e normalidade ao último jantar em família. As boas intenções dele tiveram bons resultados, porque o Padre Manuel chegou algumas

horas mais tarde e, no final do jantar dessa noite, os pratos ficaram todos limpos, os copos de vinho vazios e só sobraram os ossos da carne que a D. Idalina preparara com as suas mãos prendadas. Quando deixaram a mesa e se distribuíram pelos sofás e poltronas em redor da lareira, que eu guardava com tanta atenção e alimentava de pequenos paus, a conversa corria com tal naturalidade que me espantou. Era notável a compostura da D. Leonor, que até sorriu por duas vezes das gracinhas do Sr. Vaz. A Clara estava radiante pela presença inesperada de mais pessoas, pois gostava de ver a casa cheia e até parecia esquecida do quão vazia iria ficar no dia seguinte.

Mas ainda não vos falei do Padre Manuel, recém-chegado por aquelas terras, cheio de energia e boas intenções para substituir o velho sacerdote que ninguém conseguia esquecer. A D. Idalina dizia que lhe parecia *ser muito bom moço, só que era tão bem aparentado e tão jovem que lhe metia impressão*. A Maria da Assunção partilhava da mesma opinião, mas para justificar precisamente o oposto. Ele era o enviado de Deus na Terra que a D. Leonor redirecionara para a nossa paróquia, graças aos conhecimentos que tinha junto do Bispo. À parte das preferências pessoais de cada um, toda a gente parecia tê-lo em grande estima, pois nunca ouvi ninguém pronunciar uma palavra áspera a seu respeito.

O Sr. Vaz e o Sr. Luís integraram rapidamente o padre na sua amizade e quando os três eram deixados a sós entre uns copos de Vinho do Porto e outros copos com líquidos de várias nuances de âmbar, falavam com gargalhadas até quando discutiam. Eu também gostava muito do Padre Manuel e tê-lo como novo padre trouxe leveza à minha vida.

O antigo sacerdote despertava-me um nervosismo que hoje chamaria de medo. Era um homem muito alto e magro, com costas corcundas, faces encovadas, pele muito engelhada e olhos de galo desconfiado. Bastava ele aparecer na herdade que todos os meus pecados me vinham à memória e pareciam sempre mais graves do que quando os cometera. Com o Padre Manuel, era tudo ao contrário: via-o e a minha alma ficava mais pura, a minha disposição

mais leve, sem precisar sequer de me confessar. Bem melhor! Ele fazia a Rosarinha corar e ela quase nem se atrevia a olhá-lo nos olhos. A presença dele deixava-a encabulada, dizia que era por respeito, mas a Maria da Assunção garantiu-me que era a cara de anjo do padre que afligia a Rosarinha. *Ainda bem*, dizia a Maria da Assunção em voz alta, para atormentar a pobre da Rosarinha. É *sinal de que apesar de pareceres uma mosca morta, existe vida nessa carcaça mirrada!*

Ao jantar, a discussão ganhou vigor quando o Sr. Luís, em mais uma das suas habituais tentativas de provocar o Padre Manuel, retomou as críticas à Igreja. Ele dizia-se ateu e, fosse lá o que isso fosse, era óbvio que a D. Leonor não gostava. Ela, como defensora das tradições católicas, opunha-se às ideias com mais indignação do que o próprio Padre Manuel que, conhecedor do gosto instigador do amigo, se limitava a expressar uns comentários breves e conciliadores.

— O povo fala da boca para fora — disse o Sr. Vaz, fazendo chocalhar o vinho no cálice. — Aos domingos, estão lá todos para assistir à missa. Mas também, que alternativa resta? E à falta de melhor… — Encolheu os ombros.

— Estás a excluir-me do povo porquê? Eu sou o povo — corrigiu o Sr. Luís. — E não me vês a fazer plateia para o Manuel.

— *Padre* Manuel — sussurrou-lhe a irmã. Ela corrigia-o sempre e ele ignorava-a todas as vezes.

— Peço desculpa — disse o Sr. Vaz com ironia para o cunhado. — É que, quando olho para ti, ainda me custa lembrar que agora és comunista. Deve ser a falta da boina.

Todos se riram.

— O capitalismo serve-te melhor! — respondeu o Sr. Luís.

— Olha, a ditadura é que não nos serve e temos de aguentar com ela! — lamentou-se o Sr. Vaz.

— Estamos sempre sob uma ditadura — lembrou o cunhado. — A única diferença é se a vontade que nos é imposta é a vontade de um homem ou a de muitos. A democracia é a ditadura da maioria.

— E o comunismo é a solução?

— Não se trata de solução. — A voz inesperada da Ana fez rodar todas as cabeças na sua direção. — Não podemos olhar para a sociedade como um objeto estanque, para o qual é possível encontrar respostas e soluções definitivas. É um organismo em mutação e sê-lo-á sempre. Os sistemas de organização têm de a acompanhar. As ideologias políticas são cíclicas, sempre imperfeitas. Trata-se apenas de selecionar qual é mais adequada para uma determinada sociedade numa época específica, até que outra menos imperfeita venha substituí-la.

Houve um breve silêncio. Trocas de olhares e sorrisos.

— Sim, nada é para sempre — comentou a D. Leonor, levando o seu cálice à boca e esvaziando o que restava do Vinho do Porto. Os restantes copos seguiram-lhe o exemplo e cantaram saúde! Num coro descoordenado. Todos, com exceção da Ana que, de súbito alheada como se nunca tivesse participado na conversa, se entretinha com uma laranja e tirava agora a pele fina a cada um dos gomos com a ajuda de uma faca afiada, alinhando-os num prato. Pareceu não ter acompanhado mais uma palavra; no entanto, mais tarde, ao permanecer com o Sr. Luís na sala, depois de todos os outros terem ido deitar-se, ouvi-os a conversarem em voz baixa e ela tinha muito mais a dizer acerca do assunto.

Passados alguns minutos, o Padre Manuel levantou-se para se ir embora, despediu-se de todos, demorando-se mais com a D. Leonor. Fiz-lhe companhia até ao patamar da porta principal. Ele voltou-se como se se tivesse esquecido de dizer alguma coisa, olhou o espaço vazio por onde passara ao sair da sala e encontrou-me lá. Sorri, mostrando-lhe o maior número de dentes que consegui. Ele levou dois segundos a reagir, mas acabou por me sorrir de volta e acenar-me ao sair.

Regressei à sala e comecei a ajudar a levantar a loiça da mesa e a recolher os copos deixados na sala. Só restavam o Sr. Luís e a Ana, sentados na mesa pequenina para dois, onde eu e a Clara tínhamos escrito as nossas cartas para o Fernando. Os dois eram próximos; o Sr. Luís parecia ser a única pessoa com capacidade para prender a atenção da sobrinha e fazê-la pronunciar mais de duas frases seguidas. Falavam de coisas totalmente desconhecidas

para mim na altura e ainda hoje um pouco obscuras: arte, literatura, filosofia, ética… e numa linguagem tão intrincada que nem a curiosidade era suficiente para obrigar o meu cérebro

a tentar decifrá-la. As minhas escassas tentativas geralmente terminavam em mensagens fragmentadas, e desse pouco que eu compreendia, nunca sabia o que fazer com ele. Tenho uma lembrança vaga de que, naquela noite, falaram sobre a mudança para o Porto. Era difícil perceber se a Ana era indiferente à mudança ou se estava resignada. A voz dela não se moldava à emoção, era sempre limpa e constante, paciente como a sua presença. Parecia estar à espera, como numa peça de teatro, posicionada junto à cortina até chegar a sua vez de entrar em cena e encher o palco.

O que me recordo com clareza foi de ouvir o Sr. Luís a dizer-lhe que tinha orgulho dela e que estaria sempre ao seu lado. As palavras marcaram-me porque ele falou-lhe como eu nunca ouvira o Sr. Vaz a falar com nenhum dos filhos, nem com a Clara que era a sua favorita; e eu, mesmo não tendo um pai, soube reconhecer que era assim que um pai deveria ser: aquela postura, aquela expressão, aquela mensagem, aquela voz.

No final dessa noite, voltei ao meu quarto de paredes forradas a cartão, com uma melancolia que iria acompanhar-me em muitas das noites que estavam prestes a seguir-se. A casa estava a ficar vazia e sentia-me um bocadinho como ela. As pessoas daquela família eram a minha forma de compreender o mundo. Cresci a admirá-las, usando as crenças e opiniões delas para formar as minhas e desejando para mim aquilo que mais gostava em cada uma delas. A solidez do Sr. Vaz, a retidão da D. Leonor, a bravura do Fernando, a bondade da Clara, e da Ana… dessa, eu ainda estava a tentar perceber.

Entre uma volta na cama, outra e mais outra, pus-me a contar as caricas que estavam cravadas na parede, cada uma com a marca da cabeça de um prego ao centro, a segurarem os cartões que forravam as paredes de tábuas dos barracões. Por entre a minha contagem desconsolada, o dedo parou ao ouvir *aquele* som, a melodia da harmónica. Talvez até estivesse a desejá-la naquele

instante, porque afastei de imediato as cobertas com dois coices e, num assalto de entusiasmo, enfiei os pés descalços nas botas, vesti o casaco e corri porta fora.

O silêncio era a voz da Ana, mas ela tinha som, *aquele* som, a harmónica que se ouvia em noites que ela tornava especiais, quando ia para a varanda do quarto e a tocava para quem dormia.

Eu não dormia, nunca perdia a oportunidade de apreciar a magia, e tinha lugar de honra para assistir ao espetáculo — ficava dois ramos acima daquele que me permitia ouvir as conversas no escritório do Sr. Vaz e um arbusto abaixo da varanda dela. Trepei ao castanheiro quase sem fôlego pela corrida desde os barracões e deitei-me no ramo mais próximo do céu, que se vergava ligeiramente ao meu peso, a um par de metros daquele som.

O meu coração foi-se sossegando para a ouvir e deixei-me ficar de olhos abertos à procura das estrelas nos espaços entre a folhagem, entre os castanhos e amarelos de outono escurecidos para nuances de negros. Havia estrelas e uma lua cheia.

A música da harmónica lembrava-nos uma história de amor que conhecíamos, mas que estava esquecida, e enquanto a recordávamos, o tempo parava um bocadinho e deixava-nos sair de nós mesmos, espreguiçar e inspirar — ouvíamos, recordávamos e voltávamos a nós sempre um bocadinho melhores, sem que ninguém mais o percebesse.

Ela tocava. Eu ouvia.



Na manhã seguinte, acordei cedo com todos os outros. Dormira atento ao mais pequeno sinal de alvorada, e ao primeiro chapinhar de água na bacia do lado de fora da porta, levantei-me. Os olhos da D. Idalina perderam a pouca sonolência que lhes restava ao ver-me ali já vestido.

— Qual foi o santo que caiu do altar?

Eu ri-me, sem dizer nada e, enquanto ela se olhava no espelho pequenino pendurado numa prateleira, aproveitei a água para lavar a cara; estava gelada por ter ficado ao relento e apressei-me a

limpar-me às mangas do casaco de malha. Vi-a concentrada a arranjar o cabelo, comprido e preto. A vela dava-lhe pouca luz ali e não lhe facilitava o trabalho. Penteava-o muito bem para trás, fazia uma trança e enrolava-a em várias voltas dentro de uma pequena rede que depois segurava com ganchos pequeninos. Eu nunca a vira de outra forma.

A Rosarinha saiu do quarto mesmo a tempo de nos irmos embora e quando chegámos à porta da casa, o Zé já lá deixara os cepos grandes de lenha para a cozinha. Eu teria de ir buscar uns mais pequenos para a lareira da sala, mas a vantagem de acordar àquela hora era que não havia pressa para nada.

A D. Idalina ligou o rádio da cozinha e a voz eloquente de um homem juntou-se a nós para despertar a casa. A Rosarinha começou a arranjar o nosso pequeno-almoço, a D. Idalina o da família, e as duas a conversarem sobre alguma coisa corriqueira que não fica na memória, provavelmente sobre o almoço, ou qualquer um dos trabalhos de todos os dias.

O que me recordo dessa manhã é de como estava enérgico e ao mesmo tempo triste. Julgo que foi apenas quando comecei a ajudar a Rosarinha a levar a loiça para a mesa da sala que senti a partida iminente delas. Dentro de algumas horas, restariam apenas duas pessoas.

Eu poderia fazer aquele serviço sozinho em duas viagens. A ideia chegou-me demasiado real e o eco de vazio trouxe-me humidade aos olhos e um aperto na garganta. Precisei de meia dúzia de *pestanejares* para os afastar. *Não era justo!* Não era assim que as coisas deveriam acontecer. Era suposto ficarem todos na herdade, para sempre. *O casamento é sagrado*, é para sempre, dizia-o a D. Idalina. O Fernando, a Clara e a Ana deveriam crescer e casar, e trazer ainda mais gente para a herdade, não abandoná-la!

Quando o Sr. Luís chegou à sala, eu já conseguira passar da tristeza à fúria num punhado de pensamentos. Na falta de outra pessoa com quem falar, ele voltou-se para mim, fez-me algumas perguntas sobre o meu quintal — toda a gente conhecia o tamanho do meu orgulho por ele — e julgo que me fez um ou dois elogios sinceros, incluindo sobre a minha altura que disparara no último ano

e se via na subida das bainhas das calças que fugiam dos sapatos. Ele era desse tipo de cavalheiro, à antiga — que elogia com sinceridade sem esperar retorno — e eu fui respondendo com menos palavras do que ele merecia, mas quando mencionou a importância da minha companhia para a Clara, o meu mau humor foi evidente. E ele, homem inteligente que era, percebeu que o meu problema era de ego e não insistiu no assunto.

— O Padre Manuel? — perguntei, surpreso. Estava tão enterrado na minha miséria que nem me dei conta de como o padre surgira no meio da conversa.

— Sim, o Manuel. Tens notado se ele vem cá a casa com mais frequência nos últimos tempos?

Pensei um bocado, o meu cérebro a redirecionar-se.

— Não… Ele vem sempre almoçar ao domingo. — Ele anuiu, parecia satisfeito. — Só…

Os olhos saltaram de imediato para mim, interessados, e ao ver a importância que o assunto tinha para ele, esforcei-me por ser detalhado.

— Por duas vezes, veio à tarde, durante a semana, para trazer umas coisas… mas não estava ninguém em casa. Uma vez, foram uns papéis para a D. Leonor ler… papéis com letras pequeninas… Outra… hum… Da outra vez, ele não deixou nada, disse que depois falava com ela.

— Não estava mesmo ninguém em casa?

— Não. — Abanei a cabeça. — Não estava.

Ele baixara a voz ao colocar aquela última questão. De que estaria a desconfiar? Que a D. Leonor estivera em casa e se recusara a receber o padre? Que alguém lhe faltaria ao respeito dessa forma? Se o Sr. Luís

soubesse o que eu sabia acerca do verdadeiro Padre Manuel, do homem honrado e virtuoso, do *segredo*, ele ficaria descansado, porque eu nunca permitiria que fosse feita tal desfeita ao homem santo; nem mesmo pela D. Leonor.

Foi este o meu primeiro pensamento sobre as suspeitas do Sr. Luís, mas mais tarde lembrei-me de que a Ana estava em casa e de que os dois tinham ficado à conversa. O silêncio da Ana apagou-a

da maioria das minhas memórias e estas migalhas que hoje consigo dar-vos só estão a aparecer porque as procuro agora com toda a atenção.

No meu segundo pensamento, ponderei se o interesse do Sr. Luís seria não a irmã, mas a sobrinha. No entanto, nunca cheguei a ter oportunidade de lho contar e emendar o meu relato incompleto. A D. Leonor apareceu e os dois puseram-se à conversa, baixando a voz e fazendo o meu interesse disparar proporcionalmente.

— Ainda não entendi onde queres chegar com isto. Se estás preocupada com a possível ameaça desta mulher que, na minha opinião, só existe na tua cabeça, ires-te embora é a última coisa…

— Oh, Luís… Acredita mesmo nisso?! — interrompeu-o. — Não estou preocupada com mulher nenhuma. — Os dois estavam lado a lado, voltados para as labaredas na lareira e esquecidos de mim. — Estou preocupada com a Ana.

— Não tens porquê. Ela só escreveu uns textos de propaganda e garantiu-me que, desde que saiu do Porto, não tem contacto com a resistência.

D. Leonor abanou a cabeça lentamente, como se dissesse que não era a isso que se referia.

— Sinto que alguma coisa está prestes a acontecer… que tenho de a tirar daqui.

— Outra vez com as lendas e as maldições do lago?

Ela suspirou como quem não conseguisse explicar o que era tão óbvio e mais ninguém parecia ver.

— Ainda?! Leonor, tu carregas correntes há mais de quinze anos, atormentas-te por uma parvoíce que uma parteira supersticiosa te disse. Não vês o que isso te tem feito?

Ela continuou sem lhe responder.

— Os teus filhos estão bem, todos eles! Estão saudáveis, fortes… De que precisas para esquecer isso?

— O Fernando…

— O Fernando foi um miúdo que um dia fez uma coisa irresponsável e perigosa — interrompeu-a —, que é precisamente o que os rapazes daquela idade fazem! Se ele quase se afogou, foi uma irresponsabilidade dele. Não foi o *lago* que o fez entrar na água

naquele dia. O perigo seria óbvio para qualquer pessoa, exceto para dois miúdos sem nada na cabeça. E lá porque o irmão do António morreu afogado no lago há dezenas de anos atrás, não é nenhum mau augúrio… Foi apenas um acidente. Só coincidências.

Eu e o Fernando éramos os *miúdos sem nada na cabeça* aos quais ele se referia. O Fernando, na sua busca constante de se provar invencível, e eu, na minha ânsia de me provar digno de estar ao lado dele. A ocasião do seu *quase afogamento* que atormentava a D. Leonor foi resultado de uma brincadeira parva em que um de nós dizia *não és homem, não és nada*… e depois completava a frase com um desafio — normalmente ridículo — que não hesitávamos em fazer. Naquele dia de inverno, eu *não* desafiei o Fernando a nadar até à margem oposta do lago. Estava tanto frio que nunca me passaria pela cabeça sugerir tal coisa; desafiei-o apenas a entrar na água. Ele aceitou-o, descalçou-se e quando os seus pés submergiram nas águas translúcidas, disse:

— Não está assim tão fria. — Sorriu e olhou a margem oposta do lago. De súbito, o sorriso desapareceu e ele mergulhou tal como estava, com roupas e tudo, e começou a nadar.

Lembro-me de que pressenti de imediato na expressão dele que alguma coisa não estava bem, como se certas partes de mim compreendessem coisas que eu não conseguia juntar, nem racionalizar.

Ele começou a nadar e corri para casa a pedir ajuda; inicialmente ninguém me entendeu, mas o meu desespero foi óbvio o suficiente e, quando corri de volta para o lago, houve gente que me seguiu e o Zé entrou para o pequeno barco a remos que costumava estar preso no cais de madeira e remou atrás dele. Ao chegar finalmente perto do Fernando, encontrou-o já tão fraco que teve de saltar para a água para o empurrar para dentro do barco. Até hoje não compreendo o que aconteceu naquela tarde, por isso não posso explicar-vos mais do que os factos que a D. Leonor via como parte de uma qualquer maldição. Das poucas vezes em que falei com o Fernando sobre isto, ele contava-me mais uma das suas histórias fantasiosas, ou dava-me respostas vagas com discursos longos e dispersos que eu não compreendia e tinha vergonha de perguntar

mais. Não era incomum ele perder-se em monólogos, como se deixasse de falar com a pessoa ao seu lado e passasse a pensar em voz alta — pelo menos fazia-o comigo.

— Pode dizer o que bem entender, meu irmão, mas eu *vou* tirá-la desta terra.

— E a Clara? Conseguiste tirar o Fernando da herdade… O António pensa que foi ideia dele… Agora, vão-se vocês as duas embora e, uma vez mais, consegues fazer com que ele julgue que é culpa dele… E a Clara? Não importa?

— Importa, com certeza que importa. Só que agora não há nada que possa fazer por ela.

— À frente do António, estarei sempre a teu favor. Não quero ir contra a tua vontade, mas o que estás a fazer é…

— Necessário — completou.

— Loucura — corrigiu-a. — É por isso que continuo solteiro. Desde pequeno que me metes pavor das mulheres. — Ela riu, um riso que lhe chegou aos ombros, lhe abriu a boca e me fez sorrir só pelo som.

Em poucos minutos, a Clara apareceu e, depois, o Sr. Vaz. A Ana já lá estava sem que eu me tivesse apercebido da sua chegada. Pela última vez nos vários meses que se seguiriam, vi a Rosarinha a trazer o pequeno-almoço para cinco. Mas a mim, naquela manhã, parecia-me um momento que nunca mais se repetiria. Felizmente, não foi o caso.

Passei a manhã num exílio voluntário no meu quintal. Tinha couves, nabos e cebolas para plantar e mexer na terra distraiu-me. A partida delas não tinha nada a ver comigo, tal como não teve a do Fernando, mas sentia-o tanto. Não me decidia entre a tristeza, a solidão e a saudade, ia saltando entre elas; e talvez também um bocadinho de revolta — um reflexo baço de um abandono muito maior do qual não me ficaram as memórias, apenas as cicatrizes —, mas até aos dias de hoje, a revolta não tem grande aderência na carapaça da minha personalidade: ela escorrega facilmente e nunca se aguenta por muito tempo.

Ao início da tarde, elas puseram as malas dentro do carro brilhante do Sr. Luís e, sem grande demora, voltaram costas à herdade. Guardei bem guardada a memória do rosto da D. Leonor nessa tarde, mais bela do que alguma vez a vira, e do seu perfume, do toque das mãos quentes e macias quando me segurou o rosto, me deixou um beijo na testa seguido do sinal da cruz desenhado com o polegar. Ela era sem dúvida uma grande mulher, demasiado, para permanecer fechada naquela herdade comigo e com todos os outros.

PARTE II

7

O que se seguiu à partida delas foi o silêncio. O silêncio pela casa, o silêncio espalhado pela herdade e o silêncio dentro da minha cabeça. A mudança foi tão brusca que me levou a tentar entendê-la. Não era muito dado a reflexões, a minha vida até ali fora bastante simples e óbvia, mas nem assim me passava despercebido aquele novo silêncio. Ao contrário do Fernando, a Ana e a D. Leonor não faziam parte do meu dia a dia, não para o preencherem, não com a importância que ele tinha, por isso como podia aquela nova ausência parecer-me ainda maior do que a dele? Talvez fosse um acumular de ausências, uma pessoa e depois mais duas e lá vão três e ficam menos três. Não era uma explicação satisfatória, mas serviu, porque não consegui ir mais além. As pessoas sentiram a partida do Fernando, e a herdade parecia sentir a partida delas. O lago estava mais triste, as águas azuis e verdes menos brilhantes, e os animais e o resto da natureza seguiam-no por respeito. Nessa primeira manhã, pus-me a deambular entre eles, na minha cabeça iam pensamentos deste género, naquela que talvez tenha sido a caminhada que iniciou a minha adolescência.

Caminhei pela margem do lago, em direção à serra, de costas voltadas para a grande casa de portadas verdes que ficava mais pequenina a cada passo, o cheiro a queimadas no ar.

Um dos extremos do lago tocava o sopé da serra e no encontro entre os dois, havia uma clareira; ficava à distância de uns quinze minutos a pé que podiam ser bem esticados caso a passada fosse vagarosa o suficiente. (Estava a esforçar-me por isso.) Nessa clareira existia uma árvore gigantesca um pouco estranha, cuja beleza dividia opiniões, mas que nunca fora cortada porque não se conhecia outra igual e isso bastava para que fosse estimada. Isso, e as raízes parcialmente submersas que se haviam entranhado não só no lago como na imaginação das gentes. Talvez também na minha, porque quando a avistei naquela manhã, e a vi totalmente despida de folhagem, a minha melancolia atribuiu um significado à

imagem. A queda das folhas não era justificada pelo outono, pois ela perdia folhas sem nunca ficar totalmente despida, como uma senhora bem-educada. Mas a senhora perdera de súbito a vergonha, toda a sua roupa caída aos seus pés. Caminhei sobre o manto de folhas caídas, todas elas verdes e frescas, ainda com gotas de orvalho que as faziam cintilar.

Sentei-me, costas aconchegadas no encosto do tronco, e logo que me juntei a ela, depressa esqueci a busca de um significado para a imagem que era bela, imperfeita e indiferente.



Lembro-me de tudo sobre o meu quarto: cama de ferro pintada de verde, colchão de palha, lençóis com flores coloridas, cobertor castanho com rebordo, colcha de renda branca, chão de tábuas de madeira, teto de tábuas de madeira, quadro da Última Ceia e crucifixo na parede forrada a cartão, uma cómoda de madeira escura com quatro gavetas e um naperão, em cima do qual estavam três dos meus brinquedos preferidos, um *cowboy* sentado no seu cavalo, um saco de berlindes e um baralho de cartas. As últimas, ainda lhes dava bastante uso, pelo menos até o Fernando ter-se ido embora.

Inicialmente, o espaço fazia parte do quarto da D. Idalina, mas quando cresci surgiu a necessidade de colocar umas tábuas a dividi-lo em dois. Ela começou a aperceber-se de que eu a olhava com demasiada atenção enquanto trocava de roupa.

Apesar de ser um espaço muito pequeno e de não haver nele muito para recordar, era meu, o único espaço na herdade com telhado e porta no qual eu sentia estar onde pertencia. Era o meu lugar. Por tudo isto, é fácil imaginar o meu desgosto quando soube que iria perdê-lo para aquela Matilde. Era esse o nome dela, a filha da Piedade.

Matilde. Comecei a odiá-la e acabei a apaixonar-me.

Ela cruzou os portões da herdade e invadiu a casa poucos dias depois da partida da D. Leonor e da Ana. Logo pela manhã, depois de a Clara sair para a escola e antes de o Sr. Vaz sair para a ronda

que fazia pelas terras, o sino da porta principal tocou. Antecipei-me a ir abrir — um hábito que me mantinha sempre ao corrente das idas e vindas — e lá estava ela. Os meus olhos esbugalharam-se e alguma coisa invisível me deu um coice no estômago e me pôs o coração a correr e me roubou o cérebro e me paralisou a língua, porque ali, frente a frente com ela, não me saiu nem fôlego nem palavra, mas quase, quase, um vómito.

— Olá, sou a Matilde — disse ela. Eu ouvi, não compreendi, mas decorei.

— O que estás tu a fazer?! — A voz desagradada da D. Idalina veio das minhas costas, pela primeira vez a recriminação não era para mim. Ela enxotou-me para o lado e puxou a Matilde para dentro pelo braço. — A tua mãe não te disse que era para dares a volta à casa pela esquerda e entrares na primeira porta que visses?

A D. Idalina apressou-se a arrastá-la consigo e a Matilde voltou-se para mim, sorriu-me e piscou-me o olho. Fiquei sozinho no patamar, as pernas paralisadas e o cérebro ainda sem vontade de as fazer mexer. Ouvi o Sr. Vaz a dar-lhe as boas-vindas, a dizer que a Clara voltaria no final da tarde e que a D. Idalina iria mostrar-lhe a casa e explicar o que deveria fazer. Ele soou um pouco estranho, despediu-se com mais palavras do que o necessário, um pouco atabalhoado, e repetindo-se. Quando passou por mim ao sair, o meu corpo voltou a funcionar.

— Só trouxeste isto? — perguntou a D. Idalina à sobrinha. A Matilde olhava com atenção em redor da sala, interessada em cada pormenor e visivelmente a gostar do que via. Ela anuiu em resposta. Trazia um saco de serapilheira concebido para albergar batatas, mas que a criatividade de alguém adaptara, forrando-o para o tornar mais digno.

O deslumbramento dela justificava-se: a casa era linda, toda ela, e a sala era o culminar dessa beleza a que já me habituara.

— Formiga! — O grito sobressaltou-me. A D. Idalina farta de chamar por mim sem ter uma reação.

Os meus olhos tinham ficado colados aos cabelos escuros e brilhantes da Matilde, e ao nariz ligeiramente curvado que levava a

atenção para os lábios cheios abaixo dele. Apeteceu-me trincá-los e foi estranho.

— Hã…?

— Valha-me Deus! Leva o saco da Matilde para o teu quarto.

Ela estava a olhar para mim, a sorrir para mim. *Para mim*. Subiram-me os calores e senti-me a transpirar, os sovacos molhados, as mãos pegajosas, a respiração de um cão velho.

— Formiga! — A D. Idalina estava a perder a paciência.

— Hã…?

— Ai um *rais* me parta! Faz o que te mandei e não te esqueças de falar com o Zé, para te arranjar um pouso no quarto dele.

As duas continuaram pelo corredor que levava até à capela e à salinha da renda. Peguei no saco e fui fazer o que me foi mandado.

Ao passar na cozinha, a Rosarinha disse-me qualquer coisa, a voz um pouco preocupada, mas do sítio onde estavam a minha mente e o meu espírito, só ouvi um som distorcido. Cruzei a porta para o exterior e a paisagem nunca me pareceu mais bela. O manto relvado a descer até ao lago, a serra que parecia nascer das suas águas. Olhei em volta: a estufa das flores, envidraçada e colorida, o cercado das cavalariças e os cavalos a movimentarem-se, elegantes e perfeitos. Que estranheza! Voltei-me, segui pela direita, na direção dos barracões. Os meus olhos abriam e fechavam, lentos pela luz forte do Sol. Um gato dormia com a mesma preguiça em cima de um atrelado.

Que estranheza aquela.

Deixei o saco com as coisas da Matilde no meu quarto e nem me lembrei de espreitar o que continha, pegar numa peça de roupa para a cheirar, ou das muitas coisas que uma pessoa apaixonada poderia fazer. Era a minha primeira experiência, era de esperar alguns erros, e este foi insignificante entre tantos que estavam para ser cometidos.

Continuei caminho para os currais e encontrei o Zé a mudar a palha nas gaiolas dos coelhos.

— A sobrinha da D. Idalina chegou — disse-lhe. — Chama-se Matilde.

Precisava de o dizer em voz alta. Soube-me bem. Sorri. Ele estava de costas voltadas e continuou a trabalhar como se ninguém tivesse chegado ou falado.

— Esta noite, já vou ficar no teu quarto. — A minha voz provavelmente a expressar o desagrado sentido por ambos. — Arranjaste a cama? A D. Idalina quer saber.

Ele abanou a cabeça como um dos jumentos que estavam no fundo do curral. Suspirei resignado. Era pela Matilde, ela merecia o meu sacrifício. De um instante para o outro, dar-lhe o meu quarto parecia-me uma honra. Quando já estava a ir-me embora, ele assobiou e voltei-me.

— Diz à D. Idalina que vou precisar de ti à tarde — disse.

Soltei mais um suspiro ao retomar o caminho. Tudo me parecia dramático. Os trabalhos com o Zé Boi não deixavam memórias agradáveis. Se o Fernando ali estivesse, até poderia encontrar uma forma de me escapar, mas não havia Fernando na herdade e a Clara teria agora a Matilde. *Matilde*.

— Ei! Formiga! — Vi o Fureca a esbracejar ao longe. — Anda cá, cachopo!

Trazia uma espingarda na mão e quando cheguei perto dele estava a encher os bolsos com cartuchos.

— Queres vir comigo caçar raposas? Ainda ontem vi uma filha da puta a espreitar na cordilheira. Na semana passada, chumbei umas três! — Provavelmente, mentira. — Se não fosse eu andar sempre d'olho nelas, já nos tinham dado conta da criação toda.

Definitivamente mentira. Eu só tinha memória de uma raposa avistada perto da clareira, mas o Fureca passava dias inteiros enfiado na serra atrás de raposas e lobos que só ele via. Eu desconfiava que fazia era umas belas sestas pelo mato!

— A sobrinha da D. Idalina chegou.

— Qual delas?

— A Matilde.

— Que é que essa quer?

— Ela vem trabalhar na herdade, não sabias?

— *Num bem* nada!

— Juro.

— *Num* jures que isso dá sempre para o torto!

— Mas ela veio mesmo.

Ele soltou uma gargalhada e uns perdigotos.

— Ai, ai… A Matilde?! Trabalhar?! Ah! *Tou pa ber* essa!

Não apreciei o tom dele, mas fez-me perceber de que sabia pouco ou nada sobre ela.

— Tu conhece-la?

— Oh, pá! *Num* conheço eu outra coisa.

Passou a mão pelos poucos fios de cabelo que lhe restavam no topo da cabeça e puxou para trás das orelhas os compridos cinzentos que a contornavam como a peruca de um dos palhaços deprimidos entre as marionetas da D. Leonor.

— Aquilo é bicha brava! Uma altura em que trabalhou ali na tasca pôs-se ao alto comigo no balcão e chimpou copos que havias *d'a* ver!

Encolhi os ombros, desinteressado. Eram só mais parvoíces do Fureca.

— *Atão*? '*Bora* lá? — perguntou, apontando para a serra com um gesto de cabeça.

— Tenho coisas para fazer.

— Tu é que sabes, moço.

E então lembrei-me.

— Fureca, tu ainda tens duas camas no teu quarto? — Ele anuiu, atirando com a espingarda para cima do ombro. — Posso ficar lá?

— Quê?

Expliquei-lhe a situação dos quartos com a vinda da Matilde.

— Sim, sim… Encosta-te por lá se queres, moço. Se fosse a ti, também não via com bons olhos dormir com o Zé Boi… — Baixou a voz. — Sabes que ele tem a febre do sangue. — As minhas sobrancelhas mostraram a minha confusão. — Tu não o vês quando mata os bichos? '*Tá*-lhe nos olhos… — Aproximou a cara da minha e arregalou os olhos raiados, atirando-me com hálito a vinho azedo. — Repara nos olhos dele, repara. — Afastou-se de repente, fungou e escarrou para o chão. — Já *benho*.

Voltei para a cozinha e o aroma a sopa de feijão limpou-me as narinas. Estava indeciso quanto ao meu futuro alojamento, qual dos

dois males seria o menor? O Zé Boi? O Fureca?

De mangas arregaçadas até aos cotovelos e bochechas pintadas pelo calor do fogo, a D. Idalina estava tão atarefada com os almoços para as terras que nem reparou em mim. A Rosarinha fez-me um sinal com a mão para que me aproximasse e tirou um bocado de queijo de debaixo de um pano e deu-mo em segredo. Enfiei-o de imediato pela boca adentro e sorri. Lembrei-me da Matilde e olhei em volta, mas não estava por ali. Teria ido para o quarto? Talvez nos tivéssemos desencontrado enquanto eu falava com o Fureca. Mas antes de poder perguntar por ela, apareceu como se me tivesse ouvido, vinda do interior da casa. Os nossos olhares cruzaram-se e sorriu-me. Eu queria sorrir de volta, mas tinha queijo colado nos dentes.

— Tu é que és o Formiga! — disse, passando-me a mão pelo cabelo. *Estaria despenteado?* — Ouvi muitas vezes a minha tia a falar de ti.

Tinham dito que ela era da mesma idade que a Clara, mas parecia-me mais velha, não por uma diferença no contraste físico entre as duas, talvez fosse a expressão nos olhos, a postura. Mesmo sem saber ainda como classificar a confiança numa mulher, já conseguia reconhecê-la.

A Matilde estava a falar sobre algumas das minhas peripécias que a D. Idalina contara à família — como o verão em que me recusei a vestir roupas e mal ela voltava as costas, eu já me tinha posto a nu —, quando o Sr. Pinto apareceu e tomou conta da cozinha com a sua gargalhada rouca.

— Eu tive de vir e ver com os meus próprios olhos! A minha sobrinha preferida na herdade!

A Matilde saltou do banco e foi abraçar o homem sorridente de boina e barba grisalha.

— Bons olhos te vejam, meu irmão! — disse a D. Idalina. E a energia dele mudou a cozinha, dando-lhe uma jovialidade.

O Sr. Pinto não vinha muito à casa. O trabalho dele era sempre nas terras e na época das plantações, como era aquela, ainda o víamos menos. Ele garantia que tudo era semeado e colhido na altura certa, no sítio certo, e que havia mãos suficientes para o

fazer. Era quase tão velho como a D. Idalina, mas não se queixava nem dos ossos, nem das costas, nem dos olhos. Tinha uma fissura vertical no lábio que o abria até junto do nariz e via-se-lhe sempre um bocado dos dentes, isso não parecia incomodá-lo e a barba grande disfarçava. Ele também era bombeiro, tinha um uniforme azul que me mostrou a certa altura. Eu chamava-lhe *Pintarolo*, não sei porquê, mais ninguém lhe chamava assim. Talvez resultado de uma qualquer brincadeira que toda a gente já esquecera.

Tio e sobrinha separaram-se.

— Como arranjaste este milagre, *Dalina*?

— Nem me fales… nem me fales — murmurou a D. Idalina, dando mais uma volta na comida com a colher de pau. A minha boca já a salivar-se toda. Feijoada, era a minha comida favorita. — Só espero que ela dê valor! — disparou a voz, com a colher erguida e a pingar molho para o chão. — Pela confusão dos diabos que deu!

Ele passou as mãos fortes e escuras pelo cabelo espesso da Matilde, a pele calejada e gretada, e beijou-lhe a testa.

— Ela dá. É uma boa menina.

A Matilde riu-se e eu invejei-lhes a proximidade. Os meus olhos permaneceram nela, incansáveis na análise de tudo o que era.

— O Sr. Vaz veio contigo? — perguntou a D. Idalina.

— Sim, entrou pela frente. Não está muito bem-disposto hoje.

— Ninguém anda bem-disposto nos últimos dias — murmurou a Rosarinha. Estava a espalhar os pratos pela mesa e ninguém pareceu ouvi-la.

— Formiguinha! — Ele pareceu só ter reparado em mim naquele instante. Deu-me um aperto de mão demasiado forte e, como sempre, os meus dedos foram esmagados uns contra os outros como numa prensa. — Ah! Ah! — Riu alto. A fissura no lábio a abrir. — Quando é que me vens ajudar? O lugar de um homem é em cima de um cavalo, não é enfiado na cozinha com as mulheres. Ó *Dalina*, tens de enxotar a cria da bainha da saia.

— *Deixó tar* aqui que *tá muto* bem… Quero este debaixo d'olho por mais um tempo.

Enquanto a conversa decorria, ele continuava a apertar-me a mão, por fim lá desisti e queixei-me.

— Au!

Ele riu-se satisfeito, e largou-me. Com a Matilde ali, esforçara-me ainda mais para aguentar o máximo tempo. Mas o aperto dele era invencível.

— O truque é deixares a mão mole — sussurrou a Matilde, que se sentara novamente junto a mim. — Se deixares a mão mole, dói muito menos. — E piscou-me o olho e sorriu-me e eu perdi-me outra vez. Em meia dúzia de horas, passei a viver para ver aqueles dois gestos.

— Como convenceste a Piedade? — perguntou o *Pintarolo,* já sentado no banco da testeira e a cortar um pedaço de broa.

A hesitação da D. Idalina puxou-me a atenção para ela. A Matilde também pareceu interessada.

— A Piedade quer o melhor para a filha… acima de tudo… Não havia outra coisa a fazer.

Ele riu-se e balançou a cabeça.

— Se conheço a nossa irmã… oh, que bem foi preciso mais do que isso… — E ao encontrar os olhos atentos da sobrinha postos em si, interrompeu-se.

— De que estão vocês a falar? — perguntou a Matilde, depois de ter esperado que ele continuasse.

A colher de pau parou de mexer a feijoada na panela de ferro de três pés. O *Pintarolo* continuou a mastigar. A Rosarinha corou até à raiz dos cabelos.

— Sabes que a tua mãe sempre quis que estudasses e saísses daqui, filha — acabou por responder a D. Idalina, mas foi tarde demais para conseguir abafar as suspeitas da sobrinha.

— A vida do campo é dura, mas é boa! — regozijou-se o *Pintarolo*, a tentar ajudar a irmã.

Era óbvio que estavam a desconversar. A Matilde parecia ignorar a história entre a mãe e o Sr. Vaz. Olhou para mim e já não havia sorriso nos olhos negros, que assustaram os meus para o chão.

— *Pintarolo*, há dióspiros? — perguntei, na minha pequena contribuição para distrair a Matilde.

Era o meu fruto preferido e, ironia do destino, as únicas árvores que existiam na herdade estavam muito longe, perto do moinho de

água e eu raramente lá ia no tempo frio. O sítio era um destino maravilhoso para caminhadas longas de final de primavera.

— Sim, sim, depois peço para vos trazerem alguns.

— Manda pelo Fureca se o vires. Ele foi para a serra hoje.

— Oh, Santo Deus! O que foi essa alminha fazer para a serra, quando lhe pedi para me encher aqui a caixa com lenha?! — A D. Idalina bufou e começou a encher as marmitas com comida. — Agora, ainda vou ter de dar mais trabalho ao pobre do Zé.

— Ele não pode — disse-lhe, lembrando o calvário que me esperava nessa tarde. — Já me pediu para a avisar de que vai precisar de mim para ajudar à tarde.

A D. Idalina bufou outra vez.

— Esse Zé é aquele Zé que… — começou a perguntar a Matilde.

— Sim, é ele — confirmou a D. Idalina, irritada e enxotando o assunto.

Pensei que estavam a referir-se ao episódio do boi, mas não era.

— Eu trato-te da lenha antes de ir embora, mulher! Acalma-te que ainda te dá o fanico!

Ela ignorou-o e voltou-se para mim.

— Vai dizer ao Hipólito que as marmitas já estão prontas.

Deixei a cozinha e fui à procura do Sr. Hipólito. Era um senhor muito idoso, de cabelos brancos como a neve, tão silencioso como o Zé e tão discreto que era quase invisível, como a Ana. Caminhava com dificuldade e julgo que não falava porque lhe custava pela falta de dentes. A velhice já o apanhara havia muito tempo e deu conta dele dos pés à cabeça, mas o Sr. Vaz nunca teve coração para o mandar embora. Ajudava no pouco que podia. Era uma espécie de motorista, só que em vez de carro, tinha carroças e charretes. Levava a Clara de manhã à escola e ia buscá-la à tarde. Ao meio-dia, levava os almoços às terras. O Sr. Vaz fazia questão de dar almoço aos empregados — a D. Leonor lembrava-o sempre de que ele já lhes pagava mais do que os donos das terras vizinhas, e ele lembrava-a sempre de que não desse palpite no assunto porque não lhe dizia respeito. Estas eram as duas tarefas do Sr. Hipólito e do jerico que lhe puxava a carroça, tão velho quanto ele. A Clara, que era quem mais tempo passava na sua companhia, adorava-o ao

ponto de dizer que era o avô que não tivera; às vezes contava-me as histórias que ele lhe contava no caminho da escola e sou obrigado a admitir que era difícil não gostar de uma pessoa que contava tantas histórias, todas elas incríveis e mágicas; onde as ouvira, ele nunca o revelou. O Sr. Hipólito mantinha-se à distância de toda a gente — eu não sabia o porquê e também nunca tive interesse em descobrir. Dormia na sua casa da aldeia e, durante as refeições que só no pico do inverno partilhava connosco à mesa da cozinha, era como um fantasma simpático. Um fantasma simpático que naquele dia eu demorei a encontrar, até que fui dar com ele junto à cerca das cavalariças, deitado no chão com o seu jerico, ambos de olhos fechados e — como pude confirmar ao aproximar-me — ambos mortos.

O fim da vida do jerico e do Sr. Hipólito agitaram as orelhas da herdade nesse dia e arrancaram uma expressão de incredulidade do Sr. Vaz e uns suspiros de meia dúzia de pessoas; no dia seguinte, já se juntava às outras histórias, as muitas que alimentavam as lendas. Para a Clara, no entanto, a sua sensibilidade de espírito não lhe permitia ver a morte com tal leveza; ela tinha o mau hábito de valorizar tudo e todos que a rodeavam, de reconhecer as bênçãos e querer retribuí-las, de acreditar no melhor das pessoas e da vida. O Sr. Vaz, que sabia tudo isto sobre a filha, fez questão de ir buscá-la pessoalmente à escola nessa tarde e contar-lhe o sucedido. Ao chegar à herdade, os olhos dela estavam inchados, as pestanas ensopadas e o rosto avermelhado, e mesmo assim, a beleza de todos os dias só se acentuava pela tristeza. Todos os olhos na cozinha se voltaram para a figura insegura dela, que o Sr. Vaz encaminhava ao seu lado. A Matilde estava curiosa e quando o olhar das duas se cruzou, a Clara passou novamente o lenço pelo rosto, tentando mostrar-se mais apresentável. Com certeza que o pai já a alertara para a chegada da Matilde, talvez até como um contrapeso positivo na balança de más notícias.

— Oh, Clarinha! — A Rosarinha abraçou-se a ela de imediato. No que tocava a lágrimas, as duas encontravam sempre o ombro perfeito uma na outra. No gesto, os esforços de compostura da Clara esfumaram-se em nada e as duas choraram.

O Sr. Vaz e a D. Idalina olharam-se, ele abriu os braços e encolheu os ombros num silencioso *o que se há de fazer com estas duas?* E ela pousou as mãos nas ancas e começou a bater o pé.

— Vá! Vá! — disse firme, a pôr fim à choradeira das duas. — Deixem-se disso! Logo à noite, fazem umas rezas pela alma dele antes de dormirem. Vai servir-lhe de muito mais. — Pôs-se entre as duas, espantando também o abraço. — E velas! Acendam uma vela para lhe iluminar o caminho.

Ao meu lado, a Matilde levantara-se do banco, mas continuava a observar com a mesma curiosidade distante.

— Clarinha, anda cá, meu *'mor* — pediu a D. Idalina, colocando-lhe um braço em redor dos ombros como um laço. — Esta é a Matilde. É minha sobrinha e vai ficar aqui na herdade, como já sabes, filha.

Ainda a assoar-se e a limpar os olhos enquanto era levada pela D. Idalina, a Clara apercebeu-se da presença da Matilde, de pé em frente a si, como um susto, daqueles que já estamos à espera, mas mesmo assim nos fazem estremecer. Limpou uma vez mais o rosto, num lenço que devia estar ensopado e esforçou-se no seu melhor sorriso.

— Bem-vinda.

— Obrigada.

A Matilde não pareceu preocupada com aparências e mostrou a mesma expressão vazia, salgada com uma pitada de curiosidade.

— Estava aqui a pensar — disse o Sr. Vaz para a D. Idalina. — Se a Matilde se der bem com cavalos, ela podia levar a Clara à escola. Que dizem? — perguntou, dividindo o olhar entre as três. Elas olharam-no, cada uma com uma opinião diferente, nenhuma com vontade de correr o risco de a exprimir.

— Boa ideia! — disse a Matilde, de súbito e com um entusiasmo que me deixou tonto. A cobardia das outras duas obrigou-as a apoiar a ideia. Eu não entendi nem o interesse de uma nem a apreensão das outras duas. Mas o tempo iria esclarecer-me.

Lembro-me de que a Clara disse algumas palavras simpáticas à Matilde, alguma coisa no espírito de «*espero que gostes da*

herdade», «*estás entre amigos*» e depois desapareceu para o quarto.

— Ela parecia estar mesmo triste — comentou a Matilde com espanto, quando ficamos novamente apenas nós, a Rosarinha e a D. Idalina na cozinha.

— Ela gostava dele. Contava-lhe histórias — disse eu.

— A sério? Isso era muito… simpático. — E o sorriso dela estava outra vez posto em mim e deliciei-me como um gato ao sol.

Sentados lado a lado no banco corrido, dediquei-me a contar-lhe tudo o que sabia sobre o falecido, esticando cada pormenor, e com eles, a atenção dela em mim. Era maravilhoso como os seus olhos escuros dançavam, como as pálpebras pestanejavam ao ritmo certo e como eu conseguia invocar-lhe sorrisos com as minhas palavras.

O tempo ganhara uma nova velocidade, mais rápido, ou passou a existir pela primeira vez, provocado pela descoberta da existência dela, e pela sua presença.

À noite, apercebi-me de que me esquecera por completo do meu dilema do quarto novo: Zé Boi ou Fureca? Imaginem-se a ter de fazer tal escolha!

Eu não era o único com problemas no que respeitava à dormida. A Matilde não ficou entusiasmada com a ideia de ficar no meu quarto e, quando soube que havia uma empregada que dormia na casa, não se conteve em expressar a sua vontade de ter o mesmo direito.

— Tu não tens nada a ver com a vida dos outros, tens com a tua! — disse a D. Idalina, tentando manter a voz baixa quando a conversa começou a resvalar para discussão.

— Se o meu trabalho aqui é fazer companhia à filha do patrão, eu é que devia dormir naquele quarto, não a empregada da limpeza.

— Foi a D. Leonor que a pôs lá e não vou ser eu quem vai mudar…

— Mas ela nem vive cá mais! Quem está fora racha lenha!

Deu-me vontade de rir ao imaginar a D. Leonor a rachar lenha e isso valeu-me um valente cachaço da D. Idalina, que me arregalou os olhos.

— Matilde… — Ela respirou fundo. — Filha, não comeces a levantar problemas. Tu mal chegaste. Baixa a crista e faz o que te mandam.

— A Clara está triste. E se quiser falar a meio da noite? — perguntou a Matilde, em sussurros. — Vai até ao barracão, é?

— Não sei, Matilde! Mas foi assim que ficou resolvido. Talvez depois se mude, está bem? Não digo que não tens razão. Vemos isso depois, sim? Estou cansada, as minhas costas estão a matar-me. Vamos lá deitar!

A Matilde rendeu-se com relutância e lá fomos os quatro a caminho do barracão. A Rosarinha, ainda abraçada à sua tristeza fúnebre como uma almofada nova para a cama, ficou logo na primeira porta; a D. Idalina e a Matilde nas duas seguintes; e eu continuei, ainda a pensar onde raio iria dormir. Parei em frente à porta do Zé Boi e olhei para as botas dele à entrada, dei meia-volta e voltei para trás até ao quarto do Fureca. Afinal, a escolha não era assim tão difícil.

8

Na manhã seguinte, deixei sem sacrifício a cama que me era estranha. O entusiasmo de ver a Matilde comandava agora a vida e tornava tudo mais ligeiro. Sentei-me à mesa da cozinha e tomei o pequeno-almoço mais devagar do que nunca — a Matilde, em frente a mim, enquanto eu lhe conhecia o rosto ensonado. Não era tão bonita pela manhã: o cabelo parecia mais baço, as sobrancelhas mais descidas e juntas, um inchaço que lhe tornava o nariz demasiado pequeno para o rosto. Apenas os lábios eram belos como os recordava do dia anterior.

— … queres vir?

— Hã? — Eu só apanhara as últimas duas palavras.

— Queres vir comigo levar a Clara à escola? Assim fazes-me companhia na viagem de volta.

Sim, eu queria!

— Não — respondi, dando atenção à caneca vazia à minha frente. — Não posso. Tenho de tratar da *Medusa* e o Zé Boi tem trabalho para mim.

— Formiga! Não chames isso ao homem! — recriminou-me a D. Idalina.

A Matilde riu-se. Eu ri-me com ela.

— Parem os dois! — A D. Idalina apontou-nos a faca com que estava a descascar batatas para o almoço, mas via-se o sorriso nos olhos dela quando desatámos os dois a rir.

— Quem é a *Medusa*? — perguntou a Matilde.

— A égua do Fernando. Sou eu quem trata dela, enquanto ele está fora — disse, com orgulho. — Dou-lhe guloseimas e escovo-a todos os dias.

— Vai-te embora que a Clarinha já deve estar despachada — disse a D. Idalina para a sobrinha. — Ontem, pedi ao Zé para te pôr a charrua lá à frente. Quando voltares, quero que vás agradecer-lhe. Ele tem trabalho que lhe baste! Devia era ter-te feito a ti tirar o cu da cama mais cedo!

A Matilde levantou-se e, antes de ir embora, foi até junto da tia para lhe dar um beijo que lhe estalou na bochecha. Fiquei estarrecido a olhar na direção em que ela desapareceu de seguida, até que a D. Idalina também me enxotou para fora da cozinha.

No dia anterior, com a morte do Sr. Hipólito, o Zé Boi foi encarregado de dar destino aos corpos, tanto o do animal como o do homem. Quando se tratava de morte na herdade, era ele quem tratava do assunto, e por isso fui dispensado do trabalho que me destinara. Mas o trabalho esperava-me pela manhã. E com a eloquência do costume, o Zé Boi orientou-me com um empurrão para o fundo dos currais, até um compartimento vazio de bichos e cheio de estrume.

— É *pa* tratares.

Numa situação normal, ele voltaria as costas para continuar o seu trabalho, mas nós sabíamos que ali não era o caso. Pousou os punhos nas ancas e olhou-me; obviamente queria presenciar a minha cara de idiota enquanto ponderava o meu dilema. Opção um: voltar costas e ter de explicar à D. Idalina por que razão o Zé Boi me tinha posto a limpar os currais. Opção dois: pegar na forquilha e pôr mãos à obra. Nem a minha imaginação conseguia visualizar um cenário em que a D. Idalina — ou qualquer outra pessoa que soubesse que eu decidira mijar para cima das botas dele — compreendesse a minha vingança. Mas, na altura, parecera-me uma ideia tão boa.

Olhei para ele e depois para o curral. Era muita merda junta. Uma manhã de trabalho. Peguei na forquilha e comecei. O mau cheiro tão intenso que me fazia arder os olhos e me deixava zonzo. Mas estava com uma boa disposição desconhecida e inabalável. Assim era a força do amor, a levar-me pelo meu calvário. Bocado a bocado.

Lembro-me de que evitei regressar à casa nas horas seguintes a terminar o meu castigo nos currais. Mesmo depois de tomar banho de água fria às escondidas, continuava com a sensação de que o cheiro persistia. Talvez estivesse apenas entranhado nas minhas narinas. Mas ao pensar na Matilde, na possível vergonha, não quis arriscar.

Vi a Maria da Assunção a estender roupa e fui até ela. Era pessoa de confiança e podia contar-lhe tudo e perguntar-lhe sobre o meu cheiro. Tal como esperava, ela riu-se ao saber da minha história de vingança e até disse que eu fizera muito bem.

— Aquele tem um parafuso a menos — gracejou —, mas também ninguém pode censurá-lo. — Depois, pareceu pensar melhor. — Mas matar o pobre do cão!? Não há direito! O bicho não sabe o que faz. — Sacudiu uma camisa grande do Sr. Vaz — É por essas e por outras que eu nem *m'aprochego*!

Eu não estava na disposição de falar no Zé Boi. Perguntei-lhe então acerca do meu cheiro e ela enfiou a cara no meu pescoço, inspirou e fez-me rir com cócegas.

— *'Tá* bom! — garantiu-me. E para o provar, deu-me um beijo nos lábios. — És tão fofo que me apetece trincar-te!

Eu ri. Ela dizia-me sempre coisas daquelas e às vezes deixava-me envergonhado quando estava gente por perto a ouvir.

Mais confiante, corri para a cozinha à procura da Matilde. Ela estava numa cadeira junto à Rosarinha e à lareira, a ler um livro. Fiquei curioso e aproximei-me, só que antes de conseguir perguntar-lhe alguma coisa sobre o livro, a D. Idalina pegou-me pela mão e levou-me novamente lá para fora.

Quando me pediu para me sentar ao lado dela no banco de madeira do alpendre, o meu coração já disparava. Aquilo não acontecia com frequência, e o tom da voz doce com o qual ela me tratou só me agoniou mais.

— Queria falar uma coisinha contigo, Formiguinha… — disse, sem me largar a mão e com os olhos castanhos a aconchegarem-se nos meus.

Anuí, a cabeça lenta com o peso de tanta coisa que lá chocalhava dentro.

Vão mandar-me embora? O que fiz? Já não precisam de mim? Onde está o Fernando? O Fernando não está aqui! Ninguém para me defender… Eu prometo que… prometo que…

— Lembras-te de falarmos sobre quando as coisas às vezes nos parecem ser uma coisa e na verdade são outra? Mesmo quando as vemos com os nossos olhos. E como às vezes ouvimos coisas, com

os nossos próprios ouvidos — ela apontou para a orelha —, e não quer dizer que sejam verdade?

Voltei a assentir com a cabeça, na mesma confusão. De que estaria ela a falar? Seria sobre o que o Fureca dissera acerca da Matilde? Eu não tinha acreditado. Óbvio! Naqueles primeiros dias, relacionava tudo o que acontecia com a Matilde.

— Pois… — Ela inspirou como se estivesse preocupada. — Eu sei que não gostas muito do Zé… — *O Zé! O traidor!* — Talvez nós, os adultos, tenhamos grande parte da culpa porque não temos tento na língua ao pé de ti, filho… mas… ele é uma boa pessoa, Formiga… Só que… a vida às vezes faz-nos sofrer muito, Deus põe-nos provações e sofrimentos no nosso caminho que a gente *num* entende… e o Zé teve uma vida com mais do que qualquer homem merece… e isso fez com que ele seja… como é… coitado. — Voltei a abanar a cabeça, mas desta vez porque não sabia mesmo o que dizer. — Hoje quando lhe perguntei se tinha passado bem a noite, ele disse-me que não foste para o quarto dele, que ficaste com o Fureca. — *O traidor!* — E ele pareceu-me um bocado sentido por isso.

Sentido!? O desgraçado fez-me limpar dois currais de esterco! O que podia dizer? Nada a dizer. Não, sem me denunciar.

— Tu tens medo dele, filho? Sê sincero.

— Não — disse eu, com orgulho.

Ela sorriu. Provavelmente a ver a vaidade de uma criança teimosa.

— Não vou obrigar-te a ir para o quarto dele. Se queres ficar com o Fureca, fica. Só queria dizer-te que não te mandei para o quarto dele como castigo e não precisavas de esconder de mim que não querias ir. — Ela lambeu o polegar e esfregou-mo no canto do maxilar para limpar alguma coisa. — Só pensei que era uma boa ideia, porque ele é um homem muito sozinho… — Pareceu ponderar dizer-me alguma coisa, mas a curiosidade ansiosa que encontrou nos meus olhos dissuadiu-a. — Ele passa o dia com os bichos e quase não fala com ninguém… Julguei que ias fazer-lhe bem à alma, percebes? — Deu-me duas palmadinhas na mão que nunca largou. Os olhos ainda a pensarem no que decidira não partilhar

comigo. — Eu… eu só queria que soubesses que gostava que passasses para o quarto dele, sim? — Assenti. *Quando as galinhas ganharem dentes!* — Mas se não fores, não vou ficar chateada, sim? — Riu-se, mais leve.

Logo que me libertou a mão, corri de volta para a cozinha. Voltei para a Matilde, mas tarde demais, só lá estava a Rosarinha e o livro. A D. Idalina, quando entrou, também deu pela falta; perguntou pela sobrinha, a Rosarinha afundou o pescoço entre os ombros e murmurou que não sabia. A D. Idalina pareceu preocupada, suspirou, mas não disse nada, voltando aos seus afazeres.

Fui ocupar o lugar deixado vazio pela Matilde e peguei no livro que a vira a ler. Na capa, dizia *Poemas*. Ao folheá-lo, vi as palavras arranjadas de uma forma diferente e curiosa. Li algumas das linhas curtas e não percebi.

> *Não sou Ninguém! Quem és tu?*
> *Também — tu não és — Ninguém?*
> *Somos um par — nada digas!*
> *Banir-nos-iam — não sabes?*[1]

Faltavam palavras, outras estavam trocadas. Desejei ter prestado mais atenção quando a Clara queria explicar-me coisas com letras.

À falta de melhor, fui passando os olhos por mais umas folhas e quando a D. Idalina saiu da cozinha por minutos — provavelmente para tentar descobrir o paradeiro da sobrinha —, aproveitei para perguntar à Rosarinha sobre o que sabia ela acerca da Matilde; mas as minhas perguntas discretas não se revelaram muito eficazes e só a deixaram ainda mais gaga. Não insisti, a Rosarinha gostava de ouvir, não de falar. A pessoa certa, como sempre, era a Maria da Assunção e resolvi entreter-me mais um bocadinho com o livro da Matilde e esperar que ela terminasse a lida da roupa lá fora. Só não falara antes com a Maria da Assunção porque a chegada da Matilde à casa coincidira com a folga dela. O que até foi feliz, porque evitou que visse a Matilde a tentar apoderar-se do seu quarto. Se a Maria da Assunção sonhasse com tal coisa, ia ser um pé de vento! E o pior: entre aquelas duas, eu não sabia a qual iria acudir.

A Maria da Assunção apareceu, cabelos despenteados pelo vento, rosto corado pelo frio, e mal os nossos olhos se cruzaram, deixei a cadeira e o livro e fui com ela.

Começou logo a falar-me de uma prima que se casara e as vergonhas que ambas as famílias fizeram na festa do casório. A própria Maria da Assunção não tinha ido porque não queria dar prenda, mas dizia que não duvidava de que fosse tudo verdade. Na sua opinião, o problema não era o vinho, eram as pessoas, porque o vinho só trazia ao *decima* o que já está ao *debaixo*; e na família dela não havia um que se aproveitasse. Gostava de falar mal da própria família mais do que qualquer outra pessoa.

Ela passou pelo quarto de hóspedes para deixar os lençóis que trouxera do arame. Entrou e saiu. Fomos para o quarto da Clara. E lá, a ansiedade fez-me falar. Tive de trazer o nome da Matilde para a conversa. Primeiro, ela riu-se. Depois, voltou a abrir e a fechar mais umas gavetas da cómoda, a ajeitar roupas remexidas — não gostei nem do riso, nem do silêncio que se seguiu. Era de esperar que a Maria da Assunção não gostasse muito da vinda da Matilde; afinal, fora a razão da partida da D. Leonor, mas não imaginei que tivesse uma má opinião dela.

— O Sr. Vaz não faz ideia do que pôs dentro de casa — disse por fim. Rosto sério e voz profética.

Passaram vários segundos e como ela não mostrava intenção de dizer mais, tive de perguntar:

— O que sabes da Matilde?

A última gaveta foi fechada com mais força, ela tirou um pano do bolso da bata e começou a limpar o pó, como se a existência dele a ofendesse.

— Desde pequena que aquela bicha não é flor que se cheire. — Começou a desbobinar. — Toda a gente sabe disso… mas depois que o pai morreu, todos lhe passam a mãozinha pela cabeça. *Coitadinha da órfã. Ela ficou sentida*. *Tadinha*. *Ai a menina*. Passam-lhe a mão pela cabeça e fingem que não sabem. — Suspirou, mão na testa; a conversa a dar-lhe os calores. — Depois, os outros que se amanhem! — Olhou-me. — O que estou eu *pr'aqui* a dizer!? Oh, credo!

— Não estás a dizer nada porque eu não estou a perceber nada.

Ela pareceu concordar.

— Bem, ao que sei… ela só arranja problemas… A última que lhe deu foi de andar a roubar. Convenceu uns rapazitos cabeças de vento e tão malucos como ela, a ir para a *gatunice*. Ela é esperta, ai, se é! — Arregalou os olhos. — É que um dos idiotas malucos era o meu primo, por isso é que sei disto tudo. Um enxerto de pau é o que ele merecia! Burro! — Bateu com o pano na testeira da cama, supostamente a limpar. — Foram apanhados, claro! Só que no final a coitadinha da Matilde, *coitadinha*, já era a vítima.

Eu estava a ouvi-la, mas com dificuldade em acreditar.

— Se isso fosse mesmo verdade, o Sr. Vaz não ia…

— O Sr. Vaz não ia o quê, Formiga?! O homem é um coração mole — continuou ela, agora mais baixinho com receio dos ouvidos nas paredes. — Ele já tem bom coração, e com a Piedade… com a consciência pesada… e de há tantos anos! — Estalou os dedos. — Sabes que ele prometeu-lhe que casava com ela!? Quando o pai o mandou para o Porto, ele jurou-lhe que voltava *pa* casar *cum* ela. Ele era para ir só por um verão e ficou por lá quase um ano. Mas ela também se desenrascou num instante. — Encolheu os ombros. — Casou com o amigo dele. — Sentou-se na cama e olhou para o candeeiro de vidro no teto. — Aquela família… Eu digo-te uma coisa, hã!? Sei que gostas muito da D. Idalina, Formiguinha, e eu também a respeito muito que foi ela que me pôs nesta casa… mas aquilo é só gente estranha.

— Eu gosto do *Pintarolo* e da D. Crisália. — A D. Crisália era a mãe da D. Idalina, a velhota mais velhota que eu já vira na minha vida. Ela às vezes vinha passar as tardes à herdade e dizia ainda mais asneiras do que o Fureca. Era divertida, só que eu ganhara-lhe algum medo quando soube que era bruxa e que fazia uns vudus.

— Oh, meu amor, tu é que ainda és muito pequenino, senão eu até te dizia mais umas verdades.

A confusão na minha expressão deve ter sido demasiado dramática e muito fácil para ela a ler e perceber aquilo que a minha inexperiência não conseguira até ali.

— Ai que o meu Formiguinha está apaixonado! — A voz até era jovial, o olhar é que mostrava piedade. — Oh, meu amor, ela é muito velha para ti… E pior, é má como as cobras! Vai engolir-te sem sequer te dares conta.

Baixei os olhos, envergonhado por ser tão óbvio, tão fácil de descobrir. Senti mais vergonha pela possibilidade de a própria Matilde já me ter lido, como a Maria da Assunção o fizera com apenas um olhar atento. Felizmente, não foi o caso, porque ninguém me conhecia tão bem como a Maria da Assunção, ou perdia tempo a tentar entender-me. Ela era jovem o suficiente para ainda se lembrar do que era um primeiro amor, ou talvez ela própria o tivesse sentido na pele —

na verdade eu sabia muito pouco acerca da Maria da Assunção. Fosse por que razão fosse, até hoje sou-lhe grato pelo respeito e serenidade com que sempre respeitou os meus sentimentos. Desde essa tarde, ela nunca mais pronunciou uma palavra hostil sobre a Matilde, pelo menos não à minha frente, e eu fiz a minha parte e também não perguntei mais. Acredito que ela soubesse que, mais dia menos dia, eu descobriria por mim mesmo e que seria a própria Matilde a conduzir-me pelo caminho que ninguém poderia fazer por mim. Mas naqueles dias, eu não temia um coração partido, não sabia o que era. Fazia o que todos os apaixonados fazem: sonhava acordado, suspirava, sorria sem precisar de motivo, via a beleza onde antes não a notara e criava-a onde não existia. Deixei de ser um e tornei-me vários, deixei de ser eu, para ser outros que não eu.



Os olhos da Clara arregalaram-se.

— Poesia!? Sim, podemos falar sobre poesia. O que queres saber?

Não fazia ideia, mas como sempre, ela não desistiu até descobrirmos. Involuntariamente, na minha tentativa de compreender e impressionar a Matilde, resgatei a Clara da tristeza e arrastei-a comigo numa aventura que começava ali. Afinal, não eram apenas as flores; a poesia também não falhava a roubar

sorrisos às mulheres. Fiz uma nota mental para mais tarde o partilhar com o Fernando.

Nas semanas seguintes, todas as tardes, depois de regressar da escola, a Clara chamava-me e apresentava-me um novo poema. Até hoje, ao ler um poema pela primeira vez, é a voz dela que ouço a recitá-lo dentro da minha cabeça; depois, à medida que o releio, uma e outra vez, ela esvanece-se de novo, mas nunca para sempre.

Sentávamo-nos na mesa pequenina para dois junto à lareira para fugir do frio, mas sempre que o Sol espreitava, íamos para o sítio favorito dela: a estufa das flores. Sim, a poesia cheira a flores, a lírios, a rosas vermelhas e a rosas brancas, a sorrisos, a descobertas, a tinta em papel velho, a terra húmida, a fumo de lenha de lareiras de casas de infância e de memórias.

Ela ensinou-me a ouvir o eco das palavras, a interpretá-lo como uma língua cujo dialeto muda de poeta para poeta, um segredo no desvendar da ordem labiríntica das palavras, e o mais importante: nenhuma interpretação é errada se nos faz *sentir*.

Para culminar a alegria dela, recebemos um presente inesperado do Fernando — digo *recebemos*, porque eu estava incluído, eu, a Rosarinha, a D. Idalina e a Maria da Assunção. Chegou à herdade uma caixa, e dentro dela o Fernando colocara uma prenda para cada um de nós. Material de desenho para a Clara, novelos de linhas para o tricô da Rosarinha, uns saquinhos de pano com ervas aromáticas para a D. Idalina, um lenço para a Maria da Assunção, e para mim… um caderno e uma caneta. A prenda deixou-me confuso, para não dizer desiludido. A Clara passou-me um envelope: havia também uma carta para mim. Enfiei-a dentro das calças e trilhei-a no elástico das cuecas. Rodei o caderno de capa azul; na frente existia um quadrado branco, onde o Fernando escrevera o meu nome: *Baltazar*. Ele nunca me chamava Baltazar e trouxe-me um certo orgulho ver que se lembrara desse pormenor sobre mim e se dera ao trabalho de o escrever, com a letra dele. Mas continuava a preferir que me tivesse enviado outra coisa qualquer.

— Na última carta, falei-lhe da poesia — disse a Clara, a tentar defender a escolha do irmão do meu desapontamento. Deveria ter

adivinhado que ela tinha responsabilidade naquele equívoco do Fernando.

Ele acreditava em tudo o que a irmã lhe dizia.

— Talvez queira incentivar-te a escreveres a tua própria poesia.

— Só nos faltava esta — disse a D. Idalina. — Agora temos um poeta na casa.

Toda a gente riu, até a Rosarinha, e apeteceu-me atirar o caderno para o lume. A Clara pareceu ser a única a reparar e, discretamente, puxou o caderno para ela, pegou na caneta, abriu-o na segunda folha e escreveu «O Poeta da Casa». A letra dela não era tremida como a minha, era desenhada, inclinada para a direita, com curvas elegantes. Escrevia cada palavra sem descolar o bico da caneta do papel. Depois, passou a mão suave pelas minhas costas e sussurrou-me:

— Experimenta.

Eu gostava de desafios, mas aquele pareceu-me ridículo. Bem, pelo menos inicialmente.

A Matilde não recebeu nada na caixa, uma vez que o Fernando não a conhecia. (Mais uma depreensão errada da minha parte.) Esforçou-se por partilhar do nosso entusiasmo pela novidade e contribuir para a conversa com comentários atenciosos. Esforçava-se por agradar à Clara e aproximar-se sempre que surgia oportunidade, mas os progressos estavam a ser lentos. A Clara era simpática e educada para com ela da mesma forma que o era para todos; no entanto, parecia não querer abdicar da distância que as separava. Eu não percebia o porquê e temia até ter contribuído para tal com o meu novo gosto pela poesia.

Com dedicação, ela passava agora grande parte do seu tempo livre no escritório do Sr. Vaz, a tirar e a pôr livros nas prateleiras.

— Qual é a tua opinião? — perguntou-me ela certa vez, poucos dias depois da chegada da Matilde. — Gostas dela?

A minha surpresa pela pergunta e a hesitação em responder-lhe talvez tenham sido mal interpretados, mas era apenas esmero em guardar o segredo dos meus sentimentos — dos quais tinha grande vergonha mesmo sem perceber porquê.

— Eu disse ao meu pai que não precisava de ninguém para me fazer companhia. Tenho-te a ti — sorriu-me — e tenho amigos na escola.

Era verdade, ela e o Fernando tinham amigos (da Ana, eu nunca soube de nenhum), só que poucos se aventuravam a visitar a herdade e nenhum repetia a proeza. Havia, obviamente, um bocadinho de lenda para o justificar. Dizia-se que a herdade só acolhia quem tinha coração para a amar como queria ser amada; todos os outros, os visitantes ocos que não tinham em si espírito nem olhos para a admirar, eram repelidos com uma mão invisível e um asco que só as almas reconheciam, e nunca mais voltavam. A Maria da Assunção dizia que eu era muito especial, porque o lago me chamara até à herdade, e que o meu destino era ali, entre eles. Acho que inventou aquilo só para me consolar nos meus raros momentos de tristeza, mas gostava de a ouvir dizer-me coisas daquelas.

A ser verdade, a ser verdade que o lago tinha tal poder, talvez tivesse sido uma força superior que usou a vaca para tentar livrar-se do Fureca — pensei nisso —, mas ele era raça ruim, aquilo não se sacudia só com uma vaca.

Ainda com alguma vergonha dos risos e comentários sobre o meu recente interesse pela poesia, esgueirei-me para fora da cozinha logo que tive oportunidade, carregando comigo o caderno e a caneta, que cada vez pareciam assentar-me melhor nas mãos, e desci até ao lago para ler a carta do Fernando. Era longa, três folhas, e comecei a lê-la lentamente para garantir que percebia bem todas as palavras.

Formiga,

Muito obrigado pela carta que me enviaste. Fico contente por receber notícias de todos aí na herdade, incluindo dos animais. Obrigado por não te esqueceres de me falar deles, a Clara nunca se lembrou de tal coisa.

Devo-te um pedido de desculpas por te escrever só agora, quando a tua carta já chegou há várias semanas. Esta escola mantém-nos

ocupados e resta-nos pouco tempo livre para os pequenos prazeres como, por exemplo, escrever aos amigos.

Ainda não tive possibilidade de passear muito por Lisboa, nem de conhecer a cidade suficientemente bem para poder responder a todas as tuas perguntas, mas prometo que vou tentar fazer o meu melhor para não te desiludir.

Sim, moram aqui muitas pessoas, as ruas são movimentadas, os passeios durante o dia estão sempre com gente e por vezes somos abalroados por pessoas distraídas ou impacientes. Existem muitos carros, bicicletas e carroças puxadas por animais, tal como aí na herdade.

Uma coisa que talvez nunca tenhas visto são as mulheres que vendem o peixe. Aqui em Lisboa, o peixe é vendido por mulheres nas ruas. Elas carregam o peixe à cabeça dentro de canastras, falam e cantam alto sobre o peixe que vendem, para chamar a atenção das freguesas. Algumas, mais atrevidas, metem-se connosco, os rapazes do colégio, e fazem-nos rir com anedotas. Chamam-lhes varinas. Vou tentar levar-te uma fotografia.

Eu como mais ou menos as mesmas coisas que comia aí na herdade, por vezes com combinações diferentes, mas até quando são iguais, não têm o mesmo sabor, como acontece sempre que estamos longe de casa.

Gosto de estar aqui, tanto quanto é possível. A escola é um edifício grande com muitas salas e andares, corredores todos iguais. Perdi-me várias vezes nos primeiros dias. Agora acostumei-me. Somos muitos rapazes, mas só três deles são bons amigos meus.

A cada novo dia torna-se mais fácil estar aqui. Quando viajamos, temos uma visão otimista da experiência que nos aguarda e, na maioria das vezes, ela não se realiza. Até tentamos convencer-nos do valor da experiência, esforçamo-nos por olhar as belezas, as novidades, mas no fundo do nosso coração, se formos verdadeiros com ele, o que mais desejamos é estar em casa. Isto, sem tirar o mérito à distância, ao que ela nos ensina a ver, porque nos permite sentir saudades do que mais valorizamos e até relevar aquilo de que nunca gostámos.

Julgo que, acima de tudo, preferimos sempre o familiar, até no que respeita à dor.

Perdão se me alonguei. Agora sinto-me mais à vontade para o fazer, uma vez que a Clara me falou do teu gosto recente pela poesia. A novidade surpreendeu-me! Estou curioso por saber o que despertou este interesse tão inesperado. Fico muito contente com esta novidade, razão pela qual escolhi este presente para te enviar. A Clara está a

ajudar-te, pelo que percebi, e eu não quis perder uma oportunidade de juntar a minha contribuição e assim participar na tua aventura poética.

Espero que faças coisas maravilhosas e que continues a surpreender-nos.

No final da segunda semana de dezembro, estarei de regresso a casa para passar o Natal. Até lá, cuida dela para mim.

Com saudades,

Fernando

Ao terminar, sentia ainda mais saudades dele.

[1] Emily Dickinson, 1891.

9

Distraído no meu egoísmo, não entendi as palavras daquela breve conversa com a D. Idalina sobre o Zé Boi e não voltei a pensar no assunto. A minha vida estava cheia por aqueles dias. Continuei a dormir no quarto do Fureca — que a cada noite se tornava um pouco mais o meu quarto —, apesar de ele ressonar e ranger os dentes enquanto dormia e continuar a ter um cheiro estranho.

Ao deitar, tirava o meu caderno e a caneta de debaixo da almofada, cobria-me e ficava a olhá-los, a passar-lhes as mãos, a rodá-los, a senti-los com os dedos. Na primeira noite, a timidez não me deixou escrever. A letra do Fernando na capa combinava com a da Clara na primeira folha e embelezavam-no de tal maneira que só de pensar em juntar-lhe a minha letra, tremida e feia, bastava para me impedir de o tentar. Na primeira noite, voltei a guardá-los intactos debaixo da almofada. Já eram o meu maior tesouro, apesar de ainda não me ter dado conta. Foram das poucas coisas que levei comigo, meses mais tarde, quando deixei a herdade como um ladrão que não roubou nada, só destruiu. Mas esse dia estava a muitas noites de distância, porque naquela primeira, com o meu caderno e caneta, eu ainda era inocente.

Deitado na cama, de braços cruzados sobre o peito, imaginava o que poderia escrever naquelas folhas brancas pautadas e projetava-o nas tábuas de madeira do teto, com a letra certa, perfeita. Ouvi patinhas de ratos nas paredes, a banda sonora das minhas insónias apaixonadas. O tempo arrefecia e, à noite, os ratos tinham por hábito trepar pelas paredes e invadir as barracas, para dormirem nas vigas do teto. Não havia ratoeiras suficientes para todos, nem a meia dúzia de gatos que andavam pela herdade davam conta do assunto. Eram preguiçosos porque a Rosarinha lhes dava de comer. *Ainda ficam mais peçonhentos, os inúteis*, dizia a D. Idalina, que lhe ralhava de todas as vezes que o fazia, mas ela *tinha pena*, respondia com beicinho. A mim, eles não me diziam grande coisa.

Eram todos selvagens e quando uma gata tinha ninhada, o Fureca tratava logo de os fazer desaparecer. Quando lhe perguntava o que fizera dos gatos, ele umas vezes dizia que os enterrara numa cova, outras que os pusera dentro de um saco e os atirara ao lago, outras vezes dizia-me que fizera as duas coisas, com a mesma ninhada. Era um mentiroso troca-tintas: daquela boca de dentes tortos e acastanhados saíam mais mentiras do que verdades, não importava quantas vezes era apanhado. No que diz respeito aos gatos, vim a saber que afinal ele subia a serra e deixava-os por lá, e volta e meia voltava para lhes levar comida. O molenga, em vez de nos ajudar na herdade, andava a brincar com gatinhos. Não era malfeito se um rato caísse da viga e lhe aterrasse na boca. Ri-me ao imaginar. Coitado do rato.

Nem gatos nem ratos conseguiam incomodar-me naquelas noites que avançavam o outono, nas primeiras semanas depois da chegada da Matilde. *Matilde*. *Matilde*.

Sabem aquela desconstrução que acontece quando repetimos uma palavra vezes sem conta? Aquela repetição exaustiva que lhe retira o sentido e o som passa a não ser nada? *Lua. Luuua. Luaaaa. Luuuuuaaaaaa.* E quanto mais familiar é a palavra, mais perturbador é? Isso não acontecia com o nome dela. *Matilde. Matilde. Matilde*.

Gostava ainda mais dela quando não estava a vê-la. Amava-a na ausência. Era mais fácil ignorar tudo o que não gostava nela, aperfeiçoar as imperfeições, proteger as minhas vontades. Nós e as nossas ilusões. Sim, sabemos que não são reais, mas é preciso protegê-las e estimá-las, porque são elas quem melhor nos conforta.

Naquela primeira noite, o caderno continuou em branco, mas nas semanas que se seguiram ganhei gosto pela palavra. A paixão pela Matilde estendeu-se a uma outra, ainda maior e mais inesperada, pela poesia. A cada novo poema que a Clara me apresentava, ajudava-me a conhecer mais um bocadinho de mim. Pareceu-me natural a poesia no outono, pareceu-me combinar com tudo, deixou de ser meras palavras agregadas a sentimentos, emoções, um mundo intrínseco. Hoje, vejo nesta descoberta idílica todo o esforço da Clara, e só posso tentar imaginar o trabalho e o cuidado que pôs

na escolha de cada um desses poemas, em mais um gesto de dedicação a mim.

Estávamos na estufa quando a Clara me perguntou o que escolhera escrever no meu caderno, e não tive coragem de lhe mentir.

— A minha intenção era ajudar-te, não intimidar-te — disse-me. Ela riu-se quando lhe falei sobre a caligrafia. — É muito cuidadoso da tua parte essa preocupação, mas não é o mais importante — lembrou-me. — O que pensas que o Fernando vai dizer quando chegar e descobrir que não usaste a prenda que te enviou com tanto gosto?

Ela sabia sempre como me obrigar a concordar com ela. Mas o melhor de tudo era que também nunca me deixava sem uma solução. Disse que tinha uma ideia para me ajudar e pediu para eu ir ao meu quarto buscar o caderno. Não fazia ideia do que seria, mas já estava entusiasmado e corri.

Ela pegou no caderno e segurou-o ao alto entre as suas mãos finas, a capa voltada para mim, como se me apresentasse um objeto extraordinário, nunca antes visto.

— Este é o teu baú de palavras. Aqui vão ficar guardadas as tuas palavras favoritas, os teus versos favoritos, tudo o que quiseres guardar para memória.

Anuí, a ideia pareceu-me boa e o entusiasmo dela era contagiante, apesar de não me diminuir os tremores.

— E vais começar por aqui. — Puxou umas folhas que estavam escondidas no caderno, os poemas que andávamos a ler. — Quero que copies para o teu caderno os teus versos favoritos destes poemas.

Não pareceu terrível, ela já me mandara fazer coisas bem piores com verbos.

Determinado, escrevi as primeiras palavras no meu caderno, a letra tão horrorosa quanto temera.

Porque me chamas: poeta?
Eu não sou um poeta.

Continuei, devagarinho, e a cada verso a letra parecia-me menos importante, as palavras maiores do que a caligrafia.

Sou apenas uma criancinha que chora.
Repara: só tenho lágrimas, para oferecer ao silêncio.[2]

A Clara observava-me, fez os comentários certos, os elogios sinceros, deu-me as sugestões que precisava de ouvir e poucas páginas depois da primeira, eu estava a escrever no meu caderno sozinho, e às palavras dos outros juntei as minhas.

Fazer do medo cinzas
Soprá-lo para o esquecimento.

Ali estavam, pela primeira vez, os meus pensamentos transformados em palavras, reais, guardados no meu baú de papel e tinta azul. Se hoje consigo escrever-vos esta história, é graças a esta memória de papel.

A mão invisível da Clara segurou a minha, deu-me segurança e libertou-me para que continuasse a explorar sozinho. Ao ver que começava a escrever as minhas próprias palavras, ela não voltou a pedir-me para o ler — o meu caderno tornou-se apenas meu.

[2] Sergio Corazzini, «Tristezas de um poeta sentimental», *in Cadernos de Poesia*, 1939.

10

Os domingos de manhã eram as horas mais silenciosas na herdade. Toda a gente tomava banho, vestia as melhores roupas que guardava na gaveta, penteava bem os cabelos e rumava à igreja para a missa. Era também o meu momento preferido da semana, porque ficava sozinho na herdade, só eu e o gado — de vez em quando o Fureca aparecia, mas só nos dias de azar. Mas agora, eu tinha a Matilde. Ela não era muito religiosa pelo que parecia (e para grande desconsolo da D. Idalina). E assim, os domingos de manhã passaram a ser *nossos*. Pelo menos na minha cabeça existia a ideia de partilha, de que usufruía daquelas horas tanto quanto eu. Havia nela uma leveza que não existia nos outros dias e permitia que embarcássemos em conversas que se prolongavam na minha cabeça durante o resto da semana. Ela falava numa voz com frequência diferente das outras pessoas, lembrava-me um pouco a do Fernando — o que me fazia gostar ainda mais dela.

Num desses domingos, estávamos junto ao lago, sentados no chão e encostados a um tronco pesado que lá fora posto pelo Sr. Vaz como um banco desconfortável. Eu abraçava as minhas pernas, queixo apoiado nos joelhos e a olhar a água a reluzir.

— Diz-me lá porque nunca queres ir comigo? — Era a segunda vez que me perguntava por que razão recusava os seus convites para lhe fazer companhia a levar a Clara à escola.

— Já disse que não gosto de sair da herdade — respondi, sem a olhar.

— Não duvido. Desde que cá estou que nunca te vi pôr o pé fora. — Encolhi os ombros. Não havia nada a dizer. Era a verdade. — Mas tu nunca sais? — Assenti. — Nunca? — Ela pareceu incrédula e voltou-se como se precisasse de me ver melhor para acreditar. — Estás a dizer-me que nunca saíste da herdade? — Assenti com a cabeça, com o toque de um sorriso satisfeito. Surpreendera-a. —

Uau! — O meu sorriso ficou maior. Ela era a primeira pessoa a aperceber-se disso. — Por isso não vais à missa.

— A D. Idalina costumava tentar obrigar-me, mas eu fugia-lhe sempre. Comecei a esconder-me, a fazê-la chegar atrasada à missa, e depois o padre velho começou a mandar vir com ela por chegar sempre depois de a missa ter começado, e ela desistiu.

A Matilde riu-se.

— E tu? Porque não vais? — perguntei-lhe.

Ela voltou a recostar-se contra o tronco e a olhar as formas das nuvens brancas leitosas.

— As pessoas vão à missa por duas razões: à procura do conforto da fé, ou com medo do que dirão delas se não forem. Eu não me preocupo com o que os outros pensam ou dizem sobre mim, e quanto ao conforto… se me sinto infeliz, se estou a sofrer, prefiro tentar perceber o porquê e, ao contrário do que dizem — olhou-me por um instante —, não é nas palavras do padre que está a resposta.

— És feliz?

Ela riu-se, boca aberta, dentes perfeitos e olhos fechados pela espreitadela súbita do Sol.

— Na maioria dos dias.

— O que te deixa triste?

Ela pensou.

— Demasiadas coisas que não consigo mudar.

— Como o quê?

Ela riu com mais vontade.

— É melhor não te dizer. Não quero ser uma má influência, e tu pareces-me um bom rapaz. Não irias entender.

Revirei os olhos e fiz-lhe uma careta, e ela riu-se outra vez.

— Tu nunca foste à escola — apercebeu-se. — Mas sabes ler…

— A Clara e a D. Leonor ensinaram-me.

— Ah… Eu também só andei na escola até à 4.ª classe.

— Gostas de poesia? — Apontei para o livro pousado na barriga dela, como se tivesse acabado de reparar nele.

— Não sei se é *gostar*… — disse, pegando nele e fazendo as folhas passarem sob a pressão do seu polegar num *chhhh.* —

Talvez seja mais uma curiosidade.

— Eu gosto! — disse-lhe com entusiasmo, e o meu sorriso abriu-se quando percebi que era verdade. Não o dissera por ela. A poesia era agora uma paixão independente da Matilde, a que duraria para a vida.

Aquele foi um dia de azar: o Fureca acabou por aparecer e alapou-se ao nosso lado.

— A fugir à missa? — zombou a Matilde. — E eu que te achava um santo.

Rimo-nos todos.

— Eh… Aquele padre novo… — Franziu o nariz como se tivesse a certeza de que a sopa estava azeda, mas fosse obrigado a provar para confirmar.

— A mim, parece-me uma boa pessoa… Pena que é padre. — Ela piscou o olhou ao Fureca, ele riu-se e eu não percebi.

Os dois falavam muitas vezes por meias-palavras, e eu tinha a certeza de que faziam de propósito para me deixarem à toa. Ficava fulo da vida, talvez por me sentir posto de parte, talvez porque era posto no meu devido lugar. Queria impor-me, existir, assumir uma presença de espírito à altura do que imaginava ser, mas não tinha idade nem espinha dorsal para tal coisa.

Pouco depois de nos conhecermos, a Matilde perguntou-me qual era o meu nome verdadeiro.

— Só «Baltazar»? — perguntou-me de seguida.

Pensei e não descobri resposta. Apercebi-me de que não sabia qual era o meu apelido, ou que talvez nem o tivesse.

— Toda a gente tem apelido?

Ela respondeu-me que, tanto quanto sabia, sim.

Eu nunca pensara em tal coisa, pormenores. Perguntei à Maria da Assunção, e ela não sabia. A D. Idalina não se recordava.

— Ó filho, quem tratou dessas coisas foi a patroa com o padre velho.

Sem nenhum dos dois à mão, tive de arranjar outro a quem perguntar. E assim começou a minha espera pelo domingo seguinte,

quando o Padre Manuel viria almoçar à herdade e poderia pedir-lhe ajuda. O homem que era, nunca mo recusaria.

Àquela pergunta da Matilde, foram-se juntando outras mais pequenas, que me picavam com o mesmo ferrão. O veneno espalhou-se e as coisas mudaram, pelo menos do avesso. Era tudo sentimento. Abriu-se um pequeno círculo de vácuo no meio do meu peito, o espaço do que eu não sabia, e quanto mais o via, mais ele crescia, e quanto mais crescia, mais eu o via. E na minha visão periférica, seguiam-me todas as pessoas que eu poderia ter sido, *deveria* ter sido, caso o destino me tivesse desviado para uma outra porta. Da mesma forma que ignorava o futuro, também não pensava no passado — é essa a maior bênção de ser criança, essa naturalidade de lidar com o presente. De ser, estar, fazer e pensar, e não perceber os tempos verbais.

O meu corpo também ganhou forma e importância. Olhava-me ao espelho, mas não por necessidades práticas. Havia um novo tipo de espírito crítico que se preocupava, que me dava vontade de observar, avaliar e julgar. O processo poderia ter sido bem pior. Eu conseguia ver os defeitos, pequenas coisas como a falha entre os meus dentes da frente, as grandes diferenças, como a cor da minha pele, mas sem um ideal de beleza em mente, nunca fui muito longe nas críticas e poupei-me assim a complexos inúteis. No entanto, estava à parte de todos os outros, sabia-o.

Eu já não era inocente, era só ignorante. Nas ocasiões em que a Maria da Assunção me apertava para um abraço, não desperdiçava a oportunidade de esborrachar a cara contra os seios pequeninos dela, deslizar as mãos pelo corpo magricelas e ir descobrindo as curvas que as roupas disfarçavam. Hoje, penso que ela até se dava conta disso, mas porque eu deveria parecer-lhe tão patético, ou por me achar graça, nunca me dizia nada.

Com a Matilde, a curiosidade foi intensificada por mais qualquer coisa, que lhe dava uma urgência sôfrega e vergonhosa.

— Tens namorado? — atrevi-me a perguntar-lhe a certa altura.

Respondeu-me que não e continuou a roer as unhas.

Desejava essencialmente parecer bem para ela, estar o mais apresentável possível e tentava ver-me através dos olhos dos outros. Felizmente, estava rodeado de espelhos bondosos.

Entre as minhas sortes e azares, preocupava-me.

A Matilde tornara-me na personagem central da minha vida e tudo pareceu ficar um pouco mais triste.

11

O domingo pelo qual esperava chegou finalmente. Sentia-me nervoso — nervosismo e ansiedade eram duas das emoções com as quais andava bastante familiarizado —, e na nossa conversa dessa manhã, a Matilde notara-o.

— Muito calado hoje, Formiga — disse, depois de estarmos sentados há vários minutos nas ripas de madeira do cercado, a ver os cavalos a fazerem o que os cavalos fazem quando os deixam em paz. — Não tens nenhuma das tuas perguntas?

Fiz o que os cavalos faziam: abanei as orelhas.

— Então, talvez possas ajudar-me.

— Com o quê?

— A Clara.

— O que tem a Clara?

— Ela é um bocado fechada…

Assenti. Era verdade, era tímida, até gaguejava quando falava com alguém pela primeira vez, tão vermelha que dava dó.

— Pensei que, com o tempo, as coisas melhorassem, mas não. — Não era queixume, era simples constatação. — Fala-me dela.

— O que queres saber?

— Do que ela gosta, por exemplo. Alguma coisa que me ajude… a pô-la a falar… Sabes que mal troca duas palavras comigo. Se não a levasse todos os dias à escola, acho que nem me via.

— Ela é um bocado distraída, podia acontecer. — Ri. Voltei-me e vi a estufa ao longe. — Ela gosta de desenhar flores.

— Flores? — Pôs a língua de fora como se tivesse provado uma mosca pela primeira vez. — Desenho também não é o meu forte.

— Poesia. Foi ela que me ensinou.

— Não percebo nada de poesia, eu disse-te. Só tenho aquele livro porque o encontrei.

— Posso ensinar-te — sugeri, esperançado.

Ela riu-se e assustou os cavalos.

— Mais! Tem de haver alguma coisa mais divertida.

Pensei. Não havia assim tanta coisa. A Clara era serena, transparente e profunda como a beleza do lago. A sua simplicidade era difícil de explicar e impossível de entender. Só podia ser sentida.

— Marionetas! — lembrei-me.

A ideia não lhe desagradou de todo.

A D. Leonor fazia uns bonecos de pano aos quais chamava «marionetas». Tenho memórias vagas de ela nos reunir na salinha da renda, a mim e aos filhos, para nos contar histórias — se isso realmente aconteceu, foi quando eu era muito pequeno. No entanto, ela continuara a ter gosto em fazer os bonecos. O Sr. Vaz chamava-lhes *Robertos* e não parecia gostar muito deles. Mas a Clara era fascinada, tinha vários no quarto e uma tal devoção que era capaz de ficar horas a olhar para eles e a esquecer-se do tempo. Mas eu achava que lhe tornavam os olhos tristes. E talvez não estivesse errado. É fácil de ver agora como aquelas marionetas poderiam ter-se transformado para ela num ponto de contacto com a mãe, o desejo de uma ligação mais íntima que nunca existiu.

Prometi à Matilde que iria tentar ajudá-la.

— É aquela, a *Medusa*? — perguntou, apontando a égua cinzenta.

— É. Sou eu que trato dela.

— Já me tinhas dito. Quantos cavalos é que eles têm?

Olhei os quatro que ali estavam.

— Uns sete ou oito. Nove! A contar com o do *Pintarolo* que não fica cá.

— *Pintarolo*. — Riu-se. — Faz lembrar as *Pintarolas*.

Encolhi os ombros.

— Não sei quem são.

Ela deu uma gargalhada que lhe levou a mão à barriga.

— Ai, Formiga, Formiga!



O Padre Manuel chegou à herdade acompanhado pelo Sr. Vaz e pela Clara. Tornara-se hábito ele acompanhar a família no regresso

a casa da missa de domingo e ficar para almoçar. Se estava bom tempo, até prolongava a visita pelo resto do dia.

Por aquela altura, a família estava reduzida a pai e filha, mas a conversa fluía como de costume, e o à-vontade do padre não parecia afetado pela mudança abrupta no número de elementos à mesa. Ele era uma presença que iluminava fosse qual fosse a companhia. *Oh, se eles soubessem!*

Há um pormenor muito importante sobre o Padre Manuel que tenho de vos contar. Primeiro, para compreenderem a minha fascinação por um homem que à primeira vista parece simples; e segundo, porque até hoje acredito que estava certo na minha crença infantil profunda — não na religião da Igreja, mas no próprio homem. A notícia da morte dele foi a mais triste e inesperada que encontrei neste meu regresso a casa. E sabendo agora do seu desaparecimento, sinto que é mais oportuno do que nunca contar-vos este bocadinho de história.

Naquele tempo, havia contrabando. Eram muitos os que o faziam e ainda mais os que o compravam. Eu não saía da herdade, mas ouvia o Fureca a sussurrar que conseguira isto e aquilo, e a própria D. Idalina recorria aos seus conhecimentos para conseguir certos medicamentos. Acontece que, a certa altura, nasceu um herói entre os contrabandistas. Começou por ser considerado só um rumor, mas depressa o número de beneficiados das suas aventuras se tornou tão grande que transformou o rumor em lenda. Havia um contrabandista (que o povo apelidou de *Sombra* porque nunca se lhe vira mais do que a sombra) que, ao contrário dos restantes contrabandistas, não vendia os seus produtos. Ele dava-os aos mais necessitados. Dizia-se que conseguia escapar à Polícia com grande mestria — e até aos outros contrabandistas que muito queriam passar-lhe um responso por lhes dar cabo do negócio. Colocava as ferraduras invertidas no seu bravo corcel. Enquanto toda a gente o procurava por um lado, ele já se escapava a trote e a galope pelo outro, na direção oposta. Dizia-se que, além de bondoso, era rápido e valente. Era tudo verdade! Como tenho essa certeza? É justa a pergunta uma vez que eu era apenas uma criança (como tiveram

oportunidade de perceber até aqui) facilmente impressionável, com imaginação dada a muitos erros de interpretação.

Esta certeza vem de um dos momentos mais emocionantes da minha infância, quando me deparei com o meu herói, *Sombra*, o próprio, em pessoa e a cavalo.

Aconteceu num dia em que me senti aventureiro e avancei mais algumas centenas de metros na linha imaginária do meu mundo, e fui pela primeira vez até ao extremo norte do lago, no sopé da serra.

Lá, descobri a clareira e a árvore das quais tanto ouvira falar e, para meu grande espanto, lá estava ele, *Sombra*, roupas escuras, cara tapada, muito como um zorro — fora a capa, pois o meu herói não era dado a vaidades.

Obviamente, não estava lá para nos deixar nada — nós éramos uma casa rica, a mais rica num raio de umas centenas de quilómetros pelo que ouvira dizer — e só pude especular a razão pela qual ele estava nas nossas terras, talvez de passagem, para descansar… A minha imaginação não conseguiu chegar nem perto da verdade.

Infelizmente, não há mais do que isto para vos contar deste primeiro encontro. Foi um momento de muita emoção e poucos factos. Não apertámos mãos, não nos apresentámos, nem conversámos, mas ele fez-me um aceno de cabeça com um toque na aba do seu chapéu preto, num cumprimento de cavalheiros. Juro que foi tal e qual.

Na minha emoção, pensei que era o Fernando. Fazia todo o sentido para mim que já o tinha como o meu herói, mas ainda antes de regressar a casa, lembrei-me de que não reconhecera o cavalo e o Fernando nunca escolheria outro cavalo senão a *Medusa*, para viver tal aventura. A minha grande admiração e entusiasmo pela identidade secreta do *Sombra* levou-me a não esquecer o assunto, mesmo sabendo que os meus recursos eram tão escassos quanto poderiam ser; eu, que nunca saía da herdade. Mas apesar de ter as probabilidades contra mim, certo dia em que ouvia uma conversa desinteressante entre o Sr. Luís e o Padre Manuel, numa referência breve à data em que o padre chegara à aldeia, apercebi-me de que os sacos com o contrabando começaram a ser deixados às famílias

necessitadas pouco tempo depois. E a conversa desinteressante tornou-se então interessante, e ainda mais quando começaram a falar sobre as competições de esgrima e equitação em que o Padre Manuel participara com grande sucesso! Não me restaram dúvidas: ele tinha os requisitos morais e físicos para ser o herói com quem me cruzara. Mesmo quando, meses mais tarde, recebi a confirmação da minha descoberta, nunca proferi uma palavra sobre ela a ninguém, nem mesmo ao Fernando. Este foi um segredo que eu soube guardar, senão nenhum outro, pelo menos este.

A minha pergunta para o Padre Manuel era simples: qual era o meu apelido? Mas só de me imaginar a pronunciá-la, explodia-me um nervoso miudinho que me punha os dedos dormentes e me fazia esquecer as palavras. Ensaiei-a várias vezes, com várias combinações, e anotei a melhor delas no meu caderno. *Sr. Padre Manuel, peço desculpa por o incomodar, mas será que poderia pedir a sua ajuda para saber qual é o meu nome no registo do batismo?* Pareceu-me perfeito!

Estava num dos meus ensaios mentais quando a voz do Sr. Vaz me abanou como uma rajada de vento.

— O que se passa, Formiga?!

— Nada, senhor.

— Vejo-te para aí a ir e a vir, a ir e a vir — sacudia a mão —, sem nada de jeito que se possa aproveitar.

Ele tinha razão, eu passara o almoço a rondar a mesa, feito uma abelha na primavera.

— Só quero fazer uma pergunta ao Sr. Padre antes que se vá embora — disse, olhando o padre.

Ele sorriu-me.

— Com certeza. O que gostarias de saber?

Hesitei.

— Faz lá a pergunta, rapaz! — empurrou-me o Sr. Vaz.

Assim o fiz e lembrei-me de palavra por palavra do que estava escrito no meu caderno. O meu tom foi respeitoso, tal como deveria ser, mas os três permaneceram imóveis e em silêncio a olhar para mim com um certo espanto, e os olhos da Clara ficaram tristes.

— O miúdo não sabe quem são os pais — esclareceu finalmente o Sr. Vaz, para benefício do padre. — Ele apareceu aqui na herdade ainda bebé, dentro de uma cesta de verga, e ninguém sabe quem é a família.

Foi a primeira vez que o ouvi a falar sobre a minha chegada à herdade, e com a sensibilidade às palavras à flor da pele — devido ao meu romance fresco com a poesia —, lembro-me de que apreciei ele ter escolhido dizer «apareceu» e não «foi deixado».

O Padre Manuel continuava a olhar-me e anuiu, fazendo-me um sorriso cúmplice onde não havia julgamento.

— Não te preocupes. Vou ver os registos e enviarei um recado aqui para a herdade.

— A minha mãe é a madrinha do Baltazar — acrescentou a Clara. Estava preocupada comigo, tratava-me pelo meu nome quando estava preocupada e a voz também mudava e ficava um pouco mais forte e segura.

— Ah, sim? Não poderias ter ninguém melhor — felicitou-me.

— Manuel, tens recebido notícias dela? — perguntou o Sr. Vaz.

— Sim, esta semana recebi uma carta. Pelo que parece, já se instalaram e estão a adaptar-se bem.

A cabeça do Sr. Vaz balançava como se a informação viesse confirmar o que ele já sabia. Baixou os olhos para a mesa e começou a mexer nos restos de ossos de galinha que estavam sobre a toalha e lhe rodeavam o prato.

— A minha vontade é ir lá e arrastar as duas de volta para casa! É aqui o lugar delas! É aqui que pertencem! Não importa quais são as ideias da Leonor!

— Pai… — murmurou a Clara, pousando uma mão sobre a dele, para o fazer parar de atirar os ossos de lado para lado e sossegá-lo.

Apesar de já terem passado meses, ele ainda não conseguia falar da partida da filha e da mulher sem o sangue lhe subir às bochechas e nem as barbas espessas lhe escondiam a ira vermelha; quanto menos falava, mais vermelho ficava.

— Acredite que também teria todo o gosto em vê-las de volta. No entanto, duvido que tal aconteça.

— O Natal está mesmo aí e vão poder conversar outra vez sobre tudo isto — disse a Clara.

O Sr. Vaz bufou.

— Faz-me um favor, Manuel, e chama a minha mulher à razão… porque eu… não sei que faça à minha vida.

— Fique descansado. Até já falei com o Luís sobre o assunto, quando me telefonou no outro dia. Acredito que tem mais influência sobre a Leonor do que qualquer um de nós.

— Obrigado.

— Vai ver que isto é só um mau período… parte natural do casamento… que tudo se resolverá. O tempo é o melhor conselheiro para qualquer problema… especialmente os que parecem intransponíveis.

Ele falava para o Sr. Vaz, mas olhava para a Clara, que o olhava de volta. A falta de expressão de ambos não me deixou nenhuma ideia sobre o que partilhavam.

— Deus te ouça, Deus te ouça…

— É isso mesmo que tenho tentado que o meu pai compreenda. Obrigar a minha mãe a fazer-lhe a vontade, a ir contra o que ela acredita que é certo, só vai piorar a situação. Ela voltará a si quando estiver preparada para o fazer.

— Isso que vocês dizem soa muito bem aos ouvidos, só que aqui… — Bateu no peito. — Aqui dentro… — Abanou a cabeça, discordando dos dois e sem palavras para argumentar.

A emoção apanhara o Sr. Vaz e ele precisava de alguém que o salvasse. Sorte a dele que tinha ao lado… (vocês sabem quem).

O Padre Manuel apressou-se a perguntar sobre a nova máquina debulhadora que chegara à herdade, da qual ouvira o povo a falar durante essa semana. E o orgulho do Sr. Vaz saltou-lhe para a voz e limpou-lhe os olhos. Começou a descrever com entusiasmo as capacidades de uma máquina que ele inicialmente estivera relutante em comprar.

— Saiu-me bem melhor do que a encomenda! Vejo essas modernices sempre com um olho no burro e outro no cigano, não vão eles roubar-me e fugirem com o dinheiro. Quem diz cigano, diz

vendedor, pois *'tá* claro. Não me falta é desses a baterem-me à porta…

O Sr. Vaz continuou a alternar o discurso entre os vendedores que o tentaram ludibriar e a singularidade da sua máquina, daquela, em específico, que ele escolhera. Depois, passou pela sua habilidade para detetar um mentiroso e o despachar na mira de uma caçadeira, e ainda pela sua visão para identificar o que era realmente *bom*.

A Clara acompanhava a conversa com um sorriso de concordância pontual e cada vez mais voltada para dentro. O Padre Manuel pareceu notá-lo e tentava puxá-la de volta com os seus próprios sorrisos, ou então, num esforço para se segurar a si mesmo ali. O Sr. Vaz sabia como entediar uma mesa quando começava a falar do cultivo.

Nessa tarde, o Padre Manuel não ficou na herdade, mas teve uma longa conversa de despedida com a Clara no patamar. Ouvi o nome do Fernando ser mencionado por várias vezes; ao vê-la entregar-lhe um envelope, a minha curiosidade despertou. Ele abraçou-a — não era gesto comum entre eles —, ela sorriu-lhe uma última vez, em silêncio, sincera, hesitante.

Em braços te aconchego meu medo
Em confiança te deponho nele, meu segredo.



Era a segunda visita da Piedade naquela semana. A Maria da Assunção estava a cortar-me o cabelo quando a vimos chegar, a passo saltitante e de sorriso nos lábios.

— *Olh'á* viúva alegre — murmurou a Maria da Assunção, entre dentes e só para mim.

A D. Idalina e a Rosarinha também não pareciam estar à espera de a ver.

— Trouxe a mãe para te ver — justificou a Piedade, quando a irmã lhe perguntou o que estava ela a fazer na herdade.

A D. Idalina não pareceu convencida com a resposta, mas fingiu acreditar. A D. Crisália apareceu segundos depois, toda vestida de preto e costas ligeiramente curvadas, passos bamboleantes de pernas com articulações que havia muito não dobravam.

Lembram-se de eu vos ter contado que a D. Crisália era bruxa? *Vidente*, corrigiam-me todos. Pois bem, que seja.

— Ó mãe, ainda estive lá em casa consigo no domingo — lembrou-a a D. Idalina, dando um jeito no banco corrido para que ela se sentasse junto ao calor do lume. — Anda-me agora ao frio a vir para aqui… Se isso tem alguma pilhéria!

— Ai que *tou* fodida, hã?! *Inda* nem entrei… Dá-me tempo de aquecer a bichana, antes de me foderes o juízo, filha!

— Olhe a criança — lembrou a D. Idalina, apontando para mim. Não que a observação alguma vez lhe parasse o asneiredo. Tinha a língua desgovernada, a velhota. Quando ria, eram mais os dentes que lhe faltavam do que os que lhe restavam, e usava sempre um lenço preto e grosso na cabeça que atava por baixo do queixo e lhe tapava as orelhas.

— O quê?! Ele até se *tá* a rir! — respondeu, olhando-me e rindo-se também, abrindo ainda mais a boca e vendo-se cada vez menos dentes. — Ó filhinho, tu ouve e aprende! Nesta vida, é só filhos da puta e temos de saber responder-lhes à letra. Quanto mais nos vergamos, mais se nos fica o rego do cu à mostra. Cheguei a esta idade não foi por acaso. — Depois, voltou-se novamente para a filha, batendo na mesa com os nós inchados das mãos. — E uma pomadinha para aliviar as dores?

A contragosto, a D. Idalina fez um gesto à Rosarinha, que pousou as cebolas e foi buscar o garrafão do vinho e uma malga.

— Cheio chega.

E sem deixar sequer o vinho assentar, a D. Crisália pegou-lhe com as duas mãos um pouco trémulas e levou-o à boca. Grandes goladas depois, fez a língua estalar no céu da boca e deu um bafo satisfeito à cozinha, cantarolando:

— *É o tinto, é o branco, e ainda a filha da puta da aguardente a dar cabo da cabeça à gente!* — Riu-se num cacarejo alto. — Pelo

menos, pergunta pela tua filha — disse ela bruscamente para a Piedade. — Mais que *num* seja para disfarçares.

A Piedade rodou no banco e voltou-lhe as costas.

— Ó mãe, cale-se lá!

A D. Crisália riu-se.

— Sou velha, mas ainda *num* sou cega, caralho! Se queres saber do homem, *pragunta. Num* estejas *p'aí* a esticar o pescoço quem nem uma garnisé para ver se lhe pões os olhos em cima.

A Piedade abanou a cabeça e bufou.

— Para a próxima, não a trago a lado nenhum. É sempre a mesma vergonha.

— Ei! — interveio a D. Idalina. — Calminha. Respeitinho à mãe.

— Deixa andar a bicha! *Cum* esta posso eu bem.

A Matilde apareceu, os olhos saltaram por duas vezes entre a mãe e a avó, e não pareceu entusiasmada com a presença delas.

— Oh! Olha, olha! Por falar em bichas…

— Sim, avó. — O ar condescendente da Matilde era uma mistura de enjoo e desprezo.

— Família feliz… — segredou-me a Maria da Assunção, com um risinho maldoso. — Pronto! — anunciou de seguida com voz normal e passando as mãos pelo meu cabelo encrespado. — Estes caracóis cada vez me dão mais trabalho.

Por um instante, olharam todas para mim, a avaliar a mestria da Maria da Assunção no meu cabelo. Pareceram satisfeitas.

— Que vieste cá fazer? — perguntou a Matilde baixinho para a mãe, mas no silêncio da cozinha foi possível ouvi-la na perfeição.

— Ver como estavas, filha — disse, numa voz doce. As mãos tentaram tocar-lhe nos cabelos negros para uma carícia, mas a Matilde desviou-se para longe. O fogo crepitou com dois estalos. — E trazer a tua avó para fazer uma visita.

— Está tudo bem. Não precisas de te preocupar.

Ela ainda se sentou ao lado da Rosarinha, mas mudou de ideias logo de seguida, levantou-se novamente e foi embora sem deixar uma palavra a ninguém.

— Foi mal pensado — disse a D. Crisália. O sorriso endiabrado da velhota desaparecera, os olhos baços a olharem o teto. — *Num*

vejo nada de bom a vir dela estar nesta casa.

A Rosarinha benzeu-se, como se o sinal da cruz pudesse protegê-la da premonição.

— Ela anda certinha — garantiu a D. Idalina. — Só está a fazer-lhe bem!

— Sabes como a mãe é — resmungou a Piedade —, não consegue deixar o mau augúrio.

— Se ouvem o que *num* gostam, é sempre mau augúrio.

— Profecias nunca trouxeram bem nenhum a ninguém! — lembrou a Piedade.

A D. Idalina bufou e mandou as duas acabarem com a conversa. Ela não apreciava as palavras misteriosas e as premonições da mãe, menos ainda se as fazia na herdade.

As três começaram a falar cada vez mais e a ouvir cada vez menos. A Maria da Assunção — que não se sentia muito à vontade a partilhar o ar com a D. Crisália — baixou-se e sussurrou-me ao ouvido que ia dar uns pontos de costura numa roupa. Eu queria perguntar-lhe mais sobre o que estavam elas a discutir. Qual seria o mau augúrio? Se era sobre a Matilde, eu queria saber tudo.

O Fureca apareceu, a meia dúzia de cabelos que ainda lhe sobrava na cabeça esbaforidos.

— Foda-se lá o vento!

A D. Crisália respondeu-lhe com mais uma das suas frases inspiradas, que começavam com uma asneira ou terminavam numa asneira; os dois logo a trocar caralhadas para cá, caralhadas para lá. Se aqueles calhavam em cruzar-se, *era uma tal badalhoquice de língua* — dizia a D. Idalina —, *que não dava para crer que se tratasse de dois católicos*. A D. Crisália não levava a fé tão a peito quanto a filha. A velha senhora lembrava-a de que já não lhe restava tempo para desperdiçar a preocupar-se com aquilo que os outros pensavam, nem idade para se privar do prazer de umas asneirinhas que não abriam ferida nem vertiam o sangue de ninguém.

A D. Idalina mandou-me ir lá para fora sacudir os cabelos que tinham ficado colados no pescoço e nos ombros e, a seguir, ir buscar umas peças de carne ao caixote da salga, para o jantar.



O outono continuou a avançar, discreto, em dias e semanas muito semelhantes, mas nunca iguais, todos a rodar agora em torno de mim e da minha nova vida interior. A solidão dos Vaz permaneceu à distância, como um filme a preto e branco do cinema mudo.

O Padre Manuel cumpriu a sua promessa e fiquei a saber que me foi dado o apelido «dos Santos». Baltazar dos Santos. Era eu, sem nome intermédio, apenas com mais uma informação que nada me dizia sobre mim.

Continuei a acordar com a Matilde no pensamento, uma existência cada vez mais familiar que eu ia compondo dentro da minha cabeça e só nela era real. Ela fazia-me saltar da cama todas as manhãs e protagonizava as minhas fantasias ao longo do dia, às vezes também em sonhos à noite. Dediquei-me a ajudá-la a aproximar-se da Clara, propus a ideia de um teatro de marionetas para o Natal e consegui levá-la a avançar. Acabámos por escolher uma das histórias que o Sr. Hipólito contara à Clara, chamada *O Capuchinho Vermelho*. A Clara seria a avozinha, a Matilde, o Capuchinho Vermelho e eu… o Lobo Mau.

PARTE III

12

Assim que o frio chegava para ficar e as noites se tornavam as mais longas e gélidas do ano, a Clara gostava de passar as tardes de fim de semana a fazer *puzzles*, sentada no tapete perto do calor da lareira. A cada inverno, eles tornavam-se maiores em tamanho e complexidade. Eu por vezes fingia que a ajudava, só para poder estar deitado no tapete, ao lume, a imitar um gato inútil.

Era assim que estávamos, no segundo sábado de dezembro. A chuva começara durante a madrugada e, ao final do dia, havia a sensação de que o Sol nunca chegara a nascer. Com as sombras das cores a misturarem-se no mesmo borrão negro, o Fernando chegou — para nossa grande surpresa — e não chegou sozinho.

O barulho do motor de um carro despertou-nos do torpor já sonolento do final do dia. A Clara correu para a porta e eu segui-a logo, a espreitar-lhe por cima do ombro. Dos dois contornos que se distinguiam na entrada, o meu entusiasmo antevia o Fernando, mas foi no companheiro dele que os meus olhos se colaram, apanhando o que os restos da luz da sala nos permitiam ver. Era alto e elegante como o Fernando, os dois bastante parecidos, apenas o cabelo escorrido e mais escuro os distinguia nas sombras.

— Pensávamos que só voltavas na próxima semana! — disse a Clara, atirando-se para os braços do irmão. Ele apanhou-a, os dois rodaram e eu troquei um olhar sorridente com o estranho.

Finalmente, o Fernando reparou em mim e também me deu um abraço apertado. Tive a sensação de que me lembrava dele maior.

— Este é o Tiago — apresentou-o, puxando o desconhecido para o seu lado e dando-lhe um aperto no ombro. Mais de perto e lado a lado, afinal não me pareceram assim tão semelhantes. O Tiago era mais moreno, de sobrancelhas grossas, olhos amendoados e nariz pequeno.

O molde era o mesmo, mas a fornada era definitivamente outra.

— Ele ofereceu-se para fazer um desvio e trazer-me a casa. — O Fernando apontou para nós. — É a Clara e o Formiga.

O recém-chegado fez um pequeno gesto de cabeça para cada um de nós e deu-nos um sorriso sem palavras.

— Bem-vindo — disse a Clara, como uma boa anfitriã. O gaguejo quase impercetível e as faces cor-de-rosa.

Mexemo-nos para deixar o patamar.

— Onde está toda a gente? — perguntou o Fernando em voz alta, para a casa o ouvir.

— O pai ainda não chegou e a mãe e a Ana só voltam do Porto depois de amanhã…

A Maria da Assunção apareceu nesse momento nas escadas e a gargalhada dela interrompeu a Clara.

— Parece que *'tav'adivinhar*! Ainda esta tarde arranjei o teu quarto, moço!

Ele foi até ela e também lhe deu um abraço forte com direito a levantar os pés do chão e a um gritinho.

— Mas vais ter de arranjar também um quarto aqui para o Tiago.

Ela reparou pela primeira vez no estranho, pareceu satisfeita e o sorriso mudou.

— Ah, com certeza.

— Fernando, não é necessário — falou ele pela primeira vez.

O Tiago tinha a voz do homem do rádio, tudo o que dizia me parecia importante.

— Disse-te que são só mais umas duas horas até minha casa, no máximo. Consigo fazer bem o resto da viagem.

— Nada disso! Vieste a conduzir quase todo o dia, deves estar cansado e isto é o mínimo que posso fazer para te agradecer. — Voltou-se para a Clara. — Se não fosse ele, nunca saberia que os alunos em regime de internamento podiam ser dispensados mais cedo. — Pousou um beijo na cabeça da irmã. — Agora, vou à cozinha para me certificar de que a D. Idalina tem comida para nós. — Riu-se, piscou o olho à Maria da Assunção e fez-me um gesto com a mão para que lhe fizesse companhia.

Na cozinha, a D. Idalina, a Rosarinha e o Fureca já estavam entusiasmados pelas vozes que lhes chegaram antes de nós e festejaram com sorrisos e abraços quando o Fernando entrou na cozinha.

Eu também sorria, sorria a todo o momento, deliciado com o regresso inesperado, com toda aquela comoção e a saborear a surpresa da chegada antecipada.

O impossível aconteceu quando me esqueci da Matilde. Foi a D. Idalina quem a desvendou, no canto junto à lareira, sentada no monte de cepos, e a apresentou ao Fernando.

— Nós já nos conhecemos, não…? — perguntou ele, semicerrando o olho direito para ajudar a memória.

Ela sorriu e anuiu, confirmando-o. Mas quando pareceu não conseguir chegar lá sozinho, ela esclareceu-o:

— Andamos juntos na escola, até à 3.ª classe.

— Pois foi! — Os dois riram-se um para o outro, mas eu já não estava a rir-me.

Senti-me roubado. Era suposto eles serem meus amigos, meus, cada um, individualmente, uma linha reta onde eu era o ponto de ligação, não um triângulo. E ainda por cima, a D. Idalina roubara-me o momento que eu fantasiara por diversas vezes. Era eu quem iria apresentá-los um ao outro. Aquilo estava tudo a correr mal.

O braço dele pousou sobre os meus ombros e puxou-me para mais perto enquanto falava. A proximidade confortou-me e perdoei-os a todos.

A D. Idalina assegurou-lhe que haveria jantar para ele e para o amigo, e o Fureca elogiou o desembaraço e a mão que ela tinha para a cozinha,

conseguindo enfiar meia dúzia de palavrões na mais simples das frases. A Rosarinha, que andava bem constipada por aqueles dias, mesmo assim conseguiu partilhar das gargalhadas.

A luz elétrica da casa foi abaixo.

— É bom estar de volta — gracejou o Fernando. O fogo da lareira a iluminar-nos, o cabelo castanho-claro dele, todo encaracolado em volta da cabeça, a brilhar na escuridão como um cogumelo.

Tal qual maestro, a D. Idalina distribuiu tarefas e escorraçou toda a gente para fora da cozinha. Eu fui acender as velas, a Matilde ficou encarregue de pôr a loiça na mesa da sala e, mais tarde, eu ajudá-la-ia a carregar até lá as travessas com a comida. Naquela

noite, ela pareceu não se importar de ter de fazer o trabalho e lá foi com a loiça nas mãos.

O Sr. Vaz apareceu pouco depois e depressa se pôs em conversa entusiasmada com o seu jovem convidado inesperado — pelo que apanhei da troca de palavras, ele também era de uma família com tradição de cultivo e raízes nas terras, e tinha interesse no assunto. Os pais eram a terceira geração de viticultores, mas ele, o Tiago, preferia os cavalos.

— Ah! Então, o Fernando já te falou dos nossos — disse o Sr. Vaz, todo vaidoso.

— Poderíamos ir dar uma volta, amanhã — sugeriu a Clara. O gaguejar dela ainda não desaparecera. O amigo do Fernando concordou de imediato e o sorriso dele demorou-se nela. A ideia pareceu agradar a toda a gente. Eu, pessoalmente, não era grande apreciador de andar a cavalo; admirava-os demais para me sentir confortável em cima de um.

O jantar a quatro foi surpreendentemente animado! As gargalhadas do Sr. Vaz, bem altas e sinceras; o Fernando falava com o mesmo entusiasmo com que a Clara o ouvia e o recém-chegado aparentemente sentia-se já em casa.

A Matilde e eu estávamos ambos por perto e interessados, e trocávamos um sorriso de vez em quando para fazer alguma coisa. Queria perguntar-lhe porque nunca me dissera que conhecia o Fernando, mas não sabia como o fazer. Falei-lhe sobre ele diversas vezes e ela deixou-me falar, exaustivamente. Com certeza que lhe dissera «quando o conheceres…» ou «se o conhecesses…» e ela nunca me corrigira nesses instantes. Agora sentia-me um pouco ridículo ao recordar as conversas e ainda mais infantil do que a minha idade. Nutria uma certa vaidade no que dizia respeito ao Fernando, e é com um pouco de embraço que assumo tê-lo usado para tentar impressionar a Matilde. A expressão de espanto e surpresa eram as minhas favoritas de ver no rosto dela e a forma como me olhava nessas raras ocasiões — a atenção — eram uma espécie de magia hipnotizadora.

Toda a gente pareceu gostar daquele convidado inesperado à primeira troca de palavras, inclusive eu. Com modos corteses e

sorriso fácil e sincero, que na maioria das vezes dirigia primeiro à Clara — isso também acredito que foi visível para todos.

— Alguém ganhou um admirador — comentara a Matilde, logo naquele primeiro jantar.

O Sr. Vaz insistiu de imediato para que o Tiago ficasse mais tempo.

— Um dia não dá para ver nada! Já te disse quantos hectares tem a herdade? — perguntou, todo vaidoso. Sim, ele tinha-o dito, pelo menos duas vezes durante o jantar. A Clara e o Fernando reforçaram o convite, mas não me pareceu necessário insistir, porque o jovem convidado já não estava tão ansioso por continuar a viagem quanto à chegada.

Toda a gente foi para a cama cedo, satisfeita pelo dia longo e cheio, e ansiosa pelo passeio combinado para o dia seguinte.



O Sol ainda não nascera e eu saltitava de um lado para o outro como se o passeio também fosse para mim, na esperança de ter alguma atenção do Fernando antes de eles saírem, mas sem me calhar grande sorte. Ele estava empenhado em fazer o amigo sentir-se em casa e as saudades que tinha da irmã eram maiores do que aquelas que sentia de mim. Os dois estavam mais inseparáveis do que nunca, e eu vi-me aflito para conseguir um lugar naquele novo grupo. Mas o meu entusiasmo ainda superava estas contrariedades menores.

O dia estava a combinar com a boa disposição geral, céu azul forte, sol a disfarçar bem o frio, que já era de inverno apesar de ainda faltarem alguns dias até ser oficial. Eles que fizessem bom proveito do passeio a cavalo que eu trocava-o de bom grado pela manhã junto à lareira e a minha conversa de domingo com a Matilde. Só precisava de passar no meu quintal, regar umas coisas, pôr um olho e uma mão nos covões, e estava feito o meu dia.

A Rosarinha andava adoentada, não se dava com o frio, e eu e a Matilde fomos ajudando a D. Idalina com umas coisas que ela nos deixara para fazer nessa manhã antes de ir para a missa.

Pela hora de almoço, os três ainda não tinham voltado a casa e o Sr. Vaz almoçou connosco na cozinha, como gostava de fazer quando estava sozinho. Toda a gente apreciava a companhia dele porque nos contava histórias que ouvia pelas terras ou parvoíces que os empregados faziam e por norma acabava tudo em gargalhadas.

Como eu desconfiara, ele estava encantado com o Tiago e já se regozijava sobre a boa influência que um rapaz daqueles poderia ser para o filho.

— O Fernando precisa de amigos assim, que saibam o valor da terra e das responsabilidades de quem a tem, o dever de cuidar bem dela.

Eu tinha as minhas dúvidas, não do valor do Tiago, mas quanto a ele conseguir influenciar o Fernando.

O Padre Manuel não veio à herdade nesse domingo. Estranhei — era a primeira vez que tal acontecia — e senti a falta dele. Mas estranhei ainda mais quando também não veio no domingo seguinte.

Os três só voltaram do passeio quase ao pôr do sol, mais animados ainda do que quando tinham saído. Entraram na cozinha vindos das cavalariças, em risos.

— Comemos na aldeia — disse o Fernando, sossegando as preocupações maternais da D. Idalina. — Estava um cheiro a rojões que não resistimos.

Ela suspirou, um pouco desgostosa pela dedicação desperdiçada que pusera a preparar o almoço.

— Pelo menos, o teu pai consolou-se!

Eles seguiram para sala.

— Quem é o fulano? — perguntou o Fureca, depois de os três estarem fora de ouvido. Com o frio, ele pastava pela cozinha como uma ovelha esquisita e biqueira. Demos-lhe uma resposta com uns cacos de informação. Ninguém sabia grande coisa.

— Ele faz-me lembrar o Sr. Luís — disse a Maria da Assunção, que estava a tratar de umas peças de roupa. — Cai bem ao olho — gracejou.

— Vá! Vá! Tento na língua — avisou a D. Idalina.

— ‘*Tou* só a dizer. Olhar não lhe vai arrancar nenhum bocado.

A Matilde riu-se, mas a Maria da Assunção pareceu não gostar e lançou-lhe um olhar de esguelha. *As duas não iam à missa juntas*, como dizia o Fureca.

— A patroa *num binha* hoje? — perguntou ele, sentando-se no seu lugar à mesa, já à espera do jantar.

— Sim — confirmou a Maria da Assunção, com mais um olhar satisfeito para a Matilde. Ela sabia que a chegada da D. Leonor não iria trazer boa sorte para o lado dela.

— Se Deus quiser! — acrescentou a Rosarinha, seguido de uma tosse de cão.

— Ó cachopa, tu bebe-me um chá de cebola! Xarope de cenoura, qualquer coisa!

A Rosarinha anuiu para a Maria da Assunção e assoou o nariz, o barulho a abafar a música do rádio.

— Filha, eu começo a preocupar-me *cuntigo*.

A D. Idalina limpou as mãos num farrapo e aconchegou a testa da Rosarinha nas suas mãos frescas.

— O pobre *num* tem direito a ficar doente — disse o Fureca. Verteu vinho do jarro de barro para a malga e levantou o dedo indicador com convicção. — Deve estar escrito em qualquer sítio.

— Eu sei, eu sei… — lamentou-se ela.

A maldita da constipação quase matou a Rosarinha naquele inverno. Acredito que se o Padre Manuel não tivesse passado pela herdade para falar com a D. Leonor e os dois não se tivessem cruzado com ela ao atravessarem a cozinha para o jardim, e insistido depois em chamar o médico, o destino poderia ter virado para o caminho mais sombrio.

Pouco depois, fui atiçar o lume na lareira da sala e encontrei-os espalhados pelos sofás, em conversa. O Fernando puxou-me para me sentar ao lado dele, e por lá fiquei, todo satisfeito, a sorrir e a abanar a cabeça numa conversa que pouco me dizia, mas à qual dava o meu modesto contributo.

— Conta-nos lá sobre a tua poesia, Formiga — pediu o Fernando.

Não soube o que lhe responder. Haveria sequer alguma coisa para dizer?

— O Formiga tomou gosto pela poesia nos últimos meses — explicou a Clara ao Tiago.

Ele assentiu, aprovando a minha escolha.

— Gostas de ler, é? — perguntou-me.

— Não. Só de poesia.

Riu-se, divertido, e não me contrariou.

— Muito bem. E já tens algum poeta favorito? Com o qual te identifiques mais?

Olhei para a Clara. Ela arqueou as sobrancelhas e anuiu, incentivando-me a responder.

— Cesário Verde… — disse, relutante. Eu dava atenção aos poemas, não aos poetas.

Ela confirmou a minha resposta com um sorriso.

— Teve uma boa professora — elogiou o Fernando.

— Nada disso. Ele tem um dom natural para sentir.

— E já começaste a escrever os teus próprios poemas?

Aquele Tiago começou a parecer-me o par perfeito para a Clara, obviamente que os dois partilhavam o mau hábito de esperar demasiado de mim. Respondi-lhe que «às vezes» e todos eles se riram. Eu também ri, deliciado por estar ali.

Eles continuaram a falar de escritores e livros, os que gostavam, a perguntarem entre si se conheciam este ou aquele título, e muitas outras coisas que me eram estranhas, mas me pareciam fascinantes apenas pela forma como falavam sobre elas.

Eu observava o Fernando. Encantava-me a facilidade com que sorria, a naturalidade com que dava uma gargalhada — não como consequência de uma graça — como expressão de espírito. Para mim, o sorriso é trabalhoso, há sempre um pressentimento que o segura, que o pesa e o prende, que prefere a melancolia. Acabei por descobrir ao longo dos anos que isto é apenas medo, o instinto de quem está sozinho no mundo.

— Tens de ficar mais um dia — disse a Clara —, para conheceres o resto da família. Chegam amanhã do Porto.

— A minha mãe vai adorar-te! — disse o Fernando, rindo.

O Tiago pareceu um pouco confuso e olhou a Clara, que corou.

— Sim, é isso mesmo que vocês os dois estão a pensar.

Houve pela primeira vez um silêncio mais prolongado, em que todos sorriram ligeiramente e ninguém olhou ninguém. Uma vez mais, não percebi.

— Qual é a tua opinião, Formiga? — perguntou-me o Tiago, para minha grande admiração. — Devo ficar mais um dia?

Fiquei tão eufórico por ele me pedir uma opinião que não poderia responder outra coisa senão «sim».

O Tiago ficou mais um dia, e mais outro ainda.

O Fernando estava certo, a D. Leonor adorou o Tiago desde o primeiro minuto. Os modos educados dele encantaram-na, *falavam a mesma língua*, como ela mesma o definiu.

A D. Leonor voltou à herdade e tomou posse da casa como uma rainha tomaria posse do seu castelo.

— Baltazar, está mais alto! — elogiou ela ao ver-me. Eu adorava-a!

A Ana passou como uma corrente de ar morna que mal notei, e o Sr. Luís apertou-me a mão. Era a segunda vez que o fazia e percebi que aquele se tornava então o nosso cumprimento habitual.

— De quem é o carro ali à porta? — perguntou o Sr. Luís, com interesse. Ao ver o rosto novo do Tiago, sorriu-lhe e apertou-lhe a mão entre as suas. — Meu jovem, tem ali uma bela máquina!

Ele gostava muito de carros e, tendo o Sr. Vaz um desprezo tão convicto pelo assunto, ficou muito agradado por encontrar finalmente alguém que o compreendesse.

O Tiago era o centro das atenções. No entanto, ele tinha a sua preferida e só via um rosto, a flor mais jovem no jardim dos Vaz.

Ele não disfarçava e sempre que a família comentava, ele respondia sem hesitação: «Sim, é bela.» «Sim, tem sido companhia maravilhosa.» «Sim, estamos a dar-nos muito bem.» Entre todos, a D. Leonor era a mais entusiasmada com a ideia de um possível romance entre os dois.

— As minhas preces foram ouvidas, Luís — ouvi-a confidenciar ao irmão, com alívio. — Ele pode tirá-la desta terra.

Na manhã do quarto dia após a sua chegada à Herdade do Lago, o Tiago voltou a enfiar-se dentro do carro e lá foi para um Natal com a sua família. Todos sentiram a partida, mas depressa a esqueceram.

Sobre o Tiago, não posso contar-vos muito mais agora. Nesta altura, eu ainda o via como mais um dos muitos convidados ocasionais da herdade, mais um dos que nunca voltariam. Mas ele voltaria, em breve, e outras vezes.



A energia do reencontro dos Vaz pareceu salutar. Todos eles estavam mais dispostos do que nunca a aturarem-se uns aos outros.

Durante a tarde, eu, a Matilde e a Clara juntámo-nos na salinha da renda para terminar a construção das marionetas do teatrinho que preparávamos para apresentar no dia de Natal.

A Matilde fizera um verdadeiro esforço naqueles meses para se aproximar da Clara. Conhecia-a o suficiente para saber quando nutria interesse ou entusiasmo por algo, e as marionetas não tinham nenhum dos dois efeitos sobre ela. E no entanto, apesar dos esforços — e de todas as minhas ajudas discretas —, as duas continuavam a trocar poucas palavras além do essencial.

Estávamos numa das nossas conversas mornas temperadas com silêncios, quando o Fernando apareceu.

— Aqui estão vocês! — festejou, como quem finalmente encontra o que procura.

Sentou-se ao lado da Matilde e deixou-se a observar as mãos dela a aperfeiçoarem o Capuchinho Vermelho.

— Engraçado, o boneco — comentou. — Estou curioso para ver a vossa versão da história. — Mas a voz não mostrava o interesse.

— Por mim, acrescentava um par de armas aqui no Capuchinho — disse a Matilde que, tal como ele, estava ligeiramente entediada e a fazer um esforço para sacudir o torpor. — Talvez também lhe desse um cavalo para se despachar a atravessar a floresta.

Ele riu com mais vontade.

— Concordo. Um bocadinho mais de emoção para a história.

— É preciso ser uma Capuchinho um bocado parvinha para ir visitar a avó na floresta, sem levar sequer uma fisga no bolso.

O Fernando encontrou um alfinete e espetou-o na mão do Capuchinho para fazer de espada e riram-se os dois.

— Ela é só uma criança. Não vê o perigo e por isso não sente necessidade de se defender — esclareceu a Clara. Olhou-os e pareceu não gostar da brincadeira.

A Matilde tentou mostrar-se mais respeitosa com a história, tirou o alfinete da mão da marioneta e a tentativa que fez para retomar a expressão compenetrada só desafiou o Fernando a provocá-la ainda mais com acrescentos ao Capuchinho que se foram tornando cada vez mais disparatados, e a marioneta foi ganhando chifres e outros apetrechos para se defender do Lobo.

— Fernando! Se não queres ajudar, não atrapalhes — reclamou a Clara. Estava de mau humor. Era coisa rara, mas acontecia.

— Oh… Estás rabugenta porque o teu namorado se foi embora, é?

Ela corou, mas os olhos esbugalhados que manteve nele diziam-lhe que não iria admitir que lhe falasse daquela forma.

— Pronto! Percebi! O amor não é para brincadeiras. — Ela pegou numa mão-cheia de sobras de tecido e atirou-lhe para cima. — Vocês só estão a esquecer-se de um pequeno pormenor sobre essa atuação de Natal — disse ele, sacudindo os farrapos para o chão. — Um pormenor *muito* importante.

A nossa atenção foi toda para ele. Ele riu-se das nossas expressões perdidas. Elas não perceberam, mas eu lembrei-me: a D. Leonor. Ela nunca iria aceitar assistir ao que quer que fosse na presença da Matilde. O teatro de marionetas nunca aconteceria.

— Formiga! — voltou-se ele para mim. — Vamos pescar! Deixa a costura para as meninas.

A Clara olhou-me, pedindo-me para ficar sem proferir as palavras, sem querer admitir que não queria ficar sozinha com a Matilde. Mas eu estava com demasiadas saudades do Fernando para lhe fazer a vontade e voltei-lhe as costas sem pensar duas vezes — não era só a Matilde que não via grande graça nos bonecos. Ela estava a fazê-

los pela Clara e eu estava a fazê-los por ela. Aqueles bonecos só pareciam interessar verdadeiramente à D. Leonor e à filha.

O dia não estava especialmente apelativo para se estar no exterior, muito menos dentro de um barco no meio do lago com uma brisa que não deixava dúvida de que estreávamos mais um inverno. Mas apesar dos pesares, lá estava eu a caminhar novamente ao lado do Fernando, a descer pela terra relvada, canas ao ombro.

O lago não tinha peixes. Nunca houve quem lá conseguisse apanhar sequer um. Coisa que também nunca nos impediu de fazer o que estávamos prestes a fazer. Saltar para dentro do barco, remar até ao meio do lago, colocar o isco no anzol e atirá-lo para a água e esperar, conversar e esperar, esperar e conversar. A presença do Fernando era confortável como sapatos velhos. Nunca se impunha a mim, estava lá para mim e era o bastante para me fazer sentir alguém maior. Todas as crianças deveriam ter direito a alguém assim, à magia de uma presença humana que deslumbra — não os olhos, mas tudo o resto em nós que não se vê.

No meio do lago, entre os cinzentos da água e das nuvens, o Fernando falou-me mais sobre a vida em Lisboa, e ouvi-o com toda a atenção. Depois, perguntou-me sobre o que se passara na herdade, sobre a Matilde, a minha poesia e também ele me ouviu com toda a atenção. Tudo era feito como dantes, se parecia como dantes, e no entanto, não conseguia senti-lo como dantes. Não era especificamente melhor ou pior, apenas diferente.

— Gostei do teu amigo — disse-lhe, querendo ser simpático. Ele parecera-me de súbito distraído, longe dali, e eu queria recuperar a atenção dele de volta para mim.

— Sim, ele é divertido.

— Acreditas que vai mesmo ser namorado da Clara? — atrevi-me.

Ele encolheu os ombros.

— É possível. — E parecendo lembrar-se de alguma coisa, voltou-se e perguntou. — E a Matilde? Dás-te bem com ela? — Anuí. — E a Clara? — Hesitei, mas acabei por lhe fazer mais um aceno de cabeça em confirmação.

Ficámos novamente em silêncio uns segundos, até que os olhos dele se focaram novamente em mim.— Foi por causa da Matilde que a minha mãe foi para o Porto, não foi? — Desviei os meus ao voltar a assentir. — Desconfiei logo disso quando a Clara me escreveu a dizer que elas se tinham ido embora. Não sei o que o meu pai tem na cabeça.

Era de esperar que o Fernando soubesse do passado comum do pai com a mãe da Matilde, porque entre os seus muitos amigos, um deles com certeza saberia da história; mas a Clara, essa eu estava certo de que não suspeitava de nada. A Matilde era demasiado astuta para não suspeitar de que havia alguma coisa a descobrir, tentara abordar o assunto comigo por duas vezes, de forma subtil, como se me avisasse para eu ter uma resposta para lhe dar quando mo perguntasse, mas até àquele momento também não sabia de nada.

— É curioso — disse ele, tirando-me dos pensamentos que mais uma vez me levavam para a Matilde —, eu estava cheio de saudades… e agora que aqui estou, quero ir-me embora outra vez. Viver em dois lugares é como não pertencer a nenhum. A familiaridade de um a sugar a do outro. Um enfraquecimento mútuo que me deixa a mim vazio… e livre… — Sorriu-me.

Eu sorri de volta. Ele continuou a falar e a falar. Talvez fosse da minha convivência recente com a poesia, ou talvez fosse por outra razão qualquer, eu começava a perceber melhor os monólogos do Fernando e isso deixou-me contente.

Não apanhámos nenhum peixe. O Fernando remou e fez-nos deslizar de volta ao cais. Em seguida, fomos até às cavalariças para dar umas guloseimas à *Medusa*; maçãs vermelhas eram as que ela mais gostava.

Ele escovou-a, apesar de eu lhe ter garantido que já o fizera poucas horas antes, e depois selou-a.

— Posso pedir-te um favor? — Respondi-lhe que sim. — Não digas a ninguém que me viste sair. Montou e disparou a galope.

Fiz o que o Fernando pediu quando, perto da hora de jantar, a D. Leonor perguntou por ele, e depois novamente ao final da noite,

quando o Sr. Vaz já bufava a ausência do filho.

— Deixa-o andar — aconselhou o Sr. Luís, despreocupado entre duas passas na sua cigarrilha. — Julgavas que alguma coisa iria mudar só porque passou três meses em Lisboa?

— Com certeza foi visitar os amigos à aldeia — comentou a D. Leonor, tolerante como sempre sobre qual o paradeiro do filho.

A Clara parecia triste, verdadeiramente triste. E o meu instinto dizia-me que não era pela partida do Tiago; o desprezo do Fernando era a meu ver uma causa bem mais provável. Ele chegara havia nem uma semana, o abraço emocionado e feliz à chegada nunca mais se repetira e a cada dia via-o mais distraído dela. A Clara apercebia-se pela primeira vez de que as saudades não eram mútuas, de que afinal era ela que precisava mais dele, ou que talvez ele nem precisasse dela de forma nenhuma.



O Fernando só voltou a casa na tarde do dia seguinte, nada de novo, nem que surpreendesse ninguém, a não ser o Sr. Vaz que se mostrava sempre igualmente indignado e recebia o filho com uma torrente de maldições, e a Matilde que, sendo a primeira vez que ouvia os trovões da tempestade ao longe — ela andava restrita à cozinha por aquelas semanas —, não se atreveu a mexer um músculo, até se sentir segura de que o pior já passara.

— Por onde anda ele? — perguntou ela, quando lhe disse que não havia nada a temer, que era apenas mais um dia típico entre pai e filho.

— Dizem que por aí, nas tabernas e nas casas das meninas. Mas não sei quem são as meninas. — Ela riu-se e passou-me a mão pela cabeça. — Tu sabes quem são?

— Tenho uma ideia, Formiga.

Eu até quis pedir-lhe que me explicasse melhor, mas a Rosarinha estava a olhar para nós com os seus olhinhos de mocho esbugalhados e a Matilde deixou a mesa e foi deitar no balde da lavagem as cascas da fruta que comera e pousar o prato na pia, com um ar de quem pensava nalguma coisa muito longe dali e não

estava para conversas. Fiz uma nota mental para lhe falar outra vez nas *meninas* numa outra altura, só que depois passou-me.



A véspera de Natal veio depressa — tal nunca me acontecera — e, como era tradição, eu estava excitado e ansioso. O dia era sempre grande e cheio de gente. Logo pela manhã, começavam a chegar crianças, algumas com idade para virem sozinhas, outras ainda com um adulto e cada uma delas com o seu sapatinho na mão para deixarem na herdade e receberem a sua prenda do Menino Jesus.

A tradição vinha de longe, iniciada por um dos primeiros Vaz, e cumpria-se em mais um ano. Quase todas as crianças da aldeia vinham deixar o seu sapatinho e depois voltavam no dia seguinte, dia de Natal, para o levar com um dióspiro, uma romã ou figos secos.

Eu ajudava a D. Idalina a receber as pessoas e depois a distribuir as ofertas. O dia era um corrupio feliz.

A consoada era também a noite do ano em que eu me juntava à família para partilhar do serão e da mesa de jantar.

A D. Idalina costumava preparar a ceia de Natal dos Vaz e depois ia ter com a própria família.

— Tens a certeza de que não queres vir comigo este ano? — perguntou-me ela. Tal como todos os anos, assegurei-lhe que não.

— Porta-te bem, filho — pediu-me, lambendo ambos os polegares e passando-os húmidos sobre as minhas sobrancelhas.

Anuí. Com certeza que me portaria no meu melhor. Estava vestido com as minhas roupas mais novas, os sapatos rijos a apertarem-me os pés, mas a brilharem tanto quanto os meus dentes brancos e grandes.

Esta nova tradição que me incluía começara no ano em que ganhei vontade própria e alguma energia para a impor. Devia ter uns quatro anos, talvez cinco, e a minha recusa em sair da herdade começava a ganhar alicerces dentro de mim. O nervosismo era tão grande pela ideia de ter de deixar a herdade para ir com a D. Idalina

para o jantar com a família na aldeia que se assemelhava a pânico (talvez o fosse).

A D. Leonor, ao ver o meu estado — e tal como toda a gente não percebendo a causa nem vendo mais o que fazer —, disse que eu ficaria com a família na consoada. No ano seguinte, repetiu-se, e também no outro que se seguiu, e depois tornou-se tradição.

À noite, fui para a sala, bem engomado e a cheirar a limpo, graças aos cuidados da Maria da Assunção, e com um sorriso igualmente composto.

Antes de avançar para me juntar à família, fiz um compasso de espera junto à entrada para uma inspiração mais profunda, um instante para saborear a antecipação — são tantas as vezes em que ela acaba por ser o melhor e o que recordamos com maior vividez.

Olhei-os a todos, depois a um de cada vez, depois imaginei-me entre eles. A imagem orgulhava-me. Eu admirava-os imensamente — apesar de lhes conhecer os defeitos — e em toda a minha curiosidade e admiração não havia lugar para inveja. Não temos liberdade para invejar qualquer pessoa, é necessária uma compreensão daquilo que invejamos e uma crença na possibilidade de o obtermos. Eu não tinha nenhuma das duas. Não os compreendia, nem acreditava que fosse possível tornar-me noutra pessoa senão quem já era.

Dei três passos em frente e lá fui existir entre eles. Estavam entretidos a falar sobre uns presentes que o Tiago enviara. Havia alguns objetos a passarem de mão em mão.

— Vejam lá o cuidado — dizia a D. Leonor, em tom de elogio e não parecendo ser a primeira vez que falava no assunto. — Mandou um homem até cá, para trazer isto tudo. Ele é, de facto, um jovem especial.

A D. Leonor focava-se em elogiar o Tiago e os outros falavam sobre os presentes, em especial o livro que ele mandara para a Clara e sobre o qual todos pareciam ter uma opinião. O livro, com o título a letras douradas na capa, pesado de muitas folhas, pelo que percebi dos comentários do Sr. Luís — que era muito bom a explicar as coisas — falava sobre os portugueses e a história de uma família um pouco parecida com a nossa. Ele gostara do livro, o entusiasmo

com que falava bastava para o perceber, e prolongou-se a partilhar as razões e as partes da história que mais o fascinaram, sublinhando também os elogios que a D. Leonor não se cansava de continuar a fazer ao Tiago. A Clara não parecia estar tão satisfeita com a oferta, nem olhava para o livro.

— Aqui tem o seu, Baltazar — disse a D. Leonor, entregando-me um embrulho para meu grande susto.

— Meu? — duvidei.

— Sim, querido. O Tiago teve a atenção de enviar uma lembrança para cada um de nós.

Demorei um instante a acreditar que estava incluído naquele *nós* e depois apressei-me a desembrulhar o meu presente, com muito cuidado para não estragar o papel azul de boa qualidade.

— Que bom gosto — voltou a festejar a D. Leonor, ao ver que também eu recebera um livro.

Era uma coletânea de poesia, *Os Quinze Melhores Poetas Portugueses*. Li na capa. *Um livro. Meu.* Repeti-o uma, duas, três, quatro vezes.

Só meu! O simples objeto era motivo de perplexidade. Toda a gente falava entre si em conversas cruzadas. *Só meu*. E depois, veio a consciência de tanta poesia para descobrir. A expetativa que encanta os que aprenderam a sonhar em papel.

Tive de me sentar. A Clara e a Ana partilhavam o sofá, lado a lado, os seus olhos nas labaredas da lareira. Por vezes, olhavam uma para a outra, sorriam com os olhos e desviavam-nos. Eram como duas estranhas que, apesar de quererem ser amigas, não falavam o mesmo idioma. Nenhuma delas parecia preocupada com o empecilho que era aquela estranheza de irmãs, nem ver necessidade de encontrar solução para a ultrapassar.

A voz do Padre Manuel fez-me notá-lo pela primeira vez. Não era visto na herdade havia mais de duas semanas e fiquei contente por encontrá-lo ali. Andaria ocupado com as suas aventuras como *Sombra*? Estava crente que sim! Normalmente ele ocupava a poltrona junto ao piano, e até tinha por hábito levantar a tampa e tocar numa ou noutra tecla, mas naquela noite estava com o Fernando na mesinha para dois, ao calor da lareira (ver os dois

juntos deixava-me sem saber para qual olhar). Tinha nas mãos o livro que o Tiago dera à Clara e parecia estar a falar da história com um tom um pouco mais hesitante do que o Sr. Luís, que também o ouvia ao longe.

Os olhos do Fernando estavam no livro, mas distantes, como se hipnotizado pelo movimento das folhas nas mãos do padre que as fazia acelerar para um lado, depois para o outro. Julgo que acabou por lhe responder que não conhecia o livro e depois começou a falar sobre o que estava a ler, um livro do qual se esquecera em Lisboa, um mistério, ou talvez policial — o que me recordo certamente é que havia um assassinato bastante sangrento e que receei que fosse dar-me pesadelos à noite. Não foi o caso.

Na mesa, havia mais do que poderíamos comer em três noites. Tudo preparado pela D. Idalina e delicioso. Os covões do meu quintal estavam vistosos numa grande travessa. Também havia mais um lugar preenchido naquele ano, com a presença do Padre Manuel, e talvez no ano seguinte fosse haver ainda mais outro, pensei eu, ali entre toda aquela conversa e cheio de otimismo; talvez no ano seguinte houvesse mais um, talvez o Tiago.

— A nós! — brindou o Sr. Luís, antes da primeira garfada. — À família, a uma mesa cheia e… sorrisos no rosto!

— A nós! — respondemos em coro e também eu ergui o meu copo de água cintilante e fi-lo tilintar no do Fernando, no da Clara, no do Padre Manuel… e no da Ana, que me fez corar.

— Ah! — acrescentou o Sr. Luís. — E também ao Menino Jesus e às tradições! É com dias como estes que a Santa Igreja continua a manter-nos debaixo das suas saias. — Inclinou o copo para o Padre Manuel.

— Não invejes as minhas saias, meu caro amigo.

Todos nos rimos e começámos a comer.

— Oh, não! — disse o Sr. Luís. — As saias são o que menos me incomoda! Aceito mais depressa as saias do que a doutrina dos homens que as usam. — E apontou o garfo com um pedaço de batata cozida espetado, indicando o amigo.

— Hoje, não — pediu a D. Leonor ao irmão. — Vamos desfrutar em paz da ceia de Natal, sim?

— Pois com certeza — anuiu ele. — Sou um homem de ciência que é capaz de desfrutar do melhor destas festividades do catolicismo.

— A *ciência*… — O Sr. Vaz abanou a cabeça em discordância e ensopou o pão no azeite. — O povo precisa é de consolo para lhe acalmar as dores de costas e da alma, e que o faça esquecer as tristezas da vida.

— Por isso é que a tasca e a igreja estão ali mesmo a jeito no centro da vila — acrescentou o Fernando, com entusiasmo. — Agora tudo faz mais sentido — concluiu, fazendo um sorriso à D. Leonor

— Nunca ouvi tamanha insensatez — disse ela, incrédula com o que ouvia do filho.

O Sr. Luís riu-se e acenou com a cabeça ao sobrinho em aprovação.

— Permitam-me acreditar que presto um melhor serviço aos meus fiéis do que o *Ti* Vítor taberneiro — pediu o Padre Manuel.

Nunca parecia ofender-se com os comentários maliciosos, que geralmente vinham sempre do Sr. Luís ou do Fernando. Exercia a mesma paciência de quem brinca com crianças e tem de tolerar as parvoíces que elas dizem.

— Também concordo que precisamos de acreditar em algo maior do que nós mesmos — interveio a Clara, para equilibrar a balança de opiniões.

— Tu não, minha sobrinha! — clamou o Sr. Luís, levantando as mãos para o teto. Depois, voltou-se para o Padre Manuel. — Bastou-te meia dúzia de meses e já a converteste?!

A Clara riu-se e foi delicioso de ouvir.

— Se o fiz, foi sem intenção — garantiu o Padre Manuel. — O milagre foi todo do Espírito Santo. — E benzeu-se e todos nós fizemos o mesmo.

A sobrancelha do Sr. Luís arqueou-se, desconfiada, e todos nós rimos.

— Podes ficar descansado, não me perdeste — assegurou a Clara ao tio. — O que queria dizer é que podemos ser ateus sem precisarmos de nos fechar ao que a religião tem de bom.

— Falou a sensatez — elogiou o Padre Manuel.

— Se nos restringirmos apenas ao real — acrescentou a Clara —, às coisas comuns e banais do dia a dia, átomos e moléculas, esvaziamos a vida de magia. Pelo menos *eu* preciso de um pouco de mistério para me deixar deslumbrar.

O Sr. Vaz olhava-a com orgulho.

— É possível que todos tenhamos razão — conciliou o Padre Manuel. — O meu papel é o de representante da igreja e cumpro a responsabilidade em consciência, com o melhor de mim, com respeito pela instituição e pelos meus votos. Isto é, enquanto existirem crentes e eles quiserem ouvir-me. Se chegar o dia em que assim não seja, procurarei outra vida… e fico muito contente por saber que terei ao meu lado amigos que me apoiarão nessa decisão. — Ergueu o seu copo na direção do Sr. Luís para um brinde.

— Não deixes que o bispo te ouça falar! — gracejou o Sr. Vaz.

Eu também me ri, baixinho, ao pensar que havia coisas bem mais importantes sobre o Padre Manuel que o bispo não iria gostar de descobrir.

— Não, não, com certeza que não — concordou. — Há que saber quando permanecer em silêncio é o melhor para toda a gente. — E, ao dizer isto, olhou o Fernando, que levantou os olhos do prato ao ouvi-lo.

— Nós prometemos guardar segredo — gracejou a Clara, e os dois olharam para ela.

— Assim é que eu gosto! Conspirar contra a igreja! — festejou o Sr. Luís, já pronto para mais um brinde. A D. Leonor deu-lhe uma palmada de recriminação no braço, que ele devolveu com um beijo na face. O sorriso mal disfarçado dela deu a vitória final ao irmão.

A noite continuou e foi maravilhosa. Era impossível imaginar que seria a última. Penso hoje se a teria aproveitado melhor caso o soubesse, se me teria esforçado para ouvir melhor as gargalhadas, para desfrutar dos olhares afáveis e calorosos que me foram oferecidos, para ver melhor, para memorizar mais detalhes que pudesse guardar comigo… mas talvez não, talvez saber de antemão

que não seria merecedor de nenhum deles me tivesse enchido de vergonha.



A manhã seguinte foi ventosa e perfeita. Junto ao lago, o meu rosto estava levantado para o céu, maravilhado pelas cores vivas do papagaio de papel que planava no azul. A pressão do fio na minha mão era a ideal e eu continuava a dar-lhe pequenos puxões, espicaçando o vento num «puxa e deixa». O livro do Tiago não foi o único presente que recebi. O Fernando trouxera-me de Lisboa aquele papagaio de papel colorido. Provavelmente eu já estava ali havia horas, a olhar aquele objeto distante, de cores fortes e formas perfeitas. Nunca vira nada semelhante. Os que costumávamos fazer e lançar ao ar eram construídos por nós os dois, com plásticos esfarrapados, paus cruzados e cordel.

— Sabia que ia encontrar-te aqui — disse o Fernando, ao chegar.

— Não quero que fique preso nas árvores — respondi, sem tirar os olhos do papagaio.

— Assim que o vi na loja, tive a certeza de que ele iria adorá-lo.

Tirei os olhos do papagaio ao perceber que ele não estava a falar comigo, que não estávamos sozinhos, e encontrei a Matilde com a mão levantada a fazer sombra aos olhos para ver o papagaio.

— Estás cheio de sorte! — disse-me. — É muito bonito.

E era, a cauda espalhava-se ao comprido, um arco-íris de cores em manhã soalheira de inverno.

— Tens uma boa altura — elogiou o Fernando.

— O vento está bom — comentei, voltando-me novamente para o papagaio.

Senti-me descoordenado, a minha cabeça distraiu-se das mãos e o papagaio começou a agitar-se. Eu estava contente por ver ali a Matilde, assim como o Fernando, mas os dois juntos estragavam alguma coisa.

Eles sentaram-se na relva, ouvi o Fernando a acender um fósforo, senti o cheiro do cigarro quando o acendeu e a nuvem de fumo do primeiro bafo flutuou até mim. Começaram a falar de

alguém cujo nome eu nunca ouvira, mas que ambos pareciam conhecer bem, riram-se, trocaram o cigarro entre eles, continuaram a falar, a olhar o papagaio, até que se inclinaram e se deixaram cair deitados na relva, lado a lado, e continuaram a falar, a rir, a olhar o papagaio, e eu senti-me invisível.

Ouvi a conversa com atenção, mas não me recordo de quase nada; eram apenas pessoas e situações estranhas. O que me ficou foi a perceção de que eles não agiam como dois estranhos, não gesticulavam nem falavam como tal, não era como aquela primeira vez na cozinha. Eles tinham estado juntos depois daquele dia, provavelmente muitas vezes pelo à-vontade com que pareciam ter um com o outro, e, com certeza, fora da herdade, longe dos olhares — pelo menos do meu, que nunca os vira juntos, e do da D. Leonor, que seria capaz de mandar o filho para Lisboa no mesmo instante em que o visse com a Matilde.

À minha invisibilidade, juntou-se tristeza e traição. Os longos períodos de ausência dos dois eram peças que começavam a encaixar-se noutra zona do *puzzle*; interpretara-as mal e precipitara-me a colocá-las no sítio errado. *Estariam junto nesses períodos? Claro que estavam!* Dei dois puxões fortes e desnecessários no papagaio — precisava de sentir uma força contrária, algo real com o qual lutar.

Eles deixaram-se deslizar com o papagaio e a passagem dos minutos, olhos postos no céu, para um silêncio que os distanciava do mundo.

Como não percebi?, perguntava-me, o espírito atormentado numa birra. Mas era fácil de perceber. A Matilde sempre fora dada a desaparecer da herdade sem dar satisfações a ninguém e a voltar como se nada fosse — o motivo pelo qual a D. Idalina não gostara logo à partida da ideia de ela levar a Clara à escola, de ver a sobrinha com um meio de transporte à sua disposição para idas e vindas; e naquela última semana, desde a chegada do Fernando, ainda a víamos menos, consequência da proibição da D. Leonor que a banira da casa e das férias da escola da Clara, o que a libertava de qualquer compromisso.

E o Fernando, ele só fizera o que sempre fazia: o que lhe apetecia.

A imprevisibilidade dos dois distraíra-me e ludibriara-me.

Puxei o papagaio, enrolei o fio com pressa — estava nervoso, contrariado, amuado.

Uma eternidade depois, o papagaio chegou-me às mãos e quando me fui embora, os dois nem repararam — continuavam deitados, de olhos fechados, provavelmente adormecidos pelo silêncio e o calor generoso de um inverno bem-disposto.

Talvez neste momento seja importante esclarecer que eu não tinha expetativas realistas quanto à Matilde. Não se tratava de um detalhe como a diferença de idades, os 17 anos dela e os meus 10; eu não compreendia aquilo que sentia por ela. Queria somente ser correspondido, receber o mesmo afeto que lhe tinha, que ela me desse o estatuto que eu lhe dava a ela, ser uma presença constante e de destaque, que me distinguisse da banalidade de todos os outros. E era isto que o Fernando me roubara. Mas, como alguém o disse um dia, *existem verbos que não aceitam o imperativo, e o* amar *é um deles*. Era outra lição que ainda estava para aprender. Eu tinha um punhado cheio de afeto para dar, ela não o queria, e eu não sabia o que fazer com ele.

O Sr. Vaz viu-me a marchar em direção aos barracões, onde ia deixar o papagaio no quarto — o que queria mesmo era atirá-lo para o lago, essa era a minha vontade, mas iria parecer mal —, e chamou-me por duas vezes até que o olhei.

— Onde é o fogo? — perguntou-me. Caminhei para ele sem responder. — Viste o Fernando? Disse-me que ia ter contigo para porem isso a voar — disse, apontando com o dedo o papagaio pendurado na minha mão.

Em qualquer outro dia, eu ter-lhe-ia respondido que não vira o Fernando, talvez se mo tivesse perguntado uma hora mais tarde, eu ter-lhe-ia respondido com um encolher de ombros (a minha resposta preferida que dava às pessoas a liberdade de pensarem o que quisessem), mas naquele preciso momento, já devem imaginar qual foi a minha resposta.

A expressão do Sr. Vaz escureceu sob o Sol forte. Disse-lhe onde o Fernando estava, com quem estava, como estava e até apontei com o dedo. Vi-o de seguida a descer na direção do lago, os punhos cerrados a badalarem junto ao corpo.

Continuei caminho e ao chegar aos barracões, antes de ter tempo de atirar o papagaio para o chão do quarto, já ouvia ao longe os berros da discussão de pai e filho. As atenções foram cativadas para o tumulto, alguns rostos espreitaram da casa, incluindo o Sr. Luís que se apressou a descer até ao lago, para pôr alguma água na fervura.

A Maria da Assunção chamou-me da varanda do quarto da D. Leonor, para perguntar o que se passava, mas eu não tive vontade de lhe responder. A Rosarinha e a D. Idalina também queriam saber, só que não tiveram coragem para me perguntar.

À porta da estufa das flores, a Clara assistia com a preocupação estampada no rosto. A estufa ficava perto do lago, talvez ela tivesse apanhado palavras suficientes para perceber o que se passava, ou talvez a visão do Fernando e da Matilde, juntos, fosse o suficiente. Quando me juntei a ela, a Matilde já não estava à vista. Mas a Clara percebera, ela também sabia dos dois. Estava-lhe nos olhos — no cinzento empalidecido e no sorriso que não chegava a estes.

— Que grande prenda que recebeste ontem — disse-me, fazendo-me uma carícia na cabeça e levando-me com ela para o interior da estufa, para longe do que doía. Sem dúvida que se referia ao livro, não ao papagaio. Assenti. — Já leste algum poema?

— Sim, li três, mas depois o Fureca chegou e mandou-me apagar a vela.

— Tens todo o tempo do mundo para os leres. Os livros são pacientes, não se importam de esperar por nós. E tenho a certeza de que vais lê-los vezes sem conta. — Ela estava certa. — Conheço alguns que lá estão e são lindos, encantadores. — Sorri, o cheiro das flores a fazer-me bem. — Depois, mostra-me aqueles de que mais gostares, não te esqueças. Mas sempre que quiseres novos, podes pedir-me, sim?

Anuí enquanto examinava um lírio com a ponta dos dedos.

— Sabias que o meu bisavô, o avô do meu pai — esclareceu para meu benefício —, adorava poesia? Existem muitos livros no escritório do meu pai que foram deixados por ele; até chegou a colecionar os *Cadernos de Poesia* e números antigos da *Revista Presença*… tem lá tanta coisa! — Suspirou.

A força de vontade posta na voz, a falar para se entreter enquanto

desenhava umas margaridas que tinha à frente. Fazia tentativas de aproximação ao bloco de desenho com vários lápis diferentes, mas nenhum deles chegava a tocar o papel.

— Coisas muito boas… poemas maravilhosos — continuou. — Ruy Cinatti… Almada Negreiros! Mas há tantos outros… não consigo decidir-me por um preferido. São como as cerejas. — Riu-se. — Não é assim que dizem?

— Clara?

— Sim?

Ela voltou-se para mim, ainda a fazer o medalhão de prata deslizar na corrente no pescoço, para um lado e para o outro, de lá para cá. Andava sempre com ele, lá dentro estava uma fotografia dos dois irmãos.

— Porque não gostas da Matilde?

Ela ficou muda por uns segundos.

— Gosto, com certeza que gosto. Porquê? Ela disse-te alguma coisa?

— Não, não — descansei-a. — Estou só a perguntar porque… porque és diferente com ela.

A Clara voltou a fazer correr o medalhão, para um lado e para o outro, de cá para lá. Olhou as flores, perdeu-se nelas, mas não foi capaz de desmentir.

Continuei a rondar por entre flores naquele pequeno mundo colorido, silencioso e protegido. A estufa fora construída pelo Sr. Vaz como prenda de casamento para a D. Leonor. A D. Idalina falava muitas vezes sobre os meses em que a estufa estivera a ser construída — especialmente quando o Sr. Vaz andava consumido por causa do Fernando, e ela queria lembrá-lo de que a teimosia de espírito dos dois era a mesma. *Farinha do mesmo saco*, segundo

ela. O Sr. Vaz fizera questão de construir a estufa com as próprias mãos. *Uma cisma tão cega que até se esquecia de que tinha de comer e beber, era do nascer ao pôr do sol, não teve paz nem deixou ninguém ter paz enquanto aquilo não ficou de pé*. Constava que nos primeiros tempos de casamento, até ao nascimento do Fernando, fora o lugar favorito dos dois, mas o interesse esmoreceu com a distância que os foi afastando. Mais tarde, a estufa foi resgatada do abandono pela Clara, que descobriu nas flores delicadas os modelos perfeitos para os seus desenhos. Com o passar dos anos, tornou-se no refúgio, num santuário onde as flores ocupavam os altares.



Evitei cruzar-me com o Fernando nos dias seguintes. Não estou certo se por alguma culpa, se por orgulho ferido. Mas ele e a Matilde não evitaram encontrar-se; pelo contrário, o confronto com o pai só o inspirou a intensificar a afronta. Os dois andavam juntos para cima e para baixo, que é como quem diz, nas entradas e saídas da herdade e tudo o resto fora dela longe do meu olhar.

Toda a gente andava nervosa com aquela aproximação entre os dois. Bastava mencionar o nome de um deles para as cabeças se levantarem, os olhares ficarem sérios e ansiosos e acabarem com um suspiro. No entanto, ninguém parecia estar certo do que fazer ou dizer e os dias sucederam-se enquanto os víamos passar. Isto — obviamente — até a D. Leonor o ver com os próprios olhos. A ela, não havia nervosismo que a tocasse, e quanto a incerteza e hesitação, acredito que nem conhecia estas palavras.

Os dois chegaram, cada um montado no seu cavalo, e a D. Leonor permaneceu de pé no trilho de terra batida que cortava o relvado das traseiras e descia até ao lago, à espera de que saíssem das cavalariças. Demoraram-se, talvez na esperança de evitar o encontro, mas a D. Leonor esperava-os sem pressa; assim como eu, escondido atrás da ombreira da porta da cozinha, um olho em bico.

A Matilde foi a primeira a aparecer, e segundos depois, alguns metros atrás, lá veio o Fernando. Quando ela cumprimentou a D. Leonor, esta ignorou-a com um desprezo tão genuíno que pareceu ser realmente capaz de ver através dela como se fosse transparente.

— Mãe? — disse o Fernando, ao aproximar-se e intrigado pela imobilidade e o silêncio da mãe.

A D. Leonor permaneceu mais alguns segundos de pé e braços cruzados, olhos atentos nele.

— Eu sei o que está a fazer — disse ela por fim. A voz baixa, quase impossível de eu a ouvir. — Mas não está a ajudar ninguém, Fernando.

Ele fez-lhe um dos seus sorrisos encantadores que poderiam significar qualquer coisa.

— Esta guerra não é sua — continuou para o filho. — Afrontar o seu pai não vai resolver nada do que se passa entre mim e ele.

— Mãe, não sei do que está a falar.

Os braços dela desembrulharam-se e as mãos abriram-se e foram aconchegar o rosto dele. Lembrei-me da sensação do toque delas no meu próprio rosto meses antes.

— Fernando, daqui a alguns dias, vamos todos voltar às nossas vidas, virar costas a isto… Não vale a pena.

Ele deu um passo atrás e afastou-se do toque dela.

— É a nossa família, como pode dizer que *não vale a pena*!? Sabe que ela tem vindo à herdade? — perguntou, controlando a voz.

Ela. A Piedade. Era verdade, ela continuava a aparecer na herdade cada vez mais dias, e ficava cada vez mais tempo. *Só para ver se está tudo a correr bem com a Matilde* — dizia sempre. Mas a filha, tal como toda a gente, parecia pouco satisfeita por vê-la.

— O seu pai fez a escolha dele e está a fazer o que quer fazer. Opormo-nos a ele, discutirmos, gritarmos, provocarmos — apontou na direção da cozinha para mencionar a Matilde sem lhe reconhecer a existência —, com ações pequenas, é só perda de tempo e um desgaste desnecessário.

— E a Clara? Vamos todos embora e ela fica para trás. Como é capaz de a ignorar tanto?! — A voz dele elevou-se. — Nunca a questionei a si, mas talvez seja a hora de o fazer, mãe, visto que toda a gente está a fazer o que quer nesta *suposta* família. E a Clara?

Os olhos da D. Leonor fugiram dele.

— Não estamos a falar da Clara, Fernando. — Voltou a olhá-lo. — Estamos a falar de si e desta brincadeira idiota, esta provocação que não vai levar a parte nenhuma. Se está tão preocupado com a Clara, o melhor que pode fazer por ela é aproveitar o seu tempo em Lisboa, formar alicerces para a sua vida, que é o que importa verdadeiramente.

— Vocês os dois são iguais — disse ele, franzindo o nariz como se ali houvesse podridão e lhe cheirasse mal. — O vosso egoísmo é o mesmo. — E contornou-a, deixando-a sozinha, e seguindo na direção da estufa das flores.

Nesse mesmo dia, a D. Leonor expulsou a Matilde da herdade. Fê-lo sem a autorização do Sr. Vaz — que saíra com o Sr. Luís nessa tarde —, o que por si só permitia antever um serão agitado para essa noite. A ordem dada era para que a Matilde não voltasse à herdade até ela partir novamente para o Porto.

Confesso. Fui eu que dei um toque nada casual na janela da dúvida sobre o Fernando e a Matilde, apenas as insinuações suficientes para a D. Leonor saber que deveria espreitar, e ela espreitara. Mas ao querer afastar os dois, eu dera um tiro no meu próprio pé e ficara sem a Matilde.

O mais curioso em tudo isto foi que ninguém teve coragem de denunciar a ação da D. Leonor ao Sr. Vaz e ele nem sequer deu pela falta da Matilde. Demorou mais de três dias até ele finalmente perceber o que acontecera e por essa altura era quase véspera da partida da D. Leonor e ele soube que o confronto já não valia o número de vidas que se perderiam em mais uma batalha com a mulher.

Mas antes desse dia, havia ainda muito para acontecer.

13

O que supostamente deveria ter corrido bem, correra mal, e a tristeza pegou-se a mim como um fedor que não havia como me livrar dele. Assim era o amor.

A minha perspetiva egoísta deixara-me furioso com o Fernando, e com a Matilde banida da herdade, vi-me privado das duas pessoas que considerava mais importantes na minha vida. A Clara, o meu refúgio de sempre, confortável e seguro, também fora destruído por uma apatia que se apoderara dela — como as pragas invisíveis que faziam as flores murcharem —, que eu não compreendia, mas estava convicto de que também era responsabilidade do Fernando. O que se passaria com ele? O que se passaria com os dois? O que se passaria comigo?

Ouvira os irmãos a conversar na estufa, um final de conversa exaltado em que a Clara se esforçava por se reaproximar.

— Mas tens de me compreender! — pediu-lhe ela. — Eu preocupo-me contigo! Não tens sido *tu* nestes dias… Mal te reconheço, Fernando. Quase não te vejo… e ontem encontrei-te a chorar e não me deste nenhuma explicação. Pedi para falarmos à noite, não me procuraste como prometeste, eu bati à porta do teu quarto e ignoraste-me!

— Devia estar a dormir… não sei.

— Não me mintas, por favor. Prefiro que continues sem dizer nada.

— Desculpa.

Os dois ficaram em silêncio. Eu via-os, cada um num canto distinto da estufa, mas com os olhos colados no outro.

— Respeito que não me queiras contar tudo o que se passa na tua vida. Eu faço-o, mas não és obrigado a fazê-lo.

— Não se passa nada entre mim e a Matilde.

— Disse-te que não precisas de me mentir…

— Não estou a mentir! — gritou ele, levantando-se. — Diabos! — Passou a mão pelo rosto e ao longo do cabelo, desgrenhando-o,

como se assim pudesse apagar pensamentos como quem esfrega nódoas na roupa.

— É disto que estou a falar — disse ela, apontando a reação dele. — Olha para ti. Qual a razão do desespero? Não me importo que estejas envolvido, ou *não* estejas envolvido, com a Matilde. A minha opinião sobre ela é só minha. Mas importo-me de te ver assim… outra vez assim, não consigo ignorar-te! — Levantou-se, aproximou-se sem pressa e, olhando-o nos olhos, perguntou mais uma vez: — O que se passa, Fernando? Podes confiar em mim, sempre pudeste, toda a vida. O que mudou? Aconteceu alguma coisa em Lisboa?

— Desculpa. — Foi a única palavra que a Clara recebeu dele antes de ele lhe voltar as costas.

Ela ainda tentou envolvê-lo num abraço, mas no mesmo instante foi sacudida e o irmão afastou-se como se o gesto fosse uma ofensa. A surpresa dela foi tão grande que não disse uma palavra.

O Fernando deixou cair a cabeça em sinal de derrota, costas ainda voltadas.

— Clara… — Com o desalento na voz, levou as mãos aos olhos e esfregou-os.

Eu nunca vira nada semelhante entre os dois, o Fernando estava cada vez mais um estranho. A Clara, com certeza, estaria a pensar algo muito semelhante, porque era visível que não sabia como lhe falar ou agir. Ele não esperou que ela se recompusesse e deixou-a sozinha.



Nesse final de tarde, pus-me a caminhar. Apesar do frio — ou até confortado por ele —, caminhei, caminhei e caminhei. Sem saber o que fazer com tantos pensamentos, resolvi deixar-me levar pelas pernas. Passei das paisagens mais familiares, para as menos familiares e depois, para as desconhecidas. Os arredores da casa, o campo de milho, a vastidão de relva dos pastos, os rebanhos de ovelhas, uma cerca. Um novo marco no meu perímetro de conforto.

Olhei a cerca alguns metros à minha frente — estacas e arames entrelaçados em rede — e fui-me aproximando um pouco mais. Nunca estivera ali, tão longe de casa. O meu ego foi esfregado pela adrenalina.

A cerca estendia-se a perder de vista para ambos os lados. Seria o limite? Seria possível que eu tivesse chegado a um dos limites da Herdade do Lago? O Sol aproximava-se do horizonte com pressa de inverno, restava pouca luz, mas até onde o meu olhar alcançava havia cerca.

E então ouvi um barulho mecânico, repetitivo, forte, a aproximar-se, cada vez mais alto. O comboio. Era o comboio! Eu nunca o vira antes. Corri para a cerca. Mas não havia pressa. A linha ficava logo depois da cerca e não havia árvores numa grande distância. Pude ver a pequena luz a surgir ao longe, bem ao longe, muito ao longe, a crescer devagarinho à medida que se aproximava. Os meus olhos a esbugalharem-se em antecipação. Eu sabia o que esperar, já vira muitas imagens, mas quando senti a vibração a formigar-me as solas dos pés, depois a subir-me pernas acima, foi fácil perceber que havia muito mais no comboio e que não podia ser contido numa imagem.

Tum, tum.

Tum, tum.

Tum, tum, tum, tum, tum, tum, tum, tum, tum… A luz cresceu, não era só uma, havia mais, mais brilhantes e o apito, o apito estridente, e as minhas mãos cobriram-me os ouvidos e ELE chegou e era GIGANTESCO e uma rajada de vento empurrou-me e os meus pés fincaram-se na terra para me ancorarem e eu ri e ri e ri e ele passou, *tum, tum, tum, tum, tum, tum*, e apitou e eu gritei e não me ouvi porque não havia som maior no mundo do que aquele *tum, tum, tum, tum, tum, tum* que fazia a terra tremer e GRITEI eufórico. *Tum, tum, tum, tum, tum* e passou, passou, passou com uma cauda de vento no final, e vi-o a desaparecer e o som a sumir-se.

Silêncio.

Ri-me. A respiração acelerada. *Um comboio.*

Ainda recuperava confiança nos pés ao dar os primeiros passos com precaução, olhos a tentar distinguir o ponto ao longe, o único

vestígio do gigante. O céu estava a três cores, a pouca luz que ainda restava a esvanecer-se. Olhei a cerca, de mais perto, e foi então que o vi. Tomado pela euforia, não reparara no cão morto, na carcaça embrulhada nos arames — o meu cão.

A subida vertiginosa do meu espírito fora uma escalada maravilhosa e a queda que se seguiu foi igualmente abissal. Era o *Lobo*. Ficara preso na rede da cerca ao tentar passar para o outro lado. E na luta para se libertar, só tornou tudo ainda pior.

Voltei costas, mas tarde demais. A imagem impressa na retina colou-se a mim e acompanhou-me na corrida para casa. Não chorei. Talvez estivesse demasiado surpreso para conseguir fazê-lo.

Recordo-me de que me esforcei por dar poder à memória do comboio, à emoção da força daquela máquina, à sua imponência para que me resgatasse da tristeza. E pareceu resultar.

Ao chegar à casa, a D. Idalina recebeu-me com um puxão de orelha.

— Onde te meteste?! Uma pessoa aqui a consumir-se de preocupação!

— Oh, madrinha, *tadinho*, ele… — A Rosarinha tentou vir em meu socorro, mas um ataque de tosse cortou-lhe a palavra e a força para uma nova tentativa.

— Desculpe — pedi, ainda a recuperar o fôlego da corrida.

— *Desculpe*, *desculpe*… sempre a mesma lengalenga! — Ela soltou-me finalmente. — Ai, que me deixa a cabeça em água, este diabo!

— Desculpe — repeti.

A experiência ensinara-me que repetir a palavra depois de cada frase dela era a forma mais eficaz e rápida de a acalmar.

— Nós já jantámos todos. Tens aqui um prato — disse, pondo-me à frente um prato com outro invertido a servir de tampa.

— Obrigado.

— Tens de agradecer à Rosarinha, que por mim ias dormir de barriga vazia que é assim que se ensina os tolos!

Olhei a Rosarinha pelo canto do olho. Ela sorriu-me e voltou a levar o lenço à boca para tossir. Eu até queria dizer-lhe «obrigado»,

mas não o fiz.

— Vamos lá deitar, filha — disse a D. Idalina, preocupada. — Pega mais este xaile para ajudar no caminho. — Depois, voltou-se novamente para mim com as sobrancelhas carregadas. — E tu come, depois é xixi e direitinho para a cama! Não te quero a zanzar por aí!

— Sim, senhora — anuí.

— Quem anda à noite são as almas penadas! — disse ela ao sair. O braço posto sobre os ombros escanzelados da Rosarinha que chocalhavam novamente. — Ai, essa tosse maldita, filha.

As duas saíram e comecei a dar garfadas no cozido. Como estava sozinho, podia deixar as batatas e a cenoura, comer só o que mais gostava.

Voltei a pensar no comboio e a tentar esquecer o *Lobo*, ou o que restava dele. Virei para o balde da lavagem os restos do prato e fui aquecer um bocadinho as mãos no braseiro que ainda reluzia vermelho na lareira.

No meu caminho para os barracões, já com um bocejo a embalar-me e o pensamento no meu caderno e no que iria lá escrever sobre o comboio (decidira já que o *Lobo* não iria figurar), fui surpreendido por um cavalo a vaguear e a mordiscar a relva do chão.

O meu primeiro pensamento foi que se tratava de algum cavalo que conseguira escapar-se das cavalariças — não seria a primeira vez. Os bichos eram astutos e outras vezes era alguém descuidado que não fechava o ferrolho da porta. Mas ele estava selado e um cavalo selado não é coisa que se esqueça assim sem mais nem menos. Levantei o olhar para ver de novo a casa, que estava às escuras. Não havia luz nas janelas do primeiro andar. Fui até ele para lhe pegar nas rédeas e pareceu-me familiar. Não era cavalo da herdade, mas já o vira antes.

Sombra! Olhei em redor, sacudindo-me para a esquerda e para a direita como bicho nervoso à procura de um sinal dele. Não vi nenhum. Lancei mais uns olhares atentos ao cavalo e não havia dúvida de que era o mesmo que eu vira na clareira alguns meses antes. Era castanho com uma pincelada branca ao longo da cabeça. Alcancei as rédeas e ele não pareceu importar-se com a minha

presença. Era meigo, o bicho. Fiz-lhe uma carícia e olhei mais uma vez em volta, sem encontrar ninguém. A Lua estava cheia de luz. O meu coração acelerado. Não resisti a espreitar as ferraduras. Dei um toque numa das patas, ainda a olhar por cima do ombro, e quando baixei os olhos, lá estavam, como me haviam contado, invertidas. Ri-me.

— Onde está ele? — sussurrei junto ao focinho escuro.

Esperei mais uns instantes. Escuridão. Silêncio. O mundo parecia adormecido à exceção de mim e do cavalo. A respiração dele, ainda um pouco acelerada, era o único som. A excitação da surpresa começou a esmorecer quando as perguntas começaram. O que estaria o cavalo a fazer ali? Onde estaria o Padre Manuel? Por que motivo o teria deixado ali sozinho? Alguma coisa se passava. O que deveria *eu* fazer? Esperar? Ir-me embora?

O sino da frente da casa tocou estridente. Eu e o cavalo saltámos com o susto.

— Ei… Calma, valente, calma…

Impaciente, o sino tocou de novo e a janela do quarto do Sr. Vaz iluminou-se, depois outras a seguir.

Ao fundo, nos barracões, vi o primeiro ponto de luz de uma vela distante. Devia ser o Zé. O meu coração disparou: ele não podia ver o cavalo! Dei duas voltas sobre mim mesmo. Aquele instante era perfeito para o *Sombra* aparecer! Nada. Eu não tinha mais tempo, puxei as rédeas ao cavalo e comecei a correr na direção das cavalariças, enquanto rezava para que a noite fosse suficientemente escura para nos permitir esgueirar para dentro da cavalariça antes que ele nos visse. Pelo menos, o cavalo estava a cooperar, era como se fôssemos amigos de longa data, ele não se importava nem comigo, nem de ser puxado, nem da urgência. O bicho estava habituado a emoções fortes; eu é que não. Parecia-me que ia vomitar o meu próprio coração quando finalmente entrámos nas cavalariças.

— Pronto, pronto… — sussurrei-lhe sem fôlego, acariciando-o, mas era a mim mesmo quem eu estava a tentar confortar.

Empurrei-o para um dos compartimentos vazios, pus-lhe água, fechei-o e corri de volta para casa antes que alguém desse pela

minha falta. Quem estaria à porta? Com certeza teria a ver com o cavalo!

Quando cheguei à sala, a comoção era suficiente para ninguém reparar no meu ar de comprometido, transpirado, com respiração acelerada e olhos arregalados. Era a Polícia.

— Mas você está doido?! — praguejava o Sr. Vaz. — A acordar-me a esta hora e à família toda por causa de uma parvoíce dessas?! — O Sr. Luís e o Fernando estavam nas costas dele, todos eles de ceroulas.

— Com todo o respeito, Sr. Vaz. Nós sabemos que ele está aqui. Fui eu mesmo e os meus homens que o seguimos.

— Está a acusar-me de albergar contrabandistas?! É?! — A voz do Sr. Vaz de tão poderosa e o seu ar de tão ameaçador que me fez dar um passo atrás, apesar de não ser nada comigo. Embati contra o Zé, que me olhou de cima com cara de poucos amigos.

O chefe da Polícia, um homem magrinho e de cabelo fino, também não conseguiu ficar indiferente.

— Não, não… — gaguejou. — Peço desculpa se não me expliquei bem. O que queria dizer é que temos a certeza de que o sujeito está nas suas terras, Sr. Vaz. E precisamos da sua permissão para o procurar…

— E tem de ser a estas horas?! É de noite, homem! Você não vai ver um palmo à frente do nariz! Os seus homens ainda caem ao lago e se afogam! — disse, apontando para os quatro homens fardados de azul que ladeavam o Chefe Osório.

— Eu compreendo, mas é que… — O Chefe Osório pareceu ponderar dizer algo por um instante, mas depois emendou. — Esta noite, as circunstâncias estão a nosso favor. Peço desculpa por não poder dizer-lhe mais… — gaguejou ligeiramente, como se engasgado.

— Quem é que procuram? — perguntou o Sr. Luís. Cabelo desgrenhado como eu nunca o vira.

— É um contrabandista — respondeu o Fernando, mesmo ao lado.

— Ah… — Ele pareceu ligeiramente desiludido.

— Sim, com este alarido todo, parece que andam à caça de um assassino! — comentou o Sr. Vaz, ao compreender o cunhado.

— Não é um contrabandista comum…

— Pois, sim, sim… — interrompeu o Sr. Vaz, já adivinhando a história que vinha de seguida e com demasiado sono para aturar a Polícia. — Procure lá o que quiser, desde que saia daqui para fora e me deixe em paz.

O meu coração deu um solavanco. Iriam às cavalariças? A razão do sumiço do *Sombra* já tinha resposta. A minha cabeça estava no cepo ao lado da dele. A mão do Zé Boi assentou no meu ombro como um machado que falhou o pescoço e quase me mijei.

— Vai dormir — grunhiu.

Os polícias voltaram costas e saíram porta fora como cães de caça atiçados.

— Só me faltava esta — praguejou o Sr. Vaz. Depois, voltou-se para o Zé: — Fica de olho para veres por onde andam.

Com um aceno de cabeça para o patrão, o Zé Boi puxou-me com ele.

— Vai dizer à D. Idalina que não é nada… Ela está preocupada. — E quando chegámos ao exterior, deu-me um empurrão na direção dos barracões para me despachar.

Sem outra opção, caminhei para fazer o que me mandou. Olhei as cavalariças ao fundo. Eles iriam lá? Talvez não… mas era um bom esconderijo. Não havia forma de sossegar o meu coração. Passei no quarto da D. Idalina, dei-lhe o recado e resolvi dormir no meu antigo quarto. A Matilde não estava na herdade e eu tinha de acordar bem cedo, antes de o Zé começar a tratar dos animais, para ir ver do cavalo — ver se ele ainda lá estava ou se o tinham descoberto. Precisava de um despertador para me acordar e lá havia um prateado que a Matilde muito estimava.

As horas passaram. E o alarme nem foi necessário porque não consegui pregar olho — a primeira noite em branco da minha vida. Fiquei atento a todos os sons, na esperança de detetar alguma coisa e por vezes até me levantei para abrir a porta e espreitar pela

frincha. Distingui movimentos e vultos de homens apressados, mas não vi nenhum cavalo, o que me deu uma nesga de esperança.

Depois de um longo período de silêncio, ao saltar para fora da cama, apercebi-me de que nem chegara a tirar a roupa. Enfiei os pés dentro das botas frias e corri que nem um desalmado para as cavalariças.

Ele estava lá! Ri-me e abri-lhe a cancela.

— Obrigado por teres esperado por mim — disse-lhe. O bicho até pareceu contente por me ver. Ou talvez fosse imaginação minha. O alívio deixou-me a respirar melhor.

— Agora, o que raio vou fazer contigo? — perguntei-lhe. Mas ele só me mostrou os dentes amarelos e fungou-me para a cara.

A herdade era grande o suficiente, com certeza iria encontrar algum canto onde deixar um cavalo. Comecei a andar. O importante era afastar-me dos currais e da casa, e do Zé que era o primeiro a acordar e a última pessoa com quem queria partilhar aquele segredo. Pôs-se uma nova questão no meu caminho antes de conseguir resposta sequer para a primeira. Onde quer que o *Sombra* estivesse — o Padre Manuel —, como poderia dizer-lhe que tinha o cavalo dele? O homem com certeza estaria preocupado. O bicho era daqueles dóceis, fácil de uma pessoa se afeiçoar a ele. Talvez lhe escrevesse um recado a pedir para que fosse até à herdade e depois dir-lhe-ia pessoalmente, para garantir que não éramos descobertos. Pareceu-me uma boa ideia. Mas quem entregaria o recado? A Matilde dava-me bastante jeito naquele momento. Mas pediria ajuda à Clara, ela sabia sempre como fazer as coisas bem feitas. Ou quem sabe à Maria da Assunção.

Dei-me conta de que estava a caminho da clareira, e depois lembrei-me de que da clareira poderia ir até ao moinho de água. No inverno, ninguém o usava e tinha uma barraca grande o suficiente para guardar o cavalo e ele até poderia mexer-se lá dentro. Estava demasiado frio, deixá-lo no exterior, preso, sem poder mexer-se não era grande ideia, o bicho merecia ser bem tratado. Resolvia o problema de abrigo e de água. Seria perfeito, não fosse tão longe, mas eu até conseguiria dar uma corrida para o ver, caso fosse

necessário. Com alguma boa vontade. A verdade era que não me ocorria outra solução.

Ao avistar a clareira, fiquei incrédulo ao ver a árvore contorcida. Pestanejei várias vezes. Estava novamente carregada de folhas. Por aqueles dias de final de ano, andavam a acontecer as coisas mais estranhas na herdade. Onde já se vira tal coisa? Uma árvore que estava esquelética — na última vez em que eu passara por ela, poucos dias antes — e agora estava carregada de folhas grandes e verdes. Uma árvore a florescer no inverno. Ri-me, abanando a cabeça sem sequer tentar perceber. Não valia a pena.

O Sol espreitou e os primeiros raios lançaram-se à água gelada do lago e à árvore de tronco entrelaçado que nascia à borda d'água. Os laranjas, vermelhos e cor-de-rosa misturaram-se no azul esbranquiçado do céu, espelhando-se na água adormecida debaixo dele.

Parei e encostei-me ao cavalo, uma parede viva de calor na manhã fria. Olhei, vi. A imagem era real, mas tão bela que era preciso tempo para acreditar.

As ervas rasas que me cantam sem palavras
As águas que me gracejam seu silêncio esplêndido
Cores sem fim que oiço dentro de mim.

As palavras vinham encantadas pela visão. Encantava-me a imagem, as palavras com a minha própria voz. O poema era demasiado vasto para mim. O verso, esse eu conseguia agarrá-lo e carregá-lo comigo, por vezes durante dias — em outras ocasiões, como esta, eram os versos que me acompanhavam sem que me apercebesse e, de um instante para o outro, faziam-me uma surpresa. Guardava-os, sempre, estes tesouros, para o meu caderno de palavras.

E assim, numa imagem que dura apenas uns minutos para nunca mais se repetir, um céu, o lago e uma árvore farfalhuda, e palavras de homens que nunca conheci, senti que tudo iria correr bem. O cavalo também, tenho a certeza.

As horas daquela manhã devem ter conspirado a meu favor porque quando entrei na cozinha, ninguém comentou a minha

chegada. Sinal de que eu estava onde devia estar, à hora em que devia estar, a cumprir a minha rotina normal. Tomei o pequeno-almoço e a D. Idalina apressou-me para que fosse ajudar a tratar da mesa da família na sala. A Rosarinha parecia já estar a melhorar da constipação, mas naquela manhã iam matar uns pombos e ela já estava a sofrer por antecipação.

— Dá uma corrida até aos currais — pediu a D. Idalina — e diz ao Zé que pode trazer os bichos quando lhe der mais jeito. — Voltou-se para a Rosarinha e enxotou-a com um aceno de mão. — E tu vai-te lá embora que não quero cá choradeira.

Sentia as pernas doridas, mas não podia queixar-me. A Rosarinha saiu comigo, um ar de enterro e olhos lacrimejantes.

— Isto aqui é sangue? — perguntou ela, ficando para trás a olhar o chão. Voltei para poder ver. Era. Era sangue, e o vermelho seco na terra deu-me um arrepio pela espinha. — Talvez algum pombo que tentou escapar — disse, para a distrair com horror. — Sabes que eles são como as galinhas, até voam com a cabeça cortada.

— Ai, meu Santo Deus — murmurou, as lágrimas escaparam-lhe dos olhitos e apressou-se a fugir, demasiado aflitinha para conseguir dizer mais.

Puxei terra com a bota para cima do sangue, mas mais à frente havia mais, e depois mais. Era um trilho. Cada marca era maior do que a anterior e o meu estômago começou a apertar-se. Segui as marcas vermelhas secas até ao castanheiro que eu usava para ouvir as conversas no escritório do Sr. Vaz. Tive medo de olhar para cima, de olhar e encontrá-lo empoleirado nos ramos da árvore, ferido… ou pior.

— Olha para isto! — A voz do Fureca quase me espantou a alma para fora do corpo. — Vai ser uma barrigada hoje!

Ele trazia vários pombos já mortos e depenados. Apressei-me a ir ao encontro dele para que não se aproximasse da árvore.

— É preciso ir buscar mais alguns? — perguntei, com um nó a entalar-me como uma batata cozida mal mastigada.

— Tu *tás* bem, moço? — Anuí. Mas não estava, sentia-me zonzo. — Oh, caralho, tu *tás* branco! — E desatou a rir. — Percebeste? — continuou a rir-se, o demente. — Estás branco! — E continuou a rir-

se, a caminho da cozinha com a bacia de pombos depenados nas mãos. A mancar e avançar, mancar e avançar.

Não consegui voltar atrás para a árvore. O medo levou-me a procurar refúgio no conforto da dúvida. Não saber era melhor. Muito melhor.

Voltei antes para a cozinha e, ao entrar, deparei com a Ana entre os olhares atentos da D. Idalina e do Fureca. Ele, que raramente punha os olhos em cima da Ana, aproveitava para a analisar dos pés à cabeça como quem se decide pela compra de um jerico.

— De certeza? — perguntava a D. Idalina, com uma expressão séria. — Eu posso ajudar, Ana.

— Não é nada sério. Obrigada pela oferta, mas não há necessidade.

— Mas onde é que se aleijou, menina? — perguntou o Fureca, o coscuvilheiro.

— Numa das minhas gavetas… Deixei-a aberta e bati com a canela da perna… — Ela estava a mentir, nunca explicaria a verdade com tantas palavras.

O castanheiro ficava junto à varanda do quarto dela. Se alguém quisesse, alguém com muita força de vontade ou em grande desespero, poderia arriscar e conseguir ir até aos ramos mais altos e frágeis, e saltar para a varanda.

— Ah…! — A D. Idalina ficou aliviada. — Abriu a caixa esbranquiçada que tinha posto à sua frente sobre a mesa e passou-lhe uma ligadura pequena, acompanhada de um bocadinho de algodão. — Álcool ou água oxigenada? — perguntou, mostrando-lhe dois frascos.

A Ana olhou os pedacinhos de coisas que tinha na mão e os frascos. Estava encurralada. Aquilo não era para ela e, a julgar pela quantidade de sangue que eu vira, nada daquilo lhe serviria.

— Água oxigenada — murmurou ela.

— Se for preciso ajuda, é só pedir — assegurou-lhe a D. Idalina.

Resignada, a Ana juntou o frasco ao que já tinha nas mãos e afastou-se.

O Fureca começou a falar dos pombos e do almoço, e logo que a D. Idalina se distraiu, peguei na caixa com todas as ligaduras,

adesivos, curativos e medicamentos, e esgueirei-me a correr atrás da Ana. Ainda consegui apanhá-la no corredor, antes de chegar à sala.

— Ana — chamei-a, num sussurro urgente.

Ela voltou-se como se tivesse sido apanhada a roubar ovos. Quando lhe estendi a caixa, os olhos dela abriram-se e todas as emoções do mundo passaram neles.

— Diz-lhe que tenho o cavalo, que estou a cuidar dele — murmurei, com um sorriso de bichinho feliz. Estava aliviado, *tão* aliviado por saber que o Padre Manuel não estava na árvore, mas seguro e protegido no quarto dela.

A Ana levantou os olhos da caixa e senti-os pela primeira vez a verem-me verdadeiramente, o cinzento profundo e a confiança que depositavam em mim. A imagem que eu vira nessa manhã, o nascer do sol, o lago e a árvore viva, estavam todos lá, naquele cinzento, mas não havia palavras nem poesia que conseguissem retratá-los, ao tom pálido do olhar, ou a ela, àquela mulher que me fitava. Nela só existia o silêncio.

Ainda era demasiado cedo, eu estava a demasiados anos de distância de saber o que ela era.

Como o fim de um instante de magia, a Ana pegou na caixa, acordou-me com uma carícia no rosto e desapareceu.



A Polícia regressou ao final da manhã, o Chefe Osório e os seus homens, mas sem a urgência da noite anterior.

— Encontraram o sujeito? — perguntou o Sr. Vaz, mãos nas ancas e impaciente. Estivera a discutir com a D. Leonor, nós tínhamos ouvido os dois da cozinha.

— Não — assumiu o Chefe Osório, com um certo ar da importância de si próprio. — Escapou-se-nos entre os dedos.

— Outra vez — queixou-se um dos outros polícias, desgostoso.

O Chefe Osório calou-o, com uma chapada com as costas da mão empregue no estômago.

— Sou eu quem faz a conversa, Figueira!

— Sim, senhor — gemeu o polícia gordinho e baixinho, agarrado à barriga.

— Temos a certeza de que desta vez não irá muito longe — continuou o Chefe Osório. Agora eu percebia o que ele não dissera na noite anterior, *porque está ferido*. Eram as palavras que faltavam. — Só temos de continuar a procurar.

— Então, procurem! — enxotou-os o Sr. Vaz, voltando-lhes as costas.

O Chefe Osório aclarou a garganta.

— Infelizmente…! — colocou a voz, para deter o Sr. Vaz. — Não é esse o assunto que nos traz aqui. Recebemos uma queixa.

O Sr. Vaz olhou-o por cima do ombro com uma sobrancelha desalinhada da outra. O chefe da Polícia hesitou, mas avançou:

— Sabe que a Santa Luzia foi comprada…?

— Sim, ouvi falar.

A Santa Luzia era a herdade vizinha da Herdade do Lago. A Maria da Assunção tinha-me falado dela numa ocasião, porque ela trabalhara lá até o dono, um velhote muito velho, ter falecido. Nos últimos anos, os filhos andavam à procura de compradores. No entanto, não aceitaram vender ao Sr. Vaz, não sabia eu por que razão, e isso deixara-o durante semanas com o humor de um gato molhado. A Santa Luzia era bem mais pequena do que a Herdade do Lago, dizia o Fureca, que conhecia as terras que ficavam para lá da linha do comboio. Só comparada com a Herdade do Lago é que parecia pequena, porque em si mesma, era uma herdade enorme.

— Pois… Os novos donos andaram a fazer medições e parece que há uma das suas cercas que está avançada.

— O quê?! — A voz do Sr. Vaz trespassou-me e vibrou pela casa toda. O som chamou o Sr. Luís. — Estão a acusar-me de roubar terra! —

respondeu à expressão de curiosidade do cunhado, ao vê-lo descer as escadas. — Isso, ou não sabem contar hectares! Vieram lá da cidade com a fita métrica viciada.

— Não há motivo para confronto — interveio o Chefe Osório, apaziguador. — Eles dizem que estão dispostos a fazer uma medição em conjunto…

— Estão *dispostos*… Sim, senhor, isto *tá* bonito! — zombou o Sr. Vaz.

— É uma boa solução — comentou o Sr. Luís. Mas o olhar do cunhado disse-lhe que o comentário não fora feliz e que não partilhava da opinião.

— É a melhor forma de lidar a bem com isto, Sr. Vaz — arriscou o Chefe.

— Só me faltava esta! Qual é a cerca?

— A do lado nascente.

O meu corpo enrijeceu. O lado nascente da cerca era para o lado do moinho de água, onde estava o cavalo. A cerca ficava longe, mas havia o risco de alguém passar perto do moinho.

— Diga-lhes que vou fazer medições e ver se os meus empregados não fizeram asneira.

— Assim farei. — Deu de imediato um aceno de cabeça em sinal de despedida. E os outros polícias seguiram-no, como patinhos nervosos atrás da mãe.

— Achas que…? — começou o Sr. Luís a perguntar.

— Claro que não! Só queria despachá-los daqui para fora. Aquela cerca está posta há mais de cinco anos. É preciso o diabo subir dos infernos para eu a mudar.



Ao pôr do sol, voltei ao moinho para ver do cavalo. Consegui embrulhar metade de um fardo de palha em cordel, enfiei umas maçãs nos bolsos para lhe dar de guloseima e pus-me a caminho. Os dias estavam frios, e quando o Sol desaparecia era como se a memória de calor fosse delírio.

O bicho pareceu satisfeito por me ver e, dadas as circunstâncias, bastante sereno e bem-humorado. Ganhou a mania de me lamber o cabelo, vá-se lá perceber! Tratei dele o melhor que a luz da vela me permitia e fiquei a fazer-lhe companhia por mais uns minutos. A minha generosidade iria custar-me outro puxão de orelhas. Não havia como evitar. Ainda estava à espera que a D. Idalina desse por falta da caixa branca dos curativos e ainda estava para encontrar

forma de me safar também dessa. Aquela vida não me deixava estar parado e ia acabar por me tramar.

Nos dias que se seguiram, repetiram-se as viagens da madrugada e de final de tarde até ao moinho de água. Eu não soube como estava o *Sombra*, qual era o seu ferimento, se estava a melhorar ou a piorar, nunca arranjei coragem para o perguntar à Ana. Apesar do segredo que partilhávamos, pouco mudara, trocámos uma meia dúzia de palavras nesses dias. Julgo que era o meu medo de receber más notícias. Enquanto não soubesse, não era real. Com certeza que ela estaria a fazer o melhor que podia.

A D. Idalina deu por falta de comida na cozinha. Eu disse-lhe que o Fureca a roubara, que o vira a comer à noite no barracão — daquela vez, não era verdade, mas fora em outras ocasiões, achei que não fazia mal — e a Clara, que tinha a mania de roubar umas fatias de bolo sempre que podia, apesar de não haver motivo para o fazer, também levou com alguma da culpa. Era preciso dividir o mal pelas aldeias, e alguém tinha de o dividir, certo?

A Maria da Assunção acabou por também se tornar nossa cúmplice. Apesar de não saber do que se tratava, dos pormenores, ela percebeu que alguma coisa grave acontecera, e precisei de todo o meu engenho para a entreter sem lhe dizer nada de concreto. Não era possível disfarçar os lençóis ensanguentados, eles diziam muito e era preciso quem soubesse tratar deles em condições. A juntar aos lençóis, a recusa da Ana em a deixar entrar no quarto. Se ela falasse com a D. Leonor, teríamos a porca à solta nas couves.

— Eu quero saber! — choramingava a Maria da Assunção, sempre que podia. — Diz-me, diz-me, diz-me.

Eu voltava a dizer que *ainda* não podia, mas que *em breve*.

No meio das novas emoções, esqueci-me de tomar conta da passagem do tempo e nem queria acreditar quando vi o Tiago a entrar novamente na casa para ir buscar o Fernando. Era o penúltimo dia do ano e os dois estavam de regresso a Lisboa.

O Fernando desceu as escadas logo que ouviu o sino da entrada, de mala na mão e pronto para sair porta fora. Parecia que não poderia estar mais ansioso por partir.

Aquela última semana era um nevoeiro. Entre o meu ressentimento invejoso pela convivência do Fernando com a Matilde, e o incidente inesperado com o *Sombra*, quase não trocara uma palavra com ele.

Os meus remorsos súbitos precipitaram-me a assumir toda a culpa, apesar de, daquela vez, não ser culpado. Entretido como andava com as minhas novas preocupações, não consegui aperceber-me de que uma onda começara a formar-se perto de mim, uma onda que iria continuar a crescer nos meses seguintes e rebentar de forma desastrosa no final da primavera para me destruir com tudo o resto.

Apesar da saída da Matilde da herdade e de, inexplicavelmente, o Fernando ter permanecido por casa, ele tornou-se ainda mais silencioso e introspetivo. Na maioria do tempo, deixara-se ficar no quarto e quando saía, era apenas o seu corpo.

Confesso que não compreendo como não me apercebi de que alguma coisa se passava com ele — eu que era tão atento às subtilezas dos Vaz. A distância que ele mantinha de todos os outros até poderia passar despercebida, como sendo parte da sua rebeldia, mas não o afastamento da Clara. Os dois, que dantes eram inseparáveis, de súbito, mal eram vistos juntos. Ele continuava a olhar por ela, a defendê-la das indelicadezas ocasionais da D. Leonor e das críticas que esta não resistia a fazer à filha, mas havia nele um certo alheamento. E a Clara agia como se não notasse a mudança. Era como se o Fernando lhe tivesse imposto um pacto de silêncio e ela o tivesse aceitado como uma maladia há muito esperada e inevitável.

Por grande sorte, havia um Tiago apaixonado e bastante disposto a preencher o vazio no coração da mais jovem dos Vaz.

— Deixa-me só falar uns minutos com a Clara — disse ele, sem a menor hesitação ao entrar, passando as chaves do carro para a mão do Fernando — Podes ir pondo as tuas coisas na mala.

— Espero por ti lá fora — disse o Fernando, aceitando-as e saindo. Nem sequer se voltou para me dizer adeus.

O Tiago viu-me.

— Formiga! — disse entusiasmado, estendendo-me a mão. Sorri, orgulhoso de nos últimos tempos todos os homens me estenderem a mão. E sem ele precisar de perguntar, apontei com o dedo para o corredor que levava até à salinha da renda. Ele riu-se.

— Obrigado.

A acústica da salinha da renda não era das melhores, mas sobre a conversa entre aqueles dois eu estava confiante de que conseguiria adivinhar o essencial. Palavras de amor tímidas e ruborizadas.

A D. Leonor apareceu na sala e esboçou um dos seus sorrisos triunfantes quando lhe contei que o Tiago estava a conversar com a Clara na salinha da renda.

— Graças a Deus — sussurrou, com um suspiro aliviado.

Ele não se demorou muito e quando reapareceu, a D. Leonor recebeu-o como se já pertencesse à família e ele foi em tudo recíproco. Era como se cada um deles fosse o sonho do outro tornado realidade.

— Tem a certeza de que não pode ficar mais um pouco? — insistiu ela. — Pelo menos, para almoçar connosco. A Clara ficaria radiante, tenho a certeza.

— Acredite que ninguém o desejaria mais do que eu, D. Leonor. — Sorriu, segurando as mãos delicadas dela nas suas. — Mas a viagem é longa e temos mesmo de ir.

Beijou-lhe as costas da mão direita em despedida e, com mais três palavras de cortesia, ela foi retribuir a gentileza dele, acompanhando-o até ao carro no exterior. Era como se ele fosse o filho e o Fernando o estranho que conhecera duas semanas antes.

A Clara apareceu na sala quando eu regressava à cozinha. Não chegou a ver-me, mas de relance percebi que trazia alguma coisa na mão e que foi atirá-la para a lareira. Hesitei. A D. Leonor voltou e ao vê-la começou a falar com um entusiasmo que era impossível para mim — ou qualquer outra pessoa naquela casa — reconhecer de outra ocasião.

— Sim — respondeu com um sorriso, confirmando o que a mãe já sabia.

O cavalheirismo do Tiago fê-lo telefonar dois dias antes e expressar ao Sr. Vaz e à D. Leonor as suas intenções sérias de namorar com a filha mais nova. Ambos deram o seu consentimento com agrado. Os pais dele, que também participaram na dita conversa telefónica, estavam igualmente radiantes. Um encontro entre as famílias já estava a ser planeado.

Mãe e filha pareciam tão contentes que também sorri. Eu gostava do Tiago. Parecia que estávamos todos apaixonados por ele.

Caminharam juntas em direção ao escritório do Sr. Vaz, para contarem a novidade do namoro oficializado e, ao voltarem as costas, corri para a lareira.

Já pouco restava dele, mas não havia dúvida de que o que a Clara atirara para o lume era o desenho em que estivera a trabalhar nos últimos dias para oferecer ao irmão.

14

O dia seguinte era o último do ano. O Sr. Vaz gostava sempre de comemorar o avanço do ano e era tradição ele comprar foguetes e lançá-los do cais do lago. Toda a gente adorava o barulho — todos os animais o detestavam.

A D. Idalina aumentava sempre um bocadinho o volume do rádio da cozinha e deixava a Maria da Assunção escolher outra estação com menos fados e mais músicas modernas que ninguém percebia o que diziam, mas cujo ritmo acelerado e repetitivo nos fazia sentir mais felizes.

A mesa comprida da cozinha estava recheada com enchidos, fumados e coisas doces, e a minha boca cada vez com mais dificuldade em manter a baba contida. De olho numa rabanada que me parecia mais gorda e açucarada do que todas as outras, peguei numa travessa para a levar até à sala e criar oportunidade para a roubar.

Ainda com açúcar a escorrer-me pelos cantos da boca, cheguei à sala e quase deixei cair a travessa quando vi o Padre Manuel, sentado na sua poltrona junto ao piano. Procurei a Ana, e uma explicação qualquer, mas ela também estava sentada no sofá, no seu lugar do costume, a olhar calmamente o fogo, no silêncio indiferente e com os olhos ausentes de sempre.

Fui pousar a travessa na ponta da mesa mais próxima do padre e, quando os nossos olhares se cruzaram, ele reagiu à minha perplexidade com um sorriso, sincero — mas que nada me dizia —, e apontou para a minha boca, alertando-me para a imundície pegajosa que continuava a escorrer-me para o queixo e que eu esquecera por completo.

Limpei-me com a mão ao regressar à cozinha, confuso, e lambi os dedos pegajosos enquanto pensava no que acontecera e no que fazer. Mas não me pareceu que houvesse muito a fazer. Ele aparentava estar normal, talvez um pouco pálido. Poderia ser imaginação minha.

Pela primeira vez, comecei a questionar-me se não estaria enganado quanto à identidade do *Sombra*. Seria possível que fosse outro homem que estivesse no quarto da Ana naquele momento? Passaram-me outra travessa para as mãos e fiz mais uma viagem. Cruzei novamente o olhar com o dele. Nada, nada de especial. Pensei em perguntar à Ana. O que mais poderia fazer? Não, eu nunca teria coragem, ela não era certa e metia-me um bocado de medo.

Horas depois, rumámos ao lago, liderados pelo entusiasmo do Sr. Vaz. Na herdade, o momento da passagem do ano não era decidido pelo relógio, o Sr. Vaz é que escolhia quando lhe apetecia fazer os seus foguetes disparar para o ar e pô-los a explodir para delícia de todos. Naquele ano, prometera-nos uma surpresa. A animação usual foi, então, apimentada pela curiosidade.

Cada um de nós levava uma vela ou uma tocha para nos iluminarmos. As nuvens cobriam a Lua e não havia nesga de luminosidade para além da que conseguíamos carregar connosco. O Sr. Vaz afastou-se até ao cais. Acompanhámos a chama da tocha dele e, com risinhos entusiasmados, esperámos ouvir o estrondo do primeiro foguete. Vimos a tocha a descer, um ponto de luminoso ao longe, até tocar o chão. Dois segundos depois, para nosso espanto e deslumbramento… uma explosão… de luz!

Começámos todos a gritar, aos saltos. Risos, palmas! Não era só eu quem via fogo de artifício pela primeira vez. Éramos todos nós. E face àquele milagre deslumbrante, todos viraram crianças. O Fureca corria de um lado para o outro com *hurras* e o seu pé coxo a saltitar atrás dele para não ser deixado para trás. A D. Idalina tapava a boca com ambas as mãos, incapaz de fazer o queixo voltar a subir, como se assistisse a um milagre. Até o Zé Boi ganhou expressão com olhos esbugalhados e mão ao peito, um soldado emocionado pronto para cantar o hino. Mais um foguete, mais uma explosão, e havia cores, arco-íris de luz. A Maria da Assunção pegou-me nas mãos, cruzámos os braços e rodámos, rodámos, rodámos e as lágrimas de luz escorreram pelo céu por cima das nossas cabeças como chuva. Deus! Poderia haver algo mais belo? A D. Leonor e o

Sr. Luís estavam abraçados, de rosto levantado, sorridentes. O Padre Manuel parecia mais divertido a observar a reação de toda a gente do que a apreciar o espetáculo do fogo de artifício. Festejámos, todos juntos, e naqueles minutos tudo pareceu perfeito, porque estávamos encantados, fora de nós próprios, algures.

A escuridão voltou, e o silêncio. Ao apanhar a minha vela do chão, reparei num vulto próximo, alguém sem vela — alguém que só poderia ser a Ana. Algumas pessoas veem melhor no escuro, outras até vivem melhor no escuro e é lá que gostam de passar o seu tempo. Ela era dessas pessoas, de existência secreta mesmo quando estava em frente aos nossos olhos.

O Sr. Vaz foi recebido ainda em festa — a Rosarinha chorava de alegria, o Fureca tentava reviver o espetáculo de luzes com descrições numa linguagem carregada de palavrões que eram um insulto aos céus.

— Ainda bem que aquele vendedor d'um raio não me aldrabou — comentou o Sr. Vaz, de peito cheio —, ou ia comer chumbo da próxima vez que me atravessasse a soleira da porta!

— Foi uma boa compra — felicitou-o o Sr. Luís, que sabia como o cunhado se orgulhava de fazer bons negócios.

— Confesso que me custou um bocado a acreditar no que o homem me dizia. Foguetes com luz?! — Riu-se satisfeito. — Inventam cada uma.

Devagarinho, começámos todos a caminhar de volta para a casa, de volta aos dias, a vidas normais. Na subida, senti alguém a chegar ao meu lado e abrandar para o ritmo dos meus passos.

— Ouvi dizer que tens uma coisa que me pertence. — A voz era casual, a de um velho amigo para outro, a vela a desvendar-lhe a expressão divertida e ainda pálida.

Era ele. Era *mesmo* ele. O meu sorriso abriu-se para o Padre Manuel, maior do que nunca, mais orgulhoso do que nunca, um novo fogo de artifício que só eu via e sentia.

O cavalo desapareceu do moinho de água tão discretamente quanto aparecera. Apesar das caminhadas ao frio para ir visitá-lo, senti uma certa saudade do animal.

Aos poucos, a minha vida esvaziava-se novamente.

A D. Leonor estava prestes a ir-se embora, mas pelo menos depois disso a Matilde poderia regressar. Embora a matemática final continuasse a ser uma subtração.

Sou obrigado a mencionar os esforços do Sr. Vaz em demover a D. Leonor de partir, e louvar todos os esforços que fizera para manter as suas — escassas — discussões dessas semanas o mais breves e desapaixonadas, mas ela não se permitia a ser persuadida.

— Essa tua indiferença… a tua frieza para com os teus filhos é incompreensível. — Ouvi-o dizer, derrotado, numa das suas últimas tentativas, poucas horas antes de ela regressar ao Porto.

Ela ouvia-o pacientemente, composta, impermeável aos queixumes de um pai preocupado. E lembro-me da calma com que lhe disse:

— Recuso-me a amar dois fantasmas.

Estavam na sala sozinhos, mas qualquer pessoa poderia estar a ouvi-los, como eu estava, sem precisar de me esconder.

Perplexo, ele demorou a responder.

— O quê?! — Havia indignação, raiva até. — Cala essa boca, Leonor! Tu és a mãe deles!

— Tudo culpa sua, António! — acusou-o, com rancor gélido, a indiferença de esvaziar o peito. — Se eu soubesse o que carrega, nunca teria casado consigo. Esta herdade! — Abriu os braços. — Acha que alguma mulher quer ouvir o que eu ouvi?!

— São só superstições!

— É tudo verdade! De uma forma demoníaca, acaba sempre por ser *tudo* verdade. Durante anos, gerações, na sua família, estas coisas têm sido *verdade,* António. E odeio-o, eu odeio-o, e estou a dizê-lo agora porque sei que no dia do funeral deles não vou ter forças para lho dizer na cara, e quero ter a certeza de que sabe disso! Que o odeio por ter posto o seu sangue nas veias dos meus filhos!

Ele não lhe respondeu. Nunca mais lhe respondeu. E acredito que aquelas foram as últimas palavras trocadas entre os dois, porque eles não se falaram até à partida delas horas mais tarde… e desde esse dia, ela nunca mais regressou à herdade.

As palavras da D. Leonor destinavam-se ao Sr. Vaz, mas também me feriram, e ficaram comigo nos dias seguintes. Eram frias e cruéis e definitivas e incompreensíveis. Desabafei com a única pessoa a quem confiava estes assuntos que não eram meus — mas que eu adotara —, na procura de respostas e algum consolo. A Maria da Assunção falou-me da parteira que fizera o parto do Fernando e da Clara, e do que ela previra sobre o destino trágico dos irmãos. Do desespero da D. Leonor ao começar a saber das lendas que assombravam a herdade e, mais tarde, as muitas histórias que o marido arrastava dos seus antepassados: as tragédias, mortes mal explicadas, incompreensíveis — o destino ao qual os seus filhos, diziam-lhe as pessoas, nunca poderiam fugir.

— Essas mulheres nunca se enganam — garantiu-me a Maria da Assunção. — São como a D. Crisália. Elas dizem uma coisa e podes escrever que vai ser tal e qual.

— E o que disse ela? A parteira.

A Maria da Assunção parou de enrolar pares de meias.

— Este tipo de histórias não faz bem a ninguém, meu Formiguinha. Esquece, querido. O que tiver de acontecer, acontecerá, e ninguém pode fazer nada… nem a D. Leonor.. mas ela tenta, coitadinha,

ela tenta.

— Vai acontecer alguma coisa de mal ao Fernando e à Clara?

— Vês?! — Sacudiu uma meia, impaciente. — Por isso te digo que não é bom falar destas coisas.

Não encontrei consolo na Maria da Assunção, apenas mais temores para a minha cabeça triturar. Aquilo preocupava-me! As histórias e as lendas, as verdades, as mentiras e as meias-verdades e as meias-mentiras, os augúrios, tanto os bons como os maus. E uma sensação pegajosa de que alguma coisa estava para acontecer.



A Matilde chegou quando eu e o Fureca estávamos no meio de uma corrida de moscas. Ele ensinara-me a apanhá-las vivas da fita das moscas pendurada na cozinha, depois arrancávamos-lhes as asas, púnhamos meia dúzia delas no chão e riscávamos uma linha na terra; um de nós apostava a favor das moscas, o outro contra; se alguma delas passava a linha, ganhava quem era a favor.

— De volta, cachopa? — disse o Fureca.

Eu não gostava de tirar os olhos do jogo se o Fureca era o adversário, porque ele tinha uma esperteza saloia para fazer batota, mas com a Matilde por perto, via-me obrigado a fazer uma exceção.

Ela não me pareceu particularmente entusiasmada por estar de volta à herdade.

Ouvimos a voz forte da D. Idalina ao longe, a sair da cozinha com companhia. Era a Piedade e a D. Crisália.

— Trouxeste a família toda atrás, caraças. — O Fureca ajeitou a meia dúzia de cabelos desalinhados em redor da cabeça, que de pouco serviu para lhe melhorar o mau aspeto. — Patroa fora, festa na loja! —

A Matilde pareceu preparar-se para lhe perguntar alguma coisa, mas ele já se estava a pôr de pé. — Vou pôr-me no meio das mulheres que lá é que se está bem. Fica no meu lugar — disse para ela —, eu estou a favor… Está aí uma puta sem asas que está com o fogo no cu.

Lá se foi ele a mancar, e a Matilde sentou-se no cepo que deixara livre, ainda sem dizer uma palavra e sem mostrar vontade de o fazer. Ficámos a ver as moscas a ziguezaguear. Algumas foram parando para nunca mais se mexerem, outras continuaram de lado para lado, decididas a aproveitar a vida mesmo sem asas.

— Estou tão farta de ter a minha mãe atrás de mim — disse ela, por fim. — Nestes dias, não me tem largado! — desabafou. A expressão não dizia muito, mas a emoção estava-lhe toda no jeito da voz. — Ela tem sido a minha sombra… obrigou-me a ficar trancada em casa quase todos os dias! Controla tudo o que faço! —

Olhou por cima do ombro, para garantir que ninguém a ouvia senão eu. — Isto é de gente doida. Soubeste o que a D. Leonor fez, não soubeste? — Assenti. — Não percebo, juro que não entendo esta gente. Qual é a pancada destas mulheres? Porque não vivem a própria vida e deixam os outros viverem a deles?

Vi que ela queria realmente que eu lhe respondesse alguma coisa e escondi-me de volta na corrida das moscas, mas já restavam poucas que me valessem, a natureza estava a ganhar.

— Formiga.

— Hã?

— Formiga.

— Hã?

— Olha para mim. — Que mais havia a fazer? Olhei-a. — Conta-me. O que se passa entre aquelas duas? Até um cego vê que alguma coisa é. E toda a gente parece saber, menos eu.

Fiquei em silêncio. Tão concentrado a tentar desenrascar-me que me esqueci de pestanejar e deixei de ver. As minhas orelhas de cão culpado devem ter denunciado a minha vontade de lhe dizer tudo.

— Formiga… Formiga… conta-me…

E foi então que ela me sorriu, aquele esticar de lábios que lhe fazia covinhas nas bochechas e mostrava os dentes certinhos. Depois, os olhos com qualquer coisa que me fazia querer agradar-lhes, definitivamente aquele era o meu olhar favorito nela.

Contei-lhe. Contei-lhe tudo o que sabia sobre a história do Sr. Vaz com a Piedade, o romance, os ditos, quem estava a favor, quem estava contra, quem fez o quê, quem tramou, quem mentiu, quem traiu, quem foi fraco, que todos foram fracos, que ninguém lutou, que ninguém se importou o suficiente e no final terminaram todos nos lugares que logo à partida eram os seus.

Ela ouviu-me, com a atenção que eu sempre desejara ter dela. E pareceu-me tão fácil enquanto lhe dizia tudo o que não deveria.



A Matilde estava de volta. O inverno continuou, cada vez mais frio, até que por fim o sentimos a mudar. Também eu me fui

deixando ir e comecei a abrir mão do meu amuo de coração partido.

Hoje, ao olhar para trás, desejava ter lido livros com grandes histórias de amor, ter visto os filmes que o resto do mundo estava a ver, com Humphrey Bogart, Lauren Bacall, Cary Grant, Ingrid Bergman, Audrey Hepburn, ter ouvido as músicas certas e o que elas diziam sobre desgostos de amor e desilusões… Talvez eles me tivessem alertado para o que poderia acontecer com os sentimentos, me tivessem consolado com o conhecimento de que não estava sozinho, de que — por impossível que pudesse parecer-me — era normal, e que todos os dias corações eram partidos e não fazia mal. Talvez, talvez todas estas pequenas coisas tivessem enfraquecido o poder dela sobre mim.

Mas não foi assim, eu ainda não lera esses livros, nem vira os filmes, nem ouvira as letras das músicas. O que eu tinha eram os poemas que me faziam sentir ainda mais único, me exaltavam os sentimentos, tornavam nobre o sofrimento e alimentavam as minhas ilusões e devaneios.

> *Ò amor, amor*
> *que faremos nós de ti*
> *e tu de nós?*[3]

Os domingos de manhã eram novamente meus e da Matilde — sempre com o emplastro do Fureca em algumas ocasiões —, e de cada vez que ela me perguntava pelo Fernando, eu importava-me um bocadinho menos.

Não era só a Matilde quem me perguntava pelo Fernando. Logo nas primeiras semanas do ano, a Clara perguntou-me se eu recebera alguma carta dele; eu disse-lhe que não. Mais um par de semanas e ela voltou a perguntar-me.

— Não — respondi-lhe.

Era fácil de perceber que ela também não. Só se tornava mais e mais estranho aquele afastamento dos dois.

Certo dia, farto das perguntas das duas, e mais ainda de não ter resposta para lhes dar, senti-me no dever de escrever ao Fernando. Alguma coisa se passava. Não guardava grande esperança de o

descobrir com uma carta; no entanto, algures entre a partida dele e os dias em que a herdade ficou mais vazia, com os dias frios ainda mais frios, lembrei-me do cão, do meu erro de julgamento com o Zé Boi e de que talvez o tivesse repetido com o Fernando.

Recebi a resposta à minha carta em poucos dias, e nela ele escreveu pouco e disse menos ainda. *Não sei quando voltarei à herdade. A minha mãe pediu-me para ir visitá-la ao Porto e aceitei o convite. Talvez no verão.*

A Clara demorou-se a ler, com certeza também precisou de repetir várias vezes as últimas linhas para crer. Ao devolver-me a folha, agradeceu-me e não fez qualquer comentário. Também não escondeu a tristeza. O que me deixava mais descansado era saber que, fosse lá o que fosse que se passava entre os irmãos, o Tiago aparecera no momento certo. Ele escrevia-lhe todas as semanas — por vezes até juntava uma pequena prenda, um lenço colorido, uma pulseira, uma imagem, uma flor seca — e telefonava-lhe ocasionalmente. Nunca tive curiosidade em ficar a ouvi-la, estava certo de que eram conversas reconfortantes, pois o Tiago tinha toda a minha estima e consideração. Pelo menos ele viria ver-nos à herdade na semana da Páscoa, prometera-o.

A Piedade passou a ser visita cada vez mais frequente, cada vez mais óbvia, porque ela e o Sr. Vaz eram cada vez menos discretos. Exceto no que dizia respeito à Clara. A Piedade nunca ia à herdade quando ela lá estava, normalmente chegava depois de ela sair para a escola ou ia-se embora antes de ela voltar, ou então, os dois saíam juntos. Uma vez mais, a Clara permanecia enjaulada na ignorância, que toda a gente acreditava ser para o bem dela. Talvez fosse. Há coisas que não conseguimos explicar, que se fazem por instinto e só podem ser entendidas quando chegamos mais adiante e olhamos para trás.

A D. Crisália, a mãe da D. Idalina, também nos visitava mais vezes nesse inverno — com a D. Leonor fora, a D. Idalina sentia-se mais à vontade para convidar gente a visitá-la, uma vez que ela raramente saía.

Sabia que depois de a D. Crisália chegar, a D. Idalina não demoraria muito a enxotar-me para fora da cozinha para que não ouvisse o asneiredo. Apesar do meu nervoso miudinho com os mistérios do oculto, até conseguia ver-lhe uma certa graça. Era viúva havia largos anos, tivera muitos filhos e também perdera muitos para diferentes azares. O riso dela não deixava adivinhar tal coisa.

Numa tarde em que a D. Crisália se deixou ficar pela cozinha mais um bocado — o dia carregado a negro e a chuva não dava mostras de querer abrandar para a deixar voltar para casa —, estávamos a rodear a lareira e ela pegou-me nas mãos sem aviso. Eu, que estimava o meu medinho trémulo, esforcei-me por ser corajoso e não fazer má figura.

— Nunca t'olhei o futuro, *poi* não, *Fumiga*?

O meu desconforto provavelmente não estava bem disfarçado, porque a Matilde riu-se e a Rosarinha pareceu preocupada.

— Ó mãe, deixe-se disso — disse a D. Idalina, que não tinha fé senão no que dizia a Bíblia.

— Ele vai viver muitos anos — começou ela, sem dar atenção à filha e de olhos colados a mim.

— Graças a Deus. — Ouvi a Rosarinha a murmurar com um suspiro.

Por um instante, pensei no que aconteceria se ela tivesse dito exatamente o contrário e um arrepio afundou-me a cabeça entre os ombros, as minhas costas tomaram a mesma curvatura que as dela tinham sempre, talvez pelos anos, ou pelo cansaço. E lá ficámos, frente à lareira, voltados um para o outro, dois corcundas a coscuvilhar, olhos nos olhos.

Ela esfregou-me as mãos com as dela, calos secos a arranharem-me as palmas e a curiosidade começou a afagar-me o medo.

— Vais viajar muito — sussurrou. — Uma viagem loooonga. — Mesmo sem crer que tal pudesse vir a acontecer, abri ainda mais os olhos para ela, como se assim pudesse ler-me melhor. — Há uma mulher. — Não olhei para a Matilde. — Ela vai precisar de ti, muito,

e tu vais ajudá-la porque tens um bom coração. — Sorriu-me, o nariz engelhou-se e depois o resto das rugas todas.

Também me ri um pouquinho, mas depois, vi-lhe uma sombra. O dedo indicador dela levantou-se e balançou em aviso.

— Mas está uma grande tempestade à porta…

— E é que não para mesmo de chover! — gracejou a Matilde.

— Respeito com a tua avó — recriminou-a a D. Idalina.

— …e as nuvens vão acompanhar-te por muito tempo, muitos invernos.

— Ó mãe, olhe que me vai dar pesadelos ao cachopo.

— Mas essa mulher vai salvar-te, vai trazer a luz de volta à tua vida, vocês vão salvar-se um ao outro. — Do nada ela riu-se, um cacarejo alto e divertido. — Tu, meu *Fumiga*, vais ser o guardião de uma rainha e vais tê-la nos braços!

— Já lhe disse para parar de encafuar essas histórias na cabeça da criança! Ele já me anda sempre com a mioleira na Lua e vejo-me consumida para fazer alguma coisa dele.

A velhota riu-se e apertou-me ainda mais as mãos.

— Acreditas em mim, não acreditas, *Fumiga*? — sussurrou-me. — Encolhi os ombros. — É isso mesmo! — incentivou-me como se eu me tivesse proposto a fazer alguma coisa. — É isso mesmo!

— Olhe para o meu destino, avó — pediu a Matilde, oferecendo ambas as mãos.

A D. Crisália deixou as minhas mãos caírem, mas não pegou nas da neta.

— Só vou ver o mesmo que sempre vi. — Ela já não se ria, mas continuava a olhar-me. — Pode-se olhar para uma flor a desejar ver uma árvore, e não é por continuar a olhar e a foder os olhos e a queimar as pestanas que se vai ver a árvore — suspirou. — O caralho da flor nunca será uma árvore.

— Mãe!

— Ó filha, deixa lá isso! — disse a D. Crisália, voltando-se para a Rosarinha. — Tu é que *tás* a precisar de ajuda, cachopa.

Com o susto, a Rosarinha atrapalhou-se e deixou cair a batata que estava a descascar.

— Eu?

— Pois! *Pa* desencalhares a pachacha. Isso é *pa* ser usado. — Os dedos ossudos apontaram para as partes baixas da Rosarinha em movimentos circulares.

A Rosarinha corou ao vermelho das brasas e pediu socorro à D. Idalina com os seus olhos esbugalhados de gato manso encurralado.

— Parece que já parou de chover, mãe.

Mas a D. Crisália continuou curvada para o lado da Rosarinha.

— Sabes que posso ajudar-te, arranjo-te umas ervas boas, banhas-te nelas e passas sal…

A Piedade entrou com o Sr. Vaz, os dois encharcados e a rirem-se. A D. Crisália engasgou-se numa sílaba e, depois, retomou as instruções para a Rosarinha. Todos fingiram que não havia nada de errado na imagem dos dois juntos. Eu não tinha vontade de alinhar. O meu sobrolho franziu-se. Sem surpresa, ninguém reparou, nem sequer estavam interessados na minha desaprovação.

Não vou falar-vos da Piedade, talvez até já tenham reparado no meu silêncio em relação a ela. É intencional. Eu acarinhava uma antipatia por ela que, por vezes, também exteriorizava com um voltar de face brusco quando ela me dirigia a palavra. Duvido que tenha tido grande importância. Aos olhos dela, era apenas uma criança amuada. Mantive-me à distância, ignorando-a, expressando subtilmente o mesmo desagrado com a sua presença e o aparente reacender do romance dos dois. Ela podia ser a mãe da Matilde, mas a D. Leonor era a minha divindade, com ela estaria sempre a minha devoção. Na infância, ainda não distinguimos os tons dos sentimentos, nem as nuances entre o certo e o errado — vemos a preto e branco — e quanto mais perto estamos, pior vemos.

3 João Falco, «Amor», 1940.

PARTE IV

15

Os gritos aflitos do *Pintarolo* sacudiram a serenidade morna da herdade.

A primavera começara havia poucas semanas, suave e luminosa e perfeita. Eu novamente descalço, com uma comichão boa na sola dos pés bem assentes na terra, pronto para passar uma tarde no meu quintal a tratar de mais umas plantações de feijão-verde e cebolas, sem grande pressa para terminar. Aqueles gritos mudaram tudo.

Avistei-o ao longe, a aproximar-se depressa, sentado na carroça, rédeas empunhadas em punhos fechados. A minha respiração ansiosa arregalou-me os olhos enquanto o via segundos depois a puxar ainda mais as rédeas do cavalo, fazendo-o parar à porta da cozinha.

O *Pintarolo* deixara o bicho tão perto da casa que ele quase tinha a cabeça lá dentro. Saltou de imediato para o chão e correu à parte de trás da carroça para tirar alguma coisa. Vi umas pernas… era alguém, não alguma coisa. Ele continuava a gritar por ajuda.

— Alguém me acuda! *Dalina*! Alguém! ACUDAM!

Pela força que estava a fazer para puxar a pessoa deitada na carroça, não tive dúvidas de quem seria. O Zé parou ao lado dele e, ao olhar o corpo inconsciente, levou as mãos à cabeça antes de as encaixar debaixo dos braços do Sr. Vaz e fazer força para o levantar.

Atordoado, larguei tudo o que tinha nas mãos e corri. O que teria acontecido? O Sr. Vaz era um saco de ossos e carne sem vida que o *Pintarolo* e o Zé carregaram a esforço, um a pegar-lhe pelos pés outro pelos sovacos, e levaram para dentro de casa.

Eu corri, corri e fui apanhá-los já a subir as escadas. Toda a gente falava alto, ao mesmo tempo, sem se conseguir perceber nada, todos ansiosos por respostas, esquecidos de que precisavam de ouvir para conseguirem tê-las.

— Um médico! — gritava o Sr. Pinto. — Chamem o médico! — repetia-se como um desesperado.

A D. Idalina, com a mão no peito, agarrada ao terço que sempre trazia ao pescoço, seguia aflita atrás deles, a Maria da Assunção ia à frente, a arrumar o que estorvava, com a expressão mais urgente que alguma vez lhe vira.

— O que foi? — perguntava a D. Idalina, sem nunca ter resposta do irmão. — Oh, meu Deus, o que foi?

O *Pintarolo* e o Zé iam gritando, amaldiçoando vasos, tapetes e tudo mais que empecilhava o caminho.

— Um médico! — gritava o Sr. Pinto. Ainda não havia tempo para explicações.

— Já mandei a Matilde, homem! Ela já foi!

A Matilde era rápida, montava tão bem como qualquer homem.

Eu procurava pistas, olhava o corpo do Sr. Vaz. Teria sido uma queda? Não lhe via ferimentos, nem sangue, mas ele não acordava.

Entrámos todos no quarto dele, uma multidão de gente desnorteada. O *Pintarolo* começou a desabotoar os botões do colete do Sr. Vaz, depois a camisa, enquanto o Zé lhe tirava as botas. Aquele corpo sem vontade própria, inerte, vazio, a ser mexido e manipulado não podia ser o Sr. Vaz.

— Mas o que foi isto, meu irmão? — voltou a perguntar a D. Idalina — O que se passou?

O *Pintarolo* abriu a camisa do Sr. Vaz.

— Não sei… — disse, olhando o peito de um lado e depois do outro. — Não sei… Encontraram-no caído na terra onde íamos plantar o milho hoje à tarde. Foi o primo do Francisco quem lá chegou primeiro e ele *tava* tombado. Talvez seja coração… Não há muito que eu possa fazer por ele — lamentou-se. O Sr. Pinto era bombeiro e se havia alguém além do médico que poderia socorrê-lo era ele.

A Maria da Assunção benzeu-se antes de perguntar.

— *'Tá* morto?

— Cala essa matraca! — disparou a D. Idalina. — Oh, que mulher d'um raio!

O *Pintarolo* deu umas palmadinhas em ambos os lados da cara do Sr. Vaz, a tentar despertá-lo. Não houve reação.

Ficámos todos em silêncio. Só restava a espera.

— Ai, que aflição… — murmurou a D. Idalina, abanando-se com a mão, a testa brilhante com suor e o rebordo do cabelo molhado.

Chorosa, a Rosarinha abandonou-se encostada à parede, braços em redor de si própria. O Zé, talvez o único com paciência para o fazer, foi até ela e começou a falar-lhe para a distrair. O murmúrio dos dois era o único som no quarto que as cortinas azuis grossas guardavam do sol forte.

O médico talvez não tenha demorado a chegar, mas a nós, os que esperávamos e nada sabíamos, pareceu-nos uma eternidade.

A primeira coisa que ele fez foi enxotar-nos a todos para fora do quarto.

No corredor, um antepassado do Sr. Vaz olhava-me, ameaçador, do seu posto na parede. Lembrei-me das lendas, daquela que dizia que quando se extinguisse uma geração e ainda restasse mais do que um herdeiro, eles começariam a lutar entre si, todos eles invencíveis, alimentados pela força que o lago lhes concederia, e na sua guerra, consumiriam tudo em seu redor, não deixando tijolo sobre tijolo até sobrar apenas um.

Seria possível? O que aconteceria realmente, se o Sr. Vaz morresse dentro daquele quarto naquela tarde?

Tivemos de continuar à espera, já um pouco mais consolados ao saber que ele não estava morto. Esperámos, até que o médico saiu e desmentiu as nossas suspeitas de que fora um ataque de coração, afinal fora um AVC.

Fez-nos algumas perguntas.

— Tem andado a trabalhar muitas horas?

— Sim — respondeu o Sr. Pinto.

— Muito esforço físico?

— Sim — respondeu o Sr. Pinto.

— Tem-se alimentado bem?

— Nem por isso — respondeu a D. Idalina.

— Problemas? Aflições? Emoções fortes?

— Sim — respondemos todos.

Ele pareceu satisfeito com a nossa contribuição.

— A D. Leonor está no Porto?

Confirmámos com acenos de cabeça.

— Então, avisem-na — sugeriu-nos ao voltar para dentro do quarto. — Ele vai recuperar, mas muito lentamente. Vai precisar da família.

Olhámos uns para os outros, provavelmente a pensar no mesmo: quem iria fazê-lo? A D. Idalina, mais recuperada do susto, tomou conta da situação.

— Ele agora está bem entregue às mãos do médico. Vamos esperar que a Clara chegue a casa e ela depois liga à mãe.

Percorremos o corredor dos quadros em direção à escada como uma procissão de gente cansada, seguidos pelos olhos atentos e misteriosos dos antigos Vaz, e lá descemos nós, mais mortos do que vivos, que nem patos mancos.

— Se ele tivesse morrido, quem ficava com a herdade? — perguntou a Matilde.

A D. Idalina, que ia à frente, parou e olhou para trás, e parámos todos com ela, especados nos degraus. Olhou a sobrinha como se tivesse dificuldade em conseguir reconhecê-la.

— Vai buscar a Clara à escola — ordenou-lhe. — E não lhe digas nem uma palavra sobre o que se passa. Quero ser eu a falar com ela. Entendido?

— Sim… sim…

A Matilde olhou para mim e revirou os olhou, fazendo-me um sorriso secreto. Eu também não a percebi.

A Clara chegou e recebeu a notícia com a angústia que todos esperávamos, apesar de em nenhum momento se ter rendido ao desespero. Ela era emotiva, mas sabia esperar para o ser apenas nos momentos apropriados. Era uma força que agraciava poucos e nunca vi ao longo da minha vida quem o fizesse melhor. Conversou com o médico, ouviu-o sem pressas nem atropelos, colocou-lhe com clareza as questões que tinha e articulou devidamente as suas preocupações quanto às sequelas, e com o que poderiam vir a deparar-se. Qual o melhor cenário possível? Qual o pior cenário possível? Com o que poderiam contar? Como deveriam proceder?

Ao lado da cabeceira do pai, não verteu uma lágrima. E quando o Sr. Vaz acordou e as palavras lhe saíram todas embrulhadas pela metade da boca que não ficara paralisada, ela acalmou-o melhor do que qualquer outra pessoa o faria e orientou-o, relatando-lhe detalhadamente o que lhe acontecera, reconfortando-o e repetindo-o tantas vezes quantas ele precisou de ouvir até acreditar.

Eu permaneci sempre com ela, e foi a minha mão que procurou e apertou de todas as vezes que sentiu que precisava. Fê-lo algumas vezes, poucas.

No rescaldo dos acontecimentos e das emoções, depois de um jantar onde houve pouco apetite — à exceção do boca-rota do Fureca —, a noite caiu e permanecemos todos em redor da mesa da cozinha no avançado da hora. Até o Zé se juntou a nós, apesar de se manter sentado a um canto com o mesmo ar carrancudo de sempre. A ideia era dividirmo-nos por turnos, para que durante o resto da noite houvesse sempre alguém na casa acordado e à disposição da Clara, caso fosse necessária alguma ajuda para lidar com o Sr. Vaz. Nas horas seguintes, ele parecia estar cada vez mais inquieto e impaciente com as limitações físicas que ia descobrindo.

Estávamos quase ordenados para a vigia da madrugada, quando me pareceu ouvir o som do motor de um carro. Os outros também o ouviram e olhámos na direção do corredor que levava à sala. Momentos depois, o sino da porta da frente confirmou a chegada de alguém.

— Serão eles? — perguntou a D. Idalina, referindo-se à D. Leonor, à Ana e ao Sr. Luís.

— Já?! — perguntou a Maria da Assunção, duvidosa.

— A Clarinha disse que só vinham amanhã de manhã — acrescentou a Rosarinha à dúvida que vinha à cabeça de toda a gente.

— Lá vou eu outra vez — disse a Matilde, expirando pelo nariz. — Melhor ir fazer a trouxa para me ir embora.

Levantou-se do banco corrido da mesa e eu levantei-me com ela para ir receber quem chegara.

Ao abrir a porta, tive uma surpresa ao ver o Fernando.

— Formiga… — disse ele, num cumprimento sem grande entusiasmo. Atrás dele, veio o Sr. Luís e depois a Ana. Ainda esperei de porta aberta e espreitei para o escuro, mas não havia mais ninguém.

— Fernando…. — A voz fraca da Clara expressava a surpresa que conseguia emergir do cansaço.

Na sala, encontrei os quatro a trocarem olhares sobre a pessoa em falta. A D. Leonor.

— Ela não vem — disse, por fim, quem menos se esperava. E sem mais, a Ana deixou a sala e subiu as escadas para o primeiro andar, ainda com a mala na mão que nunca chegara sequer a pousar.

O Sr. Luís deu um abraço rápido à sobrinha e um beijo na face.

— Não fiques triste — pediu-lhe. — Nós estamos aqui e é o que importa. A tua mãe achou por bem não vir, devemos confiar na decisão dela. — A Clara anuiu e olhou para o irmão à procura da opinião dele. — Assim até viemos mais cedo — concluiu o Sr. Luís, arrumando o tema. — O teu pai?

— Está no quarto. O Padre Manuel está com ele, chegou há pouco. Ele animou-se ao vê-lo, mas tem estado mais a dormir do que acordado… e não… — respirou fundo — …*ainda* não consegue falar muito bem.

O Sr. Luís desviou o olhar na direção das escadas como se conseguisse ver lá o cunhado.

— Isso mesmo, vamos manter o otimismo. Se o médico disse que ele vai recuperar, só temos de acreditar nisso e ajudá-lo. — Ela esticou os lábios e anuiu. — Vou subir também. Esta viagem deu cabo de mim. O teu irmão é um péssimo condutor!

— Chegámos rápido — gracejou o Fernando.

— Oh, sim — concordou o Sr. Luís, já a subir as escadas. — Mas a que custo!

O sorriso dos irmãos esvaneceu-se quando ficaram sozinhos.

— Pensei que estavas em Lisboa — comentou a Clara. — Tentei ligar para o número da tua escola… o que estava na agenda do pai, para que te avisassem, mas ninguém atendeu.

— Eu saí há umas semanas. — Ela pareceu não perceber e ele explicou. — A mãe cancelou a minha inscrição e fui viver com elas para o Porto.

— Ah…

A Clara olhou para o chão, provavelmente para esconder o que a novidade a fez sentir. Ele nunca lhe escrevera ao longo daqueles meses, nem mesmo depois de uma decisão tão importante e definitiva como ir viver com a mãe. Nem uma palavra sobre aquele assunto ou assunto algum.

— Não fales sobre isso com o pai por enquanto — pediu, levantando de novo os olhos. — O médico disse para o mantermos o mais calmo possível, que o descanso é o que mais pode ajudá-lo agora.

Ele assentiu. Os dois ficaram em silêncio a olhar um para o outro. Alguém precisava de fazer alguma coisa, porque era óbvio que aquele era o momento, era um reencontro, toda a gente estava assustada, a sofrer, e o conforto de que precisavam não poderia ser dado com palavras.

Mas alguma coisa neles os segurava e os fazia hesitar. Não era eu. A minha presença era tão discreta como sempre, eles julgavam-se sozinhos.

Foi o Fernando quem avançou, um passo curto, e o movimento bastou para ela correr para ele. Abraçaram-se com força, uma intensidade que sugeria desespero. A Clara escondeu-se na curva do pescoço dele e começou a chorar, o alívio de já não estar sozinha a dissipar-se em lágrimas. O Fernando encostou a boca aos cabelos encaracolados dela e foi-lhe sussurrando, palavras incompreensíveis para mim ao longe. O que dizia pareceu tornar o choro dela ainda mais sofrido antes de começar a acalmar.

A imagem dos dois fez-me lembrar um dia de inverno em que o Fernando quase se afogara no lago, e um outro, poucas semanas antes, quando a Clara soubera da partida do irmão para Lisboa. Ao vê-los ali, ao reconhecer o mesmo desespero na Clara, perguntei-me pela primeira vez o que aconteceria com ela no dia em que ele resolvesse partir definitivamente, para nunca mais voltar.

Os dois afastaram-se para respirar, o Fernando limpou-lhe as lágrimas com as mãos, fez-lhe um sorriso incentivador que não conseguiu aguentar e deu-lhe um beijo na testa.

— Eu… — começou a dizer, olhando-a.

Mas ela interrompeu-o.

— Eu sei.

Quando as mãos dela também foram ao rosto dele é que notei que também lá havia lágrimas. Afinal, talvez a dependência fosse mútua. Fosse como fosse, parecia que a distância do Natal fora transposta.

Eles abraçaram-se de novo, com a mesma intensidade, mas sem o desespero, e assim permaneceram. O abraço foi longo, porque nunca cheguei a assistir ao seu final, desisti de esperar e tentar perceber o que se passava entre os dois para ir procurar a Matilde e dar-lhe a boa notícia. Ela não teria de ir-se embora da herdade.

16

No dia seguinte, a mesa do pequeno-almoço estava composta. O Padre Manuel passara a noite na herdade e ocupava o lugar vago da D. Leonor. O Sr. Luís tagarelava sobre um cliente que tinha *tanto desapreço pela lei que estava a tornar-se no seu melhor cliente*; o Fernando ria-se do relato das vicissitudes do cliente do tio, que ludibriava a lei com originalidade, e a Ana mantinha-se fiel a si própria, em silêncio e voltada para dentro.

Depois do susto do dia anterior, regozijávamo-nos de alívio e até a Maria da Assunção se levantara cedo — como sempre que o Sr. Luís estava pela casa — e ajudou-nos nas idas e vindas do pequeno-almoço.

A Clara apareceu no topo das escadas e veio juntar-se à boa disposição.

— Formiga — disse ela, parando junto a mim antes de se sentar —, o médico disse que vai mandar vir uma pessoa para nos explicar os movimentos que o meu pai deve fazer para ajudar na recuperação. Se aparecer alguém, podes levá-lo logo lá para cima, sim? — Assenti.

— Como é que ele passou a noite? — perguntou o Fernando, quando ela se sentou à sua frente.

— Bem — partilhou, aliviada. — Esteve calmo e dormiu.

— Agora, tu é que precisas de ir dormir — disse o Padre Manuel. — Eu posso ficar com ele durante a manhã, se precisarem.

A Clara agradeceu.

— Hoje, eu ainda estou por cá — disse o Sr. Luís. — Deixem-me sentir útil, por favor!

Ouvi passos de alguém a aproximar-se no corredor atrás de mim, vindos da cozinha. Era a Piedade.

O Padre Manuel preparava-se para responder alguma coisa ao Sr. Luís, mas os olhos dele pararam ao vê-la. Toda a gente à mesa se voltou.

Ela disse «bom dia», mas só o Padre Manuel lhe respondeu. Depois, a Clara lembrou-se de falar:

— Olá, Piedade.

— Posso subir?

— Sim, com certeza. Mas ele talvez não esteja acordado.

A Piedade assentiu, agradeceu-lhe com um sorriso rápido e apressou-se a subir os degraus.

Nos segundos seguintes, ninguém disse nada. Depois, começaram a olhar uns para os outros e, de súbito, o Fernando deu um murro na mesa que fez a loiça saltar e toda a gente estremeceu com o susto do estrondo. Até a Ana voltou à realidade.

— *Com certeza*!? — grunhiu ele, entre dentes, olhando-a como um lobo olha a galinha.

A Clara estava pálida, a condizer com a toalha da mesa, os olhos cinzentos esbugalhados. Senti-me solidário com o temor dela, mas uma parte de mim, que era grande, vibrou com a indignação do Fernando, que expressava aquilo que eu nunca me atreveria.

— *Com certeza*!? — repetiu ele, com mais frieza. — Tu sabes quem é aquela mulher?

— Fernando, vamos ter calma — pediu o Sr. Luís.

— Não, não vamos! Porque isto não está certo!

— O pai gostou de a ver ontem… ficou mais calmo…

— Ela já esteve aqui ontem!? — interrompeu-a, elevando a voz. — O quê?! Vive aqui em casa agora, é?

— Eu… — A Clara procurou ajuda no rosto do tio e do Padre Manuel, ao seu lado.

— Lá porque a mãe não está aqui, não quer dizer que tenha deixado de existir, que… que isto…

— A vida é do teu pai — interveio novamente o Sr. Luís, em defesa da sobrinha. — A tua irmã não tem de responder por ele. Quando estiver melhor, tu mesmo poderás…

— É ela quem está a deixá-la entrar nesta casa! — Apontou o dedo em acusação, a voz desequilibrada, estava vermelho de tentar controlá-la. — É ela quem está a permitir-lhe subir para o quarto. Sozinha!

— Não mistures emoções. — A voz do Padre Manuel foi pouco mais do que um sussurro, mas despertou o Fernando da revolta. Os dois olharam-se em silêncio, as palavras vagas pareciam fazer sentido para eles. Com um murro final na mesa que fez toda a gente tremer mais uma vez, o Fernando levantou-se e saiu disparado. Era fácil imaginar o que iria fazer — selar a *Medusa*, desaparecer da herdade e regressar no dia seguinte.

— Eu… — A Clara tentou compor uma frase, abriu e fechou a boca, mas não saiu nada.

— Ele não está bem — disse a Ana. Não era uma preocupação, era uma constatação.

O Sr. Luís voltou-se para o Padre Manuel:

— Estou confuso desde que apareceu no Porto. Não sei… Alguma coisa se passou e não fala comigo.

— Às vezes, tudo o que há a fazer é esperar.

O padre desviou os olhos para a chávena que tinha à frente e o Sr. Luís ficou desconfiado, tal como eu, de que talvez soubesse alguma coisa, mas não perguntou nada. Mesmo a ser verdade, ele não lhe responderia.

A Matilde estava ao meu lado. Com a explosão de temperamento do Fernando, eu não dera conta da chegada dela, mas pelo peso que lhe vi nas sobrancelhas, estivera presente tempo suficiente para perceber qual a razão da comoção. Levei a minha mão até ao braço dela, um gesto instintivo.

— O Fernando está certo — disse ela, para minha grande surpresa.

17

O Sr. Luís deixou a herdade dois dias depois e o Fernando ainda não tinha voltado. A Piedade continuou a ir à herdade, todos os dias, a ficar durante várias horas seguidas, e a presença dela foi afundando a Clara em remorsos. O Padre Manuel também estava na casa sempre que podia e os dois passavam grande parte do tempo juntos. Ele parecia estar a cuidar mais do bem-estar espiritual dela do que o do Sr. Vaz, que, para grande alegria de todos, se mostrava mais enérgico a cada dia e começava a exigir sair da cama. O médico pediu-lhe um pouco mais de calma e prometeu que o libertaria o mais cedo possível da prisão do quarto.

Apesar da ausência, suspeitei de que o Fernando estivera sempre informado do estado de saúde do pai — talvez pela Matilde, nos seus desaparecimentos, ou pelo próprio médico —, porque ele regressou à herdade precisamente no dia em que o Sr. Vaz saiu do quarto.

Quando o vi chegar, frouxo na sela do cavalo, sujo, com a barba grande e aspeto de quem dormira ao relento, fui a correr avisar o Padre Manuel, tal como ele me pedira para fazer.

— É importante — frisou ele. — Vem ter comigo logo que ele chegue e se eu não estiver cá, pede à Ana para me telefonar.

Anuí com o mesmo sorriso rasgado e orgulhoso que me vinha sempre que ele falava comigo. Nunca trocámos uma palavra sobre o que acontecera na semana a seguir ao Natal, nem sobre a sua identidade secreta. Ele sabia que a Polícia voltara mais algumas vezes à herdade e que nada descobrira; que o segredo dele estava seguro comigo.

Ao vê-lo caminhar a passo leve e corrido para as cavalariças, reparei que o corpo dele ganhara uma inclinação, como se estivesse desalinhado por um pequeno tique que lhe atrasava a anca direita, ou talvez do ombro. Não era pronunciado, talvez a maioria das pessoas nem reparasse, e por isso eu não conseguia identificar com precisão. Só se tornava visível com a necessidade de maior

coordenação de movimentos entre as diferentes partes do corpo. O ferimento talvez tivesse deixado mazelas. Segui-o a uma distância prudente e esperei junto à cancela da entrada.

As primeiras palavras entre os dois foram abafadas pelos movimentos e os sons, enquanto o Fernando tratava da *Medusa*, lhe retirava a sela, lhe dava comida e água. Era quase só o Padre Manuel quem falava, um descontentamento leve na voz.

— …devem poder contar contigo. É isso que faz uma família.

— Eu sei — concordou o Fernando, parando e deixando-se cair num fardo de palha, sentado, cotovelos apoiados nos joelhos e olhos no chão.

— Fizeste o que precisavas de fazer… mas devia ser para te recompores, era suposto voltares em melhor estado. — Ele esperou, mas não obteve reação. — Eles precisam de ti.

— A herdade está cheia de gente para os ajudar.

— Ninguém ocupa o lugar de ninguém. — Silêncio. — Eu percebo… ou melhor, não percebo, não faço a menor ideia da angústia e do sofrimento que estás a sentir. O que sei é que estás a tentar fazer o teu melhor. Agradeço-te a confiança que depositaste em mim e vou fazer tudo para te ajudar. Mas esse foi só um primeiro passo, Fernando. Precisas de continuar a tomar boas decisões…

— E se eu não quiser? — perguntou, levantando de súbito a cabeça e olhando o padre.

— Tu *tens* de o fazer, porque o que sentes não vai desaparecer. É parte de ti. Tens de trabalhar para encontrar maneira de viveres com isso.

O Fernando abanou a cabeça, sem fé naquelas palavras.

— Talvez o tempo vá ajudar-te — sugeriu o Padre Manuel, esperançado, sentando-se ao lado dele no fardo de palha. — Só precisas de conseguir… permitir que o faça, dar-lhe oportunidade para isso e…

— E se eu lhe contar? — A interrupção foi um murmúrio tão fraco que mal o ouvi.

O Padre Manuel foi apanhado de surpresa.

— Contar…?

— Sim, falar com ela e explicar-lhe tudo.

— E o que esperas que resulte disso? Não vai mudar nada. Julgas que vai aliviar-te o sofrimento por o partilhares? Não seria um ato de egoísmo da tua parte? Procurares aliviar a tua consciência, passando um segredo dessa dimensão para ela, duplicando-o. Todas as noites, quando pousares a cabeça na almofada, ele continuará contigo. Não vai mudar nada. — Silêncio. — E imaginaste o que isso lhe faria a ela? — Silêncio. — Ela não merece.

Era verdade, alguma coisa se passara com ele. O Fernando tinha um segredo e ele queria contá-lo a *ela*, mas o Padre Manuel não estava de acordo. *Ela*. Quem seria ela?

Eu estava em pulgas para descobrir, mas senti uma chapada forte no cachaço, que me fez avançar para a frente e cair de joelhos. O Zé Boi olhava-me com cara de poucos amigos. Levou o dedo indicador à frente da boca, num gesto que me dizia para fazer pouco barulho e depois indicou-me a direção da casa. A mensagem era silenciosa e óbvia. *Pouco barulho e desaparece daqui, seu alcoviteiro*.

Obedeci — não restavam muitas opções — e fui encontrar o médico do Sr. Vaz na cozinha, em conversa com a D. Idalina, a falar sobre a alimentação do doente. Ela agradeceu mais uma vez aos céus, e ao médico, pelas melhoras do patrão.

— E é assim que queremos que continue, cada vez com mais saúde — garantiu-lhe o senhor doutor bem apessoado, de voz calma, cabelo branco e bigode preto. — Mas será lentamente, que isto não foi só uma corrente de ar, mas vamos vê-lo de regresso ao que era, não tenho dúvida. — A D. Idalina benzeu-se e a Rosarinha fez o mesmo. — Ele já pode levantar-se da cama, durante pouco tempo de cada vez, e depois vai espaçando. Expliquei tudo à Ana e à Clara, elas sabem o que fazer.

— E eu também vou fazer tudo o que me disse — assegurou-lhe a D. Idalina.

— Podem pôr mais um prato na mesa para o almoço de hoje que ele vai descer.

— Dois! — corrigiu ela. — Que não vou deixá-lo ir embora daqui de barriga vazia.

— Três — disse eu. Eles olharam para mim. — O Fernando chegou — expliquei.

O Padre Manuel e o Fernando apareceram à menção do nome, mas o Fernando passou como um sonâmbulo sem parecer reparar em ninguém. O padre ficou para entreter o médico e foram para a sala conversar.

A Matilde chegou com a respiração acelerada.

— Era o Fernando? — perguntou, logo que cruzou a porta.

Ninguém lhe respondeu. Os olhos dela vieram para mim e eu confirmei com um aceno. Ela sorriu.

No final desse almoço, o Sr. Vaz pareceu-me quase igual a si próprio, sem vestígio do homem inconsciente que fora carregado escada acima por um ajuntamento de gente em pânico quase uma semana antes. Embora a gargalhada dele talvez fosse um pouco mais fraca do que a recordava, a sua boca resistia a mover-se num dos cantos.

Depois de o médico e o Padre Manuel se irem embora, ele levantou-se da cadeira, recusou a ajuda oferecida pelos filhos e disse que não ia voltar logo para o quarto.

— Quando terminares, vem ter comigo ao escritório — pediu ele ao Fernando.

Estava à vista que discordava do *regresso em ritmo lento* proposto pelo médico. Só depois de ele se levantar e deixar a mesa é que vi a grande diferença: ele movia-se lentamente e usava uma bengala, na qual precisava de se apoiar para cada passo pequeno.

Os três irmãos ficaram à mesa, em silêncio. Cada um a olhar o próprio prato e os restos carne de porco e hortaliças. Eram três estranhos depois de serem deixados pela única pessoa que tinham em comum ali.

O Fernando aprumara-se, banho tomado, roupa trocada e barba feita, mas continuava com a respiração arrastada e pestanas pesadas. A Clara ganhara umas sombras debaixo dos olhos no dia em que o pai adoecera e ainda não tinham desaparecido. E a Ana, era ela mesma.

A Matilde estava ao meu lado e observávamos, à espera de que alguma coisa acontecesse. Ela parecia mais impaciente do que eu, ou pelo menos mais agitada.

A Ana acabou por se levantar e seguir o caminho por onde o pai se arrastara. Provavelmente para se certificar de que ele chegava são e salvo ao escritório.

A Clara pôs-se a olhar para o Fernando, à sua frente, do outro lado da mesa. Ele levantou os olhos do prato uma vez, mas ao encontrar os dela, baixou-os novamente. Qual seria o seu segredo? O que teria de tão terrível para contar que nem o Padre Manuel queria que o fizesse? Quem seria *ela*!? A minha curiosidade começava a fazer-me comichões.

Ele fez um gesto para se levantar e a Matilde deu um passo em frente.

— Fernando, podes vir até lá fora comigo? — A voz estilhaçou o ar. Olhámos os três para ela.

— Para quê? — perguntou-lhe.

— Para conversarmos sobre uma coisa.

A testa dele carregou-lhe as sobrancelhas.

A Clara levantou-se, murmurando:

— Eu deixo-vos sozinhos.

De súbito toda a gente se mexia, ela a levantar-se da mesa, a Matilde a avançar ainda mais e o Fernando a começar a gesticular para a Clara, mas antes de ele falar, aproximaram-se passos, um assobio ritmado e…

— Boa tarde, juventude! — saudou o *Pintarolo,* com energia. — Bem-dispostos?

Eu sorri-lhe e os outros deram-lhe respostas engasgadas. Ele esticou-me a mão para o aperto de alicate de sempre e eu dei-lhe a minha para ser esmagada, preparado para a dor. Ele riu-se quando finalmente me queixei. E voltou-se para o Fernando:

— O teu pai mandou chamar-me. Ele está no quarto?

— Não, está no escritório. Eu vou consigo. Ele disse que também queria falar comigo.

— Ah! Então, está melhor! — festejou, olhando a Clara e reconhecendo-lhe o mérito pela dedicação e pelos cuidados ao pai.

Ela sorriu.

— Sim… mas com calma — alertou-o.

— Com certeza, com certeza. — E voltando-se para o Fernando: — Vamos ao trabalho…?

Ele assentiu e os dois foram para o escritório. A Clara apressou-se a subir as escadas para o primeiro piso, sem sequer olhar para mim nem para a Matilde.

Ela. Seria a Matilde? Parecia-me que sim.

Começámos os dois a levantar as coisas da mesa. Pensei, à procura de uma maneira de lhe perguntar alguma coisa que pudesse resultar numa resposta útil, sobre o que quereria ela conversar com o Fernando, mas não consegui nada de jeito. Ela também andava um pouco silenciosa por aqueles dias.

Depois de terminarmos, a D. Idalina pôs a Matilde a escolher feijões com a Rosarinha e mandou-me levar o balde da lavagem aos currais. No caminho, reparei no castanheiro junto à casa e resolvi fazer uma paragem para ver como estava a correr a conversa no escritório.

Ouvi durante um bocado. Falavam das terras, no que se estava a plantar e onde, no que faltava ainda fazer, compras de ferramentas, trabalhos de reparações — a conversa ganhou emoção quando falaram na cerca que os novos donos da Santa Luzia queriam mudar — e de aumentar o número de cabeças do rebanho de cabras, caso elas não dessem conta do assunto por si mesmas até ao final dessa primavera. No decurso da conversa, percebi que o Fernando iria ficar pela herdade, porque todas as decisões que eles iam tomando incluíam-no; ele iria trabalhar com o Sr. Pinto, enquanto o pai recuperava. Senti-me dividido pela notícia e levei algum tempo a decidir se ela me deixava contente ou triste. Na hesitação, percebi que nenhuma das duas. O Fernando não se afastara apenas da Clara, afastara-se de toda a gente, eu incluído. Ele podia estar de volta, mas eu continuava com saudades dele.

Depois de o *Pintarolo* se ir embora e o Fernando ficar sozinho com o pai, conversaram mais um pouco, com uma cordialidade que eu não tinha memória de lhes ouvir.

— Obrigado pela confiança — agradeceu o Fernando por fim.

— Não tens do que agradecer. A Ana quer voltar para o Porto… talvez até definitivamente, pareceu-me que só não teve coração para mo dizer… para me dar o desgosto. — Silêncio. — Só preciso de ter a certeza de que queres mesmo fazer isto, de que posso contar contigo.

Os dois pareciam dispostos a baixar armas e pôr fim à guerra. Alguma coisa boa viera do susto. Mas havia ainda uma última batalha a travar.

— Estás a pôr isso como uma condição? — perguntou o Sr. Vaz, um toque de hostilidade a agitar as águas pacíficas.

— Não. É um pedido.

— O que tens contra a Piedade?

— Nada. É a presença dela nesta casa que me incomoda. Sei que a casa é sua e que não vou ser eu a dizer quem pode frequentá-la. Mas sou filho da minha mãe, e não importa os defeitos que ela possa ter, considero que é meu dever dizê-lo.

O Sr. Vaz ficou em silêncio, mas o Fernando não lhe cobrou uma resposta. Voltou a pedir ao pai para que a Piedade não voltasse à herdade e para que ele refletisse sobre o assunto, e deixou o escritório.

18

O Fernando levou a sério o seu trabalho. Levantava-se cedo, saía sem sequer esperar para tomar o pequeno-almoço com as irmãs e o pai. Vinha a casa almoçar e falar com o pai sobre o que se passava nas terras, saía novamente ao início da tarde e voltava quando toda a gente estava já a dormir. Ninguém fazia ideia onde passava os serões, mas também ninguém perguntava.

Vi por duas vezes a Matilde a tentar falar com o Fernando e ele a evitá-la. Mas ela não era mulher de se contentar com um *não* quando queria um *sim* e, alguns dias depois, acabou por lhe fazer uma espera pela manhã à porta da cavalariça.

Vi-os à distância, sem forma de conseguir ouvir — mas vocês sabem como os corpos também falam —, e observei a surpresa, a hesitação, depois o nervosismo, depois a incredulidade e a revolta. Ele falou, ela ouviu e abanou a cabeça em negação, recusando o que lhe fora dito. A Matilde voltou-lhe as costas e marchou a passo largo, contornando a casa e possivelmente à procura da charrete na qual mais tarde levaria a Clara à escola. Era óbvio que ele não lhe dissera o que ela esperava, e ela não gostou do que ouviu.

Preocupado, corri até às cavalariças e perguntei ao Fernando o que se passara. Ele permaneceu soturno, um estado de espírito que começava a tornar-se habitual.

— Foi só um mal-entendido — disse-me. — Não há motivo para te preocupares.

— Qual mal-entendido? — tentei insistir. Até à distância ela me pareceu estar furiosa para além de qualquer contenção.

— A Matilde percebeu mal algumas coisas, mas agora ficou tudo esclarecido.

Eu ia perguntar-lhe mais, porque ele não me dissera grande coisa, só que a Maria da Assunção apareceu a correr.

— Ainda bem que aqui estás — disse, ofegante, para o Fernando.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou ele, preocupado.

Ela sorriu e negou com um aceno de cabeça, enquanto recuperava o fôlego.

— É que… — Respirou. — A Matilde foi-se embora… agora mesmo… sem a Clara! — Abriu os braços, mostrando que também não sabia porquê. — Aquela rapariga não bate bem da cabeça.

Mas eu e ele sabíamos o porquê.

— Será que podes levá-la? — perguntou, por fim, a Maria da Assunção.

O Fernando olhou-me como se fosse eu quem deveria dar a resposta.

— Fala com o Zé, ele que vá levá-la — disse, voltando costas para ir buscar a *Medusa*.

— Mas… — A Maria da Assunção olhou-me confusa. — Fica mesmo no caminho dele.

Encolhi os ombros.

Por aquela altura era óbvio que as coisas entre o Fernando e a Clara não tinham melhorado. O abraço que eu vira à chegada foi um acontecimento pontual, resultado de um instante de fraqueza — ou de força. Qual dos dois seria? Impossível de dizer sem saber o que se passava com ele.

Após o almoço, depois de o Fernando sair com o Sr. Pinto, o Sr. Vaz ganhara o hábito de pegar no jornal e volta e meia pôr-se a resmungar sozinho. Ficava a mandar vir com o jornal até lá para o final da tarde e depois ia caminhar, devagarinho, muito devagarinho, até ao lago, sentava-se a descansar, a ver o pôr do sol e depois regressava quando lhe dava vontade. A Piedade deixou de ser vista na herdade. E havia dias em que lhe dava na gana e ele me chamava para lhe fazer companhia até ao lago.

Todos tentávamos adaptar-nos e a primavera ajudava como podia.

— Diz-me lá, Formiga, tens alguma ideia sobre o que se passa com os meus filhos? — perguntou-me ele, numa dessas vezes.

Eu não sabia e fui sincero no meu aceno de cabeça. Ele suspirou, voltou a olhar o espelho de cores no lago e depois começou a contar-me uma anedota.

Toda a gente começava a reparar no que se passava entre a Clara e o Fernando. Uma semana depois da chegada dele, eles já mal se falavam. E todos faziam a mesma pergunta. *O que aconteceu?* E ninguém tinha uma resposta — apenas o Padre Manuel.



A tensão entre os irmãos explodiu num domingo nublado, depois do almoço.

A herdade estava silenciada por nuvens escuras e uma brisa quente vagarosa que fazia adivinhar uma trovoada. O Sr. Vaz fora dormitar, o Padre Manuel ficara na sala, a conversar com a Ana — os dois sussurravam como conspiradores políticos —, a Clara fora para a estufa desenhar e o Fernando desaparecera da sala muito antes de qualquer um deles, sem dizer uma palavra. Ganhara essa mania, a de desaparecer, a de estar mesmo ali ao nosso lado e quando olhávamos outra vez, já lá não estava.

Aproveitando o vento, de velocidade perfeita, eu andava entretido com o papagaio junto ao lago e foi nessa altura que ouvi vozes. Olhei na direção da estufa e tomei atenção.

Era sem dúvida a voz do Fernando, ele falava alto, exaltado. Corri, arrastando o papagaio colorido pelo céu sombrio.

Ao chegar junto à estufa, comecei a enrolar o cordel com receio de que ficasse preso nos ramos do carvalho. Mas a voz urgente da Clara sobrepôs-se num tom de discussão que me alarmou e a minha pressa levou ao descuido e perdi o papagaio para a árvore.

— Eu já não sou uma criança, Fernando! — interrompeu-o a Clara, levantando-se com orgulho da sua cadeira. O tripé com o bloco de folhas de desenho tombou, mas ela ignorou-o.

— Então, para de falar comigo como se o fosses! — gritou-lhe ele de volta.

O meu coração acelerou. O que eu via e ouvia era estranho e errado. Eles não falavam assim com ninguém, a agressividade não fazia parte de nenhum deles. E apesar dos meus pesares, era o que estava a acontecer.

— Para de te lamentar, de me perguntar coisas a todo o momento, de fazer queixinhas ao pai.

— Eu não fiz queixinhas! Ele tem olhos na cara e ouvidos, e foi ele quem me perguntou o que se passava connosco.

— E tu não pudeste perder a oportunidade…

— A criança aqui és tu, Fernando! Tu é que andas amuado. Eu só não sei porquê. És tão infantil que se calhar… talvez já nem saibas!

Silêncio. Eles olhavam-se como inimigos de longa data. Testa franzida, nariz engelhado.

— Deixa-me em paz — ordenou-lhe ele. — É assim tão difícil perceberes que só estou farto de andar contigo ao colo? Tenho de te explicar tudo?! É?! És como uma sanguessuga que não me larga! É…

Uma bofetada sonora calou-o. O som limpo ecoou. O vento bramiu mais forte à minha volta e os meus olhos esbugalharam-se. Levei a mão à cara, porque a marca vermelha deixada na dele ardia também na minha.

Na imobilidade interior da estufa, vi lágrimas nos olhos dela e o peito dele a subir e a descer, a subir e a descer, cada vez mais rápido. E foi então que o vi avançar de súbito, as mãos a dispararem para o rosto dela e a Clara estremeceu com o susto e eu saltei do meu esconderijo e gritei:

— Fernando! Não! — E corri para eles. — Não, não! — repeti, enquanto me enfiava entre os dois. — Não lhe batas.

Os braços da Clara abraçaram-me por trás e éramos nós os dois contra ele. Nós os dois a olhá-lo e ele a olhar-nos de volta como se visse uma aparição, atordoado, confuso… talvez até com medo, como se acordasse de um sonho mau, desorientado, entre o que é e aquilo que parece ser.

Sem uma palavra, o Fernando deu um passo atrás, voltou-nos as costas, saiu disparado da estufa e começou a subir de volta a casa.

As minhas costas estavam coladas ao peito da Clara e eu sentia-a tão ofegante quanto eu.

— Não acredito — murmurou por fim, falando para si mesma. — Ele…

Voltei-me para a olhar.

— Ele ia bater-te.

Senti que precisava de me explicar. De justificar a minha invasão de um mundo do qual deveria ser somente espetador.

Ela olhou-me, puxada pelas minhas palavras, e passou-me as mãos pelo rosto. Eu estava a chorar.

— Não, Formiga… não ia.

— Mas…

O sorriso triste dela mostrou-me que eu entendera alguma coisa mal nas intenções do Fernando, alguma coisa que também ela ainda não compreendia bem, e nem tinha como me explicar.

E depois, começou a chorar e abraçou-me. Durante muito, muito tempo.

Eu adorava o Fernando, mas ele estava longe de ser perfeito. Em várias ocasiões, o seu temperamento levava a melhor do bom senso e nem a Clara conseguia chamá-lo à razão. Lembro-me de um piquenique que terminou abruptamente com ele a atirar com tudo o que estava ao alcance para dentro do lago, só porque alguma coisa o chateou, alguma coisa tão insignificante que não me deixara memória do que se tratava.

O temperamento genioso dele impusera-se e viera para ficar. Eu estava assustado com aquela pessoa que parecia ter-se apossado novamente do Fernando, e de quem eu pouco sabia e muito desconfiava.

Deixei a Clara na estufa. Passado o choque da surpresa, ela não parecia sentir-se como eu, estava calma, embora extremamente pensativa. Eu sentia que devia tentar fazer alguma coisa e corri para a casa, lembrando-me de que o Padre Manuel talvez ainda estivesse na herdade. A tempestade rompera no céu e a chuva apanhou-me no caminho.

Ele ainda estava na sala. Quando parei junto a ele e à Ana, ofegante e a limpar a água da cara, os dois olharam-me com curiosidade. Aproximei-me dele e sussurrei-lhe ao ouvido aquilo que a meu ver era um resumo do essencial do que se passara na estufa. Entre a minha respiração ofegante e as palavras atrapalhadas, ele pareceu conseguir perceber o essencial. Por uma vez na vida, senti-me grato pelo silêncio da Ana. Ela não me pediu explicações, nem

protestou quando o Padre Manuel se levantou e se apressou na direção das escadas.

Dei-lhe espaço, depois segui-o em silêncio. Bicos de pés para maior eficácia. Quando olhei por cima do ombro na curva das escadas, vi a Ana a apreciar-me e a rir. Acho que nem a reconheci com a expressão.

Colei-me do lado de fora da porta do quarto do Fernando. De joelhos, costas esmagadas contra a ombreira, olho no buraco da fechadura e ouvido afinado. Benzi-me e pedi a algum santo desocupado para que o Sr. Vaz não resolvesse acordar nos minutos que se seguiriam.

O Fernando andava às voltas como um homem desesperado preso dentro da própria cabeça.

— O que se passou, Fernando?

O tom autoritário na voz pacífica do Padre Manuel fê-lo parar. Não conseguia vê-lo, mas o Fernando parecia estar mais perto da porta. A voz dele ao responder era nítida.

— Nós discutimos. — Levou as mãos ao cabelo e puxou-o. — Foi horrível.

— Para — ordenou-lhe o Padre Manuel. — Estás a deixar-te levar pelo…

— Pelos sentimentos!? — Riu-se, frio e irónico.

— Ia dizer «desespero».

— Que seja! — Abriu os braços. — O que interessa o nome que se lhe dá!? Dói! — Bateu no peito e o Padre Manuel moveu-se, tapando-me a vista, parecendo ir imobilizar-lhe a mão.

— Calma, Fernando…

— Se lhe contar, ela talvez me odeie. Talvez seja o que preciso… talvez o ódio dela seja o antídoto de que eu preciso.

Ela. Afinal *ela* era a Clara, não a Matilde.

— São muitos *talvez* para tomar uma decisão assim tão importante, não te parece? — perguntou o Padre Manuel. Ele passou a falar com voz baixa e lentamente, como se consolasse um moribundo a quem não resta esperança.

— Eu não sei. Não sei de mais nada. Estou a enlouquecer.

— Precisas de encontrar paz. Quem está à tua volta não tem culpa e não merece ser magoado por ti. Por estares a sofrer não te dá o direito de espalhares sofrimento.

— Eu não quero isto — implorou o Fernando — Eu não quero isto.

— Eu sei — murmurou o padre, e os dois abraçaram-se e dava para perceber que o Fernando deixara todo o seu peso cair nos braços do Padre Manuel, que por sua vez não mostrou pressa. — Vou ver como posso ajudar — disse.

Ao vê-lo voltar-se na direção da porta, caí de rabo no chão.

— Onde vais? — Ouvi o Fernando perguntar-lhe apreensivo.

— Falar com a Clara.

— Falar o quê?

Voltei a espreitar, a minha perna direita já posicionada e pronta para correr. Eu tinha de sair dali para fora. Não, tinha de ouvir mais um bocadinho, só mais um bocadinho.

— Fernando, tem calma. Sai deste quarto. Vai dar uma volta. Espairece a cabeça. — Ele pousou-lhe as mãos nos ombros. — Estás a fazer a coisa certa. É o melhor para todos. Principalmente para vocês os dois. Mantém isso em mente. *Estás a fazer a coisa certa!*

O Fernando anuiu.

— Fica com ela durante esta tarde. Ela está a precisar de alguém… e eu…

— Sim. Fica descansado.

Corri. Silencioso, veloz e ágil como uma raposa manhosa. A Ana nem tirou os olhos do livro que estava a ler quando saltei os últimos degraus das escadas e me esgueirei para a cozinha.

Mas naquela tarde eu estava bem orgulhoso das minhas habilidades de invisibilidade e satisfeito pelo pequeno mistério que desvendara: o Fernando tinha um segredo — um segredo grande e terrível a julgar pela angústia dele — e esse segredo tinha a ver com a Clara, alguma coisa que ele queria contar-lhe, mas que o Padre Manuel *não* queria que ele contasse.

Eu confiava na opinião do Padre Manuel e se ele achava que a Clara não devia saber, então a Clara não devia saber. Sorte a

minha, eu não estava incluído nas contas do padre



sobre quem deveria saber do quê.

O Tiago chegou à herdade no momento certo, o herói que a Clara estava a precisar para a resgatar da tristeza, apesar de ela se ter esquecido de o receber como tal. Ele soubera pela D. Leonor do incidente com o Sr. Vaz e veio logo no fim de semana seguinte para visitar o Sr. Vaz e dar o seu apoio à Clara.

Gostei de o ver, a boa disposição dele foi um bom tempero à morrinha geral. Pelo menos enquanto durou.

O Sr. Vaz foi o mais entusiasta na receção da visita, era como se o Tiago já fosse um quarto filho, e o seu agrado pela companhia era recíproco. Os dois falaram e falaram, a Clara sentada por perto, mas com o espírito longe, até que o Sr. Vaz se lembrou finalmente e se virou para mim e perguntou:

— O Fernando?

Encolhi os ombros.

— Ele anda atrapalhado a ajudar-me. Cheio de trabalho — explicou o Sr. Vaz ao Tiago, para justificar a ausência. — Agora mal lhe pomos os olhos em cima. — Riu-se.

O Tiago anuiu.

— É de esperar… com o tamanho da herdade.

Ele parecia já ter descoberto o trilho para o ego do Sr. Vaz e como ele nunca se cansava de ouvir elogios sobre a herdade.

— Vai ver se o apanhas — ordenou-me o Sr. Vaz. — É quase meio-dia, deve estar a aparecer por aí… Diz-lhe que o Tiago chegou.

E eu fui.

Falar com o Fernando por aquelas semanas não era sequer opção. Para ninguém. Ele era como um vulto que só se via de passagem, mesmo se alguém tentasse apanhá-lo, fugia por entre os dedos. O Sr. Vaz disfarçava, fazia que não via, mas eu notava-o cada vez mais preocupado, até o ouvira a falar sobre o assunto com o *Pintarolo*, mas ele garantiu ao patrão que estava tudo bem, que o Fernando parecia bem, que estava a fazer um excelente trabalho e

que toda a gente se dizia satisfeita de o ter por perto. O Sr. Vaz recebera por fim o filho que sempre sonhara e, tal como eu, andava a sentir alguma dificuldade em conhecer aquele estranho.

Lá fora, encontrei a Maria da Assunção a estender roupa e o Fureca sentado num cepo a limpar as unhas com o bico da navalha — provavelmente a azucrinar-lhe o juízo.

Fui ter com eles.

— Olh'ó moço — disse o Fureca, apontando-me com o queixo.

— Viram o Fernando? — perguntei.

A Maria da Assunção abanou a cabeça, respondendo que não.

— Ui! — chiou o Fureca, com um assobio comprido.

— Nem *m'alembra* da última vez que lhe pus a vista em cima. Talvez devêssemos encomendar um trabalhinho à D. Crisália — sugeriu a Maria da Assunção. A sugestão era sincera. — Ele parece que anda com um encosto qualquer.

— E é mesmo — concordou o Fureca. — Aquilo é coisa de espírito que baixou no rapaz ou mau-olhado ou o caralho que o foda. Parece que tem o bicho-carpinteiro no corpo. Sempre *pa* trás e *pa* diante por aí fora. E sempre a mandar um gajo fazer merdas, pá!

— Ah! O teu problema é que ele te faz vergar a mola.

— Ó *Sunsão*, *num* é o trabalho, que eu *num* tenho medo de trabalhar… — Rimo-nos os dois. — Ai foda-se! *S'eu tou* a *dezer*, é porque é!

— Nós fazemos que acreditamos — disse a Maria da Assunção, duas molas entre os dentes, sacudindo uma camisa e o assunto.

— É que um gajo ainda não acabou de fazer uma coisa… ah… e ele *tá* logo a mandar fazer outra a seguir. Foda-se, assim *num* dá! Tenho aqui uma filha da puta de uma hérnia que me fode a cabeça. — Levantou a camisa encardida e mostrou-nos o alto que tinha de lado na barriga, como uma ameixa debaixo da pele. — Esta merda dói! Passo a noite a gemer como um cão. *Num* é, Formiga? — Virou-se para mim. Encolhi os ombros. — Vês!? Podes perguntar ao puto, a criança tem de levar comigo a gemer a noite toda. Nem descanso eu, nem descansa ele. Uma merda! Uma bela merda!

A única coisa que eu ouvia naquelas noites no quarto dele eram roncos, ele a ressonar mais do que um porco e a peidar-se mesmo

enquanto dormia, mas deixei-o continuar a queixar-se e a Maria da Assunção continuou a fingir que ouvia até que, finalmente, acabou de estender a roupa e pôde livrar-se dele.

O Fernando não veio almoçar a casa nesse dia. Quem acabou por aparecer foi o *Pintarolo* com uma desculpa qualquer. Até eu consegui perceber que fora um esquema inventado pelo Fernando, que depois lhe pediu para o trazer à herdade. O *Pintarolo*, tal como a maioria das pessoas que gostam das coisas simples da vida, nunca se dera ao cuidado de aprender a mentir em condições. Ocupou o lugar deixado vazio para que a mesa não parecesse tão despida e almoçou com o Sr. Vaz, o Tiago, a Clara e a Ana. Para o jantar, o Sr. Vaz já teve o cuidado de mandar chamar o Padre Manuel.

O Fernando não apareceu e o Tiago também não pareceu importar-se com a ausência, nem falou nela. Ele estava lá para a Clara e só tinha olhos para ela e rodeava-a de atenções.

— E se fôssemos dar uma volta? — sugeriu ele à tarde, depois de ver que a alegria ainda não chegara aos olhos dela. Era mais uma tentativa.

A Clara hesitou.

— Não sei… — Olhou o pai.

— Não te desculpes comigo — disse o Sr. Vaz, levantando-se da poltrona onde se sentara depois do almoço. — Eu até estou mesmo a precisar de fazer uma sesta.

Era mentira, ele provavelmente iria para o escritório trabalhar, mas sabia que ideia da sesta deixaria a filha mais descansada.

A Clara olhou as próprias mãos. Depois, olhou para mim.

— Vens connosco, Formiga?

Ela não queria ficar sozinha com ele e não lhe restava mais ninguém senão eu. A Ana nunca entrava para estas contas.

O meu coração disparou como uma barata desvairada. — Eu…?!

— Boa ideia! — disse o Tiago, levantando-se cheio de energia. — Vamos!

— Mas… eu… — Os olhos da Clara travaram-me o gaguejo. Eles imploravam-me.

Não, não, não, não, não, não, não… A palavra era gritada em histeria dentro da minha cabeça. Mas mais ninguém ouvia e a minha mão estava já guardada dentro da mão da Clara e eu via-me a andar na direção do carro brilhante do Tiago e depois fui arrumado no banco de trás e a porta fechou-se num *bum!*

Eles conversavam um com o outro, talvez até comigo, os meus ouvidos entupidos pelo pânico não deixavam passar nada com nitidez. Eu estava no poço, preso no fundo, de onde ninguém iria tirar-me, porque quem me deixara cair lá não queria saber de mim, não disse nada a ninguém, e ninguém se lembrava de mim e eu já não existia.

O suor na minha testa formou gotas. O meu coração abrandou. Os meus pulmões pararam. O meu cérebro ficou nublado. Os meus ouvidos chiaram. O mundo apagou-se.

Acordei gelado. E não era o pano molhado na minha cabeça porque todo o meu corpo estava gelado. O suor encharcara-me as roupas.

— Olá, meu Formiguinha. — A voz aconchegante da Maria da Assunção ajudou-me a despertar. Senti a mão dela na minha, o bocado do dedo em falta não deixava dúvida.

Eu vi-a, ela sorriu-me, eu sorri-lhe.

— Graças aos céus. — Ouvi a Clara a suspirar.

Olhei em volta e reconheci o verde-pálido das paredes do quarto pequenino da Maria da Assunção. A minha cabeça estava apoiada no colo da Clara. As duas estavam a mimar-me e eu sorri ainda mais, voltando a mim numa velocidade estonteante.

— Que susto me pregaste — reclamou a Clara. — Vocês querem-me matar do coração! — Riu-se, aliviada.

— Eu acho que ele só queria era um bocadinho de atenção — gracejou a Maria da Assunção.

As duas continuaram a falar e eu continuei a deliciar-me a ouvi-las. O meu corpo estava com um formigueiro delicioso e a voz quente delas e as mãos que me acariciavam faziam-me sentir no céu. A minha tentativa de heroísmo poderia não ter resultado em

mais do que um ataque de pânico, mas pelo menos tive direito a uma justa recompensa de mimos.

As atenções prolongaram-se até à hora de jantar. A Rosarinha tinha-me cortado a carne aos bocadinhos e escolhido só o que eu mais gostava para pôr no meu prato — ela sabia dessas coisas — e enquanto eu enchia as bochechas de comida, o Padre Manuel veio à cozinha para saber de mim.

— Isso é um manhoso! — descredibilizou-me logo a D. Idalina. — Ele está melhor do que nós todos postos no mesmo alguidar!

Ele riu e sentou-se ao meu lado no banco corrido.

— É verdade?

Encolhi os ombros.

A cozinha continuava movimentada com os últimos preparativos para o jantar. A Rosarinha e a D. Idalina atarefadas com as panelas e os gadanhos, a Matilde no vaivém a levar as coisas para a sala, o Fureca a sugar a sopa num ruído repetitivo. E a coberto do barulho, o Padre Manuel suavizou a voz e perguntou-me pelo Fernando. Disse-lhe que não sabia dele, que ele não viera almoçar. O padre pareceu preocupado.

— Eu não o vejo há vários dias — disse-me em confidência. — Como tem andado ele?

Como lhe responder? Como lhe descrever o estranho que eu pouco via e que vagueava pelos corredores da casa só quando ninguém estava a ver?

Limitei-me a abanar a cabeça e mostrei-lhe o resto com um olhar derrotado. Tristeza, desilusão, preocupação, impotência, rendição. Ele pareceu perceber.

A Matilde estava junto à porta a observar-nos com atenção e estremeci ao vê-la. Desde a conversa que ela tivera com o Fernando à porta da cavalariça que parecia contagiada pelo mesmo mau humor que ele.

— Estão à sua espera, padre — disse ela.

Ele olhou por cima do ombro e anuiu. Depois, olhou para mim uma última vez, pousou-me uma mão no ombro e apertou.

— Fica atento. Chama-me.

Eu ouvi, não respondi nada e só olhei para baixo. A Matilde continuava dedicada a conseguir ler-nos aos dois.

— Algum problema? — perguntou-me, chegando-se a mim. Respondi que não com um aceno de cabeça.



Na manhã seguinte, nem queria acreditar quando fui levar o balde da lavagem aos currais e encontrei o Fernando a dormir em cima dos fardos de palha. Era óbvio que passara ali a noite, na companhia de uma garrafa que estava tombada e quase vazia junto à cabeça dele. Peguei nela e cheirei, já à espera de me arrepender, e lá veio o cheiro a álcool que me trouxe lágrimas aos olhos. Pensei em voltar em silêncio pelo mesmo caminho que tinha vindo e em deixá-lo como o encontrara, mas depois lembrei-me do Padre Manuel e pensei no ele que faria naquela situação.

Escondi a garrafa no bidão de lixo para queimar e fui até junto do Fernando, abanei-o e chamei-o baixinho. Ele abriu de imediato os olhos. Olhou em volta, depois para mim.

— Já é de manhã? — perguntou, com voz rouca.

— Quase.

Ele levantou o braço, dando-me a mão para que o ajudasse a levantar.

— Estás bem? — perguntei, olhando-o de alto a baixo. Parecia que fora arremessado por uma colina abaixo. Várias vezes.

Ele anuiu e caminhámos os dois em silêncio para a casa. Ele parou sem razão aparente e olhou para o céu. Esperei. Olhei sem ver nada. Nem um pássaro, nem uma nuvem, nada. O céu estava limpo. Ele permaneceu imóvel, rosto levantado para a aurora.

A hora pálida. Lembrei-me. Foi o que ele lhe chamou um dia.

Olhei de novo. Era o *nada* que ele admirava. Era o céu de branco puro, naqueles breves segundos antes de o Sol romper no horizonte e começar a pintá-lo de azuis.

Quando ele retomou o passo e olhou para mim com um sorriso cansado, vi que a cor dos olhos dele era aquele mesmo pálido vazio. Queria dizer-lhe algo importante, alguma coisa que era meu

dever dizer para ajudar a remendar o que precisava de ser remendado, fosse o que fosse. Ele estava a esvair-se para algum lugar.

— Oh! Fernando! — A D. Idalina não se lembrou de disfarçar o espanto.

Ele respondeu com um «bom dia» jovial e bem disfarçado para a D. Idalina e a Rosarinha, e continuou para a sala.

Sentei-me à mesa e o meu estômago roncou por antecipação. A Rosarinha pousou a comida à minha frente e deu-me um beijo na testa, ainda um resquício de mimo da minha *fatalidade* do dia anterior.

— Vai acordar aquela lesma da Maria da Assunção — mandou-me a D. Idalina

— Oh…! — reclamei, saltando do banco e correndo para me despachar o mais depressa possível.

Passei pelo Fernando que estava novamente deitado, trocando o fardo de palha pelo sofá grande da sala. Corri pelo corredor como uma flecha certeira, atravessei a salinha da renda e embati contra a porta do quarto da Maria da Assunção, abrindo-a com a mesma velocidade que a minha boca se preparava para a acordar com um «bom dia» sonoro… mas não me chegou a sair pio. Os meus olhos esbugalharam-se

para me fazerem acreditar que estavam mesmo a ver a Maria da Assunção e o Tiago, deitados, com uma escassez de roupa que eu nunca vira antes.

O meu barulho ao embater na porta chegou finalmente a eles e os dois moveram-se numa preguiça desorientada. Fugi dali para fora e corri para o Fernando. Atirei-me para cima dele, trepei até junto do seu ouvido e sussurrei.

Não sei por que razão senti que a minha denúncia tinha de ser sussurrada; não havia mais ninguém ali e o resto da casa estava adormecida.

Sussurrá-lo não minimizou a reação do Fernando. Ele saltou do sofá como uma mola, comigo ainda em cima dele, e correu para o quarto da Maria da Assunção. Corri atrás dele e, nessa urgência, percebi o meu erro.

A Maria da Assunção gritou, abafando a própria boca com uma peça de roupa que estava a vestir e saltando para fora da cama. O Tiago e o Fernando começaram a lutar um com o outro, mesmo antes de uma palavra ser dita. Eu corri de um lado para o outro como quem procura água num incêndio e não vê nada, fui até à cozinha e nunca fiquei tão satisfeito por ver o Zé Boi. Sem conseguir falar, engasgado pela aflição, puxei-o pelas fraldas da camisa e ele deixou-se vir e atrás dele vieram a Rosarinha e a D. Idalina.

— Ei, ei!!! — rugiu ele, pondo-se entre os dois amigos que continuavam a lutar. Mas o Fernando era como um cão raivoso que conseguira soltar-se do gancho.

A Maria da Assunção chorava embrulhada num lençol e ainda a segurar a almofada. A Rosarinha agarrou-se a ela e a D. Idalina foi ajudar o Zé. O Tiago tentava libertar-se, o Fernando não o largava de ódio. Dentro do quarto sobrelotado era como um pequeno inferno anarquista.

Foi a presença da D. Idalina que acabou por conseguir parar o Fernando e não a força do Zé. Os pedidos repetidos da sua voz que lhe imploravam calma foram finalmente ouvidos por alguma parte dele.

— Seu desgraçado! — cuspiu ele para o Tiago, os braços do Zé e os da D. Idalina a envolvê-lo. — És mais nojento do que… — Ofegante, abanava a cabeça incrédulo. — Como é que…?

— ‘*Bora* acabar com isto — disse o Zé, puxando-o para fora do quarto.

— Como podes ser tão miserável!? — Ele puxou-os novamente para dentro. — Avisei-te que te matava se lhe fizesses algum mal!

— Sim, tu gostas muito da tua irmãzinha — balbuciou o Tiago, limpando baba e sangue do queixo.

O Fernando atirou-se mais uma vez na direção do outro. E o Tiago riu-se, e eu não acreditei como alguém podia rir-se ali, naquela situação.

— Fernando, controla-te! — ordenou a D. Idalina, soltando-o e colocando-se em frente a ele, entre os dois.

— Como é consegues continuar a fazer isto com ela?! E aqui! Debaixo do mesmo teto! É este o futuro que vais oferecer-lhe?! É

para isto que queres *casar* com ela? — Pronunciou a palavra com asco.

— Casar? — A D. Idalina tentou ver se alguém sabia alguma coisa do assunto, mas a novidade era geral.

— Foi para isso que este traste aqui veio. Ele já falou com a minha mãe e veio falar com o meu pai.

— Sim, pensa no teu pai — lembrou-o a D. Idalina. — Queres que ele chegue aqui e encontre este aparato?!

O Fernando pareceu reconsiderar.

— Vocês não têm vergonha na cara? — perguntou, a raiva a diluir em incredulidade. Olhou para a Maria da Assunção.

Houve silêncio pela primeira vez.

— Ela não pode saber disto. — disse o Fernando, olhando em redor para toda a gente. Uma vez mais, proteger a irmã era a prioridade dele. — Quero-te daqui para fora e não vais voltar — disse para o Tiago e, apontando para a Maria da Assunção: — E tu também!

Houve um sobressalto geral.

— Fernando — murmurou ela, pânico na voz —, por favor…

O olhar dele era inalcançável.

— Como é que alguém tem coragem de trair uma pessoa como ela? — Abanou a cabeça. — Vocês metem nojo…

Quando ele voltou costas e se foi embora, corri para a Maria da Assunção, abracei-a e comecei a chorar e a repetir o nome dela e a pedir desculpa. Ela deixou-se cair no chão, ainda embrulhada só com o lençol e abraçou-me e murmurou que eu não tinha culpa e que tudo ficaria bem. Embalámo-nos um ao outro. Os outros desapareceram em algum momento porque quando as nossas lágrimas secaram, só estávamos nós os dois no chão do quarto dela, ainda agarrados.

Não ficou tudo bem como a Maria da Assunção prometera. Ela voltou a implorar ao Fernando que reconsiderasse, mas todas as palavras foram em vão.

Fiquei a um canto do quartinho, a vê-la juntar tudo o que era seu dentro de uma saca de verga com duas pegas e riscas coloridas em ziguezague. Para onde iria ela? Sabia que tinha gente de família,

mas não gostava muito deles. Eu não sabia quase nada sobre ela, nunca tivera curiosidade de lhe perguntar, nem sequer sobre como perdera a metade do dedo que lhe faltava na mão direita. Era tarde demais para me redimir.

E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil (…)[4]

Por mais que me encolhesse, não conseguia diminuir-me à pequenez que me era merecida. *Desculpa. A culpa é minha. Foi sem querer.* Era só o que pensava e levou-me duas tentativas até conseguir dizê-lo.

— A culpa não foi tua — disse, alcançando-me e confortando-me nos seus braços magrinhos. — Todos fazemos parvoíces, os adultos fazem-nas ainda maiores do que as crianças. — Assoou o nariz. — Nós mentimos, enganamos e magoamo-nos. Mas… — suspirou —, que mais há para fazer? Temos de ocupar o nosso tempo de alguma maneira… e o errado é sempre o mais apetecível.

A Maria da Assunção fungou, eu funguei, abraçámo-nos uma última vez e, antes de se ir embora, ela prometeu que viria visitar-me, mas ambos sabíamos que não era verdade. Nas despedidas, é sempre assim, preferimos dizer o que nos é ensinado em vez de dizer a verdade.

O Tiago deixou a herdade nessa manhã, ainda antes de o resto da família acordar, sem uma palavra de explicação — para grande perplexidade e consternação do Sr. Vaz. A Clara ofereceu-lhe a mesma gentileza e também não dispensou uma palavra sequer para comentar o comportamento dele. Até hoje, acredito que, em algum momento da confusão daquela manhã, ela desceu e presenciou o que se passou, ou parte, ou o suficiente. Se foi o que aconteceu ou não, só posso especular.

A D. Idalina disse ao Sr. Vaz que a Maria da Assunção tivera uma emergência, que era coisa de família e que ela não sabia muito sobre o assunto nem tinha como explicar melhor. Ele acreditou. A Matilde iria tratar do trabalho da Maria da Assunção até ela voltar. Ele aceitou.

A Matilde não ficou muito agradada com a notícia de que teria de passar a fazer o trabalho da Maria da Assunção, mas ao saber que poderia ficar também com o quarto dela no interior da casa, o seu ânimo melhorou significativamente.

— Isso é que deve ter sido cá uma emergência para ela se pôr a andar assim do pé *prá* mão — comentou, com alguma desconfiança e olhando-nos um a um. As nossas caras de enterro e o silêncio que reinava na cozinha com certeza que levantavam suspeitas, e a Matilde era tão ágil de olho como de raciocínio.

— Ela vai estar fora quanto tempo? — perguntou.

— Não sabemos — respondeu a D. Idalina —, mas eu explico-te o serviço e o Formiga depois vai contigo. Ele andava sempre agarrado à bainha da saia dela, sabe como fazia a lida da casa.

— Dito assim, até parece que ela não vai voltar mais.

Eu não estava a olhar para ela porque não havia como disfarçar os olhos inchados do choro, mas tive a certeza de que os dela estavam sorridentes e colados a mim.

A D. Idalina estava certa, eu sabia tudo sobre o trabalho da Maria da Assunção. O que ela fazia, quando o fazia, pela ordem que o fazia, como e com que frequência, onde tudo era guardado.

Nos primeiros dias, não gostei de acompanhar a Matilde, fazê-lo era como um prolongamento da minha traição. Estava a ajudar outra pessoa a ocupar o lugar da Maria da Assunção. E ainda por cima, a tarefa não era fácil.

A Matilde não gostou da ideia do trabalho, e menos ainda quando teve de começar a fazê-lo. Suspirava e pouco se despachava, a sua dedicação era mais empregue a vasculhar as gavetas dos quartos do que a arrumá-los e ignorava todas as minhas observações que a ajudariam a aperfeiçoar o trabalho.

— Está bom assim — respondia-me sempre. — Isto também serve. Ninguém repara. Amanhã, dou um jeito melhor.

Mas apesar dos pesares, a disposição dela foi melhorando — não era o género de pessoa que nascera para tristezas, sabia tirar

partido do melhor de cada estação do ano —, os olhos pretos voltaram a ficar luminosos, o sorriso orgulhoso.

A cada coisa que explicava à Matilde, a cada pormenor desvendado, era relembrar a Maria da Assunção e perdê-la novamente. As primeiras palavras tristes surgiram na minha poesia artesanal.

> *Nesta primavera de alegria morta*
> *olho meu campo onde nada brota.*

A minha tristeza tornou-se tão visível que até o *Pintarolo* se ofereceu para me deixar conduzir o trator da herdade. Aceitei e senti-me um bocadinho melhor. Nunca menosprezem o poder de um trator vermelho!

Sim, nos primeiros dias foi difícil. Nas primeiras semanas, ainda me incomodavam as aldrabices da Matilde. Mas depois, o tempo criou hábitos e todos nós sabemos como a vida segue: adormecemos, acordamos e vivemos de novo.

Prometera a mim mesmo que nunca esqueceria a Maria da Assunção — todo o bem que ela fizera por mim e o mal que eu lhe fizera. Foi uma promessa de criança, pura e sincera, e que não durou.

Não sei o que aconteceu à Maria da Assunção depois de ter deixado a herdade. Ainda não encontrei ninguém que soubesse dizer-me onde está ou por onde andou todos estes anos. Não importa, só espero que ela esteja bem e que, se algum dia ler estas páginas, se reconheça nelas e na pessoa que vos dei a conhecer.

1 Fernando Pessoa, «Poema em linha reta».

19

Enquanto estávamos todos de cabeça mergulhada nas nossas misérias, ninguém pareceu dar-se conta do início de uma história de amor. Talvez por ser tão improvável e inacreditável! Quem alguma vez pensaria que o Zé e a Rosarinha poderiam formar um casal?!

Julgo que, ao chegarem a esta página, já sabem o suficiente dos dois para compreenderem o nosso espanto quando descobrimos.

Tudo começou depois de o Zé ter apanhado com uma lasca no olho enquanto rachava lenha. Sofreu um daqueles pequenos acidentes dos quais ninguém tomava nota, que fazem parte do dia a dia do trabalho de qualquer herdade. Uma martelada aqui, um corte ali, uma queda acolá, mais uma *trilhadela*, uma entorse, um mau jeito, a lista é comprida, seja o que for, se parar de sangrar passados uns minutos, se der para continuar de pé e a andar, não é grave. *Siga pa vinho!*

O Zé ficou com a sua lasca no olho e, como um homem que se preza, ignorou-a até ela não poder ser ignorada. Mesmo com o olho vermelho e inchado como um dióspiro maduro. Foi o Fernando quem exigiu que ele fosse visto pelo médico e, no final, teve de o levar pessoalmente, porque o brutamontes ainda continuava a dizer que não era causa para alarido.

O médico examinou-o e — senhor estudado e conhecedor das atitudes dos trabalhadores da herdade — exagerou no diagnóstico, carregando-o com uma dose de dramatismo para maior eficácia. Disse que se o Zé não pusesse as gotas e tomasse os comprimidos religiosamente, como lhe mandava, ficaria cego. Tal e qual, cego, zás! Aquele médico sabia como se faziam as coisas em condições.

Face à *potencial* tragédia, nem o Zé foi capaz de respingar. Baixou as orelhas e disse ámen a tudo o que lhe mandaram fazer. O Fernando pediu à Rosarinha — o único espírito bom que ele sabia que não o recusaria — para ajudar o Zé a pôr as gotas no olho e, se ela não se importasse pelo mau jeito, garantir que ele tomava a medicação. A santa da Rosarinha, uma vez mais, não recusou

espalhar a sua bondade e garantiu ao Fernando que o faria e que ele poderia ficar descansado.

Assim começou a história de amor, uma versão campestre de *A Bela e o Monstro*. Ou talvez até fosse mais antiga, talvez o encanto dos dois tenha estado sempre presente, só que ninguém reparou. O cuidado que o Zé teve com a Rosarinha no dia em que o Sr. Vaz foi trazido para casa inconsciente e a dedicação dela para com ele quando ficou doente, talvez tenham sido apenas oportunidades que ambos já esperavam havia muito. De onde vêm as histórias de amor? Ninguém sabe.

Com o Zé de olho tapado como um pirata dos livros que a D. Leonor nos lia em crianças, a D. Idalina preocupava-se — de repente, toda a gente se preocupava — e achava que ele precisava de mais ajuda. E quem? Quem para vergar os costados a ajudá-lo? Podem acreditar que não me cheguei à frente, mas a D. Idalina incentivou-me com umas vergastadas com a colher de pau.



— Temos de saber olhar a natureza e aprender com ela — disse-me a Matilde certo dia, depois de eu me queixar por a D. Idalina me ter mandado novamente ajudar o Zé Boi, daquela vez, para tosquiar as ovelhas. — Tens de ser paciente como o trigo no campo. Não importa a força do vento, ele dança, verga-se, mas acaba por voltar a erguer-se. Só temos de fazer o mesmo. Resistir. Dobrar sem partir.

Ela limpava uma moldura com o retrato do Fernando e pousou-a, ajeitando-a com vários movimentos quase impercetíveis, até encontrar o ângulo perfeito. Soube que parte das palavras se referiam ao Fernando, só não entendi o sentido.

Nem ela nem o Fernando me esclareceram acerca do *mal-entendido* que existira entre ambos, mas apesar de não saber do que se tratava, não me parecia que aquilo estivesse totalmente resolvido. Os dois ficavam estranhos quando estavam no mesmo espaço. Ele evitava olhá-la e ela não tirava os olhos dele. Raramente falavam. A Matilde até iniciava conversa algumas vezes,

só que conseguia pouco mais dele do que uma palavra. Isso não parecia incomodá-la. O quarto dele era sempre onde se demorava mais, o único que tratava com gosto, às vezes até nos recostávamos na cama dele a conversar.

Na falta da Maria da Assunção, comecei a colher restos de outras pessoas, para preencher o buraco vazio deixado pela ausência dela.

A Matilde — que ocupara o lugar Maria da Assunção na casa — ocupou também grande parte desse espaço. Sem me dar conta, tentei fazer com ela o que costumava fazer com a Maria da Assunção, e eram as conversas que mais me confortavam. Os nossos domingos de manhã transformaram-se nas manhãs de todos os dias da semana e ambos parecíamos satisfeitos com o arranjo. A Matilde contava-me o que se passava no mundo fora da herdade, eu contava-lhe o que se passava no mundo dentro da herdade. E, às vezes, até falávamos de nós próprios.

— Tive um sonho — disse-me um dia. — O meu pai estava lá, mais velho do que me lembro dele quando morreu, talvez como seria hoje, se fosse vivo, e depois de repente estava a cair e acordei.

Eu contei-lhe um sonho estranho que também tivera, com porcos e ovelhas que cantavam como as vozes no rádio e de como também me senti a cair.

— Sabes que dizem que, se não acordarmos a tempo, antes de chegarmos ao chão, morremos?

Eu não sabia, e a ideia aterrorizou-me, porque foi fácil acreditar que podia ser verdade e porque não havia nada a fazer para o evitar caso acontecesse. E agora que me via de volta ao meu antigo quarto, sozinho, o perigo era como um monstro escondido debaixo da cama.

Falou-me do pai dela.

— Há dias em que não consigo acreditar que ele morreu. Sei que passou muito tempo, mas não faz diferença. — Parou junto à janela e abriu-a. — Ele será sempre a minha pessoa favorita.

— Pelo menos, tens a tua mãe — disse eu, sem a certeza de que tal fosse um conforto para ela. A Matilde nunca falava na mãe. E o silêncio que se seguiu deixou-me mais curioso.

— Nem todas as mães são como imaginas. — Ao voltar-se para mim, vi que era a minha solidão que ela procurava para se identificar. — Pelo menos, a minha nunca foi. É quase como uma estranha. Em pequena, raramente a via. Ela passava os dias fora, voltava para casa quando eu já estava a dormir. O meu pai é que sempre cuidou de tudo, tratava da casa e ainda arranjava tempo para brincar comigo. — Sorriu com as memórias. — Nenhum de nós se importava que ela não estivesse, até era melhor… Ela parecia sempre triste quando estava connosco.

O meu pai só a tolerava por mim, pelo meu bem. Desde que ele morreu que sou só eu. Ninguém mais fala a minha língua. É como se… se eles fossem um rebanho… a minha família… e eu, um lobo… e desde que ele morreu, toda a gente está a tentar convencer-me de que sou uma ovelha e a obrigar-me a agir como uma ovelha. — Ficou em silêncio, olhou o quarto em volta e voltou a pôr os olhos na janela aberta para o lago. — E o pior de tudo é que começo a duvidar… talvez eu seja mesmo uma ovelha.

Nunca vi a Matilde tão triste como no instante em que pronunciou aquelas palavras e pareceu-me injusto. A solidão dela não era igual à minha, parecia-me pior, muito pior. Quis fazer alguma coisa para ajudar e, na minha tentativa, talvez tenha dito alguma idiotice porque lembro-me de que a fiz rir.



Maio estava fulgurante e cheio de calor e eu só tinha olhos para o papel que carregava comigo para todo o lado. Era o aniversário da Clara e eu escrevera-lhe um poema. Usara vários versos que tinha no meu caderno e compusera-o com todo o meu coração.

Ansioso, meio orgulhoso, meio assustado pela minha ousadia, preparava-me para aceitar que o meu trabalho estava feito e começar a treinar a letra para o escrever com caligrafia pouco vergonhosa. Ela merecia-o. Quando lhe dissesse *Parabéns!* e lhe entregasse um pedaço de papel, nele estaria o resultado de toda a dedicação dela a mim e o meu apreço pela atenção que ela me dedicara — depois da tristeza e do desgosto que eu imaginava que

o Tiago lhe dera semanas antes, eu sentia que era importante esforçar-me e oferecer-lhe o meu melhor.

A hora de almoço passou e o papel continuava no meu bolso. Os parabéns tinham sido entregues logo pela manhã, mas a folha ficara dobrada dentro do meu bolso. Acobardei-me! A timidez levou a melhor de mim. Pensei que talvez devesse ler o poema mais uma vez, havia uma palavra que estava a incomodar-me. Foi uma das várias desculpas que inventei. *Mais uns retoques e vai ficar perfeito*.

Não aconteceu, o meu nervosismo só aumentava porque de tantas vezes que tocava o poema, de tantas vezes que relia e o dobrava novamente, a folha só ficava desgastada, pindérica e alimentava a minha insegurança. Escrevi-o mais uma vez numa folha limpa e depois comecei a temer ficar sem papel. Aquele poema estava a dar-me cabo da vida.

Não sei de onde surgiu a ideia, mas de súbito tornou-se importantíssimo que alguém o lesse e me garantisse que era decente. Depois, percebi que não sabia a quem o mostrar e voltei a cair em desespero e suores frios. Parecera-me tudo tão simples quando tive a ideia de escrever um poema.

Fui à procura do Fernando, mas ele já estava trancado no escritório com o Sr. Vaz. Voltei a abrir o papel e a ler. Já era tortura.

— Posso lê-lo? — perguntou a Ana.

Os meus olhos saltaram para ela. Estava na escada, alguns degraus acima de mim. O cabelo preto dela estava apanhado só na parte de cima, nunca o vira assim. Com a surpresa, esqueci-me de lhe responder.

— Tenho-te visto a cuidar desse papel como se a tua vida dependesse dele. O que só pode significar que foste tu que escreveste.

Encolhi os ombros. Ela estendeu-me a mão e eu dei-lhe tudo o que tinha.

Ela era linda. *Sublime*, foi a palavra que me veio à cabeça e escrevi-a no interior do meu pulso.

— É melhor ainda do que eu esperava — disse, devolvendo-me a folha.

As palavras não me disseram muito, mas o sorriso foi a dose perfeita do que quer que fosse que eu estava a precisar.

Corri na direção da estufa à procura da Clara, sem sequer me lembrar de agradecer à Ana. As boas maneiras ainda não constavam na minha lista de valores. Era um bem desejado, mas não fundamental.

Não vi a Clara onde esperava encontrá-la, o seu banco em frente ao cavalete estava vazio e a folha de desenho em branco. Olhei em redor, só era possível ver flores, a primavera tinha explodido dos vasos todos. Foi um agitar de folhas que a denunciou. Quando a chamei, surgiu um rosto sorridente e ruborizado entre as folhas.

— Formiga! — disse, jovial.

Ri-me, ela parecia um coelho a espreitar da toca.

— Parabéns! — disse-lhe novamente, estendendo a minha folha.

— Para mim?

— Sim — anuí com orgulho.

O resto dela saiu do emaranhado de folhas e a sujidade surpreendeu-me.

— Filha de agricultor, hã? — Riu-se ao perceber o meu olhar. Depois, exibiu as mãos cheias de terra. — Queres ler-me ou devo lavar as mãos?

— Lava, lava! — pedi com demasiado desespero. Ler o meu próprio poema em voz alta! Ela tinha sempre cada ideia.

Fomos até ao lago e ela mergulhou as mãos e esfregou-as.

— Olha — disse, num sussurro entusiasmado, apontando ao longo da margem. Eram duas cegonhas. — Aqui estão… outra vez a tempo!

Todos os anos, as cegonhas chegavam e instalavam-se um pouco por toda a herdade. Eram deslumbrantes e toda a gente celebrava a sua chegada, era como o início oficial dos meses de bom tempo, colheitas e abundância. Iam alimentar-se nas terras do arroz, mas construíam os ninhos por ali. Batiam os seus bicos e o som ecoava por toda a parte, voavam com asas enormes e majestosas. A Clara dizia que elas eram sempre o melhor presente de aniversário que recebia todos os anos.

— Sabias que quando eu era pequena, acreditava que elas vinham de propósito para me visitar? — perguntou, com um último olhar para as cegonhas e voltando a subir o trilho para a estufa.

Não, eu não sabia.

Ela riu-se da sua própria ingenuidade de criança.

— Eu pensava que vinham para me desejar feliz aniversário. Foi o que o Fernando me disse e eu acreditei. Acreditava sempre em tudo o que ele me dizia.

— Ele gostava de inventar essas coisas.

Trocámos um olhar e talvez nos tenhamos apercebido ao mesmo tempo de que falávamos dele como se já não existisse. E que, de certa forma, era verdade.

Ela puxou um sorriso com fôlego e limpou as mãos ao vestido azul.

— Agora estou pronta para receber o meu presente — disse, esticando os braços para mim com ambas as palmas voltadas para cima, à espera.

Depositei nelas o papel. Depois, fiquei a vê-la sentar-se lentamente no banco junto ao cavalete e a ler. Foi a minha vez de limpar as mãos à roupa. Um nervoso miudinho saía-me pelas palmas das mãos.

Tu e eu, debaixo do céu
Nesta terra que toca a serra
Que usa nevoeiro como véu
Que cobre seu encanto de branco.

Olha, ó tu, que és Clara
Vamos fazer dos suspiros pó
Vamos pegá-los e soprá-los
Ó tu, que eu olho, minha Clara.

Tu e eu, minha Clara
Nesta terra que toca a serra
Vamos brincar e esquecer o luar
Sorrir e sorrir até a alegria vir.

— Formiga… — murmurou, os olhos ainda na folha, ela lia-o novamente. Depois, levantou-os para mim e pude ver o quanto ela

tinha gostado e finalmente sorri, satisfeito pelo trabalho feito.

Recebi um abraço apertado e um beijo sonoro e esmagado na minha bochecha. Ela estava orgulhosa e disse-mo sem se poupar a elogios. Sempre que tiverem a sorte de receber um elogio, um verdadeiramente sincero, ouçam-no com o coração e guardem-no, eles são mais raros do que se pode imaginar e podem tornar-se nos únicos pontos de luz a orientarem-nos na escuridão.

Voltámos a ler o poema, juntos pela primeira vez, e ela disse-me quais os seus versos favoritos:

Vamos fazer dos suspiros pó
Vamos pegá-los e soprá-los

A Clara quis saber como me tinha inspirado para os escrever, se os refizera muitas vezes, quais as alternativas em que pensara… Estávamos ambos deliciados.

Continuámos a falar por muito tempo e já regressávamos novamente à conversa sobre as cegonhas quando reparei no Fernando à entrada da estufa. Nenhum de nós se apercebera de quando chegara, mas parecia ter sido há algum tempo porque estava numa posição de descanso, ombro encostado à porta de ferro.

A Clara encontrou-o ao seguir o meu olhar e só então ele se aproximou, um embrulho pequeno nas mãos. Afinal, parecia que havia alguém ainda mais atrasado do que eu.

Os dois olharam para mim.

— Tenho de ir… tenho de… a D. Idalina… — E com mais uns gaguejos, deixei a estufa. Mas não os deixei sozinhos. Corri em redor da estufa, à procura de uma frincha por entre as folhas que me permitisse ver e que ficasse o mais próximo possível dos respiros nos vidro para poder ouvi-los.

Pareceram inseguros sobre quem falaria primeiro, quem tomaria a iniciativa. A distância das semanas anteriores entre os irmãos. Depois lá se decidiram, começaram a falar ao mesmo tempo e riram-se. Até eu me ri, parecíamos patos tontos a sair da casca.

— Parabéns! — disse o Fernando, mais à vontade, dando-lhe o presente que trazia. A Clara aceitou o embrulho e desembrulhou o

papel vermelho.

Esforcei-me por perceber o que era, mas via apenas uma caixa de madeira. Ela levou uma mão ao peito, como se precisasse de tomar fôlego antes de tocar o que estava lá dentro. Olhou o Fernando, sorriu-lhe e voltou a olhar a caixa. Tirou de dentro dela uma estatueta branca minúscula. Ele pareceu ajudá-la com alguma coisa e depois ouvi uma musiquinha tímida, vagarosa, doce. Era quase infantil. Era uma caixinha de música.

A Clara pousou a estatueta no centro da caixa, uma bailarina branca, e ela começou a rodopiar, delicada, à roda e à roda. Ficaram os dois a olhar a pequena bailarina. A música continuou e a Clara sussurrou alguma coisa que não consegui perceber, o barulho das cegonhas a sobrepor-se à voz dela. Mas depois vi-a levantar uma mão até à face do Fernando — lembrei-me da marca vermelha que lá ficara depois da bofetada que lhe dera meses antes. As coisas não tinham melhorado desde então. Talvez ela estivesse a pedir-lhe desculpa. Talvez.

Ela continuou a acariciá-lo e a mão abrandou ao sentir os lábios, as pontas dos dedos presas nos contornos. A caixinha de música silenciou-se.

Os olhos dos dois encontraram-se e foi então que o Fernando começou a aproximar-se. O rosto dele a mover-se, tão lentamente que eu quase não notava o movimento, mas ele existia, a cada segundo ele fazia a mão da Clara recuar, e, centímetro a centímetro, os dedos que sentiam os lábios dele encostaram-se também aos dela.

Os dedos entre os lábios dos dois eram a única coisa que os impedia de se beijarem. Não havia distância entre eles. E foi então que vi a Clara deixar cair a mão, e vi os dedos deslizarem e a barreira desaparecer.

Eu assistia, *eu* não conseguia respirar, mas o peito dos dois estava acelerado, era a única parte do corpo deles que se movia, até que as mãos do Fernando subiram ao rosto dela e a tocaram, sentiram, e voltaram a descer, lenta, lentamente, numa longa carícia que deslizou sobre a pele, depois ao longo do cabelo solto e dourado e encaracolado, e por fim pelas costas. Um dedo de

distância entre os lábios deles, nada a separá-los e ele afastou-se, deu um passo atrás em silêncio, e outro, e mais outro.

Deixei-me cair no chão quando o vi sair da estufa e começar finalmente a afastar-se a passo decidido.

O que vira eu? Qual o significado? Acontecera realmente alguma coisa? Porque de súbito… ao recordá-lo, não me parecia nada.

O jantar dessa noite seria especial. Era a celebração do aniversário da Clara, o Sr. Luís chegaria ao cair da noite para passar o fim de semana na herdade, o Padre Manuel também estava convidado e o Fernando comprometera-se com o pai a estar presente.

Mal pus um pé na cozinha, a D. Idalina atirou-me com uma taça para as mãos e um bocado de manteiga para untar a forma para um bolo.

— Despacha-te lá! Faz alguma coisinha por ti abaixo. — Voltou-se para a Matilde. — Isso deve estar quase bom, mistura-lhe a canela e depois… — Apontou para as minhas mãos, indicando-lhe para deitar a massa na forma.

— Eu pensava que agora era a empregada da limpeza — conspirou a Matilde, quando me sentei ao lado dela no banco corrido. — Mas parece

que também sou ajudante de cozinha. — Revirou os olhos e pôs a língua de fora numa expressão cómica como se estivesse a morrer.

Eu ri-me.

— Só vou esperar para lamber essa bacia — sussurrei de volta, olhando a bacia verde onde ela mexia a massa do bolo com a colher de pau. — Depois, vou fugir daqui para fora.

— Quem cochicha, o rabo espicha! — gritou a D. Idalina atrás de nós. Saltámos com o susto e ela riu-se. — Vocês pensam que são muito espertos. Mas ainda vão com a massa e eu já *tou* a vir com o bolo pronto!

Os meus olhos procuraram a Rosarinha por força do hábito.

— A Rosarinha? — perguntei, estranhando ela não estar ali.

— Isso não é da tua conta. — O bom humor da D. Idalina desapareceu. — Despacha-te mas é a fazer o que te mandei.

Mas a Matilde olhou-me e fez um gesto de quem bebe.

— O pai dela — sussurrou.

— Tento na língua, Matilde — grunhiu a D. Idalina.

— Oh! — respondeu a Matilde, com um encolher de ombros e já sem se preocupar em disfarçar a voz. — Até parece que estou a dizer alguma mentira. O velho está sempre a embebedar-se, anda para aí aos caídos e ela é uma pamonha que vai ajudá-lo. Logo que o pinguço fica melhor, dá-lhe porrada cega.

A D. Idalina estava a mexer a travessa com a chanfana e a espalhar o cheiro pela cozinha.

— Não sabes do que falas, Matilde.

— Não é verdade? — perguntou, desafiando a tia a desmenti-la. — E ele só faz isso porque ela é a única filha, a única mulher, aos irmãos não levanta o velho a mão. E eles são como o pai ou piores ainda. Nem têm a hombridade de cuidar da irmã. É sempre a mesma coisa, as mulheres têm de baixar a cabeça, dizer ámen a tudo o que nos mandam para cima e ainda agradecer no final. Engolir sapos e arrotar framboesas!

— Sim — confirmou a D. Idalina, sem vida na voz —, cada um nasce para o que nasce. Temos de aceitar o que Deus escolheu para nós e devemos dar graças por aquilo que temos.

A Matilde ficou vermelha, pareceu querer gritar.

— É por…

O Fernando entrou vindo do exterior e ela travou as palavras.

— Fernando! — chamou a D. Idalina ao vê-lo passar. Ele parou. — O teu pai pediu para ires à adega buscar o vinho para o jantar, disse para trazeres o que o teu tio gosta… disse que sabias qual era.

Ele anuiu, olhando em volta da cozinha, mas sem ver a D. Idalina nem nada do que o rodeava. Quando os olhos passaram por mim, eu fugi com os meus. Depois, ele continuou na direção do corredor.

A D. Idalina parou o que estava a fazer por um instante e olhou a sobrinha.

— Matilde, ninguém vem a este mundo sem chorar.

— Mas uns choram sempre mais do que outros.

A D. Idalina inspirou fundo sem resposta e nós continuámos a fazer o que estávamos a fazer. A Clara apareceu de seguida e perguntou-nos se tínhamos visto o Fernando. A D. Idalina respondeu-lhe e ela foi atrás do irmão para a adega.



O Sr. Luís chegou ao pôr do sol no seu carro brilhante e com o bom humor de sempre. Passou os dedos pelo seu bigodinho claro, estendeu-me a mão que apertei de seguida com intento e perguntou-me como estava a família. Encolhi os ombros, a minha resposta ambígua tornava-se mais genuína a cada dia que passava. Eu não fazia ideia do que se estava a passar com a família — toda a gente andava a confundir-me. Até a Ana, que resolvera falar comigo e mostrar interesse no meu poema.

— O Manuel ainda não chegou?

— Já, está lá fora, a falar com a Ana. — Apontei para o corredor que dava para a cozinha e depois para o exterior.

— Esses dois não perdem uma oportunidade para tentar arranjar problemas — suspirou.

Depois baixou o olhar para mim como se se lembrasse de repente que eu estava ali.

— Não fazes ideia do que estou a dizer, pois não?

Abanei a cabeça.

— Vamos lá ver o que andam eles a conspirar desta vez — disse, pondo-me a mão no ombro num convite para que o acompanhasse.

— Se eles tentarem recrutar-te para a resistência, não aceites. Eles não sabem o que estão a fazer. Pensam que sabem — continuou ele a explicar-me —, mas não sabem. Existe demasiado coração na estratégia deles e, como nos ensinou Maquiavel, e tão bem, um líder não pode ser uma boa pessoa, pelo menos não *demasiado* boa pessoa… no sentido católico da expressão… e eles são todos uns idealistas, demasiado honestos, com demasiadas boas intenções, e como diz o ditado… — Olhou-me à espera de que eu completasse.

— Está o inferno cheio delas…!?

— Isso mesmo! — confirmou ele satisfeito. Uma palmadinha nas minhas costas para aprovação. — Se ao menos eles me ouvissem como tu, meu caro Formiga, e entendessem as pistas que lhes vou dando… Não! Eles querem experienciar… destinados a repetirem erros que já foram cometidos por outros, exatamente com a mesma mão-cheia de valores bem intencionados…

Passámos pela cozinha, ele inclinou a cabeça num cumprimento para a D. Idalina e para a Matilde, e seguimos os dois para o lago e ele continuou a falar-me de coisas das quais eu nada percebia.

20

Sim, naquela tarde, vi o Fernando e a Clara numa intimidade… extrema, poderá dizer-se, um quase beijo que talvez devesse ter provocado um impacto maior em mim. Mesmo não me parecendo uma situação normal, não me chocou como o faria aos olhos de qualquer adulto. Era como uma traquinice, uma brincadeira que talvez desse direito a castigo, uma audácia que lhes custaria um puxão de orelhas. Era nesta escala que colocaria o que vi. Não falei sobre o assunto a ninguém da mesma maneira que não contei nada quando vi pela primeira vez o Fernando a fumar às escondidas, nem das inúmeras vezes em que fui cúmplice da Clara quando queria roubar doces da cozinha e a D. Idalina estrebuchava com o Fureca. Não era normal, mas não era extraordinário.

Não falei sobre o assunto a ninguém, exceto a uma pessoa, e já devem imaginar a quem.

Na manhã seguinte, a Matilde intuiu alguma diferença em mim.

— Pensativo? — Era ela quem estava a fazer as perguntas e a puxar a conversa.

Respondi-lhe com o meu encolher de ombros infalível. Confesso que até queria partilhar o que vira, mas desde o que acontecera várias semanas antes com a Maria da Assunção e o Tiago, eu era como um cavalo que experimentava arreios pela primeira vez. Sentia uma apreensão nova. A parte de mim que queria falar tentava negociar com a parte desconhecida que hesitava. Era desconfortável ter um ferro atravessado na boca que me fazia salivar e me dificultava a fala.

A Matilde já me conhecia bem — não era difícil, eu era uma criança, carente e que cobiçava atenção. Ela não precisava de fazer muito, a sua simples presença era imbatível. Continuámos a nossa rotina, a conversar, ela a arrumar e eu a ajudar. Rimo-nos e, no meio da boa disposição, ela voltou a perguntar-me, mas com as palavras perfeitas.

— Há alguma coisa que queiras dizer-me?

Recordo-me do alívio que a pergunta me fez sentir, um conforto porque a Matilde se importava com o que se passava comigo. A hesitação enfraqueceu.

— Podes confiar em mim, Formiga — disse com voz doce, tocou-me na mão e apertou-a com a força certa. — Sabes que não vou contar a ninguém.

Não havia motivo para não acreditar nela, a Matilde só me dera provas de que era de confiança. Durante todos aqueles meses, desde que morava na herdade e depois de tantas e tantas horas de conversas, ela nunca revelara nada do que lhe contei, nem mesmo sobre o passado secreto da mãe com o Sr. Vaz.

Confiei na Matilde, contei-lhe o que vira na estufa no dia anterior e, de certa maneira, não me enganei no meu julgamento. Ela foi verdadeira na sua palavra — nunca contou a ninguém o que eu lhe disse naquela manhã —, mas isto não é o mesmo que dizer que não existiram consequências da minha decisão.

As consequências eram algo novo que eu ainda estava a aprender, e há lições que a vida nos cospe na cara sem que possamos fazer nada para evitar o susto que nos prega.



Por aqueles dias, eu andava a ganhar o hábito de me esgueirar para o quarto e ler poemas ou escrever — e nessa tarde escrevi no caderno de capa preta.

Assim se põem rédeas à memória
Se esconde na muralha erguida
Guardo-a, não é minha
Não dói, está esquecida.

Eram versos de desabafo. Não me apetecia pensar no assunto. A reação da Matilde ao que lhe contei sobre a Clara e o Fernando foi condizente à minha — sem qualquer exaltação e pouco mais do que um aceno de cabeça e olhar pensativo — uma calma que me reconfortou.

Ao sair, reparei que o Fureca estava sentado no chão, um caixote de cartão à frente a fazer de mesa e a sua construção de fósforos pousada em cima. A D. Idalina tinha uma caixinha onde guardava para ele os fósforos usados.

— A aproveitar enquanto ainda *tá* de dia — disse, ao ver-me. — *C'andas* a fazer, moço?

Encolhi os ombros.

Sentei-me ao lado dele a ver, enquanto ia pegando num fósforo e o juntava cuidadosamente à sua escultura. Língua de fora, trincada e presa no canto da boca. Era trabalho de precisão. Pincelava cola com um pincel minúsculo, ia buscar outro fósforo e pousava-o sobre o anterior. Eu gostava de ver as cabeças pretas queimadas alinhadas. E lá continuava ele, em redor e em redor.

— Vai ser o quê?

— O aqueduto de Lisboa.

Assenti, olhei mais um bocado para tentar ver o que era um aqueduto; como não consegui, tive de perguntar. Ele explicou-me e a construção passou a fazer mais sentido. Certa vez, ele construiu uma réplica da igreja da aldeia, foi assim que a vi pela primeira vez; noutra, construiu um castelo que disse que existia nas terras da Santa Luzia; e até chegou a fazer a casa da herdade, onde a família vivia, com portadas e tudo.

Nenhuma dessas esculturas existia mais. Dias depois de terminar as construções de fósforos e de toda a gente ter visto o resultado final, o Fureca incendiava-as. As pessoas pediam-lhe que não o fizesse, que as oferecesse, todos as queriam, diziam que era um pecado, mas ele fazia ouvidos de mercador.

— É tão bom construir como destruir — dizia ele. — Com uma mão para Deus, mas sem nunca largar a do Diabo — aconselhava-me, enquanto víamos mais uma a arder. — Nunca se sabe qual dos dois nos vai receber quando dermos o peido final.

Eu não era da mesma opinião, a destruição assustava-me, todos os finais me entristeciam. E naqueles meses, eu já vira demasiadas coisas a terminar e a desaparecer.



A Rosarinha demorou alguns dias a regressar à herdade e veio com marcas ainda bem visíveis no rosto. Um olho com vários tons de azul e verde, o lábio inferior com dois cortes e um ferimento vermelhão no maxilar que nos punha a imaginar alguém a arrastá-la. Estava ainda mais encolhida do que o costume, pálida, movia-se com lentidão e falava sem abrir muito a boca.

Vi a Matilde limpar uma lágrima que lhe caiu quando viu a Rosarinha a chegar e não voltara à cozinha desde então. Volta e meia, a D. Idalina olhava-a pelo canto do olho, respirava fundo e abanava a cabeça. A Rosarinha não reparava, não levantava os olhos, escondendo o rosto no que estava a fazer. Amassava a massa para o pão e eu permanecia em frente a ela a fazer desenhos com a ponta dos dedos na farinha espalhada sobre a mesa de madeira. Uma nuvem, um pássaro, um sol, uma árvore, um coração. Os olhos dela deram-me um ar de alegria ao verem-no.

Como era possível alguém fazer-lhe mal? Ela era como um animal acabado de nascer: desengonçada, indefesa, inocente, pura. Não era justo. Mas a justiça era invenção do homem, a natureza acredita apenas na lei do mais forte e não faz distinções.

O Zé entrou na cozinha para tomar o pequeno-almoço e parou mal passou a porta. Olhou-a e não disse nada. A Rosarinha ficou tão contente de o ver que pareceu esquecer-se do que lhe desfigurava o rosto.

Foi quando tentou sorrir que a dor a lembrou. Tinha um dente lascado, provavelmente o que lhe cortara o lábio.

O Zé voltou-se para mim e eu deslizei num impulso para o canto mais afastado do banco corrido.

— Dá comer ao gado — ordenou-me. — Eu tenho de ir fazer uma coisa.

— Não… — começou a balbuciar a Rosarinha, mas num piscar de olhos ele já lá não estava.

A D. Idalina correu atrás dele, a cenoura que cortava ainda na mão, e voltou logo depois.

— Ai, meu santo! — lamentou-se à chegada.

— Oh, D. Idalina, o que vai ele fazer? — choramingou a Rosarinha.

— Olha, filha, espero que não vá desgraçar a vida dele… porque a do teu pai, estou certa de que está desgraçada. — Depois, enxotou-me. — Vai acordar o Fureca e diz-lhe para ir atrás dele e não o deixar fazer uma asneira. — Obedeci com prontidão. — E não te esqueças de dar comer aos bichos! — gritou-me.

O Fureca já saíra dos barracões e falava com umas galinhas que depenicavam a terra a caminho da retrete. Corri até ele.

— Oh, caralho, que ele vai limpar o sebo ao velho! — Disparou quando lhe contei, pondo-se a andar comigo na direção oposta à que ia. — Nem deixam um gajo dar uma mija, pá! Nem encher o bucho com um bocado de côdea. É a foderem-me a vida logo pela manhã!

Encolhi os ombros e fomos para a cavalariça. Ajudei-o com o cavalo e com a carroça.

— O velho da Rosarinha *num* deve saber o diabo que tem a morder-lhe os calcanhares — disse, ao trepar para a carroça, ajeitando a perna aleijada. — Isto vai ser um ver se *t'avias*.

E lá foi ele.

As últimas palavras do Fureca tinham-me deixado a pensar — aquilo sobre *velho da Rosarinha* num *deve saber o diabo que tem a morder-lhe os calcanhares*. Não era só o pai da Rosarinha que não sabia, eu também não sabia grande coisa sobre o Zé, e o pouco que sabia era muito imaginado. Um dia, o Fureca falara-me sobre lobos — provavelmente ao contar-me uma das suas perseguições na serra, aquelas caças a raposas que só ele via. Procurei a conversa esquecida. Ele contara-me uma história sobre uma matilha de lobos que descera da serra num inverno, muitos anos antes, num mês de muito frio em que nevara na herdade.

— Os animais na serra estavam esfomeados e começaram a descer à procura de comida — disse-me ele. — Uma noite, uma alcateia atacou os currais e o Zé Boi bateu-se *cum* eles, defendeu o gado e escorraçou as bestas.

Sim, era essa a história, e o Fureca dizia que o Zé tinha ferido o líder da alcateia, que morreu, e que desde então essa matilha ficou a rondar na face da serra voltada para a herdade, de vigia, à espera de um bom momento para se vingar.

— Se *num* fosse eu a andar por ali a alimentar raposas a chumbo, bem que estávamos fodidos. Por isso as deixo lá pela serra, os lobos são bichos espertos, veem as raposas chumbadas e sabem o que os espera! — vangloriou-se o Fureca. O aldrabão gostava de me encher a cabeça de histórias e acreditava que eu o levava a sério.

Na história dele só houve um pormenor que talvez fosse verdadeiro, um que se repetiu mais tarde quando a Maria da Assunção me falou do Zé. As cicatrizes. Na história do Fureca, o Zé ficou com a pele cheia de marcas da luta com os lobos, e a Maria da Assunção contara-me que a razão de ele andar sempre com camisas de manga comprida, mesmo nos dias de calor, todo suado quem nem cavalo de corrida, era porque tinha o corpo cheio de cicatrizes. Mas a história da Maria da Assunção era bem diferente: segundo ela, o Zé fora abandonado em criança, tal como eu, mas sem tanta sorte na soleira da porta onde fora deixado.

— Era como um escravo — disse-me ela. — A família tinha-o a dormir com os bichos nos currais, davam-lhe porrada, ele comia as sobras da criação. Foi o Sr. Vaz quem o salvou, dizem que o comprou, que essa família de desgraçados o vendeu como se fosse mais uma cabeça de gado. E ao desbarato.

Eu não fazia ideia se alguma das histórias era verdadeira. Mas gostava das duas. Havia tanta nobreza na coragem do homem que lutara com os lobos como no sofrimento da criança maltratada. Sentia compaixão por ambos, por isso era difícil acreditar que algum dos dois fosse o Zé.

Horas mais tarde, eles estavam de volta. O Padre Manuel com eles. A D. Idalina e a Rosarinha vieram a correr da cozinha logo que ouviram a carroça a chegar. As duas a rezarem as suas graças aos céus e aos santos.

— Que me foste tu fazer, homem de Deus?! — clamou a D. Idalina.

A Rosarinha encolhia-se em si mesma, ajeitando o xaile nos ombros que usava apesar do calor, os seus olhinhos de coruja mais desorientados do que nunca.

— Não há motivo para preocupação — disse o Padre Manuel, sossegando o seu rebanho.

— Isso ainda tá *pa* se ver — acrescentou o Fureca. — Olhe que os irmãos dela não são flor que se cheire, e como deu cabo dos costados ao velho… ai, ai!

— Que me foste tu fazer?! — voltou a perguntar a D. Idalina, dando uma palmada leve no ombro do Zé. — Queres desgraçar a tua vida? Só Deus julga. Não me podes sair para aí a fazer justiça com as próprias mãos!

— Anda lá, *Dalina* — pediu o Fureca, encaminhando-a com paciência de volta para a cozinha.

O Padre Manuel pareceu reparar então pela primeira vez no estado do rosto da Rosarinha e os olhos castanhos dele escureceram.

No silêncio e suspiros que se seguiram, vi o Zé a ir até ela com a hesitação de um cão amedrontado e abraçá-la. Que visão mais estranha! Eu ia levar o meu tempo até me habituar àquilo.

— Peço-vos que fiquem pela herdade durante os próximos dias — disse o Padre Manuel. — Os dois!

— Fizeste algum mal ao meu pai? — Ela perguntou-o tão baixinho que quase não se ouvia.

— Não lhe fiz nada que ele nunca te tenha feito.

Ela emitiu um gemidinho de ratinho nervoso e ele esfregou-lhe as costas para a reconfortar.

— Isso não torna as tuas ações justas.

— Padre, com todo o respeito, agradeço ter-me ajudado com a Polícia…

— Polícia!? — gemeu a Rosarinha, mas ele ignorou-a.

— Mas as coisas só podem ser deixadas nas mãos de Deus até um certo ponto.

— É dever de cada um de nós viver o melhor e o pior da natureza humana — disse o Padre Manuel. — Não há outra forma de nos conhecermos a nós próprios. Por vezes, é através das ações de outros, outras vezes, das nossas. Mas é nas provações que crescemos, que nos superamos.

O Zé anuiu e continuou a acariciar a Rosarinha. As mãos dele estavam ensanguentadas.

Depois dos ânimos estarem mais calmos, o Padre Manuel voltou-se para mim e acenou-me para que o acompanhasse. Caminhámos.

— Olá, Baltazar! — disse ele, jovial. — Tens um bom nome. Lembra-me de o usar mais vezes, sim? Assimilamos os hábitos dos outros sem darmos conta.

— Não faz mal.

Caminhámos lentamente, olhos postos na porta para a cozinha mais ao fundo.

Ele cruzou as mãos atrás das costas.

— Diz-me, como têm passado os nossos irmãos prediletos?

— Melhor.

— Ah, então é por isso que nenhum dos dois me procurou nos tempos recentes. — Mais dois passos em silêncio. — O que me faz lembrar de uma curiosidade minha — disse, parando. — Ando para te perguntar há muito… Por que razão nunca te vejo na igreja?

Fiquei a olhar para ele. Qual era a resposta? *Nóstico*? *Prenóstico*? Qualquer coisa *gnóstico*? O Sr. Luís tinha-me ensinado. Mas *agnóstico* não me veio à cabeça. Lá teria de servir a resposta do costume.

O Padre Manuel riu.

— Esse encolher de ombros não vai resultar para sempre. Espero que saibas. E que estejas preparado para isso.

Nada escapava àquele Padre Manuel. Não era de admirar que desse um bailinho à Polícia e a toda a gente. Dava gosto!

Ao entrarmos na cozinha, tudo cheirava a sopa e conduto. O Fureca empilhava as marmitas com os almoços para levar às terras.

— Ia mesmo chamar-te, cachopo. Ajuda-me lá.

Desde que a Matilde substituíra a Maria da Assunção que era ele quem levava a Clara à escola e a comida às terras. Ele não recebeu

a novidade com entusiasmo. E como era manco, lá sobrava para mim ajudar. Pus mãos à obra.

— O Fernando está por casa? — perguntou o padre à D. Idalina.

— Não, mas deve estar para chegar. — E ele entrou nesse instante. — Olha! Não morre tão cedo!

— Manuel! — cumprimentou o Fernando, com uma certa surpresa. Os dois apertaram as mãos. — A que se deve a honra? Não é domingo, pois não?

— Não — riu-se o padre. — Só quis certificar-me de que o Zé regressava a casa sem mais problemas.

As sobrancelhas do Fernando juntaram-se.

— O que se passou com o Zé?

— Foi-me ajustar contas com o pai da Rosarinha, foi o que foi — respondeu a D. Idalina — Vê-me lá o tento! Ai, aquela cabeça…!

O Fernando só ficou mais confuso. Olhou para o lugar onde a Rosarinha costumava estar sentada a trabalhar.

— O que tem a Rosarinha?

O Padre Manuel olhou a D. Idalina.

— A tristeza do costume — suspirou ela, por entre o chocalho dos testos e panelas. — Fica para almoçar, padre?

— Claro que fica — respondeu o Fernando. — Precisamos de falar.

E os dois saíram para fora novamente e afastaram-se para o lago.

Enquanto ajudava o Fureca, vi a conversa dos dois a tornar-se emotiva e no final já esbracejavam. Eu até tinha ponderado partilhar com o Padre Manuel o que vira na estufa. Ele pedira-me para o ajudar a zelar pela família. Mas ao vê-los ali, tive a certeza de que não seria necessário, o Fernando estava a tratar do assunto.

O Sr. Vaz, o Fernando, a Ana e o Padre Manuel almoçaram juntos. A Clara tinha escola nesse dia. O Sr. Vaz andava especialmente bem-disposto, a sua recuperação não desiludira ninguém e nada conseguia esmorecer-lhe o bom humor. Isto era, se não se tratasse da cerca com a Santa Luzia. No que tocava a esse assunto, a exaltação dele subia num tom mais negro. Ouvi falar sobre a chegada de umas cartas, não percebi muito bem porque ele

salivava baba do diabo enquanto as explicava aos filhos durante o jantar havia duas ou três noites.

O Sr. Vaz e o Padre Manuel falavam, o Fernando ia concordando com uns acenos de cabeça e a Ana ouvia. Arriscaria dizer que ele estava ressentido com o padre e que a discussão dos dois junto ao lago não terminara da melhor forma.

O Padre Manuel ficou com a Ana depois de o Sr. Vaz e o Fernando irem para o escritório. Os dois conversaram na sala por um bocado, a Ana disse-lhe que queria voltar para o Porto, que iria com o tio na próxima vez que ele viesse à herdade. Estavam em desacordo sobre o bom caráter de alguém, cada um deles tinha uma opinião diferente sobre se essa pessoa seria de confiança ou não. O Padre Manuel tentou convencê-la a permanecer mais algum tempo na herdade.

— Até as coisas acalmarem — pediu. — E ficarem mais claras.

Deveriam ser coisas de revolucionários, pensei eu sem um conceito da palavra. Mas era o que o Sr. Luís dizia sempre que se tratava dos cochichos partilhados pelos dois. *Para quando o golpe?*, perguntava, ao invadir as conversas deles. *Avisem-me para não sair de casa nesse dia.*

Algum tempo depois, os dois foram caminhar para os lados do moinho de água, um par de horas, e quando voltaram vinham com um rafeiro atrás. O animal era pequeno, tísico que dava dó. Nunca vira eu cão mais escanzelado. E assim, a herdade ganhou mais uma alma.



Nessa tarde, havia frangos para matar e o Zé estava na disposição perfeita para o trabalho em mãos. Ele já tinha meia dúzia deles alinhados no chão com as patas amarradas com cordel e o processo era bastante simples. Tirava uma das suas facas — ele tinha um conjunto delas em que ninguém tocava, todas metálicas, brilhantes, afiadas, enormes e igualmente mortíferas — depois fazia um golpe profundo no pescoço da galinha, elas estrebuchavam uma ou duas vezes e de seguida pendurava-as pelo cordel das patas

num dos ganchos, de cabeça para baixo para o sangue escorrer para a bacia. Enquanto o sangue escorria, eu mexia-o com um pau — esta era a minha primeira tarefa — juntava-lhe vinagre, para não coalhar, e guardava-o para a D. Idalina fazer cabidela. Esta era a parte rápida, exceto em raras ocasiões em que uma galinha mais espirituosa conseguia soltar-se das amarras e disparava a correr, cabeça cortada pendurada para o lado aos saltinhos. Nunca ia longe. Mas era digno de ser visto.

Tínhamos sempre uma fogueira com uma panela de água a ferver para as mergulhar antes de começarmos a depená-las. No final, eram as minhas mãos que pareciam depenadas, esfoladas, todas vermelhas e doridas da água quente.

O Zé, naquele dia mais do que nunca, estava imune a tudo. Abria as galinhas e separava-as aos bocados com uma determinação e rapidez inigualáveis. Por duas vezes, tive a certeza de que tinha cortado o próprio dedo na lufa-lufa. Ele transpirava, a camisa colada às costas, as gotas de suor a escorrerem-lhe pelo rosto e a pingarem da ponta do nariz.

A D. Idalina apareceu para ajudar, ou talvez como pretexto para poder falar com ele. Disse-lhe que compreendia a revolta dele pelo que acontecera à Rosarinha.

— Não aconteceu — corrigiu-a. — Foi feito! Os acidentes *acontecem*. As maldades são feitas!

Ela não o contrariou e continuou a falar-lhe com calma e a apelar à ponderação (que ele não tinha) e à contenção (que ele não queria ter). A meio da conversa, ela mandou-me embora.

— E livra-te de ficares a ouvir pelos cantos que te dou uma sova tal que nem sabes de que terra és! — avisou-me, dedo empinado junto ao nariz.

Não me pareceu sensato desobedecer-lhe.

21

Uma tarde, dias depois, fui procurar a Clara. Ela chegara da escola com uma expressão que deixou a D. Idalina preocupada e, a pedido dela, fui tentar descobrir o que se passava. Encontrei-a na salinha da renda entre as suas estimadas marionetas, sentada no chão com um grande cesto de costura ao lado. O seu vestido florido fazia-a parecer mais uma boneca entre as bonecas.

Recebeu-me com entusiasmo, mas percebi o que preocupara a D. Idalina. A Clara não disfarçava muito bem a tristeza, era como se toda ela se apagasse. As marionetas eram só a confirmação. Eu não gostava lá muito de a ver com elas. Havia muitos anos que aqueles bonecos não estavam associados a momentos bons.

— Posso ajudar? — ofereci-me, sentando-me com ela.

— Oh, não é preciso… não estou a fazer nada de especial. — Estava a fazer tranças com fios de lã para coser na cabeça de uma boneca.

Eu não sabia fazer tranças.

— Hum… talvez escolher… — Olhei o cesto — …tecido para uma saia nova.

Ela sorriu.

— Não precisas, Formiga…

— Sei que gostas delas… Quero ajudar.

Suspirou e fez-me uma carícia no rosto.

— *Eu* gosto delas. Tu não precisas de gostar. — A mão desceu pelo meu braço e apertou o meu pulso. — Sei que são ridículas e infantis… mas fazem-me sentir bem — disse com sinceridade. — Há coisas que… mesmo sem sabermos explicar bem porquê, são boas. — Fez uma pausa ao concluir. — E eu estou a precisar de coisas boas.

Assenti e ela esboçou um sorriso bem-intencionado, mas ainda triste.

Compreendia-a. Podia não saber como me expressar, mas também eu mantinha confortos imaginários de infância.

Era pequeno — mais pequeno ainda —, quando o Fernando quase se afogou no lago. Descobri nesse dia o terror que a ideia da morte provoca e o rasto de medo que deixa atrás. Esse efeito deve ter sido visível, porque o Fernando sentiu que era necessária mais uma das suas histórias para me afagar a ferida com fantasia. E essa história estava entre as minhas *coisas boas*, às quais por vezes também precisava de me agarrar.

— Os rabetas? — A Clara riu-se e eu soube que aquele era o momento perfeito para lhe contar a história.

— Foi esse o nome que ele lhes deu — confirmei, também a rir-me.

— Não, ele nunca me falou dos *rabetas*.

— Porque é segredo — sussurrei, em conspiração.

Ela chegou-se para mais perto, pronta para ouvir. O Fernando costumava contar-nos histórias diferentes, depois nós acabávamos sempre por as partilhar e às vezes encontrávamos bocados que reconhecíamos de uma outra história ainda.

E então, continuei a contar-lhe.

Eu e ele estávamos sentados no pequeno barco a remos, mas atracados ao cais, porque depois do acidente, o Sr. Vaz proibira o Fernando de entrar no lago, até mesmo de barco. Estarmos dentro do barco, a flutuar no lago, era uma forma de ele desobedecer ao pai, sem realmente desobedecer. Típico.

O Fernando contou-me da existência dos rabetas, homens tão pequeninos que cabiam na palma da mão, que nunca se mostravam aos adultos, mas que as crianças, às vezes, quando estavam sozinhas, conseguiam ver. Eram brincalhões e gostavam de pregar sustos e partidas

— Devem ter sido eles que lhe ensinaram muitas das traquinices que ele nos faz — disse a Clara, contribuindo para a nossa conspiração.

— Pois! Por isso ele tem sempre ideias tão boas!

— Sempre desconfiei que ele tinha ajuda. — Riu-se. — Continua, continua…

— Ele disse-me que foram os rabetas que lhe disseram para nadar até ao outro lado do lago, para pregar um susto a toda a

gente, porque ninguém ia conseguir ver os rabetas a ajudá-lo. Ele nunca esteve a afogar-se! Foi só faz-de-conta!

— Foi tudo uma partida? — A Clara dramatizou o seu espanto e anuiu com enfâse.

— Percebes? Ele pode fazer tudo o que quiser, porque os rabetas nunca vão deixar que nada de mal lhe aconteça. São traquinas, mas na verdade, são coisas boas, como as tuas marionetas.

— E… achas que ele também ainda brinca com os rabetas, é? Como eu, com as marionetas?

— Tenho a certeza!

— Ahhhh…! — Mostrou-se espantada.

— Mas é segredo.

— Sim, sim.

Arrastei o rabo pelo chão, para ficar ainda mais perto e sussurrei:

— E queres saber mais do segredo? — Ela anuiu com entusiasmo. — Eu também já os vi.

Olhou-me incrédula, olhos esbugalhados, perfeita no seu faz-de-conta.

— Não!

— *Chhhh*… sim. Mas eles nunca falaram comigo. — Suspirei, desanimado. — Nem brincam.

— Experimentaste pedir-lhes para brincar? — Fiz que não com a cabeça. — Deves tentar.

Os conselhos dela, por norma, resultavam. Ponderei. Ela riu-se.

A história dos rabetas foi real para mim quando o Fernando a contou, eficaz para adormecer os meus medos e ele foi tão convincente (ou eu tão crédulo) que permaneceu comigo e julguei realmente conseguir ver os rabetas. Via-os a saltarem nas ervas altas, a cavalgar no topo das cabeças dos bodes, mãos agarradas aos chifres como se empoleirados num trono. Pareciam-me divertidos, estavam sempre a rir-se, mas eu nunca me aproximava.

A Matilde saiu de súbito do quarto que era da Maria da Assunção e sobressaltou-nos aos dois. Eu e a Clara ficámos a olhar para ela, mas não nos disse uma palavra.

Não pediu desculpa por nos assustar, nem por ter estado a ouvir a nossa conversa sem se revelar, ficou apenas a olhar para a Clara,

em silêncio, por demasiado tempo, sem expressão que pudesse ser decifrada. Depois puxou de um dos seus sorrisos perfeitos — artificial e falso naquele contexto — e foi-se embora.



No dia em que a Polícia voltou à herdade, o Sr. Vaz recebeu o Chefe Osório com a mesma hostilidade das vezes anteriores.

— Vocês são como um cão com um osso!

— Sr. Vaz — disse ele, com mais firmeza do que o normal —, este assunto não pode ser adiado por mais tempo. Soubemos do infortúnio com a sua saúde e fomos tolerantes com a falta de uma resolução…

— Ah! — Riu-se alto. — Tolerantes!

— Sim, Sr. Vaz — disse o Chefe, com a segurança de um elemento da autoridade. — A Herdade Santa Luzia tomou os procedimentos legais, o que me obriga a mim a dar seguimento ao pedido e a cumprir a minha obrigação.

— E qual é essa obrigação!?

Um bocadinho da segurança cedeu.

— Mudar a cerca.

— O quê?!

O grito do Sr. Vaz acelerou-me o sangue.

— Fizemos as medições. É preciso mudar…

— Nem que a vaca tussa! Mas está a brincar com coisas sérias ou o quê, homem?! — O Chefe Osório e os dois homens que estavam com ele deram um passo atrás, quando o Sr. Vaz avançou. — Convença-se de uma coisa, de uma vez por todas. Aquela cerca vai ficar onde está. Ela vai enterrar-nos aos dois sem se mexer um centímetro!

O Chefe Osório ouviu e voltou as costas e sumiu-se pelo mesmo caminho por onde viera. Se o chefe da Polícia colocou alguma fé nas palavras do Sr. Vaz, não sei dizer-vos, os pensamentos dele apenas a ele pertenciam, mas o que posso dizer-vos é que foi assim mesmo que a história correu. A palavra do Sr. Vaz prevalece até hoje, a cerca ainda lá está, sem se mover um centímetro. Mais de

vinte anos passados e a disputa com a Santa Luzia continua, o Sr. Vaz foi vencendo as batalhas até à sepultura. Mas a guerra continua.



O calor veio numa lufada de ar quente. Sentei-me debaixo da figueira junto ao lago, com preguiça de início de tarde, pronto para me esparramar e me deixar adormecer à sombra. O Sol ia alto e não havia muito a fazer senão esperar pelas horas frescas do final da tarde.

Já me deixava embalar pela sonolência quando senti o Fernando a deitar-se ao meu lado. O calor mudara-lhe os hábitos e ele ficava mais tempo pela herdade. Fechou os olhos e cruzou as mãos sobre a barriga. Ambos partilhávamos do mesmo plano: nada fazer.

Mas a Clara, não. Apareceu uns minutos depois, a arrastar uma energia que me enfastiou.

— Um mergulho? — perguntou com entusiasmo, mãos assentes nas ancas.

Eu e o Fernando emitimos uns gemidos, fechando novamente os olhos. A cobra da preguiça amarrava-nos aos dois.

— Vamos lá, seus preguiçosos! — ordenou, começando a dar-nos pontapés leves, mas suficientemente irritantes, nas solas dos pés.

— Nem pensar! — declarou o Fernando, sem abrir os olhos.

Ela riu-se e o meu instinto não gostou nem do som nem da expressão dela que vi a coberto das pestanas. Apesar de a ver afastar-se, fiquei com um olho no burro e outro no cigano. Vi o balde que ela trazia de volta e soube o que se seguiria. Abanei o Fernando, como um gato prestes a levar banho.

— Olha a pirralha! — disse ele, levantando-se, de súbito bem acordado, e começando a correr na direção dela.

A Clara gritou, tentou atirar-lhe com a água, mas estava demasiado longe para surtir grande efeito, gritou outra vez, começou a correr, abandonou o balde para aliviar peso de carga na fuga, tentou uns ziguezagues, falhou, foi apanhada.

— Formiga! — gritou o Fernando, fazendo-se de pirata, pegando nela e pondo-a ao ombro como um saco de batatas. — Temos um inimigo para afogar!

A Clara riu-se e também gritou por mim.

— Clemência! — pediu, entre gargalhadas. — Formiga! Salva-me e o meu reino é teu!

— Cavalos e tudo?

— Sim!

— E flores e tudo?

— Siiiiiim!

Levantei-me e corri para ela.

— Tarde de mais! — declarou o Fernando com dramatismo, pés já dentro do lago e a avançar.

A Clara gritou uma última vez quando ele a levou consigo num mergulho profundo. Ficou o silêncio. Os dois emergiram ofegantes por ar, ainda agarrados um ao outro.

Mergulhei os pés na água, senti o fresco e o receio familiar antes de eles tocarem o fundo. Alguns anos antes, tinha feito um corte no pé, uma pedra afiada, e desde então que me sentia ansioso quando estava dentro do lago. As águas eram transparentes, mas a partir de uma certa profundidade não era possível ver o fundo. Logo que sentia a incerteza, começava a nadar e evitava a todo o custo ter de assentar os pés.

Ouvimos um assobio alto vindo da casa. Olhámos os três e vimos a janela do escritório do Sr. Vaz aberta e ele a esbracejar. Sabíamos o que estava a dizer. *Para mais perto da margem*. Era o que repetia, sempre que via algum dos filhos dentro da água. E o gosto do Fernando em nadar no meio do lago enlouquecia-o.

O irmão do Sr. Vaz morrera afogado no lago. Tinha 18 anos. A idade de todos os herdeiros da herdade, dizia a lenda. O herdeiro da herdade poderia não ser o filho primogénito, mas quando fizesse 18 anos, não restaria nenhum irmão para o contestar. O avô do Sr. Vaz perdera os irmãos, um mais novo e um mais velho, em dois acidentes distintos (e inexplicáveis, diziam) no ano em que ele fez 18 anos. A Ana já tinha 18 anos, talvez as lendas não passassem de lendas.

Obedeci ao Sr. Vaz, mas a Clara e o Fernando desafiavam-se e rodopiavam entre si em brincadeiras e nem sempre tinham em consideração as inquietações do pai.

Nadámos e rimos como no verão do ano anterior e todos os outros verões de todos os anos da nossa vida.

A minha atenção foi cativada pela Clara, ela estava… *diferente*. Era o olhar lânguido, os movimentos, uma lentidão premeditada. As mãos dela demoravam-se no Fernando, o toque prolongava-se. Ela estava a seduzi-lo. Só não o entendi como tal na altura, porque nunca vira uma mulher a seduzir um homem, mas era o que ela estava a fazer. E se naturalmente, na sua timidez, a Clara era bonita e cativante, naquele estado era deslumbrante e irresistível, a mulher que poderia ter qualquer homem, e parecia ter decidido, naquela tarde, qual o que queria ter.

Sem me permitir colocar os pés no chão, não demorei a sentir-me cansado e nadei de volta para a margem. Eles vaiaram-me quando me viram a sair e eu estava para lhes responder — mandá-los dar uma curva —, mas os meus dentes começaram a bater que nem castanholas com a diferença de temperatura. Apressei-me a tirar a camisola e a torcê-la, e fui apertando os folhos molhados dos calções para espremer a água. Olhei de novo o lago e a Clara estava a trepar para as cavalitas do Fernando, ou a tentar pelo menos, os dois tentavam içá-la para os ombros dele, para ela os usar como plataforma de salto, mas o riso tirava-lhe a força dos braços e ela escorregava antes de o conseguir.

Ri-me com os dois, fui até ao velho baloiço que o Fernando tinha construído num ramo da figueira alguns anos antes, com a ideia de lá pendurar a minha roupa molhada, e olhei o assento, a tábua de pau que eu escolhera à pressa quando ele me mandara ir a correr encontrar uma.

— Tive uma ideia! — recordei a voz dele, nessa manhã em que estávamos aborrecidos. — Vai buscar uma tábua que eu vou procurar corda.

Nem questionei para o que seria, ele tinha sempre boas ideias. Perguntei-lhe apenas qual o tamanho da tábua.

— O tamanho do teu cu! — respondeu-me ele.

O meu cu tinha crescido desde então, porque a tábua parecia-me mais pequena, mas vi a primeira letra dos nossos nomes que ainda lá estava gravada pelo canivete vermelho do Fernando. Um «F», que servia para ambos.

Deixei a camisola no chão. Sentei-me no baloiço e dei-lhe impulso. O ar ainda quente começou a aconchegar-me a pele em carícias que iam e vinham. Esticava as pernas para a frente, encolhia-as para trás. Balancei. Ouvi o chapinhar da água, os gritos alegres da Clara, as gargalhadas do Fernando. Balancei.

Balancei naquele baloiço, cabeça para trás, olhos fechados, e fingi que voava e fingi que era carregado pelo vento ou pelos pássaros ou por tantos outros sons que os meus ouvidos apanhavam e a minha imaginação conseguia usar. Os risos felizes dos dois fizeram-me sorrir.

O Sol desceu e os meus olhos abriram-se para o ver ir embora. Balancei. Vi os amarelos e laranjas por entre nuvens vivas de mosquitos a pairarem sobre as ervas altas. Zumbiam, adormecendo os pássaros do meu paraíso, onde a noite nunca chega a ser verdadeiramente escura, onde cantam os grilos, as cigarras e o rouxinol.

Balancei.

Com o brotar da primavera nascera uma nova poesia. A natureza era a mesma, mas eu já não. Vi-a pela primeira vez com olhos que querem transformar o que veem para o espelhar em palavras. Assimilava-a, misturava-a comigo, tornava-nos em mais um verso do poema que eu já sonhava escrever para sempre.

> *O poema não é o canto*
> *que do grilo para a rosa cresce.*
> *O poema é o grilo*
> *é a rosa*
> *e é aquilo que cresce.*[5]

[5] Natália Correia, «O Poema», *in Poemas*, 1955.

22

Cedo ou tarde, chega a nossa vez de aprender como nada dura para sempre, nem mesmo quando tudo parece perfeito e não vemos motivo ou sentido para mudar.

Assim que a Matilde parou ao meu lado, pressenti que alguma coisa iria acontecer.

O Sr. Vaz tinha saído da herdade pela primeira vez desde que adoecera. Logo que acabou de almoçar, deixou a Ana e o Fernando ainda à mesa e, impaciente e ansioso, apressou-se a passo largo a caminho das cavalariças e de volta à vida normal.

A Matilde também me parecia igualmente impaciente e ansiosa. Não parava de balançar o peso do corpo de um pé para o outro, de entrelaçar e desentrelaçar os dedos, fazendo um ou outro estalar em instantes pontuais, normalmente quando a conversa entre os irmãos parecia prolongar-se.

— Não era melhor um de nós ir com ele? — perguntou a Ana.

— Deixa-o ir, o médico garantiu que está bem e ele deve estar farto de nos ter sempre à espreita.

— Talvez tenhas razão. Deve querer ficar sozinho.

— Não precisas de te preocupar — assegurou-lhe, com um leve sorriso satisfeito. — Andas muito emotiva. — As sobrancelhas dela enrijeceram e o maxilar contraiu-se. — É um elogio. Gosto de te ver assim. Este tempo longe da mãe está a libertar-te das paranoias dela e ainda bem.

A Ana pareceu concordar, mas não respondeu.

— Fernando… — chamou a Matilde, segura e aparentemente sem disposição para esperar mais pela oportunidade que queria.

O meu coração começara a correr logo que a vira, mas com a voz dela vieram os suores. Comecei a rezar. Não era hábito fazê-lo, e com o nervosismo, nem o *Pai Nosso* nem a *Ave Maria* me vinham à memória numa mensagem coerente e, então, recitei palavras aleatórias que conseguia apanhar e cuja entoação me parecia santa, ou digna de uma prece.

Seria possível eu estar errado? Seria possível? Era. Claro que era possível.

— Tenho um assunto urgente. Podemos falar? — disse com simpatia.

— Pode ser mais tarde? Estou a…

— Não — interrompeu-o com uma certa brusquidão, que fez os olhos da Ana saltarem entre eles os dois e depois para mim.

O Fernando levantou-se e caminhou na direção do escritório do pai. Ela seguiu-o sem precisar de mais indicações.

Aquela conversa dizia-me respeito, mas os olhos da Ana ainda estavam em cima de mim, como se tentasse entrar na minha cabeça e descobrir tudo o que eu andara a fazer e a dizer. Era apenas a minha consciência. A Ana levantou-se no instante seguinte, foi até às escadas e subiu para o primeiro piso.

Corri, saltei, trepei e, empoleirado no castanheiro junto à saída de fumo do escritório, tive de esperar que o meu coração me deixasse ouvir. Respirei fundo, uma, duas vezes. Vozes. O Fernando.

— Não, não… — dizia, firme. — É óbvio que não. Não mudou nada. Fiz alguma coisa que te levasse a pensar o contrário? Não percebo, Matilde, sinceramente que não te percebo. Isto é muito simples. Se queres continuar aqui na herdade, a tua atitude vai ter de mudar.

— Sim, eu quero continuar aqui na herdade. — Silêncio. — Na verdade, não há nada que eu mais queira na vida do que viver nesta casa.

— Ainda bem. Então, estamos entendidos.

— Não, ainda não estamos.

Silêncio.

— Eu sei do vosso *segredinho.* — Ela lambeu a palavra como se saboreasse mel. — O que partilhas com a tua irmã.

— Andas a imaginar coisas agora, Matilde? — perguntou ele, sem hesitação.

Ela riu-se, divertida.

— Eu não conseguia imaginar uma coisa destas. Honestamente. Tenho-me em alguma estima… mas não tanta.

— Está a agir de forma ridícula…

— Vamos falar como adultos que já somos — interrompeu-o. O sorriso desaparecera da voz. — Pensas que é assim tão difícil de ver? Não falo do vosso *apego* um pelo outro — disse com desdém — nem das discussões de namorados…

— Matilde!

— Eu arrumo os vossos quartos! — A voz dela passou por cima da dele. — Faço as vossas camas e mudo os vossos lençóis!

Silêncio, silêncio, silêncio.

Tentei engolir, a minha boca era terra em tempo de seca.

— Vocês os dois estão tão embrulhados um no outro, tão absorvidos no vosso *mundinho* que se esquecem… de mim.

Silêncio.

O Fernando começou a dizer uma palavra, mas parou. Eu só podia imaginar o choque na expressão dele, a incredulidade nos olhos cinzentos ao deparar-se com um monstro.

Eu abrira a porta à Matilde. Ela era um animal sedento de liberdade e eu dei-lhe uma brecha por onde ela poderia esgravatar e escavar para escapar. Como qualquer criatura da natureza, ela aproveitava a oportunidade com unhas e dentes.

— Não te preocupes. O vosso segredo está apenas comigo. E continuará assim no que depender de mim.

— *Mas*… — falou ele por fim. — Imagino que queiras alguma coisa em troca. Ou não estaríamos aqui.

— Casa comigo.

Foi a vez de ele se rir, mas não durou.

— Estás mesmo a falar a sério?

Silêncio.

— Quero ficar nesta casa. Quero pertencer a esta família. Ser respeitada. Sentir-me segura, amparada. Quero pertencer a algo maior do que eu. Podes dar-me tudo o que quero. Em troca, dou-te tudo o que tu queres. Não me importa o que se passa entre ti e a Clara. Por mim, podem fazer o que quiserem e bem entenderem, desde que continuem a ser discretos.

— Estás louca.

— Não. Sabes que não estou, Fernando. Só não consegues percebê-lo ainda.

— Matilde…

— Pensa… Tens tempo. Não entrei neste escritório à espera de sair com uma resposta.

Silêncio.

— E se eu não aceitar?

Ela devia estar a sair quando ele fez a pergunta, porque de seguida ouvi a porta fechar-se sem uma resposta.

Respirei fundo. Do escritório só vinha um silêncio que me arrepiava. Era óbvio o que significava a ausência de resposta. A Matilde não precisava de lhe dizer o que aconteceria, era óbvio. O Fernando não tinha uma escolha, qualquer escolha. E ela só estava a dar-lhe tempo para que se apercebesse disso.



Os dias passaram e não aconteceu nada. O tempo deslizou, ignorando-nos e desdenhando das minhas preocupações e dos meus pressentimentos.

O que mais me marcou nesses dias foi a memória do silêncio. Aquele mesmo silêncio, pesado e gélido, que eu ouvira no escritório e que ecoava estéril desde então. Tudo me parecia oco na herdade. Eu estava nervoso e alerta. Era o tipo de coisa que só se sentia; até algo finalmente acontecer e o justificar.

Mas, se alguma coisa estivesse mal, com certeza que a primavera não continuaria a florescer a terra, os dias não estariam tão belos, as pessoas não agiriam daquela forma calma, não seria possível aquela serenidade que fazia a Rosarinha sorrir e acompanhar a D. Idalina nos murmúrios ao ritmo das canções no rádio.

O Fernando, bem, ele continuava ligeiramente soturno, não muito diferente do seu comportamento desde que voltara à herdade muitos meses antes, talvez desde o Natal, e a conversa com a Matilde… era como se nunca tivesse existido. A notar alguma diferença nele — era como o Padre Manuel a definira: enigmática — e ambos continuávamos a não conseguir apontá-la com precisão. Era num tom positivo, ele estava mais calmo, de dia para dia mais

afável. Uma tarde, depois do almoço, lembro-me de que se demorou na cozinha antes de sair, até se sentou e conversou com a D. Idalina, elogiou o trabalho dela e fez perguntas à Rosarinha sobre o que ouvira acerca do seu namoro, e ela, vermelha tal e qual o pimento que estava no cesto à sua frente, confirmou-o e fez toda a gente rir-se. O Fureca pedinchou-lhe um cigarro, ele deu-lhe o maço que tinha no bolso.



A Clara adoeceu. Fiquei atento. Mas o médico veio e garantiu que não havia razão para preocupação.

— Parece-me ser apenas um vírus inofensivo — disse, com um sorriso calmo.

A febre acabou por passar, e ela decidiu continuar sem sair da cama nos dias que se seguiram.

Sempre que podia, ia vê-la. Sentava-me numa cadeira ao canto do quarto e falava-lhe de tudo o que me vinha à cabeça. Ela ouvia-me com boa vontade, mas pouco interesse, os pensamentos dela estavam longe de mim e das banalidades que eu lhe levava.

— Lê outra vez — pediu-me, para minha surpresa. Voltei à página anterior do livro e li.

> *Nunca sonhei com impossíveis*
> *Nem fiz castelos grandiosos*
> *Sobre as areias movediças.*
> *Guardo somente nos meus olhos*
> *Recordações de imagens vivas.*[6]

Ela sorriu-me em agradecimento e pediu-me para me ir embora.

6 João Cabral do Nascimento, «Fragmento», 1939.

23

Aquele dia começara com um zumbido estático que só incomodava os meus ouvidos. Passei-o nervoso, demasiado tenso e irritadiço. E quando a noite começou a cair, senti um alívio por vê-lo terminar.

Depois do jantar, o Fernando disputava um jogo de xadrez com a Ana à luz das velas. Os dois irmãos estavam mais próximos depois do que acontecera ao pai. Lembro-me bem da imagem noturna dos dois, porque me deixou curioso estarem à luz de velas quando a eletricidade da casa não tinha falhado.

O Sr. Vaz apareceu vindo do escritório, pronto para sair e também ele pareceu surpreso por os ver ali quase às escuras. Estava bem vestido, um cheiro forte a perfume de homem atrás dele e eu suspeitava de que iria encontrar-se com a Piedade.

— Fernando, amanhã não saias sem falarmos sobre a Santa Luzia — pediu, enrolando os punhos da camisa em duas voltas. — Eles querem guerra, eu dou-lhes a guerra, mas a cerca é que não!

O Fernando anuiu, queixo pousado na mão.

— Como está a Clara? — perguntou aos dois filhos. Eles olharam um para o outro.

A Matilde apareceu, atraída pelas vozes. Parecia estar sempre por perto quando o Fernando estava em casa.

Ele olhou-a.

— Não sei — acabou por responder, indiferente, os olhos a caírem de volta para o tabuleiro.

— Como é que não sabes?! Vocês são a sombra um do outro desde que se conhecem por gente!

— Ela está trancada desde ontem à noite. Não vou ser eu quem vai obrigá-la a sair.

— E vocês não me dizem nada? — questionou-os, indignado. E forçando a voz a baixar para um tom cúmplice, disse quase num sussurro: — Até parece que não sabem como ela é. Temos de

cuidar dela. Não vos passou pela cabeça que pode ter-se sentido mal outra vez?

Que raio de irmãos são vocês?

As palavras acertaram em cheio nos dois. O Fernando e a Ana trocaram olhares inseguros.

— Ela já é demasiado protegida. — Por incrível que possa parecer, foi ela que respondeu. — Se quer estar sozinha, é sozinha que devemos deixá-la estar.

— Ah, que disparate. Vamos lá! — ordenou o pai. — Vão ver como ela está. — A Ana não se mexeu. Mas o Fernando levantou-se. — Assim é que é! Faz-te um homenzinho!

Ele caminhou às escuras para as escadas, desaparecendo nas sombras. E depois, o Sr. Vaz reparou na Matilde ao voltar-se.

— Era mesmo contigo que eu queria falar! — disse, satisfeito. — Vem comigo… — Os dois seguiram para a cozinha. — Acende esta luz! — gritou para trás.

Eu ia fazê-lo, mas a Ana abanou a cabeça, ordenando-me o contrário.

Esgueirei-me pelas escadas acima. Não era curiosidade, era preocupação, era o maldito zumbido que não me largava os ouvidos.

A porta do quarto da Clara estava aberta. Aproximei-me e baixei-me para espreitar. A noite pouco desvendava, o luar esmorecido.

Não o vi inicialmente, ele estava sentado numa cadeira, num canto sem luz onde só se distinguia o vulto dos pés sobre o tapete de Arraiolos. O que me chamou a atenção para lá foi um ruidinho metálico desconhecido. Ao ouvir os primeiros acordes da música, percebi que estivera a dar corda à caixinha de música que lhe oferecera no aniversário, naquele dia na estufa.

O Fernando continuou onde estava, talvez a mostrar-lhe que não tinha intenção de sair. Eu não fazia ideia do que teriam falado antes de eu chegar, ou se pronunciaram uma palavra sequer. Eu nem sabia se ela estava acordada. O luar que trespassava as janelas iluminava a cama, mas a Clara estava deitada de costas para mim, voltada para ele.

A caixinha de música continuou a tocar na mesinha de cabeceira e julgo que todos olhávamos a pequena bailarina, a rodar, iluminada pelo reflexo do espelho sobre o qual dançava, a sua figura branca e delicada, a rodar e a rodar. O único movimento no mundo.

A música terminou, o meu coração pulsou duas vezes, e a humanidade da voz da Clara quebrou o feitiço.

— A Matilde veio falar comigo.

Silêncio.

— Eu sei o que ela quer que faças — continuou, a voz rouca por falta de uso. — Confio em ti… vou apoiar-te, qualquer que seja a tua decisão.

Ficaram a olhar um para o outro, à espera. Nenhum dos dois fugiu.

— Não há decisão nenhuma para tomar, Clara.

Ele moveu-se, deixando a cadeira, e foi sentar-se ao lado dela, encostando-se à testeira da cama e a Clara encostou-se ao peito dele, o ouvido sobre ao coração.

O Fernando deu mais uma vez corda à caixinha de música.

— Dorme — murmurou entre os acordes delicados.

— Não quero dormir.

Ele acariciou-lhe o cabelo. Apertou-o numa mão-cheia de dourado. Pousou o rosto em cima da cabeça dela.

Os dois ficaram assim, abraçados no silêncio, derrotados, juntos. A melodia terminou num sussurro. O silêncio voltou.

Com a atenção consumida pelo que se estava a passar dentro do quarto e a audição enfeitiçada pelo silêncio espesso, quando ouvi os passos, eles já chegavam no corredor. Desorientado pelo sobressalto, não houve muito que pudesse fazer para disfarçar e encarei a Ana sem nenhuma arma de defesa. A janela no extremo do corredor denunciava-me sem misericórdia.

Ao ver-me ali, de cócoras junto à porta do quarto da Clara — e provavelmente com a expressão mais patética que possam imaginar —, ela parou, pareceu ponderar, mas acabou por fazer o que era esperado dela. Retomou caminho sem dizer uma palavra e foi para o seu quarto.

Ela devia considerar-me um ser verdadeiramente patético. Mas o meu alívio foi tão grande que tudo o que mais desejava era deixar-me cair e ficar estatelado no chão para sempre. O perigo e o instinto falaram mais alto e corri dali para fora e só parei na cozinha iluminada, mão a agarrar a berma da mesa para me certificar de que estava mesmo ali.

— O que foi? — perguntou a D. Idalina.

Ao levantar os olhos é que notei que só lá estava ela. A cozinha estranhamente vazia sob a lâmpada de luz fluorescente.

— Nada — respondi, abanando a cabeça com enfâse.

Ela observou-me com atenção, a decidir se poderia acreditar.

— Faz-me uma coisa antes de te deitares… — Apontou para uma bacia. — Vai ao celeiro e traz-me grão do saco que está aberto ao pé das cebolas. Quero deixá-lo de molho para amanhã e aquelas malditas escadas são um castigo para os meus joelhos.

O meu corpo obedeceu-lhe e peguei na bacia.

— Se vires a Rosarinha com o Zé, diz aos dois que chega de namorar por hoje! — gritou, quando eu já ia a caminho.

Ao chegar ao celeiro, vi-os um pouco mais à frente, sentados junto aos barracões, quase um metro de distância entre eles, os dois de braços cruzados. Era como se tivessem medo das próprias mãos, de que elas se atrevessem a tocar-se e pudessem de alguma maneira destruir o que tanto amavam. Não lhes disse nada. A Rosarinha andava feliz naquelas últimas semanas e não deixava de espantar-me de cada vez que me dava conta de que a razão era o Zé. Sorri, roubando um bocadinho da alegria dos dois para esfregar nas mazelas. Há sempre um motivo para sorrir, algures, se não for por nós, é pela felicidade dos outros, basta ter coração para o fazer.

Sorri.



Quando ia deitar-me, vi o Fernando, junto ao lago. Pelo que parecia, ele conseguira convencer a Clara a dormir.

Ponderei deixá-lo e seguir caminho. Talvez quisesse apenas ficar sozinho. E eu não tinha muito para lhe dizer, nem grande

conhecimento para inventar. Mas mesmo com as hesitações, acabei por ir até ele.

E ainda bem que o fiz.

Sentei-me ao seu lado no tronco caído. Olhei-o num «olá» sem palavras e ele sorriu-me de volta. A noite estava quente e perfeita. A Lua alta no céu e parcialmente coberta.

Ele estava a fumar e aos seus pés estavam as beatas dos cigarros que tinham antecedido o que lhe estava pendurado nos lábios. Continuámos em silêncio durante mais algum tempo, até que me perguntou:

— Como é que vamos tirá-lo dali?

Olhei para cima e, entre a folhagem da figueira, distingui as cores do papagaio escurecidas pela noite. Estava alto, mesmo alto.

— Podemos esperar que uma tempestade o sacuda — alvitrei.

— Sim… Não há muito a fazer por ele, pois não?

Fiz que não com a cabeça.

— Foi sem querer. Não fiz de propósito.

— Eu sei. Não te preocupes. Costuma ser assim com toda a gente. Perdem-se papagaios todos os dias… distraímo-nos e cometemos erros… e perdemos papagaios que ficam presos… e não há nada a fazer.

— Mas… não precisamos de ficar tristes — disse-lhe, pondo ânimo na voz. — Ele não desapareceu, está ali e pode cair a qualquer momento. — O meu exercício de otimismo foi fraco.

Ainda estávamos os dois a olhar o papagaio, apesar de me parecer que já não falávamos dele.

Ouvi um pequeno riso do Fernando, um esforço bem intencionado, e sugeri:

— Ou podemos procurar vários paus muito compridos e amarramos uns aos outros com cordel bem apertado e pode ser que chegue lá!

Ele anuiu, mais num reconhecimento do meu esforço do que por aprovação da ideia.

Vi tristeza na solidão dele. O que poderia fazer? Senti-a como uma criação minha.

Ficámos novamente em silêncio, a atenção conquistada pelo cintilar da água. A noite não estava especialmente luminosa, a Lua coberta por nuvens finas e a tentar espreitar, mas os pirilampos tinham saído dos arbustos e aventuravam-se em voos na margem do lago. Primeiro uma dúzia, depois muitas dúzias e depois centenas de pontos luminosos. Piscavam e cintilavam e voavam.

— Fernando?

— Sim?

— Onde é o fim do mundo?

— O fim do mundo?

— Sim, onde é que ele acaba? Onde não é possível ir mais longe, onde não há mais caminho nem terra para andar… tem uma parede alta? Até ao céu?

Ele riu-se com os olhos.

— Não existe, Formiga.

— É possível andar para sempre?

O meu deslumbramento foi genuíno e fê-lo olhar para mim por um instante e sorrir de verdade.

Ele anuiu.

— Se quiseres, podes andar durante toda a tua vida. Passas o portão da herdade e começas a caminhar, segues até encontrares água, depois contornas a água ou pedes ajuda a alguém para a atravessares, depois continuas a fazê-lo para o resto da tua vida, e vais caminhar sempre por estradas e paisagens diferentes e conhecer pessoas que nunca viste nem imaginaste que poderiam existir…

Foi assim que ele escolheu explicar-me que o mundo era redondo, para que eu não continuasse a fazer-lhe perguntas pelo resto da noite.

Os olhos dele estavam com os pirilampos enquanto falava e continuaram neles, talvez estivesse a imaginar fazer a longa caminhada que me descrevia. Gosto de pensar que sim. Quem me dera que o tivesse feito, que se tivesse levantado daquele tronco de madeira e começado a andar sem olhar para trás. Infelizmente, esse era um destino que estava reservado a mim, não a ele.

Estes são todos os farrapos que recordo com nitidez da conversa dessa noite; existem mais, mas não quero a minha imaginação nesta conversa, só a verdade. Esta foi a última conversa que tive com o Fernando. Ele morreu nessa noite.

24

Acordámos com o som de um tiro. O sobressalto que me fez saltar da cama replicou-se por toda a herdade e quando abri a porta do meu quarto, estávamos todos lá fora, todos em roupa interior e todos descalços e com expressões alarmadas.

— Foda-se! Aquela merda foi um tiro! — exclamou o Fureca, tufos de cabelo desgrenhados.

Era de noite, eu não fazia ideia de que horas seriam. A D. Idalina e a Rosarinha empunhavam velas e estavam tão desorientadas e assustadas quanto eu.

O Zé passou por nós, já de caçadeira em punho e, ao luar, vi pela primeira vez as cicatrizes das quais tanto se falava. Estavam todas lá, nos braços e nos ombros, a espreitarem da camisola branca de cavas, tão brutais como me contaram. No meio do medo que sentia, vê-las deu-me segurança. Alguém capaz de suportar aquilo e sobreviver, era alguém que iria proteger-nos do que quer que fosse.

— Ó Zé! — chamou o Fureca, lembrando-se de baixar a voz. — Achas que são os homens da Santa Luzia? — O Zé continuou a caminhar na direção da casa sem lhe responder. — Caralho, eu sabia! Avisei o patrão que nos íamos foder com esta merda.

Seguimos atrás dele como patos atrás da mãe. Olhei para as janelas do primeiro piso e só vi a luz do quarto da Ana acesa. A do Sr. Vaz e a do Fernando continuavam apagadas.

A passo ligeiro entrámos na casa, a porta das traseiras que dava para a cozinha nunca era fechada porque nunca existiu razão para ser fechada. Durante toda a minha vida, nunca dediquei um pensamento àquela porta e ao passar por ela foi como se passasse para outra realidade.

Estava tudo completamente escuro, o Zé dera sinal para que elas apagassem as velas e avançámos orientados pela memória, atravessámos a cozinha e, a meio do corredor, vimos que havia luz na sala. Continuámos atrás do Zé e no final do corredor, gritámos todos e saltámos quando vimos outra caçadeira. A Ana e o Zé

faziam pontaria um ao outro, a escassos metros de distância e só um milagre pareceu ter segurado o dedo de ambos no gatilho. A Clara encolhia-se atrás da irmã.

— Alguém lá em cima? — sussurrou ele.

Ela negou com um aceno de cabeça. O rosto estava pálido, mas impenetrável, o cabelo preto escorrido escondia-o parcialmente, tornava-o mais ameaçador, e os olhos tinham um cinzento tão escuro como nunca vira antes.

— Tenho um mau pressentimento. — E olhou-me ao dizê-lo.

— A Matilde! — suspirou, aflita, a D. Idalina, e correu para o corredor na direção da salinha da renda. Vi o vulto dela benzer-se ao passar à porta da capela.

— *Num* vás, mulher! — sussurrou o Fureca, agarrado aos meus ombros. — Ai, a nossa vida!

— O Fernando e o Sr. Vaz? — perguntou-lhes a Rosarinha, a gaguejar.

— Não sabemos — sussurrou a Clara. Estava tão assustada como a Rosarinha e as duas já se abraçavam.

— Ouvimos todos o mesmo? — O Zé olhava tudo em redor na mira da caçadeira.

Vários de nós responderam que sim, uns mais convictos do que outros. Mas então ouviu-se o grito da D. Idalina, um grito de dor como se um novo tiro a tivesse ferido de morte.

Corremos todos, corremos desesperados até a encontrarmos à porta do escritório e a afastarmos com urgência… Era ele. O Fernando estava sentado na cadeira grande atrás da secretária do Sr. Vaz, caído sobre a secretária, uma pistola ainda na mão.

As vozes sobressaltaram-se e a realidade ganhou um véu pegajoso. Ouvi choro, gritos, ordens. Alguém gritava *médico*, alguém gritava *não, não, não* num gemido que arranhava na alma. E eu perdi-me. O meu corpo não se movia, os meus olhos piscavam a pedirem-me para acordar.

A Ana empurrou-me ao passar para ir até ao irmão.

— Levem-na para a sala! — ordenou, apontando para trás de mim. — Não a deixem vir!

Era a Clara. Era ela quem tinha de ser arrastada dali para fora. Desejei que alguém também me arrastasse, porque as minhas pernas não se mexiam.

— O que estás tu a fazer aqui?! — A D. Idalina não falava para mim. Ao canto, aninhada no chão, a Matilde abraçava as próprias pernas. Ela puxou a sobrinha e as duas saíram.

A Ana tentava tocar no Fernando, mas as mãos não se decidiam onde o sentir primeiro. Começou a falar sozinha, como se pensasse alto, para se certificar de que não cometia nenhum erro. Finalmente, uma mão no peito e outra no pescoço, puxou-o para a cadeira.

A respiração dela era tão sôfrega que eu conseguia ouvi-la.

— Fernando… — sussurrou.

A mão que tocara no pescoço estava vermelha e o sangue manchava o lado do rosto dele que estivera apoiado no tampo da mesa e escorria para o pescoço.

— Fernando… — repetiu.

Ela estava presa na mesma redoma de vidro que eu. Ele estava morto, nós sabíamos, mas não acreditávamos.

A Ana tentou limpar a mão, livrar-se daquele vermelho de um sangue que também era o dela e o seu desespero só foi aumentando à medida que o espalhava mais e mais pelas próprias roupas. Murmurava para si mesma e começou a afastar-se e, de repente, correu para fora do escritório. Ouvi a voz da Rosarinha ao longe, muito longe, a chamar pela Ana.

Permaneci onde estava. O Fernando à minha frente, recostado na cadeira, olhos fechados, rosto inclinado para a direita, vermelho a sujá-lo, a manchar os cabelos loiros encaracolados, a empastá-los, a escorrer.

Segundos depois — ou talvez minutos —, a Clara passou junto a mim, lentamente, sonâmbula, tão perto que o braço dela acariciou o meu ombro.

Estava silêncio, tanto silêncio. Para onde teriam ido os gritos e os choros?

Eu queria fugir do vermelho, tal como a Ana. Não conseguia suportá-lo mais. Os meus olhos prenderam-se no amarelo dos girassóis, um quadro pendurado na parede, no qual eu nunca

reparara antes. A Clara parou em frente do quadro. O amarelo dos girassóis substituído pelos amarelos do cabelo despenteado dela.

Não olhou para mim, olhava para baixo, para o vermelho da mesa e do rosto do Fernando que escorria e manchava a camisa azul, talvez, eu não o vira. Tanto sangue teria de ir para algum lugar. Vestígios de racionalidade a faiscarem no meu pensamento para me resgatar.

O suspiro dela foi uma brisa no silêncio e na imobilidade da casa. Quando começaria ela a chorar? Eu precisava de ouvir alguém chorar, alguém devia chorar, alguém que o fizesse por mim porque eu não conseguia.

A Clara estendeu a mão e imaginei vê-la tocar o corpo sem vida, ou o vermelho da viscosidade que repugnara a Ana e a fizera fugir pela primeira vez na vida. Todos deveríamos ter a coragem dela e fugir dali para fora.

Mas a Clara não estava assustada, nem nervosa, ela voltou-se e olhou para mim e disse numa voz doce:

— Baltazar, fecha os olhos.

Um medo puro e animal trespassou-me a pele em suores frios. A minha visão era frouxa e a realidade ganhou o peso arrastado de um sonho.

Fiz o que ela me pediu. No meu momento de cobardia mais infeliz, fechei os olhos e cobri-os com ambas as mãos. Senti as lágrimas correrem-me por entre os dedos. Finalmente, alguém estava a chorar.

Uma segunda explosão ecoou pela herdade.

Os soluços do meu choro rastejaram no eco como mendigos doentes e famintos, e quando abri os olhos e deixei as mãos caírem, não foi a Clara que eles viram. Lá estava de novo o quadro, o amarelo resplandecente dos girassóis, nem sequer um vestígio de vermelho.

Ao longe alguém gritou, alguém chamou, passos em corrida no chão de madeira por cima da minha cabeça. A Ana. Ela viria e as mãos delas tocariam o vermelho.

Sem me atrever a baixar os olhos para onde sabia que o corpo da Clara estaria agora amontoado sobre o do irmão, rodei em torno de

mim mesmo como uma marioneta de pau e farrapos.

Afastei-me, caminhei sem pés, desci a uma caverna funda, ao buraco dos que não querem ser encontrados e deixei-me.

25

O meu mundo tornou-se numa casa assombrada.

Eu nunca vira um caixão e agora estavam dois no meio da sala. Duas caixas grandes de madeira polida, uma fechadura cuja chave um homem entregou nas mãos fracas de um pai de espírito partido.

— Não me lembro… não me lembro de quais foram as minhas últimas palavras… a nenhum dos dois. — O Sr. Vaz repetia-o vezes sem conta. Tentava lembrar-se das últimas palavras que dissera aos filhos e não conseguia.

Eu não aguentava ouvi-lo mais, porque só me fazia lembrar do tanto que eu poderia ter feito, do que poderia ter dito à Clara, da oportunidade desperdiçada. Tudo o que eu lhe dera naquele momento final foi um silêncio conivente, cobarde e vergonhoso.

Fecho os olhos por instantes.
Abro os olhos novamente.
Neste abrir e fechar de olhos
Já todo o mundo é diferente.[7]

Demorei muitos anos até conseguir compreender o momento e vê-lo como um ato de respeito pela vontade dela.

Pensei naquelas fechaduras nos caixões, nas pequenas chaves que os abriam, no sentido da existência de ambos. Nunca as entenderia. Também não consegui esquecê-las.

Caminhei até ao lago, afastei-me da estufa das flores e aproximei-me das silvas que nasciam na berma do muro, arranquei umas amoras, soprei-as, levei-as à boca e cuspi-as em seguida. Tudo me sabia a azedo.

Olhei para cima e vi o papagaio. Desejei uma tempestade, mas nem uma brisa.

Levei a mão ao bolso e tirei de lá o papel que a Matilde me entregara nessa manhã. Não trocámos uma palavra e se dependesse da minha vontade, nunca mais trocaríamos.

As minhas mãos tremeram quando reconheci a letra do Fernando.

Clara, perdoa-me por não conseguir ficar.
Obrigado por todos os dias que vivemos e o que puseste neles, levo tudo comigo.
Por favor não te culpes pelas minhas escolhas. Sê feliz por nós os dois… Sê feliz.
Eternamente teu,
Fernando.

Ao acabar de ler, odiei a Matilde. Ela foi a primeira pessoa a encontrar o Fernando e roubara aquela carta. Aquelas palavras talvez tivessem feito a diferença. Quem poderia saber o significado que a Clara lhes daria, se as tivesse lido? Ali, nas minhas mãos, não valiam nada.

No lodo dos remorsos, foi fácil culpá-la e personificar o mal na Matilde. Com o tempo, fui aprendendo que todos nós classificamos o bom ou o mau em egoísmo, consoante algo é bom ou mau para nós mesmos, num ato infantilizado que não serve a ninguém. Havia tantas razões nobres para a Matilde ter guardado aquela carta. Nenhuma delas me ocorreu. Mas elas existiam.

Levantei-me, li mais uma vez as últimas palavras do Fernando, fui até à margem e pousei o papel na água. O lago engoliu-o.

— Todos os dias devem ser olhados com a saudade de um adeus, porque a vida vai-se despedindo de nós com cada um que nos oferece.

As palavras sábias da D. Idalina foram-nos dadas como uma manta quente a cada um de nós, sentados em redor da grande mesa de madeira na cozinha. Ninguém queria levantar-se dali. Era mais acolhedor sofrer com companhia. Mas a herdade era um organismo com vontade própria que exigia atenção e nos obrigava a ir para onde tínhamos de ir e a fazer o trabalho que tínhamos a fazer. Aquela terra estava habituada a ser tocada pela morte, conhecia o sabor do sangue, e quem a trabalhava, sabia lidar bem com a tragédia — uma velha conhecida daqueles rostos que conseguiam sorrir mesmo que houvesse poucas razões para tal.

Naquelas semanas de luto, todos eles me ajudaram a aprender a lidar com ela — a tragédia que desfigura — com as suas dores e desilusões, rendi-me à sua inevitabilidade, a sua brusquidão dava-lhe um caráter assombroso que me lembrou a criança que eu ainda era.

O que fazer quando não resta nada para ser feito? Quando, finalmente, vemos que o sentido do fim é o fim em si próprio.

[7] António Gedeão, «Tudo é foi», 1956.

EPÍLOGO

Não sei quando é que o Fernando e a Clara foram enterrados.

O meu corpo continuou na herdade, mas o meu espírito partira na mesma noite que eles, seguindo um qualquer caminho.

A D. Leonor não foi ao funeral dos filhos. *Recuso-me a amar dois fantasmas*. As palavras dela, meses antes para o Sr. Vaz. *Eu odeio-o, e estou a dizer-lho agora porque sei que no dia do funeral deles não terei forças, e quero ter a certeza de que sabe disso! Que o odeio por ter posto o seu sangue nas veias dos meus filhos!*

Nos instantes em que era consumido pela dor, o Sr. Vaz levava as mãos à cabeça e apertava-a, tapando os ouvidos, abanando-a de um lado para o outro. Movimentos de um homem minguado. Imaginava-o a ouvir as palavras dela. A ausência dela a fazê-lo ouvi-las tão alto que tornava impossível outro pensamento. A D. Leonor nunca mais voltou à herdade. Uma mulher decidida a manter-se de costas voltadas para as ruínas que queria esquecer. O cancro venceu-a há seis anos.

O Sr. Luís esteve presente para o funeral, mas depois, cada vez menos. Ao longo dos anos que se seguiram, as visitas tornaram-se mais espaçadas, mais curtas, até que já ninguém esperava vê-lo mais na herdade.

A morte dos sobrinhos forçara-o a repensar as suas verdades, a considerar que talvez existissem coisas que ele nunca conseguiria compreender, mas nesses mistérios — os trágicos que estavam relacionados com a Herdade do Lago —, a distância pareceu-lhe sensata.

A partida do Padre Manuel, meses mais tarde, só facilitou a decisão do Sr. Luís. Ele realizou a cerimónia fúnebre da Clara e do Fernando, e depois decidiu deixar a paróquia da aldeia.

Nunca falámos sobre a morte deles, como nunca falámos sobre as suas aventuras como *Sombra*, como nunca falámos do tanto que poderíamos ter falado. Mas foi com ele que aprendi que os segredos verdadeiramente importantes nunca são mencionados. Uma troca

de olhares bastou-nos para compararmos culpas e reconhecermos que ambos tínhamos falhado. A culpa dele talvez fosse mais madura do que a minha. Ele fora o confessor dos dois, ele ouvira a Clara e o Fernando a falar do coração, conheceu os tormentos que foram esvanecendo os dois irmãos muito antes de tomarem a decisão final que os fez desaparecer no desespero do peso de um sentimento que nenhum dos dois desejou, mas que também não conseguiram repudiar e que no final os sufocou.

O Padre Manuel morreu há poucos meses num acidente de viação, no qual não existiram culpados, apenas circunstâncias — uma estrada escorregadia, uma árvore no local menos favorável à sorte. Viveu para saborear a revolução, para usar os cravos vermelhos, para sentir o sabor doce da democracia e o trago amargo que se seguiu com novos conflitos na política do país. Foi deslumbrado e desiludido pela liberdade, mas, dizem, foi um grande amor que nunca se arrependeu de ter vivido.

Mesmo depois da mudança para o Porto, o Padre Manuel continuou a ser o melhor amigo e confidente da Ana — talvez o único; o grande amigo do Sr. Luís e uma companhia insubstituível nos dias finais da D. Leonor, quando a dor a levou a questionar a sua fé.

No dia do funeral da Clara e do Fernando, o Zé encontrou-me nos currais. Estávamos sozinhos na herdade, a Rosarinha tinha conseguido pô-lo a comunicar com frases compostas, mas ainda não conseguira convencê-lo a ir à igreja. *A natureza é a minha religião*, dizia. Ao ver-me chorar, sentou-se no fardo de palha ao meu lado e abraçou-me. A presença, inesperada e reconfortante, fez-me as lágrimas sentirem-se mais bem-vindas.

— Não acredito… — consegui balbuciar, entre os meus últimos soluços de criança. — Que eles não existem mais.

Uma mão gigante aconchegou-me as costas.

— Eles existem. Tu só não consegues vê-los agora.

Acreditei nele. Ainda acredito.

O Zé e a Rosarinha casaram, tiveram quatro filhos, todos rapazes, abençoados com o melhor do pai e da mãe, e todos eles

continuam na herdade até hoje. Vivem e trabalham juntos. A Rosarinha diz que não poderia ser mais feliz.

Foi um dos filhos dela que encontrou o Fureca, depois de este andar desaparecido durante vários dias. Quis o destino que o Fureca sobrevivesse ao ataque de uma vaca, mas não ao ataque de uma alcateia de lobos. O saloio ainda conseguiu arrastar-se pela serra abaixo até encontrar quem lhe valesse, mas um par de dias depois, acabou por falecer. Talvez o seu corpo tenha decidido que já vivera aventuras suficientes. Dizem que morreu a jurar que *os matara a todos!*, aos lobos. Como sabem, eu tinha sempre grandes dúvidas sobre o que era dito pelo Fureca, mas vamos acreditar nele, num último ato de boa vontade — porque afinal, ele acabou por nos provar a todos que existiam lobos na serra.

E a Ana? A Ana é a alma da herdade… ainda não tive a coragem de a olhar nos olhos, ainda não sou capaz de vos escrever sobre a mulher que ela se tornou. Sei que corro o risco de isso me mudar a vida.

Vi a Matilde, falei com ela hoje quando cheguei aqui à herdade, há poucas horas. Mais real, mais sólida. Senti que ela queria falar, mas eu não. Ela procura uma absolvição que nem eu nem ninguém temos o direito de dar.

Ela continuou na herdade e ainda hoje cuida da D. Idalina. A relação com a mãe nunca melhorou. A Piedade está *em parte incerta e raramente dá notícias*, ouvi. O Sr. Vaz não a procurou depois da morte dos filhos

e ela não tinha na Matilde uma razão suficiente para continuar por estas terras simples e cheias de espaço.

É a Matilde quem lê as cartas que envio e me escreve as respostas — a D. Idalina nunca chegou a aprender a ler e a escrever. Nas cartas delas, fui vendo os dias de todos eles a passar. Um espetador distante de vidas simples, pontuadas por instantes de uma beleza extraordinária.

Todos eles, que foram a minha família, todos igualmente importantes para mim.

Se me esforço nestas palavras é para os reproduzir bem, para que os vejam como eu os vi — e talvez para poder reencontrá-los a todos, mesmo que seja só em folhas de papel.

Tal como disse o Padre Manuel: É dever de cada um de nós viver o melhor e o pior da natureza humana.

É tão fácil para mim agora ver o quão mau foi o meu julgamento, ver o que era importante e o que era evidente. *Mas as pequenas coisas parecem sempre grandes quando as grandes são desconhecidas,* disse alguém. E as que nos parecem mais simples são as mais difíceis de fazer. Se ninguém o disse, digo-o eu.

Como o homem de Platão, também eu deixei a minha gruta e quando reconheci as sombras como sombras, ansiei pela realidade das formas, e por mais.

No dia em que o Sr. Luís deixou a herdade, depois dos funerais, entrei no carro brilhante dele, atravessámos o portão, as estátuas das duas crianças gigantes com os seus instrumentos musicais e foi como se eu o tivesse feito todos os dias da minha vida. Não houve nervosismo, não houve um novo ataque de ansiedade, nem sequer um descompasso de coração. Finalmente, estava pronto para ir embora, porque aquela era a hora certa para o fazer.

— É verdade que todos os dias morrem pessoas em algum lugar do mundo? — perguntei ao Sr. Luís. O motor do carro era um ruído constante e bom.

Ele ajeitou os seus óculos de sol, mantendo os olhos na estrada e anuiu:

— Sim, é verdade.

— Para onde é que elas vão todas?

— É o que todos nós estamos à espera de descobrir.

Fui para o Porto viver com a D. Leonor, os anos passaram, e logo que tive idade para o fazer, comecei um novo caminho e, tal como ela, nunca olhei para trás. Os nossos laços estreitaram-se naqueles anos juntos — a minha admiração por ela só cresceu e ela tratou-me com mais dignidade do que eu considerava que merecia.

No dia em que lhe disse que me ia embora, ela abraçou-me e chorámos, mas não me pediu que ficasse. Éramos um para o outro

a lembrança demasiado forte do que tanto queríamos esquecer. Tentámos reinventar-nos, mas continuávamos sozinhos. Não havia outra forma de continuar a viver a não ser como nós próprios.

Gostava de poder escrever-vos agora que nos anos que se seguiram, dediquei cada um dos meus dias a coisas de importância, a tentar, a pouco e pouco, compensar o grande mal que fiz com muitos pequenos atos de bondade. Seria uma boa forma de terminar um livro, se eu fosse um herói — que não sou — e se não vos tivesse prometido a verdade.

Sou apenas um homem. Vivi os anos que se seguiram como tantos outros homens simples: a sobreviver a dias vazios, sem especial apreço pelo privilégio de estar vivo, deixado a vaguear por aqui e por ali por um deus negligente, a saborear instantes mágicos de felicidade que encontro no sorriso dos que se cruzam comigo… por aqui e por ali.

Acostumei-me à solidão e já não consigo abrir mão dela, e — como podem ver no que vos escrevo —, apenas a poesia continua comigo; todos os grandes poetas pela voz da Clara, em versos perfeitos que cheiram a flores.

FIM